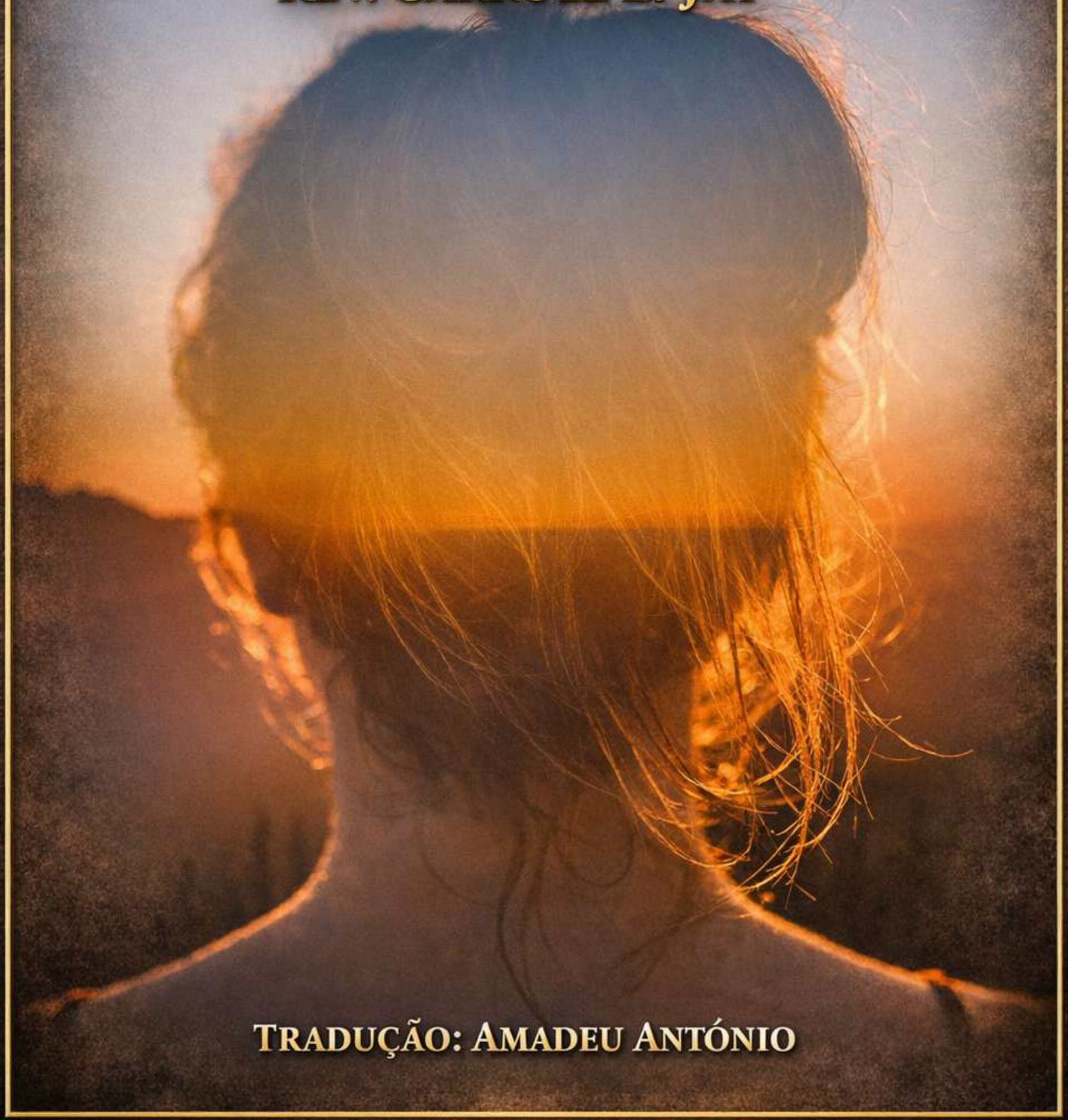
GRETCHEN SOU EU

REV. CARROLL E. JAY



TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

GRETCHEN SOU EU

O Reverendo Carroll E. Jay Introdução por Ian Stevenson, M.D.

Todos os eventos neste relato são autênticos e podem ser totalmente documentados. No entanto, a maioria dos nomes e detalhes de identificação foram disfarçados para garantir a privacidade dos envolvidos.

O excerto nas páginas 298-300 do *Journal of the American Society for Psychical Research* é publicado com a permissão da *American Society for Psychical Research*.

Copyright © 1977 pelo Rev. Carroll E. Jay.

AGRADECIMENTOS

A possibilidade de alguém escrever um livro como este sem a ajuda generosa e, por vezes, abnegada de outros é nula. Assim, não só agradeço ao meu Criador por me dotar de inspiração e talento (por mais limitado que possa ser); estarei para sempre grato às muitas pessoas que vieram ter comigo em busca de ajuda e que, por sua vez, me ajudaram ao concederem permissão para incluir as suas histórias neste livro.

Estou especialmente grato a todos os membros da *Anderson Memorial United Methodist Church* por diminuírem as suas exigências sobre o meu tempo, para que eu pudesse escrever com um mínimo de interrupções — não são muitas as pessoas ou instituições que teriam sido tão gentis e atenciosas. Certamente, estou em dívida com o Dr. Ian Stevenson e todos os seus associados; especialmente agradeço o seu conselho útil e a graciosa introdução a este livro. A Hans Ruppel, dos Arquivos de Darmstadt, que tornou a nossa visita à Alemanha extremamente proveitosa e agradável, um mero obrigado nunca poderá expressar verdadeiramente a nossa sincera apreciação.

Às centenas de pessoas que me incentivaram a escrever e ajudaram de formas demasiado numerosas para mencionar, as palavras "obrigado" são também uma recompensa demasiado pequena. No entanto, a Jim e Judy Jay, Lana Sammons, Kim, Charlotte e Harold Hamlett, Susan e Jane Hunt, Clem e Joel Shelton, Rachel del Campo e Rita Jefferson, agradeço por lerem o manuscrito original e por me darem a avaliação e ajuda editorial tão necessárias. E por último, mas não menos importante, sem os dedos ágeis de Ruby Poindexter na máquina de escrever, e a sua incrível habilidade para decifrar os meus gatafunhos, este livro nunca teria chegado à mesa do editor a tempo. Obrigado, e que Deus vos abençoe a cada um de vós.

CARROLL E. JAY

1 de setembro de 1977

ÍNDICE

- AGRADECIMENTOS
- INTRODUÇÃO por Ian Stevenson, M.D.
- I. A Visão
- II. Gretchen Fala: Vozes do Desconhecido
- III. De Onde Vêm as Vozes?
- IV. O Portal Celestial
- V. Uma Breve Jornada pela Terra da Glória
- VI. Natal, um Belo Interlúdio
- VII. A Injustiça da Vida — A Justiça de Deus
- VIII. Expulso da Igreja
- IX. De Volta a Casa na Virgínia
- X. Os Mortos Vivem de Facto
- XI. Os Nossos Antepassados Falam
- XII. Gretchen Torna-se Mundial
- XIII. A Nossa Vida, um Livro Aberto
- XIV. Como Comunicam os Mortos?
- XV. Em Busca das Raízes de Gretchen
- XVI. Saber é Acreditar

INTRODUÇÃO

Carroll Jay escreveu um relato sobre o desenvolvimento do caso de Gretchen que é simultaneamente interessante e informativo. Dá-me prazer recomendá-lo e expressar a esperança de que venha a ter muitos leitores. Considero o caso de Gretchen um dos casos parapsicológicos mais importantes que já estudei. Tentarei explicar por que razão acredito nisto.

De um aspeto do caso posso falar com absoluta certeza: durante as sessões em que Gretchen se manifestou, Dolores Jay, através da personalidade de Gretchen, falou inquestionavelmente alemão. Mais do que isso, falou-o de forma inteligível, querendo eu dizer com isto que deu respostas sensatas em alemão a perguntas que lhe foram feitas em alemão. O alemão de Gretchen era imperfeito; na verdade, por vezes era bastante mau. Era, no entanto, definitivamente alemão, e esse é o ponto importante.

Falo alemão há muitos anos e julgo saber do que estou a falar nesta matéria. Não desejei, contudo, confiar unicamente no meu próprio conhecimento da língua. Por conseguinte, convidei três falantes nativos de alemão para assistirem a sessões com Gretchen e falarem alemão com ela. Dois deles concordaram com o meu julgamento de que Gretchen falava alemão de forma inteligível e dava respostas sensatas em alemão às nossas perguntas feitas em alemão; o terceiro teve algumas reservas sobre o quanto Gretchen compreendia do alemão que estava a falar, mas, na minha opinião, um exame da gravação da sessão em que este colega participou mostrou que, durante a mesma, Gretchen compreendeu o que lhe foi dito em alemão e deu um número não negligenciável de respostas sensatas em alemão.

Quando alguém fala uma língua estrangeira numa conversa inteligível e não aprendeu a língua normalmente, nós, parapsicólogos, referimo-nos ao caso como sendo de **xenoglossia responsiva**. (Isto não deve ser confundido com o fenómeno de "falar em línguas", que é conhecido no nosso jargão como glossolalia; os dois tipos de experiência estão, no entanto, de certa forma relacionados). Um caso de xenoglossia responsiva adquire o seu significado a partir da frase "não aprendida normalmente". Devemos estar confiantes de que o sujeito que demonstra a habilidade de falar uma língua estrangeira nunca a aprendeu normalmente antes da sua manifestação posterior em transe ou de outra forma.

No caso de Gretchen, apenas duas pessoas vivas sabem se se trata de um embuste ou não. Estas são Carroll e Dolores Jay. Não posso afirmar ter o conhecimento direto que eles possuem sobre este assunto. Se, contudo, existe algures uma terceira pessoa que tenha o direito de dizer se o caso é autêntico ou não, essa pessoa poderei ser eu. Posso afirmar que fiz todos os esforços razoáveis, e alguns esforços que podem ter excedido o razoável (e que certamente testaram a paciência dos Jays), para saber se Dolores Jay alguma vez tinha aprendido alemão — ou, de facto, se poderia ter aprendido alemão — antes da primeira manifestação de Gretchen, em 1970.

Os meus inquéritos podem ter sido tediosos e penosos, mas pelo menos permitem-me agora dizer com confiança que estou convencido de que Dolores Jay não tinha qualquer conhecimento normal de alemão antes do primeiro aparecimento de Gretchen. Creio que o mesmo se aplica a Carroll Jay. (Estou a excetuar aqui as poucas palavras de alemão, como "*nein*" e "*ja*", que quase todos os americanos aprendem; o que nos interessa é a capacidade de conversação inteligível na língua.)

Quem era Gretchen? Não sabemos. Ela não forneceu detalhes suficientes de nomes próprios e datas para permitir a identificação de uma pessoa correspondente às suas afirmações. Embora a informação que forneceu tenha permitido algumas conjeturas plausíveis sobre quando e onde poderá ter vivido,

não fizemos qualquer identificação positiva dela através de registos na Alemanha. Considero isto lamentável, mas de modo algum diminui a importância do caso. Para mim, esta reside não na identificação de Gretchen como uma pessoa real que outrora viveu — por mais interessante que isso fosse — mas na xenoglossia responsiva.

Casos de xenoglossia responsiva fornecem algumas das melhores evidências de sobrevivência da personalidade humana após a morte que obtivemos até agora. Muita da outra evidência da nossa sobrevivência após a morte tem sido explicada, e por isso descartada, como sendo devida à manifestação de perceção extrassensorial por parte de uma pessoa viva. Supõe-se que certas pessoas psiquicamente dotadas, geralmente chamadas de médiuns ou sensitivos, podem adquirir quantidades ilimitadas de informação detalhada sobre pessoas mortas a partir de pessoas vivas ou de fontes impressas, tais como livros e documentos.

(Esta não é uma ideia ridícula, embora as pessoas que conseguem realizar tais feitos sejam extremamente raras). Assim equipados com informação sobre uma pessoa morta, o médium ou sensitivo pode então apresentá-la na forma dramatizada de uma comunicação dessa pessoa. Assim, um caso que inclua apenas informações sobre uma pessoa falecida pode derivar de processos de perceção extrassensorial entre pessoas vivas, ou de fontes escritas.

Existem, porém, alguns casos que vão mais além. Refiro-me àqueles em que os sujeitos demonstram competências não aprendidas normalmente. Afirmo que competências, das quais a capacidade de falar uma língua estrangeira é uma delas, não podem ser comunicadas por perceção extrassensorial*. Se eu estiver correto nisto, a língua estrangeira (não aprendida normalmente) falada por uma personalidade de transe, como Gretchen, deve ter a sua origem em alguma pessoa falecida ainda capaz de, de alguma forma, se manifestar através de um corpo vivo.

As opiniões podem legitimamente divergir quanto ao tipo de manifestação de uma pessoa falecida que estamos a observar, e nem sempre podemos escolher entre interpretações alternativas. Que estamos perante, em tais casos, uma comunicação de alguma pessoa falecida que sobreviveu à morte é, no entanto, a minha própria conclusão firme.

Julgo dever aos leitores deste livro, e a mim próprio, distinguir o caso de Gretchen tal como o conheço e o presente livro que o relata, da autoria de Carroll Jay. Este livro narra muitas ocorrências das quais não fui testemunha, e não tenho nem o direito nem o desejo de comentar sobre elas. Contém também relatos de eventos, tais como sessões com Gretchen e entrevistas, nas quais participei diretamente. Relativamente aos detalhes da maioria destes, as minhas memórias e notas concordam com o que Carroll Jay escreveu.

Sinto-me obrigado a dizer, contudo, que existem algumas questões de atitude e interpretação, e até algumas questões de facto, sobre as quais discordo dele. Se eu acreditasse que alguma destas fosse importante para um julgamento relativo à interpretação do caso de Gretchen, descrevê-las-ia em detalhe. Não creio que seja o caso. As questões em que discordamos são subsidiárias e de forma alguma diminuem o grande valor do caso. Sinto-me feliz por lhe dar um aval sem reservas.

Há mais uma coisa a ser dita. O livro de Carroll Jay desenvolve, na verdade, duas histórias entrelaçadas. Ele descreve o desenvolvimento do caso de Gretchen, que é interessante por si só. Adicionalmente, porém, o leitor toma conhecimento das extraordinárias dificuldades que os Jays tiveram quando tentaram apresentar o caso às pessoas nas comunidades em que viviam, e a outros também. Os Jays foram sujeitos ao tipo de assédio que estamos inclinados a associar a séculos passados e que ficamos chocados ao ver ocorrer no nosso.

Não podemos dizer que o antagonismo que Carroll Jay despertou derivou exclusivamente do desenvolvimento do caso de Gretchen. Afinal de contas, ele estava a praticar hipnotismo, um fenómeno ainda mal compreendido pelos cientistas e ainda menos compreendido pela maior parte do público em geral. A própria palavra "hipnose" pode gerar emoções fortes em muitas pessoas que a ouvem. Infelizmente, tentamos muitas vezes negar, e até eliminar, o que não compreendemos. E algumas pessoas estão dispostas a perseguir qualquer pessoa que pareça desafiar os padrões de pensamento aceites.

Nem todos teriam persistido tão seriamente como Carroll e Dolores Jay fizeram no desenvolvimento do caso de Gretchen e na sua exposição ao escrutínio público. Os Jays tinham a opção, todos devem compreender, de guardar o caso de Gretchen inteiramente para si. Teria sido um curso de ação compreensível. Tê-los-ia poupado a muitos inconvenientes (e não apenas vindos de mim). Em vez disso, decidiram oferecer o caso primeiro para investigação científica e depois para a educação e instrução do público em geral. A sua decisão de o fazer levou a consequências que tornaram este livro não apenas o relatório de um caso invulgar, mas também um registo de coragem excecional. Os Jays terão a recompensa habitual da virtude: o sentimento de terem feito o que acreditam ser correto. Além disso, podem ter a gratificação de descobrir que, através dos seus sacrifícios, encorajaram outros que tiveram uma experiência semelhante, talvez nalguns casos até melhor do que a de Gretchen, a chegarem-se à frente e a oferecê-la também para investigação científica.

— IAN STEVENSON, M.D. Professor Carlson de Psiquiatria Divisão de Parapsicologia Departamento de Psiquiatria Escola de Medicina Universidade da Virgínia Charlottesville, Virgínia Junho de 1977

GRETCHEN, SOU EU

I

A Visão

O dia 21 de abril de 1970 foi um dia glorioso para mim e para a minha família. Dolores tinha preparado uma refeição digna de um rei, Vonda e Mary Jo tinham cozinhado e decorado um bolo de aniversário, Jesse tinha-me ajudado a transplantar um par de bordos jovens e a nossa filha mais velha, Punky (Sra. Carol Cain), telefonou para a nossa casa em Greenbush, Ohio, de Filadélfia, para me desejar um feliz aniversário.

Dizer que eu era um homem feliz é dizer pouco: eu era um homem afortunado, muitíssimo afortunado! Apesar da doença e da tribulação nos últimos anos, a vida tinha sido boa, e eu regozijava-me com as minhas bênçãos, como deveria. Afinal, é um homem raro aquele que sobreviveu a sete ataques cardíacos quase fatais e depois se sentou para desfrutar do amor e do companheirismo da sua esposa e filhos no seu quadragésimo nono aniversário.

Mas se a vida estava boa naquele dia, todos os amanhãs seriam melhores. Disso eu tinha a certeza — sentia-o nos meus ossos — mas nunca sonhei que o destino (se é que esta é a palavra correta) escolheria aquela noite para nos impelir, a mim e à minha esposa, para um caminho de aventura exótica que, para nossa grande surpresa, gerou atenção mundial.

O evento inicial começou pouco depois de Dolores e eu nos termos retirado para a noite: os ecos retumbantes de uma voz feminina despertaram-me dos nevoeiros de um sono crepuscular. Depois de olhar rapidamente para a minha esposa e ver que ela dormia confortavelmente, assumi que os gritos vinham de fora da casa. No entanto, após sair da cama para espreitar pela janela, fui rapidamente atraído de volta para o lado da minha companheira de vida, porque ela exclamou numa voz estranha e cantada: "Oh, que cavalo bonito!"

Nunca antes a tinha ouvido proferir uma única palavra durante o sono e, entusiasmado com a perspetiva inebriante de ser admitido nos seus pensamentos mais íntimos (não gostamos todos de ouvir os pensamentos descontrolados do nosso cônjuge?), encolhi-me rapidamente na cama e esperei ansiosamente que ela falasse de novo. Mas o desilusão foi a minha única recompensa: ela não disse mais nada. Assim, sem nada melhor para fazer, enfiei-me debaixo das cobertas e resignei-me à única outra alternativa da noite: dormir.

Nota de Tradução: ** Para uma exposição das razões que julgo justificarem esta afirmação, remeto os leitores interessados para o meu livro Xenoglossy (Charlottesville: University Press of Virginia, 1974).*

Mas o sono escapava-me e levantei-me de novo, com a intenção de ir à cozinha para um lanche da meia-noite. Depois de vestir o meu roupão e os chinelos e de me dirigir à porta, fui subitamente travado, gelado no sítio pela intuição arrepiante de que Dolores e eu não estávamos sozinhos no quarto.

A tremer com calafrios na espinha (normalmente não tenho medo de homens ou feras, mas o invisível — isso é outra história), procurei freneticamente debaixo da cama, atrás das cortinas e no armário por quem ou o que quer que tivesse invadido furtivamente a privacidade do nosso quarto. E embora a minha busca não tenha dado frutos, não havia forma de superar o sentimento inquietante de que não estávamos sós; a presença daqueles olhos invisíveis era tão real como as sombras escurecidas.

Os não iniciados poderão rir-se da minha cobardia, mas podemos sentir-nos terrivelmente sós, até abandonados, mesmo sabendo que os nossos filhos dormem nos seus quartos ao fundo do corredor e que a nossa esposa jaz a poucos pés de distância. Seja como for, sem pedir desculpa pelo meu medo, mergulhei apressadamente na cama para me aninhar junto da minha esposa adormecida. E há uma piada nisto: eu meço exatamente seis pés e peso cento e oitenta libras; Dolores, em quem eu buscava proteção, eleva-se apenas a quatro pés e onze polegadas num dia de sol radioso e pesa escassas cem libras.

Estar perto de Dolores era toda a força e conforto de que eu precisava. Nos trinta anos do nosso casamento, tínhamos atravessado as águas turvas da vida e pontapeado as rochas duras do infortúnio amando, trabalhando e agarrando-nos um ao outro numa dependência mútua. Além do bom Senhor e da Sua legião de anjos santos, não conheço ninguém que preferisse ter ao meu lado num momento de necessidade do que a minha Dolores.

Desde o dia do nosso primeiro encontro, quando ela era uma menina de catorze anos, descobrimos imediatamente que éramos almas gémeas, em perfeita harmonia. Como tal, tínhamos um encontro de mentes, uma espécie de sincronização — uma sintonia com os pensamentos um do outro, à maneira da leitura de mente, como se chamava na altura; "telepatia" é o termo moderno. Quando eu estava no Exército, e separado dela por várias centenas de milhas, correspondíamo-nos frequentemente, começando sempre as nossas cartas anotando a hora e a data exatas. Em inúmeras ocasiões, escrevemos um ao outro no mesmo dia, à mesma hora, sobre o mesmo assunto, respondendo frequentemente a perguntas específicas que o outro estava, naquele momento, a colocar no papel.

Um dia, estava inexplicavelmente preocupado com Dolores e escrevi-lhe: "Punkins [sim, era assim que lhe chamava nos velhos tempos], algo me diz que não estás muito bem fisicamente, por isso, por favor, marca uma consulta com o Dr. Mills imediatamente e, se for necessário, retira as amígdalas". Dois dias

depois, recebi uma carta dela: "Ked, querido, por favor não fiques alarmado, mas hoje fui ver o Dr. Mills e ele sugeriu que eu entrasse no hospital para uma amigdalectomia". As cartas tinham sido escritas exatamente à mesma hora.

Felizmente, o nosso jogo de telepatia continuou inabalável ao longo dos anos. Um exemplo mais recente ocorreu durante uma pausa na minha aula de psicologia na escola secundária de Lynchburg-Clay, em Lynchburg, Ohio, onde lecionei há alguns anos. Sentado à minha secretária enquanto os alunos supostamente estudavam, exclamei sem pensar: "Oh não, Dolores! Por favor, isso não!". Naturalmente, os alunos riram-se e perguntaram sobre o meu embaraçoso desabafo. Eu expliquei: durante pelo menos vinte anos, eu e a minha família tínhamos usado um popular antisséptico bocal vermelho, mas naquele preciso momento eu tinha visualizado claramente Dolores, num supermercado a cerca de quarenta milhas de distância, a comprar uma garrafa grande de um antisséptico verde que tinha surgido recentemente no mercado.

Eu tinha provado o novo produto e não tinha gostado. Como qualquer aluno faria, os da minha turma riram-se e desdenharam da minha visão, mas quem riu por último fui eu: quando cheguei a casa naquela noite, uma garrafa grande de antisséptico verde estava proeminentemente pousada sobre um armário na casa de banho. Dolores justificou: "Bem, estava em promoção e eu não podia deixar passar uma boa compra". Depois acrescentou a rir: "Se eu soubesse que ias monitorizar as minhas compras com PES (Perceção Extrassensorial), teria pedido o teu conselho através de PES antes de comprar".

Naquela noite fatídica de 21 de abril de 1970, eu esperava que, ao estar perto de Dolores, pudesse livrar-me da sensação de que olhos curiosos me observavam, por isso aconcheguei-me mais, pensando que ela poderia perceber psiquicamente os meus medos e acordar para explicar a presença do intruso sinistro. Mas eu estava a agarrar-me a palhinhas. Mesmo que ela tivesse acordado, é altamente duvidoso que pudesse ter feito algo exceto encolher-se mais contra mim. Dolores não é divinamente dotada de dons psíquicos; além disso, é raro que a PES responda sob comando. Também, o simples facto de termos uma excelente relação de PES não nos dá de forma alguma motivo para acreditar que qualquer um de nós tenha o poder de discernir e explicar o paranormal. No entanto, esperando extrair conforto dela, tentei ternamente puxá-la para mais perto de mim, mas, para minha consternação, uma força invisível pareceu agarrar o meu braço direito, deixando-me impotente.

Esta não era uma experiência nova. Alguns meses antes, durante as visitas pastorais que eram um dever do meu ministério, tinha ido à casa de um paroquiano que aparentemente sofrera um derrame pouco antes de eu bater à sua porta. Não obtendo resposta, abri a porta e chamei: "Está alguém em casa?". Ouvi um gemido vindo da sala de jantar. Rapidamente, entrei e encontrei o Velho Joe caído no chão, inconsciente.

Verifiquei o seu pulso e corri para a porta para pedir ajuda — não havia telefone na casa — mas quando cheguei à porta descobri que não conseguia levantar a mão para o puxador. Desesperadamente, ordenei ao meu braço que se movesse, mas não houve forma. Frustrado, voltei-me, regressei para me ajoelhar ao lado do Velho Joe e comecei a rezar. Pouco depois, ele abriu os olhos, procurou a minha mão com a sua e sorriu numa despedida afetuosa. "Eu sabia que não me deixarias, Pregador. Eu não podia ir para o meu Criador sem ninguém ao meu lado."

Lembrando-me dos últimos momentos do Velho Joe, olhei para Dolores deitada ao meu lado e fui tomado pela apreensão. Estaria Dolores doente? Claramente, a força restritiva no meu braço era a mesma que eu experienciara com o Velho Joe — iria ela também abrir os olhos e dizer-me que estava a partir deste mundo para estar com o seu Criador?

Passaram-se vários minutos enquanto eu estava sentado a olhar para Dolores. Então, a coisa mais estranha de todas aconteceu: ouvi uma voz, e oh, como eu estremeci, que noite! Era irreal — incrivelmente inacreditável! E agora conto-vos um segredo: mil vezes garanti a mim próprio que nunca contaria a ninguém, nem mesmo à minha mulher e filhos, sobre aquela noite, mas... bem, eu não tinha feito nada de errado; não estava envergonhado. Além disso, não há forma de alguém conseguir compreender a verdade daquela noite sem conhecer a história completa.

Sim — ouvi uma voz, mas, paradoxalmente, nem uma palavra foi proferida, nem um som foi feito — nem um som normal, pelo menos. Ainda assim, eu tinha ouvido algo. Quem ou o que o fez, não sei. Tinha ficado tão confuso com os eventos bizarros que cheguei a considerar a possibilidade de o Senhor me ter falado numa "voz mansa e delicada", o que não está muito longe da minha conclusão final: que eu tinha percebido vibrações paradisíacas que me fizeram saber que um poder transcendente tinha levado o espírito de Dolores nas asas da noite para um reino muito além dos limites do nosso quarto.

Embora estivesse terrivelmente assustado ao início, a memória daquela noite é preciosíssima. Nunca poderei esquecer a aura celestial que envolvia a beleza angelical de Dolores enquanto ela jazia com as mãos cruzadas numa atitude de oração, o seu rosto banhado pelo luar refletindo uma luz luminosa, pura e santa. Igualmente cara ao meu coração é a memória dos seus olhos brilhantes a abrirem-se lentamente para emitir uma radiância que só poderia vir de alguém que contemplava coisas celestiais.

"Que rapariga tão encantadora", disse ela em êxtase, com os lábios mal se movendo. Ah, Dolores, certamente os céticos insistirão que proferiste meramente as palavras de uma sonhadora, mas eu grito alto e bom som: "Não!". Por tudo o que é sagrado, eu sei que todos os poderes do céu estavam no quarto naquela

noite, e de forma alguma a nossa experiência pode ser explicada por lugares-comuns! Foi como se o próprio céu descesse e te erguesse a alturas desconhecidas, transformando o meu medo em temor reverencial, uma alteração tão completa quanto miraculosa. A bondade e a misericórdia de Deus tinham-me dado prazer e alegria sem medida em tempos passados, mas nunca conhecerei um momento de serenidade mais pacífico do que o que foi meu por um curto período naquela noite. O velho hino evangélico descreve melhor os meus momentos de felicidade:

Quando a paz, como um rio, segue o meu caminho, Quando as dores, como as ondas do mar, rolam; Seja qual for a minha sorte, Tu ensinaste-me a dizer: Está tudo bem, está tudo bem com a minha alma.

Quando Dolores se entusiasmou com a beleza da rapariga, os meus receios de que ela pudesse trilhar o Caminho da Glória com o Velho Joe foram rapidamente esquecidos, e eu apenas me interrogava sobre a identidade da rapariga.

"Não sei o nome dela", disse Dolores com naturalidade.

Até a sua resposta à minha pergunta não formulada aumentou a minha euforia, indicando que a nossa telepatia ainda estava em boa ordem, com sono ou sem ele. Mas não pude deixar de me interrogar mais: estaria ela realmente a dormir? Claramente, as condições exóticas que rodeavam aquela noite davam crédito à crença de que ela não estava a ter um sonho ou pesadelo comum, e por momentos questionei se ela estaria de facto a envolver-se em PES.

"É apenas uma rapariga", continuou Dolores. "Tão bonita, pequenina... cabelo castanho entrançado num totó, e... ela veste um colete, sabes, com atacadores na frente."

As palavras eram bastante comuns, mas a qualidade empírea da sua voz era um indicador adicional de que ela comunicava de um reino espiritual completamente alheio ao nosso mundo. A atmosfera estava elétrica — fantasmagórica! A curiosidade dominou-me e, embora estivesse relutante em arriscar acordá-la, porque um sentido do eterno estava agora presente, perguntei suavemente:

"Dolores, a rapariga do teu sonho está realmente no quarto connosco?"

"Não", respondeu ela, ainda com o aspeto de quem via coisas não destinadas a olhos mortais enquanto levantava languidamente um braço para apontar. "Ali! Ela está ali no prado."

Durante os trinta minutos seguintes, Dolores relatou os eventos do seu sonho, e eu fiquei pendurado em cada palavra e expressão. (Conhecimentos e eventos posteriores ensinaram-nos que Dolores tinha experienciado uma visão retrocognitiva na qual viu uma jovem alemã chamada Gretchen Gottlieb, que

viveu no século XIX, e que cavalgava uma bela égua castanha em sela de lado, com a sua longa saia escura caindo até aos tornozelos. Por agora, porém, usarei as palavras "sonho" e "visão" indiferenciadamente). Dolores nunca vira a rapariga antes, mas desde o momento em que Gretchen apareceu pela primeira vez no sonho, Dolores sentiu um parentesco que, segundo ela, era impossível de descrever. Também no sonho estava um homem idoso, que ela identificou apenas como o tio da rapariga; sentaram-se juntos num cenário bucólico "na margem acima da estrada", até que um homem esquálido rastejou furtivamente da floresta atrás deles e agarrou as rédeas do cavalo.

Tinha sido um sonho lindo, e Dolores resplandecia em rapto até que o aparecimento do homem esquálido transformou a sua alegria extática em terror instantâneo.

"Corre, Tio! Corre!", gritou ela.

Sonhos preenchidos com estranhos são comuns, tal como aqueles em que o sonhador é um participante ativo, no entanto fiquei surpreendido quando ela se referiu ao homem como "Tio".

"Cuidado, Tio!", gritou ela freneticamente. "Vêm mais deles a subir pela margem!"

Na minha forma de pensar, Dolores estava a envolver-se demasiado no sonho e, ao olhar para os seus olhos assustados e rosto manchado de lágrimas, tentei acordá-la, temeroso de efeitos traumáticos. Mas ela não acordava. Em vez disso, começou a debater-se e a agitar-se como se lutasse pela vida antes de agarrar a cabeça com os braços e colapsar em gemidos e soluços: "A minha cabeça! Ohhh, a minha cabeça dói!".

"Dolores, acorda! É apenas um sonho."

Agitando-se para olhar para mim com olhos perplexos, ela perguntou incredulamente: "Acordar? Eu estou acordada!".

Aliviado, comecei a sair da cama, dizendo: "Boa! Vou buscar um pano fresco para limpar as lágrimas do teu sonho".

"Oh, não! Tio — corre — corre!", gritou ela, e novamente começou a lutar contra o seu assaltante invisível.

Angustiado por ter falhado em acordá-la, agarrei-a pelos ombros e sacudi-a. "Acorda! Estás a ouvir-me, acorda!".

"Não consigo!", lamentou ela numa voz doce e angelical, colapsando depois para ficar inerte. "Não consigo acordar, agora não — nunca!".

"Oh, vamos lá!", repreendi. "Porque é que não consegues acordar?"

Dolores não respondeu. "Oh, Tio", choramingou ela, "ele está... ele está morto! Eles... eles mataram-no!".

De repente senti-me cansado, tão cansado. Tinha sido uma noite longa. Lutei desesperadamente contra um cansaço desfalecente; os muitos ataques cardíacos e o meu envolvimento emocional naquela noite tinham drenado demasiada da minha força. Eu simplesmente não conseguia aguentar o stress, por isso deitei-me para recuperar energias. Quando mais tarde abri os olhos e olhei em redor, Dolores tinha-se sentado e olhava para mim como se me visse pela última vez.

Suavemente, gentil como a névoa que se instalava naquelas horas da madrugada, ela falou etereamente do seu plano sagrado: "Sempre foste o meu amor, mas agora — eu não sou, portanto não existo".

"Mas tu existes!", argumentei sensatamente. "Tu vives como minha esposa! És a mãe dos meus filhos! Aqui" — estendi a minha mão e chamei das profundezas da urgência e do medo — "agarra a minha mão. Vês! É carne e osso! Tu és carne e osso! Tu existes!".

Surda ao meu apelo e alheia às coisas deste mundo, ela fechou os olhos, baixou lentamente a cabeça e cruzou as mãos em atitude de oração antes de olhar para o céu para pedir suplicantemente: "Espera, Tio! Espera! Eu venho — eu vou contigo!".

Finalmente, com a voz desvanecendo-se no ar fresco, ela deitou-se de novo na cama, virou-se de lado e começou a respirar no ritmo profundo e regular do sono natural. Silenciosa e pacientemente, esperando que a noite mais estranha das nossas vidas tivesse terminado, esperei para ter a certeza de que a sua excursão noturna em sonho tinha chegado ao fim.

De repente, ouviu-se uma batida na porta, apanhando-me um susto de morte — os meus nervos estavam verdadeiramente em frangalhos. Mas era apenas Vonda, que chamou: "Papá, a Mamã está bem?".

"Sim, querida. Ela..." procurei uma resposta. Eu não minto aos meus filhos, mas não queria alarmar Vonda, na altura com doze anos. "Ela esteve apenas a falar durante o sono. Vai para a cama e não te preocupes. Está tudo bem!".

Mas estaria, realmente? Depois de me virar e revirar em pensamentos confusos, finalmente levantei-me. A longa noite do sonho estranho de Dolores rendeu-se à aurora enquanto eu me sentava perante uma chávena de café, tentando decifrar tudo o que tinha visto e ouvido.

Teria Dolores apenas sonhado? Algo dentro de mim gritava: Não! Nunca nada parecera tão fora deste mundo e, no entanto, real. A sua afirmação de que não existia incomodava-me tremendamente. E quanto à presença daquela terceira parte que eu sentira tão fortemente no quarto pouco antes de o sonho começar a

desenrolar-se? E a força misteriosa que impediu a minha mão? Ah, sim — essa força! Porque é que não me deixou abraçar a minha Dolores?

Aparentemente, como vim a raciocinar em anos posteriores, eu tenho de facto um anjo da guarda que me impede de meter os pés pelas mãos com mais frequência do que o habitual. No caso do Velho Joe, chamar uma ambulância não lhe teria servido de nada; era demasiado tarde — ele precisava de mim ao seu lado nos seus últimos momentos. Noutras ocasiões em que fui incapaz de levantar o meu braço, embora não houvesse nada de errado comigo fisicamente, uma necessidade dos meus serviços estava presente; isto será visto mais claramente em capítulos subsequentes.

Mas naquela noite com a Dolores, um evento histórico estava a ter lugar, e sinto-me certo de que crónicas futuras registarão que a visão retrocognitiva da Dolores foi de uma importância tremenda. Se eu tivesse sido capaz de a mover naquela noite, puxando-a para junto de mim, ela poderia ter acordado e destruído o elo entre os eventos daquela noite e os eventos subsequentes na nossa vida, que podem ser descritos apenas como paranormais, se não sobrenaturais.

Não importa. As muitas perguntas sem resposta que fervilhavam na minha mente naquela noite fizeram-me determinar que iria hipnotizar a Dolores na primeira oportunidade, para que pudesse fazê-la reexperienciar o seu sonho bizarro, se é que se tratava apenas de um sonho. Permitir que as pessoas "resonhem" é uma das qualidades estranhas, mas maravilhosas, do hipnotismo.

Durante vinte anos, eu tinha praticado hipnotismo, e a Dolores era a minha cobaia humana mais voluntária. Ela era uma sonâmbula (uma pessoa que entra facilmente num transe profundo), uma excelente paciente, e eu sabia que ela não consideraria invulgar um pedido para se submeter a outra sessão no sofá. Já tínhamos realizado quase todas as experiências conhecidas na hipnose. E, uma vez que ela sabia que eu via a hipnose como uma arte e uma ciência, não assumiria automaticamente que eu tinha segundas intenções ao querer sondar o seu subconsciente.

A hipnoterapia tinha servido bem a ela e a centenas de outros sob o meu ministério. Tinham sido curados, ou pelo menos obtido um alívio eficaz, de enxaquecas, hipertensão funcional, insónias, úlceras, dores nas costas, medos e fobias, depressão e outras condições. Provavelmente, o meu uso mais dramático da hipnose ocorreu no dia de Ano Novo de 1970, quando a Dolores cortou o dedo com uma faca enquanto lavava a loiça e cortou uma artéria.

Ao ver o sangue jorrar do corte profundo, com cerca de uma polegada de comprimento, no seu indicador direito, a Punky gritou para que eu viesse depressa. Correndo para a cozinha, toquei imediatamente na testa da Dolores com três dedos, ativando uma sugestão pós-hipnótica para indução de transe, e ordenei: "Relaxa! Enquanto relaxas, a hemorragia vai parar, o teu dedo não vai

doer e vai sarar rapidamente". À medida que a Dolores entrava em transe, o sangue que jorrava parou como se eu tivesse fechado uma válvula que interrompeu a circulação, tudo numa questão de segundos.

A VISÃO

Quando a tirei do transe, ela enrolou uma ligadura no dedo e voltou a lavar a loiça. Não houve mais dor ou hemorragia.

Este sonho era outra coisa e, enquanto eu estava sentado a mexer distraidamente o meu café, olhei para cima e vi a Dolores sair do quarto, muito bem-disposta, sem nunca indicar que se lembrava dos eventos traumáticos da noite. Quando lhe perguntei se tinha tido bons sonhos, ela sorriu.

"Não, dormi profundamente."

Mais tarde, nessa tarde, sem mencionar o sonho, pedi-lhe que se submetesse à hipnose e, depois de ela se ter acomodado confortavelmente no sofá, induzi a hipnose com a sugestão pós-hipnótica habitual. À medida que o transe se aprofundava e a respiração pesada e rítmica e os músculos relaxados indicavam que ela estava no estado sonambúlico, iniciei o processo de fazê-la recriar o sonho. Em breve, o REM (*Rapid Eye Movement* — Movimento Rápido dos Olhos), o aumento da pulsação e o agitar das mãos indicaram que o sonho estava em curso.

"Dolores, agora és capaz de falar claramente. Vais contar-me tudo o que estás a experienciar neste momento."

Com a língua ligeiramente presa, uma entonação de sono normal para a maioria das pessoas em hipnose, ela observou: "Está uma rapariga no prado. Ela é jovem, bonita".

"Conheces a rapariga?"

"Não, não propriamente. E no entanto..." Ela fez uma pausa reflexiva. "Há algo nela que é terrivelmente familiar."

"Que idade tem ela? Consegues adivinhar a idade dela?"

"Não preciso de adivinhar" — ela sorriu — "ela tem dezasseis anos". Depois acrescentou, como se estivesse a ler os meus pensamentos: "Eu sei que te estás a perguntar como sei a idade dela, mas — bem, ela tem dezasseis, acredita em mim".

Embora eu me perguntasse como poderia ela saber a idade da rapariga, não achei estranho que o soubesse. O hipnotizador experiente cedo aprende que o conhecimento demonstrado por algumas pessoas quando em hipnose parece frequentemente incrível. Mas um sujeito em hipnose não tem um aumento no conhecimento latente; apenas parece assim por vezes, porque tudo o que uma pessoa vê, ouve ou pensa é registado no banco de memória do cérebro, e uma pessoa em transe tem um acesso mais fácil a essas memórias do que alguém em estado de vigília, porque a mente consciente ativa da pessoa hipnotizada está em repouso, permitindo ao subconsciente desimpedido evocar dados específicos sob comando.

Além disso, alguns sujeitos hipnotizados são mais suscetíveis do que outros a receber informações psíquicas, como telepatia, comunhão espiritual, etc. O Dr. Ian Stevenson, Professor Carlson de Psiquiatria na Escola de Medicina da Universidade da Virgínia, afirma em *"New Cases of Xenoglossy"* que "sob as circunstâncias especiais proporcionadas pela hipnose, uma personalidade anterior poderia vir à superfície". Ele acredita que tanto a reencarnação como a possessão espiritual podem ser fontes de nova informação para pessoas em hipnose.

Por outras palavras, se alguém em hipnose começa a transmitir informações sobre outra vida, bastante distinta, pode muito bem ser que essa pessoa tenha sido regredida e esteja a recordar os eventos de uma vida anterior. Se isso for verdade, obviamente a entidade reencarnada tem acesso ao conhecimento adquirido numa vida anterior, bem como nesta, o que faria a entidade parecer extra-inteligente. Se um espírito desencarnado escolhe entrar ou falar através de uma pessoa em hipnose, a pessoa hipnotizada parece possuir um conhecimento inexplicável. Na verdade, nenhuma informação vinda de uma entidade espiritual através de uma pessoa em hipnose pode ser creditada a essa pessoa, porque a pessoa em transe é apenas um canal através do qual o espírito fala.

Antes do sonho estranho da Dolores, eu tinha regredido centenas de pessoas numa tentativa de refutar a teoria de que a hipnose poderia ser usada para provar cientificamente a realidade da reencarnação; no entanto, agora eu nem sequer considerava a possibilidade de o sonho dela ter qualquer relação com uma vida anterior, possivelmente porque ela não estava hipnotizada na altura; nem considerei a possibilidade de um espírito estar a falar através dela, embora estivesse bastante certo de que a presença desconhecida no nosso quarto era um espírito de outro mundo.

Comecei a regredir pessoas simplesmente porque tinha lido vários livros nos quais os autores tinham tentado provar que evidências de uma vida anterior eram reveladas em histórias contadas por sujeitos em regressão. Embora algumas das histórias refletissem o que algumas pessoas consideravam evidência de uma vida anterior, a maioria parecia fornecer provas muito frágeis para tais suposições. Mas discutirei isto com maior detalhe em capítulos posteriores.

Enquanto a Dolores jazia no sofá recriando o sonho da noite anterior, ela cruzou lentamente as mãos em atitude de oração e suspirou com admiração: "Que cavalo tão encantador".

Embora a Dolores tenha acabado por se tornar uma participante ativa quando o sonho original se desenrolou, teria sido impróprio para mim sugerir, enquanto ela estava em hipnose, que o seu subconsciente fosse diretamente ao ponto em que ela assumia o papel da rapariga no seu sonho. A recriação tinha de ser uma emissão espontânea do seu subconsciente. No entanto, houve ocasiões em que dei instruções a sujeitos que os encorajaram a elaborar sobre certos eventos que, acordados, poderiam ter considerado material irrelevante. Foi com esse propósito que pedi à Dolores que revelasse detalhes íntimos sobre a rapariga no seu sonho.

"Dolores, descreve a rapariga. Diz-me como é que ela é e como está vestida."

Inclinando a cabeça para trás como se olhasse para a rapariga sentada em sela de lado no seu cavalo, ela respondeu de forma compenetrada: "Ela é pequena, cabelo castanho — entrançado num totó — e está a usar um colete, sabes, com atacadores na frente. Oh!" Ela empalideceu. "Ela está a ir embora! Está a entrar na floresta."

"Está tudo bem, Dolores. Relaxa! Entra na floresta com ela. Vai com ela e conta-me tudo o que vires e ouvires."

Imediatamente, a Dolores sentou-se e olhou em redor, depois levantou-se para caminhar até ao fim da sala, por vezes desviando-se de ou tropeçando em objetos invisíveis para mim, possivelmente cepos de árvores ou arbustos que faziam parte do seu sonho. Depois, parando e virando-se com um arquejo, enterrou o rosto nas mãos e soluçou incontrolavelmente.

"Dolores, o que aconteceu? O que é que viste?"

Ganhando algum controlo e limpando as lágrimas na manga, ela exclamou em alívio: "Graças a Deus que vieste!".

Obviamente, ela referia-se ao seu tio. Mas o seu alívio durou pouco e ela voltou para o sofá, sentou-se pesadamente e começou a debater-se.

"Larga-me, seu animal!", gritou ela. "Tira as mãos da rédea!"

Por vezes é hilariante ser espetador das imaginações selvagens do sonho de outra pessoa, mas garanto-vos que pode ser terrivelmente doloroso ver quem amamos sofrer os tormentos do inferno a nosso pedido.

"Corre, Tio, corre! Ohhhhh, vêm mais deles a subir pela margem!", gritou ela, antes de se dobrar de dor, segurando a cabeça e chamando debilmente: "Fala comigo, Tio! Fala comigo, por favor!".

Sentia-me insensível por estar ali apenas sentado, sem me oferecer para ajudá-la, mas era imperativo que eu permanecesse objetivo, mesmo quando os impulsos mais fortes das minhas emoções me instavam a intervir. Assim, reprimi os meus sentimentos e aplaquei a minha consciência raciocinando: "É apenas um sonho".

"Assassinos!", acusou a Dolores, escorregando para o chão, com o rosto a espelhar agonia pura.

Eu não aguentava mais — não era nem de perto tão durão como pensara. Dominado pela comoção e percebendo que nada de realmente novo estava a sair do seu subconsciente, decidi tirá-la do transe.

"Dolores, relaxa! Em poucos minutos vais acordar; vais esquecer o sonho; não terás absolutamente nenhuma recordação do sonho após acordares."

Parecendo obedecer às minhas instruções, ela relaxou o corpo e ficou caída no chão.

"Agora, quero que te levantes, vás para o sofá e te deites."

"Não", respondeu ela docilmente, "não acordarei".

"Mas vais acordar! Estás meramente a sonhar."

"Não! Não é sonho", protestou ela dogmaticamente. "Isto é real, muito, muito real!"

"Como pode possivelmente ser real, não seres capaz de acordar quando estás meramente em transe — a dormir, por assim dizer?"

Sentando-se e limpando as lágrimas, ela sorriu como um professor faria ao dirigir-se a uma criança lenta. "Ainda não compreendes, pois não?"

"Compreender o quê?"

"Que eu sou aquela rapariga!"

"Sim", concordei eu, "tu foste aquela rapariga, mas apenas num sonho". Depois, notando os seus olhos vítreos, acrescentei: "Ainda estás a sonhar".

"Impossível!", insistiu ela, com o sorriso a desaparecer. "Eu sou aquela rapariga!"

Percebendo a futilidade de discutir com ela, iniciei um processo de progressão. "Tudo bem, Dolores, relaxa! Podes ser essa rapariga, mas por agora quero que avances no tempo. Vais avançar até te tornares a minha esposa, Dolores Jay, vivendo comigo e com os nossos filhos na casa paroquial em Greenbush, Ohio."

Lentamente, ela relaxou e ficou deitada no chão, novamente cruzando as mãos em atitude de oração. "Agora", instruí-a, "levanta-te, vai para o sofá, deita-te e coloca-te confortável".

Obedientemente, ela fez como instruído e, depois de se ter reclinado no sofá, continuei a dar-lhe instruções. "Vais dormir durante trinta minutos; vais esquecer o sonho e vais acordar descansada e revigorada. A memória do sonho terá desaparecido completamente."

Trinta minutos depois, a Dolores acordou e sentia-se animada. Mas eu não. Os eventos das últimas vinte e quatro horas tinham cobrado o seu preço; as ações dela perseguiam-me e, enquanto fazia o meu passeio da tarde, a sua afirmação "Eu sou aquela rapariga" atormentava-me. Teria ela realmente estado apenas a sonhar? Estaria meramente a recordar os eventos da sua vida como adolescente?

Pela primeira vez, comecei a considerar se seria possível que ela tivesse vivido noutra vida, noutro lugar, como outra pessoa. Mas nada do que ela dissera dava crédito à crença de que algo mais substancial do que um sonho tivesse ocorrido. Ela não tinha dado um nome à rapariga ou ao tio; não foi indicado nenhum local além do prado e da floresta; até a descrição da roupa não era assim tão invulgar, especialmente num sonho.

Obviamente, era apenas um sonho, e não me estaria a incomodar tanto se não fosse o meu sentimento de que um convidado indesejado estivera presente no nosso quarto. Mas até a atmosfera fantasmagórica poderia não ter sido mais do que a minha própria fantasia emocional. Ainda assim, porque é que ela não tinha acordado, especialmente quando a sacudi?

Claramente, a resposta a todas as perguntas que fervilhavam na minha mente não viria facilmente, exceto aquela relativa à sua juventude. Eu e a Dolores conhecemo-nos quando ela tinha treze anos. Como afirmei anteriormente, começámos a namorar quando ela tinha catorze. Mas nada no seu sonho coincidia com a sua vida real. É verdade que, como a rapariga do sonho, ela era pequena e tinha cabelo castanho, mas, que eu me recordasse, ela nunca tinha usado um colete ou entrançado o cabelo num totó; e nunca tinha andado a cavalo, embora sempre tivesse tido um estranho amor e fascinação por cavalos.

E se a rapariga tinha realmente dezasseis anos, não poderia ter sido a Dolores, porque ela não tinha tido um tio a morrer enquanto estava na adolescência. Havia sempre a possibilidade de ela estar, no sonho, a recriar um romance que lera ou um filme que vira. Mas, a ser assim, a sua fantasia era extremamente vívida.

Como se eu já não tivesse tido o suficiente do paranormal por uns tempos, nessa noite a Vonda deu um toque especial a um dia já excessivamente rico. Depois do jantar, ela atravessou a estrada para a Escola de Greenbush com alguns amigos para ver os *Greenbush Little League Bombers* a praticar basebol.

Era uma noite de primavera deliciosamente quente e uma multidão considerável tinha-se reunido para se sentar em cadeiras dobráveis e nas bancadas. Em breve, cansando-se da sessão de treino, ela e os amigos foram dar um passeio. Diretamente atrás da escola estava um grande bordo e, quando as raparigas passaram por ele, a Vonda viu uma bola de névoa cinzenta brilhante a pairar mais ou menos à altura da cabeça no tronco da árvore.

Fascinada mas não assustada, ficou a olhar para aquilo durante bastante tempo antes de olhar em redor para ver se mais alguém estava a olhar. Ninguém mais parecia estar a prestar atenção. Atraída pelo fenómeno cintilante, voltou-se para olhar para a massa flutuante, que se tinha afastado da árvore. Continuou a maravilhar-se com a visão incrível até que uma das suas amigas lhe puxou o braço e disse: "Anda lá, Vonda, vamos para os baloiços". Quando chegou aos baloiços, a cerca de setenta e cinco pés de distância, olhou novamente para a árvore à procura da "bola cinzenta brilhante que flutuava". Tinha desaparecido.

"Pai", perguntou ela reverentemente mais tarde, nessa noite, "não disse nada a ninguém sobre isto porque tive medo de que não acreditassem em mim, mas foi real e — oh, pergunto-me se não terá sido um sinal do céu, se não terá algum significado importante para nós."

Se foi um sinal ou não, nunca o saberei. Sei é que, a partir desse dia, fenómenos paranormais nunca mais deixaram de estar próximos de nós.

Pouco depois da experiência da Vonda, Cid Posey, um amigo de Batavia, Ohio, e pai de três rapazes pequenos, veio ao meu gabinete "apenas para conversar", disse ele. O Cid estava extremamente nervoso e dava todos os sinais de ter um problema específico que queria discutir. Por fim, disse: "Pastor, aconteceu a coisa mais estranha no outro dia e, bem — tenho de falar com alguém sobre isto ou vou enlouquecer. Lembra-se de há duas semanas, quando o Charlie Weston morreu e foi enterrado — Mas nunca vai acreditar em mim..."

"Experimente contar e veja." Sorri, esperando deixá-lo mais à vontade. Estava mais pálido do que o costume.

"No sábado de manhã passado", começou ele, "estávamos todos ainda na cama — eram cerca das seis da manhã — quando a minha mulher e eu ouvimos o Jud, o nosso filho mais novo [tinha cerca de sete ou oito anos na altura] a fazer um barulho terrível. Bem, a Lana saltou da cama e correu para o quarto dele, onde o encontrou inclinado para fora da janela, a gritar: 'Para onde é que foste? O que é que querias?' O Jud estava bem acordado, note, e quando a Lana lhe perguntou: 'Mas o que é que estás a fazer, rapaz?', o Jud disse-lhe que algo o tinha acordado e que, quando abriu os olhos, viu o Charlie a pé, aos pés da cama, a suplicar: 'Ajuda-me! Ajuda-me!'"

O Cid sorriu nervosamente. "Claro que o Jud gritou para o Charlie: 'Eh, como é que entraste aqui? O que é que queres?' e 'Senhor, é melhor sair daqui

depressa antes que o meu pai o encontre! Saia! Se não for embora, vou chamar o meu pai!' E, pastor, acredite se quiser, o Charlie começou a sair pela janela, mas, quando ia a rastejar para fora, o pé dele prendeu-se no peitoril e ele caiu. Naturalmente, o Jud levantou-se num salto e correu para a janela, a pensar que o Charlie se tinha magoado na queda, mas, quando o Jud chegou à janela, o velho Charlie tinha desaparecido." O Cid recostou-se e relaxou, com as palmas das mãos viradas para cima. "E então, o que é que acha disto?"

"Talvez o Jud estivesse a sofrer por causa da morte do Charlie. Talvez ele..."

"Não, pastor, não pode ser isso! Está a ver, o Jud nem sequer conhecia o Charlie, a não ser de o ver na rua uma ou duas vezes, e nós não dissemos aos rapazes que o Charlie tinha morrido. Nunca falamos de morte à frente das crianças; não queremos assustá-las, sabe."

Bem, cada qual que pense o que quiser acerca da Vonda e da sua brilhante bola cinzenta, acerca do Jud e da misteriosa aparição do Charlie, mas isto eu sei: a alguns de nós, neste mundo, foi-nos permitido ver e ouvir coisas que não são comuns ao olho e ouvido naturais — coisas do mundo espiritual — e o facto de podermos ou não compreender ou explicar essas coisas é irrelevante. Elas existem! Sempre existiram!

GRETCHEN FALA:
VOZES DO DESCONHECIDO

Três semanas tinham passado rapidamente, e o estranho sonho estava praticamente esquecido quando a Dolores foi subitamente acometida de uma forte dor de costas, resultado de um acidente numa aula de acrobacia da infância. Como já fizera tantas vezes no passado, hipnotizei-a para induzir analgesia. Após esperar alguns minutos para me certificar de que ela dormia profundamente e de que a dor tinha desaparecido por completo, saí do quarto. Era meu costume, depois de a tratar com hipnoterapia, fazer a sugestão de que passaria de um transe hipnótico para um sono natural. Resultava sempre, proporcionando um repouso e conforto benéficos.

Quando voltei ao quarto, cerca de trinta minutos mais tarde, a Dolores mexeu-se muito ligeiramente na cama e gritou, com uma voz estranha e alienígena, algo que soou como "Geen veck! Geen veck!" A princípio, descartei a exclamação como sílabas sem sentido, proferidas durante o sono. Mas, depois, ocorreu-me que talvez estivesse a sofrer uma recaída da dor e perguntei: "Querida, estás bem?"

"Ja. Ja!", murmurou ela, naquela mesma voz estranha e alienígena.

Divertido com a resposta, sorri. "As costas ainda doem?"

“Nein.” Suspirou e aconchegou-se nas almofadas.

Ora, eu não sou um estudioso de línguas — nunca estudei nenhuma língua estrangeira além do latim do liceu — mas o conhecimento de línguas não era um requisito para compreender as palavras alemãs “ja” e “nein”, que eu aprendera, durante a Segunda Guerra Mundial, significarem “sim” e “não”. A olhar para a minha mulher, deitada tranquilamente na cama, a minha curiosidade começou a crescer e perguntei-me: estaria ela realmente a falar uma língua estrangeira? Possivelmente alemão?

Tendia a achar isso impossível. Na verdade, parecia um perfeito disparate sequer pensar numa coisa dessas. A Dolores nunca tinha estudado uma língua estrangeira. Mas aquelas palavras, “ja” e “nein” — ela proferira-as com clareza, e eu tinha a certeza de as ter ouvido corretamente. Assim, embora me sentisse dividido, havia apenas uma coisa a fazer: montar o gravador de cassetes e começar a bombardeá-la com perguntas.

A possibilidade de ela estar a falar uma língua estrangeira não era tão descabida como parecia à primeira vista. Das centenas de pessoas que eu havia hipnotizado, várias surpreenderam-me ao falar numa língua estrangeira enquanto estavam em transe. Contudo, ao saírem do transe, todas admitiram ter aprendido previamente essa língua. A Dolores podia tê-la aprendido em criança ou até mais tarde, na vida adulta, e tê-la esquecido. Como nesse dia eu não a tinha regredido, nem me empenhara em determinar a profundidade do transe, era também possível que estivesse a brincar comigo. Ela sabia que eu não falava nenhuma língua estrangeira, que seria relativamente fácil enganar-me balbuciando um fingido palavreado “estrangeiro”.

Sem saber muito bem o que esperar, perguntei cautelosamente:
“Como te chamas?”

Humedecendo os lábios e engolindo duas vezes, a Dolores respondeu, com uma voz suave e infantil: “Ich bin Gretchen.”

Ainda a pensar que pudesse estar a brincar comigo, continuei, muito hesitante: “Quantos anos tens?”

“Neun”, respondeu, após uma pausa de vários segundos.

Se a Dolores estava a troçar de mim, estava a fazê-lo muito bem. Não havia nada que indicasse que as respostas dela não fossem sinceras, por isso prossegui:
“Onde moras?”

Franzindo o sobrolho e erguendo as mãos, como se frustrada, hesitou.
“Ich... Ich verstehe nicht. [Eu... eu não compreendo.]”

Eu também não. Totalmente às escuras quanto ao que ela dizia, mas julgando, pela expressão do rosto, que estava confusa, reformulei a pergunta: "Em que cidade moras?"

Sorrindo como uma criança orgulhosa da sua terra, quase cantou: "Ich lebe in Bergenstrasse. [Eu vivo na Bergenstrasse.]"

"E em que país fica a Bergenstrasse?", prossegui, entendendo apenas a palavra "Bergenstrasse".

"Deutschland. [Alemanha.]"

As respostas da Dolores eram incríveis e devo sublinhar mais uma vez que me era quase impossível acreditar no que estava a ouvir. Ela não sabia falar nenhuma língua estrangeira — isso eu sabia com toda a certeza! — e, no entanto, parecia estar precisamente a fazer isso. Disparei, num tom irritado:

"Vá lá, Dolores! Já te divertiste o suficiente! Vamos dar isto por terminado."

Ela ripostou de imediato: "Ich verstehe nicht! [Eu não compreendo!]"

A sinceridade da exclamação dela deixou-me sério. O meu ceticismo abrandou e continuei com as perguntas:

"Há uma rua à frente da tua casa?"

Aliviada por eu ter suavizado a voz, respondeu alegremente: "Ja. Ich lebe in Birkenstrasse. [Sim. Eu moro na Birkenstrasse (Rua dos Bétulas).]"

"E a tua casa tem número?"

Com o sobrolho enrugado: "Ich weiss nicht. [Não sei.]"

Continuando sem a conseguir entender, prossegui, despreocupado: "Como se chama a tua mãe?"

Com os lábios contraídos e o rosto a ensombrar-se, como se estivesse prestes a chorar, proferiu tristemente: "Meine Mutter tot sein. [A minha mãe está morta.]"

Uma coisa era certa: ou a Dolores era a melhor atriz do mundo ou estava a apresentar-me algo genuíno. Apesar de um ligeiro aperto de pena, avancei: "Como se chama o teu pai?"

"Hermann", respondeu, com devoção filial.

"Gretchen — é esse o teu nome, não é?"

"Ja, Gretchen, ich bin. [Sim, Gretchen sou eu.]"

"Gretchen, qual é o teu apelido?"

“Gottlieb.”

“Que tipo de trabalho é que o teu pai faz?”

“Mein Vater, der Bürgermeister. [O meu pai, o presidente da câmara.]”

“Tens irmãos ou irmãs?”

“Nein, kein Schwester, kein Bruder. [Não, nenhuma irmã, nenhum irmão.]”

Durante toda a entrevista, a Dolores não manifestara qualquer sinal de nervosismo, mas agora começou a mostrar um grande medo e levou o indicador aos lábios, pedindo silêncio. “Mehr sagen sehr schlecht, verboten! [Dizer mais é muito mau, proibido!]”

Na minha ignorância, tentei insistir: “Gretchen...”

“Nein! Nein!”, explodiu ela, antes de baixar a voz e sussurrar, assustada: “Der Bundesrat! Sie hören. Sie zuhören! [O Conselho Federal! Eles ouvem. Eles escutam!]”

Alarmado com a expressão tensa dela, comecei a tentar perceber o que se passava.

“O que estás a tentar dizer, Gretchen?”

Abrindo os olhos e perscrutando o quarto freneticamente, sussurrou: “Sie hören zu! [Eles estão a ouvir!]”

Agastado por não conseguir compreender nada do que dizia, para além dos nomes próprios, tentei formular as perguntas com uma sequência lógica, presumindo que ela me entendia e daria respostas sensatas. Assim, guiado pelas expressões do rosto dela, continuei: “Onde é que está o Bundesrat?”

“Der ist überall. [Está em todo o lado.]”

“Überall! Sie hören zu. Das ist gefährlich. [Em todo o lado! Eles ouvem. Isso é perigoso.]”

O interrogatório já durava há mais de uma hora, e a Dolores estava a ficar inquieta. Quando lhe perguntei se se sentia bem, suspirou, disse “Gretchen ist sehr müde [A Gretchen está muito cansada]” e recusou responder a mais perguntas.

A personalidade que emergia, chamando-se a si própria Gretchen, demorava extremamente a responder às perguntas, mas isso não era totalmente invulgar; muitos sujeitos em regressão apresentam a mesma característica, embora não de forma tão acentuada. Não me preocupava o tempo que levava a responder — ouvi-la falar bastava para me fazer perceber que talvez algo de estranho e maravilhoso tivesse acontecido no nosso quarto, naquela noite de Abril.

Depois de a Dolores acordar, se sentar, espreguiçar e bocejar, como quase toda a gente faz após uma sessão prolongada de sono hipnótico profundo, perguntei: “Estás melhor?”

“Ótima!” Continuou a bocejar, a espreguiçar-se e a esfregar os olhos. “Ohhhh, dormi tão profundamente — devo ter estado completamente fora deste mundo.”

A Dolores nunca se lembra de nada do que diz ou faz enquanto está em transe hipnótico, e eu pensei: “Oh, rapariga! Se soubesses até que ponto estiveste, de facto, ‘fora’, talvez nunca mais conseguisses dormir.” Se aquilo que a Dolores/Gretchen dissera tinha realmente substância — se se pudesse verificar que falara, de facto, uma língua estrangeira — então era lógico concluir que eu tropeçara no maior fenómeno do século, e estremeci de emoção, dos pés à cabeça.

Ainda antes de terminar o questionário, já fazia planos para encontrar alguém que falasse alemão; queria confirmar a minha impressão de que a Dolores tinha realmente falado uma língua estrangeira, antes de a informar do conteúdo da gravação. Aliás, como eu não a tinha regredido (levado atrás no tempo), ela devia ter regredido espontaneamente — outro “primeiro” para a Dolores. A regressão não é uma função automática da hipnose; normalmente tem de ser induzida.

Levei a cassete para a escola no dia seguinte, na esperança de encontrar um professor que falasse alemão. Infelizmente, ninguém na escola falava a língua, mas a Sr.ª Mary Muntz, professora de francês, tinha estudado alemão no liceu e lembrava-se o suficiente para confirmar a minha suspeita de que a Dolores tinha mesmo falado alemão. Desejosa de me ajudar a desvendar o mistério, sugeriu que contactasse o Dr. Jacob Langert, professor na Universidade de Cincinnati, reconhecido como autoridade tanto em hipnose como em língua alemã. Senti o ânimo disparar quando o Dr. Langert aceitou receber-me naquela tarde, no seu gabinete.

Ia eu nas nuvens quando, a meio do caminho para a universidade, comecei a aperceber-me da seriedade da minha missão. O que faria eu se o ilustre professor concordasse com a Sr.ª Muntz em que a Dolores tinha, de facto, falado alemão? A pergunta era de importância vital, porque a maioria das autoridades em hipnose era categórica na crença de que ninguém, em hipnose, consegue falar uma língua estrangeira sem a ter aprendido nesta vida. Em resposta a uma pergunta colocada na sua tese, o Dr. F. L. Marcuse questionou: “Pode uma pessoa, em hipnose, tocar piano ou falar uma língua estrangeira se isso lhe for sugerido em hipnose?”

Ele próprio respondeu: “Sim, desde que fosse capaz de o fazer antes de ser hipnotizada.” Leslie LeCron e Jean Bordeaux referem que “todas as realizações

em hipnose estão em conformidade com as leis naturais e... ninguém em hipnose pode falar uma língua estrangeira que não conheça já." Acrescentam ainda que "nada em hipnose pode ser feito em contravenção das leis naturais." É claro que, embora não soubessem que a Dolores tinha falado alemão sob hipnose, nem que nunca tinha aprendido a língua, estavam a dizer que ela não poderia fazer aquilo que a Sr.ª Muntz e eu sabíamos que fizera.

Mas — e isto é de importância crucial — em estado de vigília a Dolores não conseguia falar nenhuma língua estrangeira! Nunca tinha estudado uma língua estrangeira! Ninguém na família dela alguma vez falara ou estudara uma língua estrangeira, e ela nunca vivera perto de alguém que falasse alemão como língua de uso corrente. Logicamente, não havia motivo para acreditar que fosse capaz de falar uma língua estrangeira. A sua recém-descoberta aptidão, se fosse real, contrariava tudo o que eu sabia sobre a sua vida passada, bem como todas as hipóteses científicas. No entanto, eu tinha-a ouvido falar alemão com os meus próprios ouvidos e tudo estava gravado na cassete, para qualquer um ouvir!

Quando cheguei à universidade, o Dr. Langert adotou um ar jovial que disfarçava o ceticismo. Com um sorriso que me pareceu cínico e as sobrancelhas arqueadas em sinal de dúvida, disse: "Diz que ela não consegue falar alemão, é?"

"Não, a menos que esteja em transe hipnótico", retorqui, inclinando-me para ligar o gravador.

Repousado na sua cadeira de espaldar alto, com ares de sofisticação, o erudito professor endireitou-se de repente e fitou o gravador, quando as frases sonolentas da Dolores começaram a sair da fita. Corando, franziu o sobrolho. "Que diabo! Só esta manhã disse à minha turma de psicologia que isto era impossível!"

"Portanto, ela fala mesmo alemão!", exclamei.

"Sim, aparentemente!", rosnou. "Mas apenas porque aprendeu a língua. Teve de a aprender em algum momento da vida!"

Radiante por saber que ela tinha realmente falado alemão, mas incomodado com a insinuação velada de que a Dolores e eu poderíamos ter conspirado para produzir uma fraude, saí do gabinete convencido de que o professor acabara de assistir a um milagre e de que a sua conclusão tinha algo que ver com a incapacidade de explicar o estranho fenómeno que eu lhe pusera nas mãos.

Durante o trajeto de quarenta milhas até casa, fui fazendo planos para falar com a Dolores acerca das suas novas capacidades. Obviamente, se a resposta do Dr. Langert se revelasse profética, quando o mundo tomasse conhecimento desta aptidão dela, reagiria como ele: acusar-nos, por insinuação, de aldrabice ou acusá-la a ela de me enganar.

Eu sabia, no íntimo, que da minha parte não havia qualquer logro e achava impossível acreditar que a Dolores fosse capaz de tal coisa. Trinta anos de vida em comum, nos bons e nos maus momentos, tinham-me mostrado que era uma mulher de uma honestidade a toda a prova. Ainda assim, devo confessar que aquele velho diabo, Satanás, me levou a questionar se ela não teria aprendido a língua em segredo. E, se sim, porquê? Por mais que tentasse, não conseguia imaginar quando ou onde poderia tê-la aprendido sem que eu soubesse; nem conseguia conceber qualquer razão para que o quisesse fazer. Nada fazia sentido!

A única ocasião em que a Dolores e eu estivemos separados por um período considerável foi durante o meu serviço militar, na Segunda Guerra Mundial. Talvez pudesse tê-la aprendido então — mas não! Ela vivera com os meus pais durante esse período e, se tivesse passado tempo fora de casa para estudar, ou se se tivesse trancado no quarto para longas horas de estudo, os meus pais teriam sabido. Não, eu estava convencido de que ela nunca conspirara para me enganar, mas isso não me impedia de envidar todos os esforços para descobrir de onde surgira aquela língua.

Nessa noite, depois do jantar, depois de as crianças terem ido brincar para a rua, perguntei cautelosamente à Dolores: "Quando é que aprendeste a falar alemão?"

Surpreendida com a pergunta, exclamou: "Quando é que eu fiz o quê?"

Perturbado pela genuína surpresa dela, e envergonhado por ter pensado que pudesse ter aprendido a língua, tive de me forçar a repetir a pergunta.

"Eu?", troçou, a rir. "Eu, falar alemão? Ah, isso é que era bonito!"

"Não, querida, falo a sério."

"Mas não podes estar a falar sério!", contestou. "É impossível! Além disso, quando é que alguma vez me ouviste dizer sequer uma palavra em alemão?"

"Ontem, em hipnose."

"Não acredito", retorquiu, algo mais contida. "É tudo tão ridículo! Isto é alguma espécie de piada?"

Pegando no gravador e pousando-o na mesa de centro, confrontei-a com as provas. "Toma, ouve isto e depois diz que não falas alemão."

"Sie hören zu", sussurrou a voz infantil na gravação.

Enrijecendo ao som daquela voz estranha e alienígena, a Dolores inclinou-se para a frente, na beira do sofá. A olhar fixamente para o gravador, com o sobrolho franzido e os punhos cerrados, de nós brancos, gaguejou: "Eu... eu não percebo!"

"Espera, querida", avisei, "ouve só um bocadinho."

"... ist gefährlich", disse a voz monótona.

A Dolores exclamou: "Essa não é a minha voz!"

De facto, não era, e no entanto a voz que se ouvia na gravação tinha saído pelos lábios dela.

A Dolores continuava incrédula. Sabia que não era raro ouvir uma voz estranha sair do gravador; pessoas regredidas que descrevem outra vida costumam falar com uma voz diferente. Homens, por vezes, falam num soprano feminino e mulheres, num grave masculino. Jovens podem falar dos seus dias de outrora com um timbre rouco de velhice, e pessoas idosas já falaram dos tempos da juventude com um tom de criança.

Mais uma vez perguntei a mim mesmo: seria possível que ela tivesse aprendido a língua em criança e depois a tivesse esquecido? Bem, sim, era possível. Várias pessoas falaram uma língua estrangeira sob hipnose, uma língua que acreditavam sinceramente nunca ter aprendido. No entanto, investigações posteriores mostraram que tinham aprendido a língua quando eram crianças e, possivelmente por falta de alguém com quem conversar, deixaram de a falar; as pessoas podem até esquecer-se de que alguma vez aprenderam uma língua. Isto é especialmente verdade em famílias imigrantes; os bebés aprendiam a imitar a língua do Velho Mundo dos pais, mas, quando os pais aprendiam inglês e deixavam de falar a língua antiga, as crianças, naturalmente, faziam o mesmo.

Embora fosse possível que a Dolores tivesse aprendido alemão em criança, era altamente improvável, porque ninguém na família dela alguma vez falara uma língua estrangeira. Havia sempre a possibilidade de ela ter aprendido a língua de forma subconsciente. Está registado o caso de um jovem que demonstrou ser capaz de dizer algumas frases em osco, um antigo dialeto falado em Itália no século III a.C. Em estado de vigília, o jovem não tinha qualquer conhecimento da língua — jurava que nunca a tinha aprendido.

Ainda assim, em hipnose, proferia claramente as palavras que acabaram por ser identificadas como osco. Mais estranho ainda, tinha razão ao acreditar que não aprendera conscientemente a língua. A investigação revelou que tinha visitado uma biblioteca e visto uma gramática de osco aberta e que, ao olhar para aquela língua estranha, memorizara subconscientemente as palavras — uma aquisição de conhecimento da qual não teve consciência até esta ser exibida num transe hipnótico.

Aprender de forma subconsciente é relativamente comum. A aptidão específica exibida por aquele jovem é menos comum. Ele manifestava uma característica comparável à dos eidéticos, que "fotografam" mentalmente uma página ou páginas de texto e, numa data posterior, conseguem recordar a impressão ótica com um detalhe vívido e minucioso. Ou seja, recordam as

páginas como imagens mentais e, assim, são capazes de ler o material registado nessa imagem mental.

Enquanto observava a Dolores sentada no sofá, em absoluta atenção, a escutar intensamente cada sílaba que saía do gravador, comecei realmente a aperceber-me, pela primeira vez, de que algo próximo do sobrenatural tinha ocorrido se — e esse era um grande "se" — ela não tinha aprendido a língua, em momento algum, nem consciente nem subconscientemente.

Quando a cassete terminou, perguntei: "Em que é que estás a pensar?"

"Ainda não acredito!", exclamou. "Isto é impossível! Eu não consigo falar alemão em estado de vigília, por isso, como poderia fazê-lo quando estou a dormir, em transe?"

"Se calhar és uma segunda Bridey Murphy", gracejei. "Talvez tenhas sido reencarnada e essa voz seja o teu antigo eu, de volta para ver como te estás a sair nesta vida."

"Mas que piada!", retorquiu ela, com um leve esboço de sorriso. "Muito engraçado, sobretudo sabendo tu que eu não acredito em reencarnação."

"Nem eu", apressei-me a assegurar-lhe, "mas o simples facto de tu e eu não acreditarmos em reencarnação não diminui em nada a possibilidade de ela ser, de facto, uma realidade." Em tom mais leve, para aliviar a tensão, acrescentei: "Talvez um espírito há muito perdido esteja a falar através de ti."

"Agora é que estás mesmo a dizer disparates." Riu-se, antes de acrescentar, mais séria: "A não ser que... ohhhh, não me digas que achas que eu estou possuída por um espírito?"

"Claro que não! Estava apenas a brincar."

"Mas é possível, não é?", insistiu, inquieta. "Quero dizer, bem, tem-se falado tanto de demónios ultimamente e..."

"Oh, vá lá!", interrompi. "Estás a deixar a imaginação ir longe de mais!"

"Mas estou a falar a sério", continuou. "Se um espírito falou através de mim, não teria primeiro de me possuir?"

Percebi, tarde demais, que a minha tentativa de aligeirar o assunto me tinha metido em trabalhos. O bom senso deveria ter-me dito que, dadas as circunstâncias, espíritos seriam um tema sensível.

"Calma aí!", pedi. "Certamente percebes que eu não faço ideia do que tudo isto significa, que há imenso trabalho de casa a fazer antes de podermos chegar a uma resposta; por isso, por favor, não dês logo um mergulho de cabeça."

Durante vários dias, a Dolores viveu num mundo de profunda reflexão. Nem comia bem, nem dormia bem, e depressa se tornou evidente que estava cada vez mais perturbada pelo material inquietante que jorrava do seu subconsciente.

Por várias vezes argumentei: "Dolores, tenta manter a calma. 'Todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus e são chamados segundo o seu propósito.' Além disso, se isto for real, se outros peritos em línguas confirmarem a tua capacidade de falar alemão, e se se conseguir provar que nunca aprendeste a língua, então..."

"O que queres dizer com 'se eu nunca aprendi a língua'?", desafiou, irritada. "Sabes perfeitamente que eu nunca aprendi a língua."

"Bem, sim, eu sei que nunca fizeste um esforço consciente para a aprender, mas..."

"Estás a insinuar", interrompeu, com um sorriso sarcástico, "que aprendi a falar alemão enquanto estava apagada, inconsciente?"

"Oh, vá lá! Sabes muito bem o que quero dizer..."

"Sei mesmo?"

"Bom, não sabes?"

"Para ser completamente honesta, não!"

Durante bastante tempo, a Dolores ficou sentada em silêncio, a remoer; depois: "Não! Não vejo como é que alguém pode estar inconsciente e aprender seja o que for!"

"Mas eu não disse que aprendeste alemão enquanto estavas inconsciente, totalmente apagada! Quis dizer, bem — talvez, só talvez tenha havido um momento em que alguém à tua volta falou alemão e, sem tu o saberes, o teu subconsciente o tenha registado algures nos recantos profundos da tua mente."

A explicação pareceu satisfazê-la por um instante, mas logo retorquiu: "Não, não me lembro de alguma vez ter ouvido alguém falar alemão, a não ser na televisão, talvez no Hogan's Heroes."

"Se te lembras, ou não, de tal pessoa, isso é irrelevante", repliquei. "O facto é que pode ter havido alguém, e é fundamental que falemos com todos os nossos amigos, vizinhos e familiares para ver se alguém se lembra de alguma pessoa que possa ter falado alemão na tua presença."

Com uma apreensão crescente, perguntou: "Mas e se não encontrarmos ninguém de quem eu pudesse ter aprendido a língua?"

"Bem, então, vou hipnotizar-te e arrancar-te todos os teus segredos mais preciosos!"

“Não te atreverias!”, exclamou ela, indignada.

“Bem”, tergiversei, “é isso ou procurar outro meio de determinar como aprendeste a falar alemão.”

“Quantas vezes tenho de te dizer que eu não aprendi a falar alemão!”, respondeu, exasperada.

“Mas essas pessoas lá fora, o mundo, não sabem isso! E isto significa que tu e eu temos de estar dispostos a fazer qualquer coisa, e digo qualquer coisa, mesmo submeter-nos a qualquer tipo de prova necessária para demonstrar que nenhum de nós aprendeu a língua!”

Com um ar cauteloso, perguntou: “Que tipo de prova?”

“Bem, um detetor de mentiras...”

“Eu faço-o!”, interrompeu, radiante. “Eu não menti! Não sei de onde vem o alemão!”

No dia seguinte, voltei a regredir a Dolores, com plena intenção de comunicar com a personalidade Gretchen, mas a Dolores não respondeu como eu esperava. Depois de aparentemente ter passado para além do domínio desta vida, o espírito dela pareceu deter-se num continuum de tempo que alguns parapsicólogos descrevem como um plano de existência entre vidas terrenas. Nunca antes a Dolores tinha demonstrado medo do desconhecido enquanto estava em transe hipnótico, mas, nessa noite, estava tão tensa que a pele lhe ganhou um tom azul-arroxeado e as veias do pescoço e das têmporas se dilataram de tal forma que o seu pulso acelerado se podia contar visualmente à distância.

“Dolores, fala comigo! Diz-me, o que se passa?”

Por entre lábios secos, esbatidos num cinzento pálido, ela arfou, angustiada: “Oh, aquelas pobres almas... rostos sem nome... milhares deles... a suplicar, a gritar!”

Embora profundamente tocado pelo horror terrível na voz dela, ainda assim insisti em obter mais informação:

“Que pessoas? Onde estás?”

“Não sei”, lamentou. “Oh, o tormento! Estão a estender-me as mãos e eu não consigo ajudá-las. Oh, Deus! Misericórdia! Tem misericórdia delas!”

Em regressões anteriores, o alcance do espírito da Dolores já se suspendera, ocasionalmente, nesse plano onde, supostamente, entidades existem entre vidas, mas nunca antes ela indicara que alguém estivesse em tormento; e, embora não seja este o lugar para discutir a questão de um inferno literal na vida após a morte, admitimos que a possibilidade de tormento no inferno se tornou especialmente real para ambos, naquele momento.

Ao longo dos meus muitos anos como ministro ordenado na Igreja Metodista Unida, desenvolvi uma aversão a pregadores demasiado zelosos que recorrem à ameaça de um inferno literal de fogo e enxofre para tentar ganhar almas para Cristo. Ainda assim, eu acreditava — e continuo a acreditar — no inferno: "Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor." Mas, embora acreditasse que haveria tormento para todos os infelizes que se tivessem separado de Deus (isso é o inferno!), nunca concebera que o tormento do inferno pudesse ser tão terrivelmente atroz até ouvir a Dolores implorar a salvação daquelas almas sem nome, sem rosto, em agonia.

E perguntei-me: teria a Dolores recebido, providencialmente, um vislumbre fugaz do inferno? Será possível a mortais, ainda deste lado da sepultura, ascenderem à morada celestial dos redimidos ou — Deus nos livre — descerem aos abismos da perdição? Teria a Dolores visto realmente as profundezas sombrias do inferno?

Se pudermos dar algum crédito aos espiritualistas, parece razoável crer que sim. Frederic W. H. Myers, sob a égide da Sociedade Britânica para a Investigação Psíquica, realizou estudos avançados sobre o paranormal durante trinta anos antes de morrer. Depois, durante trinta anos, terá supostamente enviado informações do além, sobretudo através de uma médium chamada Geraldine Cummins, de Cork, na Irlanda.

Myers, pelo que possa valer, dividiu a vida após a morte em sete etapas principais. A primeira é o "Plano Terrestre"; a segunda é a condição do indivíduo imediatamente após a morte: o "Intermédio do Plano de Hades". A terceira é o "Plano da Ilusão" e a quarta é o "Plano da Cor" ou "Mundo de Eidos". A quinta é o "Plano da Chama" ou "Mundo de Hélios", e a sexta e a sétima são o "Plano da Luz" e o "Plano da intemporalidade", estados avançados de existência espiritual que só podem ser descritos como planos de perfeição espiritual demasiado gloriosos para serem retratados com o nosso vocabulário limitado.

Embora Myers não concebesse o segundo estado, o "Intermédio do Plano de Hades", da mesma forma que os fundamentalistas encaram o inferno de fogo e enxofre, insinuava que a segunda etapa se assemelhava ao antigo conceito de um lugar ou plano infernal.

Enquanto a Dolores visualizava aquela cena horrível e jazia a tremer, eu não tive tempo para ponderar premissas teológicas ou parapsicológicas, mas isto é certo: para ela, era real, e a sua incursão nesse lugar infernal não foi única. Muitas pessoas em regressão passaram pela mesma, ou por semelhante, experiência de horror.

Por exemplo, uma bela jovem agricultora veio ao meu gabinete há alguns anos e disse: "Quero ser regredida."

Eu conhecia a Marjorie, como amiga e como sujeita hipnótica, havia já algum tempo e, a rir, disse: “Porquê? Tens algum bloqueio que venha de algum vício antigo, longamente reprimido?”

“Não”, explicou, “nada disso. Eu... bem, há alturas em que tenho a certeza de que já vivi antes.”

“Déjà vu?”

“Nem por isso. É só que, bem, às vezes sinto que eu não sou eu mesma, alturas em que digo e faço coisas que o meu verdadeiro eu nunca diria nem faria.” Depois, olhando para mim, na expectativa: “Percebe o que estou a dizer, não percebe?”

A Marjorie exprimira um sentimento comum e eu concordei em fazer o que pudesse por ela. Mas, depois de a ter posto em transe e a ter regredido, fiquei chocado com a transformação radical e sinistra que a mudou de uma criatura delicada e frágil para uma espécie de gárgula hedionda. Ainda hoje consigo ouvir a voz profunda, áspera, masculina a rosnar por entre dentes cerrados e respiração entrecortada, enquanto ela jazia no sofá: “Tem de tirar o ahhhuuuh almofadão de debaixo da cabeça, porque a ahhhuuuh coluna tem de ficar perfeitamente direita.”

Ao erguer rapidamente a cabeça da Marjorie para retirar a almofada, perguntei à voz estranha, que arfava de forma asmática a cada expiração: “Quem és tu? O que queres?”

“Não sou deste mundo. Eu ahhhuuuh não sou deste corpo. Sou uma alma original. Sou ahhhuuuh alguém que trabalha com ela, que a ajuda, e ahhhuuuh a orienta e guia em assuntos espirituais. Prefiro ahhhuuuh não ser chamado por nome. Quando me atribuem uma identidade, isso ahhhuuuh desvia a atenção do trabalho que fazemos juntos. Sou um dos companheiros de alma, que ahhhuuuh trabalha em estreita comunhão com esta alma no plano terrestre.”

Interrompi, insistindo numa identidade. “Diz-me quem és, ou pelo menos diz-me qual é o teu verdadeiro propósito em falar através da Marjorie.”

A voz chiou: “Nunca vivi no plano terrestre; ahhhuuuh não tenho uma identidade terrena. Há ahhhuuuh muitas almas que nunca puseram um pé na dimensão temporal da vida terrena. Há ahhhuuuh muitos como eu que trabalham com almas no plano terrestre.”

“Se nunca viveste nesta vida”, perguntei, incrédulo, “está o teu quadro de conhecimentos limitado pela nossa cronologia?”

“Não. A seu tempo, ahhhuuuh falarei de grandes mistérios; trarei a outros, ahhhuuuh outros conhecimentos, à medida que as vibrações desta alma se sintonizarem connosco.”

Mas a Marjorie não tinha qualquer desejo de se sintonizar com quem quer que fosse, ou com o que quer que fosse, que falava através dela. Quando mais tarde ouviu a gravação daquele rosnador que afirmava "nunca ter vivido no plano terrestre", não quis ouvir mais nada vindo do mundo dos espíritos.

Não foi o rosnador que a repeliu. Ao contrário da maioria dos sonâmbulos (que sofrem de amnésia), a Marjorie tinha uma lembrança nítida da sua experiência horrível. Disse que sentiu que descia, "a rodopiar para baixo, para baixo e à volta, como se estivesse a ser sugada para os braços escancarados do inferno, através de um enorme funil. E depois", acrescentou, com um arrepio, "à minha volta vi milhares de pessoas, criaturas — algumas a lamentar-se, outras a rezar e outras ainda a rir, histéricas. Ohhhh!" Estremeceu. "Foi horrível, duas vezes pior quando percebi que estava no inferno!"

"E o que foi, concretamente, que te fez pensar que estavas no inferno?"

"Bem, de um lado havia uma grande colina árida, sem relva, sem árvores, nada! E havia pessoas por todo o lado, a rastejar, a gatinhar, a trepar — algumas jaziam a contorcer-se em agonia, e todas choravam e se lamentavam! Nunca ouvi nada assim. Mas o pior de tudo era que, lá em baixo, no vale, outro grupo estava reunido numa enorme catedral, simplesmente sentado, inerte, nos bancos, bocas escancaradas e órbitas vazias a fitar o nada, enquanto padres macabros, em vestes berrantes, se ocupavam a ajoelhar, rezar, ungir e oferecer ramos de rosas mortas a alguém deitado de bruços sobre um altar chamuscado."

"Marjorie, acreditas mesmo que o que viste era real?"

"Oh, real era! Eu até senti a minha alma sair do meu corpo e flutuar para o tecto, antes de começar aquela descida vertiginosa em espiral. E, sim! Vi o meu corpo deitado no sofá, mas... Ohhhh, tu não acreditas em mim, pois não? Achas que... Mas espera! Tenho provas. Sim, agora lembro-me! Estavas reclinado na tua cadeira e fizeste um arranhão na nuca. Olha!", exclamou ela, levantando-se e correndo para trás de mim. "Olha! É verdade! Eu vi — vê lá, o teu pescoço está a sangrar. Arranhaste-o até à carne viva!"

E assim era! Ao que parecia, a Marjorie tinha consciência de tudo o que acontecera naquele dia, no gabinete, embora estivesse em transe profundo, de olhos fechados. Se a Dolores, a Marjorie e outros que contemplaram o horrível tormento no grande além estiveram apenas a alucinar é algo que fica à mercê da conjectura, mas isto é certo: não havia nada de vago nas vozes de outro mundo que falaram através delas!

Há quem argumente que as pessoas em transe apenas manifestam as suas próprias personalidades secundárias (dissociadas), mas, mesmo que assim fosse, nada na lógica da psicologia explica como é que a Dolores conseguiu falar alemão, uma língua desconhecida e não aprendida.

Durante a regressão, a Dolores já deixara de chorar e de implorar pela misericórdia de Deus.

"Dolores, ainda estás com aquelas criaturas sem rosto e sem nome?"

"Não, ao longe há um enorme portal, branco e brilhante, e... e está a abrir-se. Ohhhh, há uma jovem na ombreira da porta, a acenar."

"Conheces a rapariga?"

"Sim, já a vi antes... no prado." A Dolores começou a soluçar, murmurando, em suave recusa: "Não! Não, eu não posso... eu não vou contigo."

"Para onde, Dolores? O que está a acontecer?"

"É a Gretchen e ela insiste para que eu vá até ela, que... que vá com ela. Mas eu não posso ir. Simplesmente não posso!"

Curioso por saber o que a Gretchen queria, perguntei: "Porque é que não podes ir com ela?"

Ela empalideceu. "Se eu for, não posso voltar!"

"Como pode ser isso, Dolores? Certamente não acreditas que ela tenha poder de vida ou de morte sobre ti?"

"Não, não morte", tentou explicar, "não da forma como pensas na morte. Mas, se eu for, nunca mais volto a ver-te a ti e às crianças, não... não nesta vida."

Como a Dolores não conseguia explicar de que forma continuaria a existir a partir de então se fosse com a Gretchen, e porque começava a mostrar sinais de nervosismo, decidi trazê-la de volta do transe.

"Relaxa, Dolores. Vou trazer-te de volta! Vou despertar-te dentro de uns minutos. Relaxa!"

"Ohhhhhhh, não! Eles vêm atrás de mim!", gritou. "Tira-me daqui! Ajuda-me, por favor!"

Terminei a regressão naquele apelo urgente, mais convencido do que nunca de que há tanto, mas tanto, acerca da mente, da alma e da vida no mundo que há-de vir que nós não sabemos. É, para mim, claramente, o cúmulo da insensatez que pessoas instruídas virem as costas, com leviandade, aos mundos por descobrir que podem ser explorados através do subconsciente. E pontificar ou tentar explicar e racionalizar com jargão psicológico, sem ter sondado a fundo a profundidade destas e de outras histórias, é admitir que preferimos parecer piedosos e brilhantes a conhecer a verdade.

Um dos meus superiores eclesiásticos perguntou-me um dia: "Carroll, o que acontece se, de facto, vieres a provar a reencarnação, através das tuas experiências e investigações?"

Respondi: “O propósito da religião é conhecer a verdade. Portanto, se a reencarnação for a verdade, queres que eu dê meia-volta e a negue?”

“Não”, respondeu ele, com uma risada nervosa, “suponho que não.”

CAPÍTULO III

DE ONDE VÊM AS VOZES?

Para além das minhas funções como pastor da Igreja Metodista Unida de Union Plains, em Greenbush, e professor de psicologia e de história dos Estados Unidos na Escola Secundária Lynchburg-Clay, a minha prática como hipnotizador levava-me a todas as partes do sudoeste de Ohio para palestras, demonstrações, sessões de aconselhamento e hipnoterapia. A hipnoterapia seguia-se a sessões de aconselhamento com pessoas que não podiam deslocar-se ao meu gabinete, mas o uso de hipnose fazia-se para clubes de senhoras de negócios e profissionais, campos de férias de verão dos Future Farmers of America, campos estaduais 4-H, organizações da igreja, assembleias de escolas secundárias e grupos similares.

Embora a hipnose ocupasse um lugar de grande prioridade na minha vida, devo sublinhar que o ministério na Igreja de Deus é a minha vida; mas, à parte o ministério, a hipnoterapia trouxe-me a maior satisfação. Poder ajudar alguém em necessidade faz mais para elevar a alma (e o ego) do que qualquer outra coisa que eu conheça. Ver um coxo a andar, um surdo a ouvir, e o andar quase triunfante de alguém que acabou de ser aliviado de uma enxaqueca ou de um medo ou fobia terrível vale mais do que todo o dinheiro do mundo, e nunca aceitei pagamento pelas sessões de aconselhamento e hipnoterapia. (Aceitava, sim, o pagamento de despesas pelas palestras e demonstrações.)

Pessoas de todos os estratos sociais vinham ao meu gabinete em busca de ajuda para todos os tipos de problemas imagináveis, mas, se tivesse de escolher um grupo em particular que fazia soar sinos de alegria no meu coração quando eram ajudadas, seriam as muitas jovens mulheres casadas que procuravam hipnoterapia por causa da sua incapacidade de conceber e ter filhos. Mary Anne Randall, de Ashley, Virgínia, é um bom exemplo.

Normalmente uma senhora pequena, a Mary tinha “inchado”, durante os oito anos de casamento, até atingir uns sólidos setenta e dois quilos. À partida, procurava hipnoterapia com o único fim de perder peso, mas, durante as sessões

preliminares de aconselhamento, quando tentei descobrir a causa da sua obsessão pela comida, ela desabafou a frustração pela incapacidade de engravidar. “Ter um bebé”, disse, com nostalgia, “é o maior desejo da minha vida!”

Sugeri então que, se o marido, o Don, sentia tão intensamente o problema como ela, “Traga-o consigo na próxima sessão.”

Tanto a Mary como o Don tinham sido submetidos a exames médicos completos e realizado todos os testes conhecidos pela ciência médica. Não se encontrara qualquer causa para a sua incapacidade de conceber. Ainda assim, os oito anos de casamento tinham sido infrutíferos e, pior ainda, estavam convencidos de que nunca teriam filhos próprios. Na verdade, o Don disse, quando o conheci na sessão seguinte da Mary: “Acho que esta viagem é uma completa perda de tempo, mas, se o senhor acha mesmo que pode fazer um milagre, então estou disposto a deixar-lhe tentar.”

Fazedor de milagres eu não sou! Não possuo quaisquer poderes sobrenaturais e não sou um curandeiro.

Ao preparar-me para hipnotizar a Mary, disse ao Don que não tinha nada a fazer a não ser sentar-se e ouvir enquanto eu aconselhava a esposa. Mas, mais tarde, ao lançar um olhar ao Don, reparei que ele também tinha sido hipnotizado e, assim, aconselhei ambos, enquanto se encontravam em transe profundo. E, aleluia!, umas semanas depois a Mary telefonou de Ashley e gritou, excitadíssima: “Reverendo Jay, estou grávida! Estou grávida!” Hoje, graças a Deus, são os orgulhosos pais da pequena Alice Sandra, uma criança linda, que tive o privilégio de baptizar e dedicar ao Senhor pouco depois do nascimento.

Qual foi o segredo do meu êxito com a Mary e o Don? Nenhum, na realidade. Provavelmente houve muito pouca diferença entre aquilo que lhes disse e o que o médico já lhes dissera. No entanto, pode ter havido um factor decisivo: a maioria das pessoas sob hipnose assimila e responde às sugestões muito mais prontamente do que em estado de vigília.

Em larga medida, o meu trabalho em hipnose era terapêutico, mas chegou um dia em que comecei a sentir-me perturbado com a forma como muitos hipnotizadores usavam a hipnose apenas como acessório do oculto. Além disso, parecia que muitos autores eram eles próprios hipnotizadores ou usavam hipnotizadores numa tentativa de provar que a reencarnação podia, efetivamente, ser comprovada como facto através da hipnose. Eu tinha as minhas dúvidas. De facto, devido à superficialidade das provas apresentadas na maioria dos livros, decidi começar a regredir indivíduos como meio de obter prova de que a hipnose não podia ser usada para tal fim.

Não faltavam voluntários que desejassem ser regredidos, e pude registar vários casos excelentes. A maioria das histórias de vidas anteriores contadas por pessoas em hipnose de forma alguma podia ser interpretada como reflexos de

vidas que tivessem realmente vivido numa época anterior; as contradições eram demasiado inúmeras e demasiado óbvias. Ainda assim, algumas das histórias não só soavam a verdade, como resistiam à refutação em investigações posteriores. Um bom exemplo é o caso de Augie Luft/Eletha Helene Moore.

Augie Luft era uma atraente finalista do ensino secundário, de dezoito anos, que regredi na minha aula de psicologia na Escola Secundária Lynchburg-Clay. Com a aprovação dos responsáveis escolares, tornei-me, provavelmente, o primeiro professor de uma escola secundária em qualquer parte do mundo a praticar hipnose na sala de aula. Hipnotizava quase todas as semanas muitos alunos e professores, mas o melhor sujeito para regressão era a Augie.

A Augie era sonâmbula e, em várias regressões, deitada numa mesa perante a minha turma de psicologia, recordou, a partir dos recantos profundos do subconsciente, uma suposta vida anterior. Embora tivesse contado a mesma história várias vezes ao longo de várias semanas, nunca se contradisse a si própria nem à cronologia dos acontecimentos, apesar de eu ter tentado deliberadamente confundi-la. Não procurava encontrar falhas na história apenas para a envergonhar. Pelo contrário, era imperativo que eu não partisse para a investigação do caso se pudesse determinar, de antemão, que a história não tinha fundamento.

Em estado de regressão, a Augie chamava-se a si própria Eletha Helene Moore, mas preferia o nome Elly, porque "é assim que toda a gente me chama".

A Elly teria nascido a 18 de Março de 1903 e morrido na sequência de um acidente de automóvel, na antiga autoestrada da Pensilvânia entre Lancaster (Pensilvânia) e Filadélfia, a 19 de Março de 1915, enquanto viajava para Filadélfia com o tio George, irmão do pai, que também teria morrido no acidente.

A Elly era filha de Joseph e Ann Moore, que viviam a "uns quinze minutos de carro de Harriston, Pensilvânia". Não tinha irmãos nem irmãs. A sua única companheira de brincadeiras era uma prima direita chamada Arnie, filha de Theodore Moore e da sua primeira mulher, Hellen (ou Ellen). O único outro familiar conhecido da Elly era o tio George Moore. Vizinhos próximos eram o senhor e a senhora Luke Johnson, cujos filhos "já eram todos crescidos e tinham ido embora".

Os Moore, segundo a Elly, "faziam compras na Mercearia Brown, em Harriston, onde o senhor Simmons pregava na igreja metodista". A Elly conhecia também a senhora Anderson e a senhora Smith, a quem "todas as crianças chamavam bruxa velha porque acreditavam que ela matara e cozera o marido numa grande panela no quintal".

A Elly falava muitas vezes das idas a Blainsburg com os pais, "cerca de uma hora de viagem de carroça", onde "fazíamos compras na Mercearia Dawson e na Loja dos Cinco e Dez Cêntimos do Hinkle". Via também, em Blainsburg,

letreiros a anunciar “The Blain Press” e “Sr. R. W. Leeds, Advogado”. O senhor Gray era o pastor da Igreja Metodista de Blainsburg. O senhor Parks era o polícia da cidade. Um senhor Townlinson, Towmlinson ou Tomlinson — “algo assim”, dizia ela — era o presidente da câmara.

Enterrados no cemitério da igreja em Blainsburg, segundo disse a Elly à turma, ao ler as seguintes inscrições em lápides, estavam “James Allen Ruskin, 1818-1864”; “Ellen Kleper, 1889-1904”; “T. S. Wallace, 1864-1898”; “Elias Thompson” (sem datas). A Elly disse também que uma vez tinha ido à igreja em Marysville, “mas ardeu e já lá não está”.

Embora a Augie nunca tivesse vivido na Pensilvânia nem sequer visitado o estado, tinha a certeza de que, como Elly, vivera perto de Harriston (que ela pronunciava sempre “Harristown”). Um dia, após falhar a localização de Harristown no mapa, pedi à Elly que procurasse uma carta que tivesse sido enviada ao pai, para poder ler em voz alta o endereço no sobrescrito. Depois de procurar durante vários minutos, leu: “Sr. Joseph Lee Moore, Route 1, Harristown, Pa.” Quando lhe pedi que soletrasse o nome da localidade, soletrou “H-a-r-r-i-s-t-o-n”. Ao salientar que tinha soletrado “Harriston” e não “Harristown”, respondeu: “Sim, eu sei, mas nós chamamos-lhe sempre Harristown.” E, por estranho que pareça, quando, alguns meses mais tarde, investiguei o caso e perguntei a uma residente de Harriston: “Este lugar chama-se, de facto, Harriston?”, respondeu: “Sim, mas nós chamamos-lhe sempre Harristown.”

O enigma estava apenas a começar. Embora já não haja Moores a viver em Harriston, localizei rapidamente uma senhora idosa que vivia na zona e tinha exatamente o mesmo nome de Elly, e telefonei-lhe a pedir uma reunião para conversar sobre a árvore genealógica da família Moore. Muito simpática e prestável, concordou em ajudar-me no que pudesse. Depois, perguntou: “E por que motivo está interessado na família Moores?”

Informei-a de que procurava saber algo sobre uma Elly Moore que tinha morrido num acidente de automóvel em 1915.

“Não!”, exclamou, de imediato. “Não vou conseguir falar consigo. Eu... eu não me sinto nada bem.” Quando sugeri voltar dali a um ou dois dias, quando estivesse melhor, respondeu, secamente: “Não! Não tenho mais nada a dizer-lhe, hoje ou em qualquer outro dia!”

Aparentemente, eu tocara numa ferida sensível, porque, em momento algum, disse que não conhecia a Elly de que eu falava; e, dado que a sua disposição para conversar se evaporou no instante em que o nome da Elly foi mencionado, só pude conjeturar se não teria havido, em tempos, uma Elly cuja memória fosse demasiado dolorosa para suportar.

Incapaz de descobrir fosse o que fosse sobre a Elly em Harriston ou na área circundante, fui a Harrisburg para consultar os registos de óbito de todas as pessoas com o apelido Moore que tivessem morrido em ou perto de Filadélfia em 1915. Alguns factos muito interessantes vieram à luz.

A Elly afirmara que ela e o tio tinham sofrido um acidente de automóvel a 10 de Março de 1915, no dia a seguir ao aniversário. Supostamente, iam a caminho de Filadélfia quando o acidente ocorreu e a Elly revivia, em lágrimas, o momento trágico em que foi projetada para fora do carro. Deitada numa vala, mortalmente ferida, antes de perder a consciência, descreveu em pormenor o espetáculo horrível do tio a morrer queimado no carro em chamas.

Provavelmente, o testemunho mais convincente apresentado pela Elly quanto à autenticidade da sua existência anterior não foi nada do que disse; foi, sim, o que aconteceu quando supostamente revivia o acidente: o pescoço e o peito da Augie (que, nesse dia, usava um vestido decotado) tornaram-se azul-arroxeados, devido à congestão sanguínea provocada pelo trauma de recordar os momentos finais. O terror e o peso da morte na sala de aula eram de tal ordem que muitos alunos enterraram a cabeça nos braços, sobre a carteira, e choraram. Alguns disseram que pensaram que iam desmaiar.

Com a ajuda da senhora Margret Coldren, examinei os registos de óbito no Departamento de Saúde e Estatísticas Vitais, em Harrisburg. Depressa ficámos a saber que uma Eletha Moore, de 19 anos, morrera a 19 de Fevereiro de 1915. Durante um momento, concluímos que a Elly nos fornecera um registo de prova irrefutável da reencarnação, mas um segundo exame do certificado mostrou que teríamos de ignorar alguns factos simples para sustentar essa afirmação. A Eletha Moore que morrera a 19 de Fevereiro de 1915 era uma jovem negra de dezanove anos que morreu no parto, enquanto a nossa Elly dizia ter sido uma loira de olhos azuis, de doze anos. Poder-se-ia argumentar que a jovem negra era, na realidade, a Elly, ignorando a forma como esta se descrevera e postulando que, na verdade, fora negra e estava grávida; que, numa tentativa de ocultar a gravidez fora do casamento, causa de vergonha e desgraça terríveis na época, teria mentido deliberadamente sobre a raça e a causa da morte.

Seria isso possível? Admitindo que a Elly fosse uma entidade reencarnada na Augie, poderia ela deturpar deliberadamente a verdade? Porque não? Conheci algumas pessoas em regressão que relataram uma vida anterior que as embaraçava quando saíam do transe e que, quando eram novamente regredidas, modificavam certos aspetos da história para a tornar menos embaraçosa em estado de vigília.

Isto levanta uma questão interessante: muitos hipnotizadores insistem em que as pessoas não têm absolutamente controlo nenhum sobre aquilo que possam dizer ou fazer enquanto estão sob hipnose, mas, pela minha experiência, elas não

farão nada sob hipnose que contradiga a sua estrutura moral. Se as pessoas podem abster-se de fazer, em transe, qualquer coisa que viole o seu código moral, então, obviamente, detêm algum grau de contenção e controlo sobre todas as suas ações sob hipnose.

Outras autoridades alegarão que conheceram sujeitos hipnotizados que cometeram atos claramente contrários ao seu código moral. À primeira vista, pareceria que eu teria de concordar com eles, já que também tive sujeitos hipnotizados que disseram e fizeram coisas que pareciam violar aquilo que eu sabia do seu carácter moral. Mas, basicamente, quando pessoas hipnotizadas agem dessa forma, estão apenas a satisfazer desejos sublimados ou reprimidos. A lógica dessas pessoas é: estou em transe e, pela primeira vez na vida, posso fazer o que me apetecer; se as minhas ações forem estranhas, vulgares ou auto-degradantes, posso sempre usar a desculpa de que não sabia o que estava a fazer — estava indefeso, em transe e à mercê do hipnotizador.

Estas conclusões não se baseiam em quaisquer atos imorais ou coisas ditas por antigos sujeitos sob hipnose; antes, como no caso da Elly: se eu saísse da sala enquanto ela estava em transe, por mais profundo que fosse, ela saía imediatamente do transe. E, embora a Dolores e outros sujeitos permanecessem em transe independentemente das vezes que eu saísse da sala, é óbvio que a Augie mantinha alguma consciência do estado de transe, uma vez que a sua mente consciente assumia sempre o controlo imediatamente, quando ficava sozinha, sem o hipnotizador.

Também precisamos de questionar se alguém em regressão hipnótica pode dizer uma falsidade deliberada. Mais uma vez, porque não? Um mentiroso é um mentiroso, um mentiroso, um mentiroso! Levando o raciocínio ao extremo, devemos acreditar que, mesmo na morte, a passagem súbita desta vida para uma "vida depois da vida", no "outro mundo", transforma, automaticamente, uma pessoa mentirosa num santo infalível? É duvidoso! A Bíblia ensina, em Mateus 16:19: "Tudo o que ligares na terra será ligado no céu; e tudo o que desligares na terra será desligado no céu", sugerindo, pelo menos num certo sentido, que uma pessoa que se agarra ao hábito da mentira, nesta vida, manterá esse hábito e a capacidade de o exercer na vida vindoura. O mesmo se aplica à hipnose: uma pessoa hipnotizada pode mentir tão facilmente sob hipnose como em estado de vigília.

Talvez alguém pense que, com este raciocínio, estou a tentar convencer-me de que a Elly viveu, de facto, há mais de meio século, apesar de todas as provas em sentido contrário. Não; acredito que a honestidade e a imparcialidade devem ser os princípios básicos de qualquer investigação, pelo que é imperativo considerar todas as possibilidades, mesmo que isso signifique admitir que a Elly pode ter sido uma jovem negra grávida, em vez de uma loira de olhos azuis, vítima de um acidente. Embora seja verdade que esta hipótese difere da descrição

que a Elly fez de si própria, recordo que o eminente cientista e investigador Dr. Ian Stevenson aplicou uma teoria substitutiva quando, numa investigação, as provas apontavam para uma entidade diferente daquela que supostamente falava do outro mundo.

Em 1973, o Dr. Stevenson relatou, no Journal of the American Society for Psychical Research, que iniciara uma investigação depois de Jacques Brossy, de St. Étienne, França, ter comunicado ter recebido uma mensagem de uma personalidade desencarnada chamada Robert Mary, anteriormente de Villers-sur-Mer, mediante a intermediação de Mme. B. Bricout, uma médium de Paris.

O Robert Mary afirmava ter sido morto na Primeira Guerra Mundial e um notário de Villers-sur-Mer confirmou, mais tarde, que um Auguste Charles Robert Julien Marie (não Mary) tinha, de facto, morrido na Batalha do Marne, a 17 de Setembro de 1914. Mas, quando o Dr. Stevenson concluiu a sua investigação deste caso, os factos pareciam indicar que a entidade que falara através de Mme. Bricout era Louis Ferdinand Marie, irmão de Robert, e não o próprio Robert. O Dr. Stevenson formulou assim as suas conclusões: "Considero um erro grave esperar que uma comunicação de uma mente desencarnada nos chegue com a mesma exatidão de, por exemplo, uma chamada telefónica. Se quisermos usar uma analogia física, parece-me que alguns telegramas truncados que recebi constituem um exemplo melhor. Pode dizer-se que o remetente de tais telegramas teve alguma influência no seu envio e no seu destino, mas um controlo muito fraco sobre o conteúdo efetivo."

No nosso caso, é necessário dar um passo mais além, entrando na investigação dos registos de óbito. Para além de procurarmos um registo de óbito de uma Eletha Helene Moore, procurámos e encontrámos um registo de óbito de um George Moore, que morreu em Norristown, Pensilvânia, a 27 de Março de 1915, apenas oito dias depois do acidente em que a Elly disse que ela e o tio morreram. Norristown fica a menos de dez milhas da rota que a Elly e o tio teriam seguido na viagem para Filadélfia. Parece razoável supor que a Elly possa não ter visto o tio morrer, uma vez que contou tê-lo visto no automóvel em chamas quando perdeu a consciência. É possível que o tio George tenha conseguido libertar-se dos destroços; talvez alguém tenha passado pelo local do acidente, o tenha retirado do carro em chamas e levado para o hospital de Norristown. O registo de óbito revela que morreu de hemorragia cerebral e apoplexia, condições traumáticas que poderiam ter resultado diretamente do acidente.

Não conseguindo encontrar nomes ou datas que coincidissem exatamente com a história da Elly, fizemos uma pesquisa de todos os registos de óbito entre 1910 e 1920, porque a maioria dos investigadores conceituados acredita que as datas fornecidas por personalidades desencarnadas são, por vezes, totalmente

imprecisas. É possível que isso se aplique a este caso, dado que encontrámos um registo de óbito indicando que um George Moore morreu em Filadélfia, vítima de fratura craniana, a 14 de Maio de 1911, na sequência de um acidente de automóvel — mas esse senhor Moore era negro. E ficamos a pensar: seria ele o tio da Elly, admitindo que ela também fosse negra? Obviamente, a menos que surjam novas provas, nunca o saberemos.

Por não termos conseguido localizar o registo de óbito de uma pequena Eletha Helene Moore, loira de olhos azuis, parece importante especular sobre o que pode ter acontecido à Elly após o acidente, sobretudo porque existiam dois George Moores que poderiam ter sido o tio de que falava. Naquela época, poucas raparigas novas transportavam identificação pessoal, como um cartão da Segurança Social ou uma pulseira com o nome, e parece lógico supor que ela possa ter morrido como pessoa desconhecida. Como disse a Elly, "levaram-me inconsciente para um hospital, mas não sei onde era", e pode ter sido enterrada como corpo não reclamado numa das muitas localidades próximas da antiga autoestrada da Pensilvânia entre Lancaster e Filadélfia — possibilidade sugerida pela exclamação dilacerante da Elly no momento da morte: "Ohhhh, a mamã não veio!" Talvez a mamã não tenha ido para junto da cama dela porque não soube que a Elly tivera um acidente, por falta de identificação e devido às fracas comunicações nesses tempos.

Resumindo o caso da Elly, os seguintes factos levaram-nos a considerar seriamente que ela poderia estar a descrever uma vida anterior: 1) a Elly chamava a Harriston "Harristown", uma variação obscura, pouco provável de ser conhecida por alguém que não tivesse vivido lá, visitado o local, vivido nas redondezas ou tivesse familiares na comunidade; 2) deu uma descrição bastante exata da povoação; 3) vivem vários Moores num raio de cinco quilómetros de Harriston, e a Elly dizia viver a quinze minutos de carroça dali; 4) vivia, nas proximidades, uma mulher chamada Eletha Helene Moore, suficientemente idosa para poder ter sido a mãe da Elly e que se recusou a responder a qualquer pergunta sobre uma Elly que pudesse ter morrido em 1915 — talvez tivesse apagado a memória da Elly da sua vida, não sabendo que a filha morrera, mas supondo que fugira de casa; 5) encontrámos o registo de óbito de um George Moore que morreu apenas uma semana depois da data em que a Elly dizia que ela e o tio haviam sofrido o acidente supostamente tinham tido o acidente, possivelmente não muito longe de Norristown; e 6) o registo de óbito do George Moore negro indicava, efectivamente, como causa de morte "acidente de automóvel", a causa da morte da Elly.

A maioria das pessoas que testemunha uma regressão sente as emoções em conflito com a razão, especialmente se hesitar em aceitar a teoria da reencarnação. A maioria das pessoas em regressão conta a história da suposta vida anterior como se a estivesse a reviver naquele preciso momento; a subida da

pressão arterial é real, os problemas respiratórios são reais, a transpiração, os tremores, o choro, o riso, o medo, a dor, o prazer — tudo é real, ou pelo menos aparentemente assim. Isto é verdade mesmo para as pessoas que não têm absolutamente nenhum talento para a representação. Algumas parecem de facto estar a exprimir emoções de forma teatral, mas, em geral, contam a história exactamente tal como emerge do seu subconsciente.

Augie convenceu-me de que havia muito mais, muitíssimo mais nas regressões do que eu julgara possível, e em breve tive provas adicionais em abundância. Ainda antes de ter concluído a investigação do caso Elly, Dolores reviveu em regressão o relato de uma vida anterior enquanto Loreen Tuttle, uma vida supostamente vivida na aldeia rural de Springfield, no Indiana, antes da sua suposta encarnação como Gretchen.

Dolores nunca tinha estado no Indiana, muito menos vivido em Springfield. Até hoje nunca foi mais a oeste do que o Ohio, e, no entanto, enquanto estava em transe hipnótico a centenas de quilómetros de distância, descreveu Springfield com uma precisão desconcertante — uma comunidade de apenas uma dezena de casas, situada a vários quilómetros de qualquer estrada principal.

Quando Loreen emergiu do subconsciente de Dolores, quis encontrar a prova de que Loreen tinha de facto existido, e por isso lancei-lhe o desafio: «Como posso saber que estás viva, que vives em Springfield? Vês bem, Loreen, posso ouvir-te, mas não posso ver-te, portanto como sei que não és apenas um produto da imaginação de Dolores?»

«Tudo o que tens de fazer», respondeu ela com uma voz débil e enfermiça, «é ir a Springfield e ver por ti próprio.» Depois acrescentou as instruções: «Se te colocares no cruzamento no centro da aldeia, verás a Igreja Metodista de São Paulo e a Escola de Springfield na esquina à tua esquerda. Depois, se caminhares pela estrada passando a igreja e a escola cerca de cem jardas e olhares para a tua direita, verás um pequeno bosque de árvores. No bosque há um pequeno cemitério, e o meu irmão, Johnnie, está enterrado lá.»

Quando fui a Springfield — situada no condado de Posey, no sudoeste do Indiana — e me coloquei no cruzamento conforme ela me indicara, não vi sinal algum de uma igreja ou de uma escola. Perto do local onde a igreja deveria estar encontravam-se os restos de um velho edifício, mas não parecia ter sido uma igreja. Convicto de que a minha deslocação tinha sido inútil, saí de Springfield com a intenção de regressar a casa depois de perguntar a alguns residentes locais se conheciam alguma família Tuttle na zona, no presente ou no passado. Ninguém tinha ouvido falar dos Tuttle, e também não encontrei qualquer prova da sua existência no tribunal de Mount Vernon, a sede do condado.

A minha pesquisa foi pouco aprofundada, pois o funcionário do registo estava ausente para as férias do Dia de Ação de Graças e não havia ninguém

disponível para me ajudar a consultar os certificados de nascimento e óbito. Ainda assim, algo me dizia que não devia partir demasiado depressa. Afinal de contas, Loreen sabia da existência de Springfield, uma pequena aldeia a vários quilómetros de uma estrada principal, e tinha acertado quanto ao cruzamento. Talvez Springfield guardasse mais do que os olhos podiam ver.

Procurei a ajuda de um pastor metodista que tinha vivido naquela zona durante a maior parte da sua vida e que então residia na estrada entre Mount Vernon e Springfield. «Sim», disse ele, «tinha havido uma igreja metodista em Springfield, e sim, ficava na esquina do cruzamento, mas ardeu até ao chão em 1920.»

Essa informação intrigou-me profundamente, porque Dolores só nasceu em 1922 e nunca tinha estado no Indiana; e, no entanto, deitada em transe a centenas de quilómetros de distância, contou-me que assistia a serviços religiosos nessa mesma igreja — uma igreja que fora destruída pelo fogo dois anos antes de ela ter nascido. Como conseguiu ela fazê-lo? Seria realmente verdade que a reencarnação era um facto e não uma fantasia? Era improvável que Dolores soubesse da existência da igreja mesmo que tivesse visitado Springfield em algum momento, pois não havia sinal visível de uma igreja. Concluí que era realmente com Loreen que eu havia falado!

Rapidamente agradeci ao pastor e regressei ao cruzamento em Springfield, onde passei a contar cem jardas, conforme Loreen me indicara. E, de facto, os velhos restos do edifício que ali permaneciam tinham sido a antiga Escola Secundária de Springfield.

«Noventa e oito, noventa e nove, cem», contei, e olhei para a minha direita enquanto caminhava pela estrada. Efetivamente, havia um bosque de árvores a uma curta distância mais acima na encosta do campo. Da estrada era impossível saber se continha um cemitério. Trepei a vedação e avancei pelo meio de ervas altas até aos joelhos, com uma ambivalência enorme. Estava quase certo de que encontraria o túmulo de Johnnie, o que representaria um passo gigantesco na prova da teoria da reencarnação, ou pelo menos para determinar se a reencarnação podia ser estabelecida como facto através da hipnose.

Tinha ido a Springfield à procura de provas. No fundo do coração havia um desejo sublimado de não encontrar nenhuma, embora me sentisse tomado por uma estranha excitação. Uma coisa estava clara para mim: se não me tinha estado a iludir, se de facto procurava conhecer a verdade, em breve saberia, porque o cemitério estava onde Loreen dissera que estaria. Apressadamente procurei a lápide que ela afirmava marcar o túmulo de Johnnie, mas nenhuma tinha o seu nome, nem havia qualquer outra com o apelido Tuttle.

Teria Loreen acertado em tudo o resto e errado apenas neste ponto?

Tinha sido um dia húmido e chuvoso, e quando me preparava para sair do cemitério após uma segunda pesquisa mais metódica, tropecei numa touceira de relva coberta de musgo. Arranquei-a, e eis que parecia que tinha desenterrado uma lápide soterrada. Arranjei um pau e escavei furiosamente, e logo a seguir levantei uma lápide muito, muito antiga da sua cova debaixo da erva. Não era a de Johnnie.

Mas já tinha visto o suficiente. O cruzamento, a igreja, a escola, o cemitério e a própria aldeia indicavam que Dolores/Loreen me tinha fornecido informações em primeira mão sobre Springfield. Mesmo não tendo localizado o túmulo de Johnnie, era lógico que, se uma lápide tinha tombado e ficado soterrada sob a relva, o mesmo podia ter acontecido à lápide de Johnnie. Uma pesquisa mais aprofundada estaria em ordem numa ocasião mais oportuna.

Estava agora convicto de que Loreen me tinha fornecido informações pertinentes, o que foi corroendo ainda mais as minhas dúvidas sobre a possibilidade de refutar a teoria de que a reencarnação podia ser provada através da hipnose.

Isso também me convenceu de que, se Loreen podia falar através de Dolores, então Gretchen também o podia fazer, mesmo numa língua estrangeira, mesmo numa língua que Dolores nunca tinha aprendido. E embora presentemente não haja forma de saber com certeza como uma entidade reencarnada pode falar através de uma pessoa viva — como uma entidade incorpórea como Gretchen pode encarnar e assumir o controlo do mecanismo vocal de Dolores e fazê-la falar uma língua contrária a tudo o que aprendeu — o facto é que pode ser feito, e foi feito!

Alguns insistirão em que não há mistério algum, que é simplesmente uma das facetas estranhas do hipnotismo, que confere a uma pessoa em hipnose a capacidade de fazer coisas estranhas e admiráveis. É verdade que as pessoas em estado de transe conseguem fazer coisas que pensavam não conseguir, mas as pessoas em transe não adquirem novas capacidades; as coisas novas feitas sob hipnose são apenas a manifestação de talentos latentes — a capacidade sempre esteve presente, mas nunca havia sido utilizada anteriormente. Porém, isto não se aplica ao ato de falar línguas.

Os recém-nascidos normais têm a capacidade de falar mais do que uma língua. Podem e vão imitar qualquer língua falada na sua presença ao longo de um período de tempo. Mas sem a presença de alguma influência paranormal, uma criança não consegue naturalmente falar uma língua que não aprendeu. Tampouco uma pessoa sob hipnose.

O Dr. Ian Stevenson afirma no seu livro *Xenoglossy* que «a capacidade de falar uma língua estrangeira é uma competência, que as competências não podem ser adquiridas sem prática e não podem ser transmitidas nem de forma normal

nem paranormal». Isso equivale a dizer que uma pessoa que fala uma língua estrangeira pela primeira vez, sem a ter estudado nem praticado a sua pronúncia, é necessariamente ou a encarnação viva de um ser anterior ou alguém sob a influência de outra personalidade que havia aprendido a língua anteriormente. As pessoas podem receber mensagens por telepatia, mas mesmo os que recebem tais mensagens, embora possam articular as palavras de forma suficientemente percetível, não conseguem pronunciá-las com a clareza e a entoação corretas. Mais importante ainda, não conseguem participar na troca e no confronto de uma conversa ou interrogatório se estiverem totalmente dependentes de mensagens recebidas por telepatia.

Certamente que eu não acreditava na reencarnação, nem havia anteriormente ponderado com seriedade a possibilidade de Dolores ser a reencarnação de Loreen ou de Gretchen; mas agora — acreditem, havia muito em que pensar.

O simples facto de pensar que a reencarnação era uma realidade era doloroso. Contrariava tudo em que alguma vez acreditei. Pior ainda: enquanto pastor da Igreja Cristã, conseguia antever problemas de proporções enormes com os meus paroquianos, os meus superiores e o público em geral. Deus sabe que não era um cruzado. Não tinha qualquer desejo de abrir novos caminhos por mera glória pessoal. Queria apenas ajudar a manter o estado das coisas no pensamento cristão, que negava totalmente a existência da reencarnação. Tinha tentado viver de acordo com a Palavra de Deus, e Jesus dissera: «Se vós permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará» (São João 8:31-32).

Mas, a sério — qual era afinal a verdade? Para mim, havia apenas uma forma de o descobrir: hipnotizar e regredir Dolores e, se necessário, submeter as nossas vidas a uma investigação exaustiva.

Ao regressar a casa de Springfield, contei a Dolores as minhas descobertas e conclusões. Mas quando sugeri que ela se submetesse a novas regressões para podermos investigar mais aprofundadamente a personalidade de Gretchen, ela recusou. A simples ideia de tornar a nossa vida um livro aberto repugnava-lhe, e a perspetiva de enfrentarmos críticas abertas e censura por parte de líderes da Igreja assustava-a tremendamente. A controvérsia era-lhe repugnante, especialmente a alguém tão sensível e com tão forte desejo de levar uma vida privada e discreta.

Mas havia algo no caso Gretchen que não nos deixava desistir, e continuei a regredir Dolores depois de termos passado alguns dias a discutir todos os aspetos do caso e a concordar que aparentemente não tínhamos outra escolha. Pareceu-nos que o destino tinha traçado o nosso rumo. Por que razão, perguntávamo-nos, nos havia o destino unido em primeiro lugar? Teria sido o destino a decretar que

nos encontraríamos quando éramos pouco mais do que crianças? Que forças estavam em ação e nos aproximaram quase trinta e cinco anos antes — ela uma sonâmbula e eu um futuro hipnotizador, embora nessa altura eu nunca tivesse sonhado em tornar-me hipnotizador?

Francamente, eu era o miúdo mais bruto e mais violento da cidade. Cada dia era vivido para jogar à bola ou para brigar. À noite, porém, era outra história. Deitava-me na cama e sonhava com o dia em que estaria no púlpito a proclamar a Palavra de Deus, a servir os doentes, os pobres, os necessitados. Seria, então, providência divina que nos encontrássemos e que um dia fôssemos chamados a trazer Gretchen ao mundo e a conduzir a investigação daí resultante?

Dolores e eu não subscrevemos a teoria do predestinacionismo em matéria de vida e morte, mas acreditamos que os planos de Deus são muitas vezes traçados muito antecipadamente. Se cumpriremos esses planos depende de nós. Somos criaturas dotadas de livre-arbítrio, e podemos ou submeter a nossa vontade à vontade de Deus — os Seus planos para nós — ou interromper o nosso caminho e traçar o nosso próprio rumo independentemente d'Ele e da Sua vontade. Dolores e eu, depois de muitas longas horas de joelhos a buscar o Senhor em oração e em exame de consciência pessoal, concluímos que esta era a vontade de Deus para nós.

Discutimos os casos de Gretchen e de Loreen com centenas de pessoas, mas nessa altura ainda não tínhamos pensado em trazer um investigador externo. Depois, um dia, novamente de forma providencial, li no número de Março de 1971 da revista *Psychic* uma afirmação do «espantoso Kreskin» segundo a qual «a hipnose, tal como vós e eu e toda a gente pensam nela, na verdade não existe». Acrescentava: «Acredito nisso muito profundamente e tenho uma proposta permanente de vinte mil dólares para qualquer médico, psicólogo ou hipnotizador leigo que me consiga mostrar que um único ser humano, em qualquer momento, está em transe hipnótico.»

Escrevi à *Psychic*, desafiei Kreskin e aguardei que ele indicasse o local e a data em que o teste poderia ser realizado. Esperei em vão — Kreskin não respondeu à minha carta. Voltei a desafiá-lo a 16 de Julho e a 26 de Agosto. Ainda assim, ele não respondeu.

Na manhã de 15 de Outubro de 1971, disse a Dolores: «Vamos a Cincinnati e vamos à estação de televisão WLW-TV. Algo me diz que Kreskin vai estar hoje no programa 50-50 Club do Bob Braun.» O meu sexto sentido estava em forma. Kreskin iria de facto aparecer no programa. Infelizmente chegámos tarde demais para ver quer ele quer Bob Braun pessoalmente antes de entrar no ar. Mas Richard C. Thrall, Diretor de Programação Televisiva, aceitou entregar pessoalmente a Kreskin uma carta que eu tinha escrito, desafiando-o pela quarta vez. O Sr. Thrall escreveu-me mais tarde numa carta: «Entreguei a sua carta a

Kreskin e ele reconheceu no ar que havia recebido os seus desafios, mas pelos comentários que fez em direto, não parecia ter intenção de honrar os desafios que havia aceite e que lançara numa publicação de revista.»

Kreskin respondeu finalmente às minhas cartas a 23 de Novembro de 1971 e expressou pesar pela demora na resposta. Em suma, explicou que compromissos profissionais e uma acumulação de correspondência televisiva o tinham impedido de tratar o correio em atraso. A essa altura pouco importava para mim: estava novamente hospitalizado com outro ataque cardíaco, obviamente incapaz de desafiar alguém.

Quando Kreskin soube da minha situação, fez chegar uma mensagem expressa de sincera preocupação com o meu bem-estar, acrescentando que em boa consciência não podia, naquele momento, permitir que eu enfrentasse o stress de defender o meu desafio num fórum público. Fiquei-lhe grato pela gentileza.

Desde então concluí que seria insensato desafiar alguém sobre hipnose. A hipnose é uma arte e uma ciência, mas não pode ser medida cientificamente. Certamente pode ser demonstrada e pode parecer um facto a qualquer pessoa que assista a um sujeito em transe a responder às ordens de um hipnotizador; e é aceite como facto absoluto por todos os que experienciaram os seus maravilhosos poderes curativos.

Embora Kreskin tenha o direito de acreditar no que quiser, sou da opinião de que, enquanto hipnotizador de palco, não teve tempo para praticar e desenvolver a arte até ao seu pleno potencial. Os hipnotizadores de palco devem, pela natureza da sua profissão e devido às limitações de tempo, selecionar para os papéis em palco as pessoas mais suscetíveis à sugestão e confiar em que estas respondam automaticamente a sugestões simples e executem truques que agradem ao público. Os praticantes sérios nunca têm pressa, nem atuam para os espectadores. A hipnose nunca foi concebida para ser usada como um artifício de espetáculo de palco.

A minha correspondência com Kreskin foi proveitosa. James Grayson Bolin, proprietário e director da revista *Psychic*, enviou uma cópia da minha carta ao Dr. Stevenson, que por sua vez entrou em contacto comigo e combinou vir a nossa casa no dia 2 de Setembro de 1971. Fez-se acompanhar por Welby Mason, advogado e assistente de investigação.

O Dr. Stevenson é um académico alto, anguloso e de fala pausada, então nos seus finais dos cinquenta anos. E se alguém estava qualificado para investigar o caso Gretchen, era ele. Licenciado em Medicina pela Universidade McGill, em Montreal, trabalhou durante vários anos como investigador em psiquiatria e autor antes de se interessar pela reencarnação e aceitar a presidência do Departamento de Psiquiatria e Neurologia da Faculdade de Medicina da

Universidade da Virgínia. Hoje é Professor Carlson de Psiquiatria e responsável pela Divisão de Parapsicologia da Universidade. Além disso, fala alemão.

Após as amabilidades habituais e uma breve conversa sobre a nossa vida e o caso Gretchen, hipnotizei Dolores. Quando o transe estava suficientemente profundo, perguntei: «Qual é o teu nome?»

Sempre lenta a responder em estado de transe, Dolores pareceu invulgarmente lenta nessa noite. Tinha receado entrar em transe perante um cientista tão eminente. «E se Gretchen não aparecer», preocupara-se ela, «vou ficar com tanta vergonha. Além disso», acrescentou como lembrete, «eu sempre fui contra isto!»

E isso era verdade até certo ponto. Dolores tinha relutado em deixar o Dr. Stevenson vir a nossa casa, ainda que já tivéssemos decidido levar este assunto até à sua conclusão definitiva. «Afinal de contas», argumentei, «podemos ter desperdiçado muito tempo e investigação em nada — talvez o caso Gretchen não tenha substância alguma — mas nunca saberemos realmente até que autoridades qualificadas tenham examinado o caso do princípio ao fim.»

«Bom, talvez», disse ela. «Talvez se deixarmos o Dr. Stevenson interrogar Gretchen apenas uma vez, ele rapidamente conclua que não consigo de facto falar alemão e possamos então pôr fim a estas regressões.»

Voltei a perguntar a Dolores em transe: «Qual é o teu nome?»

Humedecendo os lábios e sorrindo levemente, falou com voz de menina: «Ich bin Gretchen.»

«Gretchen, qual é o teu apelido?»

«Gottlieb.»

«Quantos anos tens, Gretchen?»

«Neun.»

Aliviado por a nervosidade de Dolores não a ter impedido de entrar em estado de sonambulismo, olhei para o Dr. Stevenson e acenei com a cabeça. «Prepare-se para assumir.» A Dolores disse: «Gretchen, sabes que não consigo falar a tua língua, que tenho de te fazer sempre as perguntas em inglês, mas esta noite tenho aqui um amigo que fala a tua língua, e quero que fales com ele e respondas a todas as perguntas dele.»

Nervosa, Gretchen perguntou: «Wer ist das Freund? [Quem é o amigo?]»

Inclinando-se para a frente, o Dr. Stevenson pediu: «Wiederholen Sie das. Sprechen Sie das noch mal [Repita isso. Diga isso outra vez.]»

«Ist Freund? [É amigo?]»

«Ist Freund. Ja, ja, ich bin ein Freund. Wo wohnen Sie jetzt? [É amigo. Sim, sim, sou um amigo. Onde mora agora?]»

«Ich lebe in Eberswalde. [Vivo em Eberswalde.]»

«In Eberswalde. Ja, und ist das in der Nähe von einer anderen Stadt? [Em Eberswalde. Sim, e fica perto de outra cidade?]»

«Darmstadt.»

«Darmstadt. Und in welchem Land ist Darmstadt? [Darmstadt. E em que país fica Darmstadt?]»

«Deutschland. [Alemanha.]»

«Ja, und also wohnen Sie in einer Strasse? [Sim, e portanto, mora numa rua?]»

Durante esses primeiros momentos de conversa entre o Dr. Stevenson e Gretchen, estive atento a cada palavra, ainda que pouco entendesse do que era dito. Depois, olhando para Welby Mason, relaxei com um suspiro de alívio quando ele piscou o olho e acenou afirmativamente com a cabeça.

À medida que o Dr. Stevenson continuava a conversar com Gretchen, os meus sentimentos ambivalentes regressaram. De certa forma, queria que aquilo fosse genuíno, porque tínhamos sido forçados a suportar consideráveis gozações e até difamação descarada. Mas se Dolores estava a falar alemão de verdade, se estava a contar uma vida vivida há muito tempo atrás, não estaria ela a depositar no meu colo uma prova incontestável da reencarnação? Como poderia eu explicar isso? Seria algum dia pedido pelo meu bispo que entregasse as minhas credenciais ministeriais? «Meu Deus, não!», orei. «Nunca deixes que isso aconteça.»

Suavemente, o Dr. Stevenson perguntou: «Und wie heisst Ihr Vater? [E qual é o nome do teu pai?]»

«Hermann.»

«Hermann. Ja, und was für einen Beruf hat er? [Hermann. Sim, e qual é a sua profissão?]»

Mostrando sinais de nervosismo, Gretchen respondeu: «Mein Vater ist der Bürgermeister. Mehr sagen sehr ist schlecht, verboten! [O meu pai é o presidente da câmara. Falar mais é muito mau, proibido!]»

«Nein», contrariou o Dr. Stevenson, esperando acalmá-la, «es ist nicht verboten. Wer hat das verboten? [Não, não é proibido. Quem o proibiu?]»

«Der Bundesrat [O Conselho Federal]», sussurrou ela.

«Wer—»

«Der Bundesrat! Sie hören zu [O Conselho Federal! Estão a ouvir.]»

Gretchen estava aterrorizada com o Bundesrat. Quando se referia a ele, punha habitualmente o dedo indicador sobre os lábios franzidos e falava em sussurro.

O Dr. Stevenson interrogou Gretchen durante mais de uma hora, e ela respondeu a todas as perguntas, geralmente com uma palavra ou uma frase curta. Ficou muito satisfeito, extraordinariamente satisfeito, e afirmou de forma inequívoca que, caso não conseguisse encontrar razões para acreditar que Dolores tinha aprendido a língua, este caso seria de uma importância tremenda: um potencial caso de xenoglossia responsiva — a capacidade de falar uma língua estrangeira sem a ter aprendido. Tanto quanto ele sabia, havia apenas um outro caso de uma pessoa em hipnose com essa capacidade que tinha resistido a um escrutínio científico rigoroso.

A capacidade de falar uma língua não aprendida ronda o milagroso, mas parece-me que seria ainda mais improvável que uma pessoa pudesse estar em transe com os olhos fechados, sem receber pistas visíveis (como na leitura labial) sobre o significado de uma palavra ou de uma frase proferida numa língua estrangeira, e ainda assim compreender as palavras ditas. Isso pareceria não apenas improvável, mas impossível, especialmente quando a pessoa que ouvia a língua nunca antes havia tido qualquer prática em ouvi-la.

Sempre pensei que a minha Dolores era especial, mas até àquela noite com o Dr. Stevenson nunca tivera ideia de quão especial ela realmente era.

CAPÍTULO IV

O PORTAL CELESTIAL

Os rigores das minhas numerosas e variadas atividades pesavam sobre o meu coração, forçando-me a demitir-me do cargo de professor e a limitar o número de aparições públicas e sessões de aconselhamento que normalmente tinha por semana. Mas a minha família e eu estávamos felizes apenas por servir a Igreja e as poucas pessoas que tratava terapeuticamente de forma seletiva.

Uma senhora que precisava desesperadamente de ajuda era Polly Martin. Ela e o marido, Desmond, tinham-se tornado amigos muito queridos durante os quatro anos do nosso pastorado em Greenbush. Polly tinha sido hospitalizada por causa de uma unha encravada, uma operação aparentemente inócua, mas devido a diabetes mellitus o dedo não cicatrizava, e o médico informou-a de que, nas circunstâncias, teria de lhe amputar o pé pelo tornozelo.

Polly era uma mulher com ideias próprias, e insistiu em ter alta imediata do hospital. Duas semanas depois, a nossa filha mais nova, Mary Jo, foi com uma amiga visitar Polly a sua casa em Williamsburg e voltou para casa com lágrimas

nos olhos. «Papá, gostava que fosses ver a Polly; ela está horrível! Perdeu tanto peso, e, papá, já nem penteou o cabelo.»

Quando vi Polly nessa tarde fiquei chocado. Estava deitada num sofá estofado na sala de estar, uma sombra do que tinha sido, o cabelo despenteado, a tez amarelada em torno de olhos fundos e com olheiras negras, sem qualquer brilho.

Pouco depois da minha chegada, Desmond ajudou-a a retirar uma toalha com que tinham enfaixado o pé, revelando o dedo infetado, que se tinha transformado numa massa negra e apodrecida de tecido gangrenado. Lutando para dominar a náusea que me assaltou, sugeri que voltasse imediatamente ao médico.

«Não», disse ela melancolicamente, «ele diz que não há mais nada a fazer senão amputar.» Reagiu com desafio. «Mesmo que me custe a vida, nunca vou concordar com isso!»

Depois de os visitar durante uma hora mais ou menos, orei com Polly antes de me dirigir à porta, na esperança de chegar a casa a tempo de ver os últimos três quartos do Super Bowl V, mas quando tentei alcançar o puxador da porta, o braço não se mexeu — era a mesma experiência que havia vivido com Dolores e com o Velho Joe, uma experiência que me obrigou a considerar muito seriamente que uma força sobrenatural tinha imposto a sua vontade sobre a minha, impedindo-me de sair da divisão. ´

Foi uma experiência estranha, e fiquei ali a dobrar os dedos durante bastante tempo, a tentar desesperadamente alcançar o puxador, mas sem conseguir. Voltei a sentar-me, a conversar e a orar com Polly e Desmond durante mais uma hora inteira, esperando poder sair desta vez sem interferências — pelo menos poderia ver o segundo tempo do grande jogo.

Quando me aproximei novamente da porta, continuou a ser impossível: a mão não se movia em direcção ao puxador. Por um momento fiquei ligeiramente perturbado, possivelmente porque depois do meu primeiro fracasso ao tentar sair o braço estava perfeitamente normal enquanto estava sentado a conversar com a Polly. Um pouco confuso e incomodado pelo olhar interrogativo de Polly e Desmond, resolvi fazer o que tinha a fazer, por isso fui até Polly e anunciei: «Nunca antes me ofereci para hipnotizar alguém a menos que essa pessoa tivesse primeiro procurado os meus serviços, mas, Polly, precisas de ajuda, e a menos que me ordenes que saia e não volte, vou ajudar-te. Agora deita-te e relaxa. Isso mesmo», disse encorajadoramente enquanto ela respondia surpreendentemente sem comentário. «Relaxa completamente, e dentro de alguns minutos vais adormecer profundamente, a dor vai desaparecer e vais descansar confortavelmente.»

À medida que Polly aceitava cada sugestão sem questionar, continuei a induzir a hipnose, e uma sensação maravilhosa de paz inundou-me a alma — o Espírito Santo estava presente naquela divisão, e sabia que o Senhor abençoava os meus esforços. Tão absorto estava em ministrar a Polly que me tinha esquecido completamente de Desmond, e quando olhei para cima e vi os seus olhos penetrantes pregados em mim, um leve temor perturbou a serenidade daquele momento. Forçando rapidamente um sorriso e esperando que ele não levantasse objeções, expliquei, tentando tranquilizá-lo: «A Polly está bem, Desmond. Está apenas a dormir, nada mais, nada menos. E ficará a dormir até às dez ou dez e meia desta noite.»

Para meu desconforto, ele não mostrou qualquer expressão, positiva ou negativa, e apressei-me a acrescentar: «Agora, Desmond, depois de ela acordar sentir-se-á melhor, muito, muito melhor. Não haverá quaisquer efeitos secundários, pois todos os efeitos da hipnose se terão dissipado.»

Então, pela primeira vez, os olhos fixos e penetrantes de Desmond desviaram-se de mim para Polly, e depois de volta para mim. «Ela vai ficar bem, Desmond», continuei, esperando um lampejo de confiança naquela face impassível que me deixava tremendamente desconfortável. «Agora, depois de ela acordar, se vocês quiserem, telefonem-me e eu volto para a colocar em transe novamente. Na próxima vez levará apenas alguns segundos, mas para vosso benefício e para a saúde dela, dormirá profundamente a noite toda; terá a sua primeira noite de sono tranquilo em muito tempo.»

Após uma breve oração, dirigi-me à porta, abri-a e parti para casa, grato por Polly estar a descansar confortavelmente e por poder ver o último quarto do jogo que esperara o ano inteiro para ver.

Às onze horas dessa noite, Polly telefonou. Dolores atendeu o telefone, e soube pelo brilho nos seus olhos que Polly estava radiante. Dolores disse que nunca tinha ouvido alguém que parecesse tão feliz. Polly agradeceu ao Senhor, ao pastor e a Mary Jo. «Dormir!», cantou ela em êxtase. «Nunca soube que podia ser tão bom.»

Às onze e um quarto dessa noite regressei para ministrar a Polly, e de novo na noite seguinte e na outra, todas as noites durante as duas semanas seguintes, para a voltar a hipnotizar. Fiquei contente por ela começar a parecer-se com o que era antes: limpa, penteada e feliz! Tinha boas razões para estar feliz: a massa gangrenada de tecido apodrecido no dedo fora substituída por carne nova, de um rosa suave; restava apenas uma crosta no lugar da unha que faltava.

«Polly», sugeri, «amanhã deves voltar ao teu médico.»

«Não!», rebelou-se ela, em coro com Desmond. «Não vou! Já não preciso dele!»

«Mas precisas!», contrarieis. «Não sou médico, e precisas de estar sob cuidado e supervisão de um médico. Na verdade, Polly, deixarei de te tratar se não o fizeres — não trato ninguém que não esteja sob o cuidado atento de um médico qualificado.»

Quando Desmond levou Polly ao médico no dia seguinte, o médico desembrulhou o dedo e recostou-se na cadeira, exclamando: «Não! Não acredito! É impossível!» Depois, olhando para Polly com admiração: «O que aconteceu? O que fez?»

«Acredita na oração?» Ela sorriu picarescamente.

«Sim, claro, mas—» Gaguejou e ficou a olhar para o dedo dela, abanando a cabeça. «Não pode ser! Há mais qualquer coisa. Tem de haver!»

«Bom», aventurou Polly com cautela, «o que pensa da hipnose?»

«Ótimo!» Riu ele. «É excelente, mesmo excelente, se puder pagar.»

«Oh, posso pagar», respondeu Polly, «o meu pastor fá-lo sem cobrar.»

«Oh, não!» O médico recuou chocado e protestou: «Isso é obra do Diabo!»

Claro que tudo pode ser usado para o bem ou para o mal, e reconheço que muitos charlatães usaram a hipnose de forma degradante, mas na altura o médico achava que era bom, até excelente, quando supôs que um dos seus colegas tinha realizado o serviço, presumivelmente mediante uns honorários avultados. Se, como deu a entender, eles se tinham sujeitado a uma prática maléfica — maléfica apenas por terem deixado que eu realizasse o serviço sem cobrar — que assim fosse. Em abono da sua honra, talvez tenha pensado que estavam a lidar com um principiante, o que nunca é boa prática.

Para ter a certeza de que a cura do dedo do pé de Polly e a melhoria geral do seu estado de saúde não eram meramente temporárias, insisti para que ela fizesse um exame físico completo com o Dr. Sanford R. Courter, em Cincinnati. Após o exame, o Dr. Courter declarou-a com excelente saúde. «Mas, doutor», perguntou Polly, «e a minha diabetes?» Ele respondeu com as sobrancelhas erguidas, surpreendido por ela ter levantado a questão: «Que diabetes? O seu nível de açúcar no sangue está completamente dentro dos valores normais.»

Polly e Desmond estavam extremamente felizes, e eu sentia a satisfação de saber que o Senhor me havia dado um talento para ser usado em ajudar a aliviar o sofrimento; mas dois meses mais tarde foi novamente necessário ir a casa de Polly e administrar hipnose e induzir analgesia, porque Polly voltou a ferir o pé ao tropeçar numa grande pedra ao crepúsculo.

Quando o tratamento ficou concluído, Polly e eu regressámos à sala de estar. Uma vizinha tinha chegado para fazer companhia a Desmond, com um ar que parecia trazer consigo todo o ódio do mundo. Assim que entrei na divisão,

ela começou a vociferar, acusando-me de ser advogado do diabo e pior ainda: de praticar feitiçaria sobre a Polly. O mais triste de tudo foi que nem Polly nem Desmond fizeram qualquer tentativa de a calar ou de me defender da sua diatribe ímpia.

Foi então que percebi que começava a crescer uma hostilidade contra mim e contra o meu uso da hipnose. Com o coração pesado, respondi: «Lamento, lamento imensamente, que se sinta dessa forma. Tentei apenas trazer saúde e felicidade a Polly, e se até isso vos ofende, então não tenho mais nada a dizer-vos.» Saí de casa deles nesse dia com o espírito destroçado, para nunca mais voltar.

Tinha ido longe demais para recuar. O meu ministério através da hipnose havia beneficiado maravilhosamente centenas de pessoas necessitadas, e no meu coração ardia um desejo profundo de prestar serviço ao meu semelhante através do que eu sabia ser um talento dado por Deus. E sim, isso incluía o uso da regressão e a investigação da reencarnação.

Embora uma crença na reencarnação fosse incompatível com o meu pensamento religioso, o simples facto de ser uma crença religiosa de considerável antiguidade fez-me perceber que merecia pelo menos um estudo sério. Também me interroguei sobre como 300 milhões de budistas e 250 milhões de hindus poderiam ter sido induzidos em erro ao longo de todos esses séculos por uma crença sem substância; e, sabendo que a teoria da reencarnação estava presente no pensamento de muitos judeus no tempo de Cristo na terra, perguntei-me por que razão Ele não a havia refutado, falando contra ela, se era de facto uma coisa tão terrível em que acreditar. Certamente que os Apóstolos sabiam que essa crença era prevalente no seu tempo. Chegaram mesmo a informar Cristo de que conheciam certas pessoas que acreditavam firmemente nela, como claramente se depreende da resposta que deram à pergunta feita por Jesus: «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?»

«Uns dizem», responderam, «que é João Baptista; outros, que é Elias; e outros ainda, que é Jeremias ou um dos profetas...»

Pensemos por um momento nesta resposta. Os Apóstolos sabiam que Moisés e Elias e todos os profetas (exceto João Baptista, que então aguardava a execução) tinham seguido o caminho de toda a carne muitos longos anos antes, e todavia aqui expressavam o pensamento de muitas pessoas: que Moisés, Elias ou um dos profetas havia regressado à vida no homem que era conhecido como Jesus. Isto coloca a questão: como poderiam os Apóstolos ter explicado a presença de Moisés e dos outros em Jesus, senão pela teoria da reencarnação?

A título de parêntese, é necessária uma palavra de explicação sobre como a reencarnação acontece. Na sua essência, a reencarnação implica a transmigração da alma após a morte para o corpo de outra pessoa que há de nascer neste mundo.

Por exemplo, quando Deus decidiu vir à terra como ser humano, o Espírito Santo entrou no ventre da Virgem Maria e nasceu como Jesus Cristo, que se tornou Deus em carne. Apenas uma vez veio Deus à terra em forma humana; daí que falemos do Seu nascimento como a Encarnação.

Da mesma forma, muitos acreditam que, sendo a alma humana imortal e continuando a viver, quer nesta vida quer na vida futura, a alma em forma de espírito, dotada de conhecimento e vontade, no esforço de atingir a perfeição (tornando-se melhor e melhor a cada encarnação) escolhe o zigoto de uma fêmea grávida e renasce (reencarna) através dela.

Embora os Apóstolos tenham declarado claramente que «alguns [outros] dizem» que Jesus podia ter sido uma entidade reencarnada, permitam-me sublinhar e enfatizar fortemente que, ainda que o conhecimento da crença na reencarnação esteja (estivesse) presente na Bíblia, Jesus não a ensinou! Embora lhe tenham sido dadas várias oportunidades, Ele não a refutou nem a negou.

Antes, parece ter simplesmente deixado a questão passar como parte das ideias aceites por muitos como verdadeiras naqueles dias. Terei mais a dizer sobre este aspeto específico do pensamento de Jesus num capítulo posterior. Por agora, note-se que tanto o Eclesiastes como os Salmos sugerem fortemente que a ideia era prevalente no pensamento judaico muito antes do tempo de Cristo.

Eclesiastes 6:6 diz: «Mesmo que viva dois mil anos, se não gozou o bem, não vão todos para o mesmo lugar?»

Salmo 126:6 diz: «O que saiu chorando, levando a preciosa semente, voltará com alegria, trazendo os seus molhos.»

Até o renomado historiador judeu Flávio Josefo fez referência a ela como se fosse um pensamento corrente, quando escreveu em *De Bello Judaico* (2:8): «Dizem que todas as almas são incorruptíveis, mas que as almas dos homens bons apenas passam para outros corpos.»

O que quis Jesus dizer em Mateus 11:14, quando falou de João Baptista e disse dele, enquanto este estava na prisão à espera da morte por ordem de Herodes: «...se o quereis receber, ele é o Elias que havia de vir»? E não havia o profeta do Antigo Testamento Malaquias concluído todo esse Testamento proclamando: «Eis que vos enviarei o profeta Elias antes que venha o grande e terrível dia do Senhor»?

Depois, em Marcos 9:11, os Apóstolos perguntaram a Jesus: «Por que dizem os escribas que é necessário que Elias venha primeiro?» (A mesma pergunta é feita em Mateus 17:10.) Jesus respondeu em Marcos 9:13 e Mateus 17:12-13: «...digo-vos que Elias já veio, e não o reconheceram, antes fizeram-lhe tudo o que quiseram... Então os discípulos compreenderam que lhes falava de João Baptista.» Seria difícil encontrar linguagem mais clara em que as perguntas

pudessem ser formuladas; o mesmo se pode dizer da resposta direta que Jesus deu, indicando claramente que João Baptista era a reencarnação de Elias.

Mais uma referência bíblica, se me permitem. Em João 9:2, lemos que um homem cego de nascença foi levado a Jesus com a pergunta: «Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que nascesse cego?» A ideia da reencarnação é muito clara nessa pergunta, pois se, como os Apóstolos acreditavam, o homem estava a ser punido por um pecado cometido, então esse pecado teria de ter sido cometido numa vida anterior, antes de ter nascido neste mundo. Jesus deixou claro na Sua resposta que nem o homem nem os seus pais tinham pecado; ainda assim, a Sua resposta não negou o facto de os Apóstolos terem feito várias perguntas que indicavam que a teoria da reencarnação estava muito presente no pensamento das pessoas naqueles dias.

Além disso, deve notar-se que a reencarnação foi aceite por padres da Igreja primitiva, como Orígenes (em *De Principiis* e *Contra Celsum*), e alguns dizem que o mesmo é verdade mesmo de Santo Agostinho nas suas *Confissões*, embora isso seja duvidoso.

Voltando à minha dor de coração depois de ter sido chamado advogado do diabo pela vizinha de Polly. Apesar da crescente hostilidade e da perseguição esporádica, Dolores e eu continuámos com as regressões e Gretchen foi-se tornando cada vez mais parte das nossas vidas. Embora frequentemente falássemos dela e nos referíssemos a ela como uma pessoa — estávamos à vontade com ela — o Dr. Stevenson tinha sugerido com grande insistência que Dolores não ouvisse nenhumas das gravações nem lesse as transcrições ou as traduções. «Abstenha-se até de discutir o caso na presença de Dolores», insistiu ele.

Isso, naturalmente, não se revelou tarefa fácil, e criou problemas e tensão entre ela e mim em mais de uma ocasião. Toda a situação era injusta para Dolores; acredito sinceramente que há poucas mulheres no mundo que teriam sido tão tolerantes, pacientes e bondosas perante imposições semelhantes.

Dolores e eu ficámos gratos por, nos trinta anos do nosso casamento, nunca termos guardado segredos um do outro, caso contrário a história de Gretchen poderia nunca ter vindo à superfície. A confiança plena e o entendimento perfeito são ingredientes essenciais para uma hipnose eficaz. Por exemplo, embora Dolores não tenha absolutamente nenhuma recordação de nada do que diz ou faz em hipnose, concordou prontamente que eu deveria sondar o seu subconsciente sem restrições. Podia interrogá-la sobre sexo, religião, amigos, familiares, hábitos e desejos pessoais — nada era sagrado ou interdito, ainda que muitas vezes brincasse com ela sobre «arrancar segredos» e ela respondesse sempre aos gritos: «Não te atrevia!»

Isto não significa que nunca tivemos problemas com as informações obtidas através das regressões. Dolores é uma pessoa muito humana e muito sensível, e houve momentos em que a curiosidade a impelia a insistir que eu lhe contasse algumas das informações transmitidas por Gretchen; mas depois de um dia ou dois com o orgulho ferido, ela sorria e concordava que era melhor não conhecer os detalhes da história de Gretchen até a investigação estar concluída.

Havia outros problemas, problemas profundos, traumáticos, quase trágicos. Por exemplo, numa ocasião hipnotizei Dolores sem a regredir, enquanto tentava realizar uma nova experiência. Talvez deva aqui fazer uma pausa para dizer que, porque a maioria dos cientistas se tem esquivado a conhecer toda a verdade e nada mais que a verdade sobre a hipnose, especialmente na área da regressão, existem perigos graves e latentes no uso incorreto da hipnose, ainda que o hipnotismo em si seja completamente inofensivo nas mãos de praticantes competentes.

Nessa noite, tinha deixado o espírito de Dolores correr livremente depois de ela estar no estado de sonambulismo. Isto é, não tentei obter informações nem guiar o seu pensamento. Pouco depois de a sessão ter começado, Dolores encontrou-se a si própria (alma/espírito/ser) novamente de pé diante de um enorme portal nos céus, uma visão que havia experimentado muitas vezes, ouvindo Gretchen do outro lado da enorme porta aberta a chamá-la em tom lamentoso: «Vem! Vem comigo. Preciso de ti!»

Mas Dolores não foi, e quando começou a mostrar sinais de um medo terrível, intervim e disse-lhe: «Vou tirá-la do transe; depois, após um intervalo de cinco minutos, entrará num transe pós-hipnótico. Irá então para a sala de jantar, sentará à mesa e escreverá numa folha de papel que colocarei à sua frente. Saberá as razões da insistência de Gretchen para que a acompanhe naquele estranho outro mundo, e escreverá essas razões.»

As sugestões funcionaram na perfeição, até certo ponto. Quando Dolores voltou a entrar em transe e se dirigiu à mesa para se sentar e escrever, começou a inscrever sonolentamente em alemão: «Minha querida amiga, aguenta apesar dos teus problemas. A situação com a tua mulher é muito perigosa. Posso ser capaz de ajudar. Não é possível falar mais. Não há volta atrás. Um dia voltarei.»

Embora tivesse começado a escrever sonolentamente, a letargia depressa desapareceu. Começou a escrever mais depressa. A sua respiração tornou-se tão difícil que se ouvia em toda a casa. Quanto mais escrevia, mais depressa escrevia. Quanto mais depressa escrevia, mais difícil respirava. De repente largou o lápis e desmaiou sobre a mesa.

Foi uma experiência terrível para ambos. Pela primeira vez nos meus vinte anos de experiência com hipnose, pareceu que poderia não conseguir tirá-la do transe. Tinha ouvido falar de amadores que não sabiam o que fazer em

circunstâncias semelhantes, obrigados a chamar psiquiatras, que depois hospitalizavam os sujeitos. Mas tudo o que aprendi me dizia que não havia razão para alarme — a experiência estava do meu lado. Com efeito, passados alguns momentos consegui despertar Dolores, cansada mas capaz de relatar todos os pormenores minuciosos da sua horrível experiência.

O seguinte, creio eu, é o que aconteceu. Quando Dolores se sentou para escrever, tinha-se tornado Gretchen, ou aparentemente o espírito de Gretchen tinha entrado no seu corpo para assumir o controlo e escrever-me a carta. Ela sabia que eu estava a sofrer de grandes afeções físicas devido à deterioração do meu coração. Sabia também que certas pessoas tentavam criar problemas para nós por causa do nosso trabalho com a hipnose. Além disso, Dolores estava sob uma terrível pressão psicológica, com as preocupações com a minha saúde, a criação dos filhos, e a viver com um medo subliminar de que, se não era a Gretchen reencarnada, então devia certamente estar possuída pelo espírito de Gretchen. Ambas as possibilidades lhe eram repugnantes.

O pior de tudo foi que eu não me apercebi de que, se Dolores visse Gretchen e se lembrasse das circunstâncias em torno do seu encontro, sofreria um sério trauma pós-hipnótico. Na minha ignorância, tinha-lhe dito mesmo antes de a tirar do transe que se lembraria de tudo o que tinha acontecido naquela noite. Normalmente, como disse antes, ela não se lembrava de nada do estado de transe. Mas eu estava a realizar uma experiência, pelo que a sugestão «vai lembrar-se de tudo» era necessária.

A visão retrospetiva torna-nos a todos mais sábios, ou deveria tornar, e sempre lamentei tê-la deixado recordar aquela noite. Mas então, não posso dizer honestamente que os resultados daquela noite foram todos maus. Já que muito poucos dos meus irmãos mais instruídos nos círculos académicos e científicos experimentaram a regressão, ou pelo menos não tornaram conhecidos os resultados de quaisquer investigações, Dolores e eu não contaremos aquela noite como uma perda se a nossa experiência dissuadir hipnotizadores menos experientes de se envolverem em práticas hipnóticas que não compreendem cabalmente.

Como resultado daquela noite, porém, sofremos momentos de puro tormento, porque Gretchen voltou, não uma mas muitas vezes. Veio pela primeira vez poucos dias após a horrível experiência de Dolores, enquanto eu estava ausente para uma reunião ministerial. Quando regressei a casa nessa tarde, tanto Dolores como a casa estavam num estado deplorável. Ainda estava de camisa de noite e roupão. O cabelo estava despenteado. Os seus olhos dilatados fitavam o vazio à sua frente.

A mobília estava em desordem e revirada. A louça do pequeno-almoço estava por lavar e espalhada por toda a bancada e pelo chão, parte dela partida. A

porta do frigorífico estava escancarada. As camas estavam por fazer, e as cortinas de um lado da janela da sala estavam tortas. Estupefacto, exigi: «O que se passou aqui, pelo amor de Deus?»

Dolores não deu qualquer sinal de me ouvir. Nem sequer me reconheceu. Com cautela e paciência, levei-a até ao sofá da sala e induzi a hipnose. Com delicadeza perguntei: «Dolores, conhece-me?»

«Do... Do... Doloreusss», arrastou ela com hesitação. «Nein, ich bin Gretchen.»

Rapidamente parti do princípio de que, de alguma forma desconhecida, Dolores tinha entrado em hipnose e regredido espontaneamente — a menos que, naturalmente, Gretchen tivesse por fim vindo e a tivesse possuído completamente.

Mas não! Não podia aceitar isso! Com certeza que, de alguma forma, inadvertidamente lhe tinha tocado na testa com três dedos naquela manhã e assim administrado uma sugestão pós-hipnótica. A propósito, um bom conselho para todos os hipnotizadores é pertinente aqui: nunca adormeça com um sujeito hipnótico (agora já sabe que de qualquer modo não deveria dormir com ela a não ser que seja a sua esposa) a menos que consiga arranjar uma forma de evitar administrar sugestões pós-hipnóticas durante o sono. Por duas vezes Dolores acordou para me encontrar a apalpar sonolentamente a sua testa e conseguiu acordar-me antes de entrar em transe.

Se hipnotizei Dolores naquela manhã, nunca o saberei ao certo. Em qualquer caso, usei a hipnose para a colocar novamente no caminho certo nesse dia. Como fazia frequentemente depois de trabalhar com ela em hipnose, sugeri que, em vez de acordar do transe, dormisse profundamente durante uma hora antes de despertar — precisava desse tempo para lavar a louça e arrumar a casa. Mesmo a seguir a ter feito a última cama e mesmo antes de os filhos chegarem da escola, Dolores entrou no quarto a escovar o cabelo e a pedir desculpa. «Não percebo», disse ela envergonhada, «nunca dormi tão tarde.» Depois, a brincar, desvalorizou tudo. «Deves ter drogado o meu café ontem à noite.»

O pior estava ainda para vir. Uma semana depois, Joe Vasquez, um velho amigo de Spelter, na Virgínia Ocidental, estava a visitar-nos, e depois de Joe e os filhos terem ido para a cama Dolores tornou-se muito conflituosa sem razão aparente. Por fim, depois de meia hora a destruir tudo o que eu dizia, foi escandalosamente para o quarto. Completamente perplexo, porque esta atitude era completamente estranha à sua natureza gentil, fui a seguir, esperando descobrir o que a afligia. Ela não queria saber de mim. Discutimos durante uma hora sobre nada, a sério, até que de repente ela se levantou de um salto e correu para a casa de banho, a gritar: «Já chega! Vou pôr fim a este disparate mesmo agora!»

«Ótimo!», pensei. «Quando ela voltar, talvez consigamos descansar.» Mas ela não voltou, e comecei a ficar ansioso e perguntei-me com um estremecimento: «Terá ela metido mão nos meus tranquilizantes?» Orei desesperadamente: «Ó Deus, não! Com certeza que esses Thorazines de cinquenta miligramas são demais para ela.»

Corri para a casa de banho e não consegui entrar — ela tinha fechado a porta à chave!

«Dolores», chamei suavemente, sem querer acordar Joe e os filhos, «destranque esta porta e deixa-me entrar.»

«Vai embora!», ordenou ela. «Além disso, não há nada que possas fazer — já é tarde demais.»

«O que queres dizer com isso?», exigi em voz alta, assustado. «Tomaste os meus medicamentos?»

Ela não respondeu.

«Então, tomaste? Responde-me, estás a ouvir-me, responde!»

«Sim», gritou ela por fim, quase com ódio, «e não há nada que possas fazer em relação a isso!»

O barulho acordou toda a gente, e Joe e os filhos juntaram-se a mim à porta. «Recuem», avisei-os, «vou arrombar a porta!» E arrombar foi. «Joe, fica com as crianças», chamei enquanto vestia apressadamente umas calças e levava Dolores a toda a pressa para o hospital em Georgetown.

A caminho do hospital, depois de ter sido parado por excesso de velocidade por um polícia de Mount Orab — que prometeu não me passar multa nem dizer nada a ninguém depois de eu lhe ter explicado apressadamente a minha situação —, Dolores disse-me finalmente que só tinha havido seis ou sete Thorazines no frasco. «Não encontrei mais», acrescentou, «senão tê-los-ia tomado também!»

No hospital uma enfermeira examinou Dolores e ouviu a minha história antes de chamar um médico, que lhe disse para nos mandar para casa e «deixar que ela o durma».

Na viagem de regresso a casa, viajámos em silêncio até Dolores começar a murmurar: «Ich kann nicht sprechen. Nein! Es ist verboten!»

«Eu não posso falar. Não! É proibido!»

«Não!», gemí em angústia, apercebendo-me de que Dolores tinha entrado num transe hipnótico. «Outra vez não! Dolores, relaxa!», insisti, estendendo a mão para lhe tocar na testa a fim de induzir a hipnose.

«Du musst jetzt weggehen!», «Você tem de se ir embora agora!»

gritou ela, e começou a lutar com violência.

Parei o carro depois de ter ido de um lado para o outro da estrada e quase ter sido embatido de frente por um carro em sentido contrário, e por fim alcancei-lhe a testa depois de lhe prender os braços e supliquei: «Relaxa! Por favor, Gretchen, não estou a tentar magoar-te. Não percebes? Quero ajudar-te! Isso mesmo», disse encorajadoramente enquanto Dolores começava a afundar-se no banco. «Relaxa, querida. Em breve tudo terá passado. Relaxa, deixa-te ir... dorme... dorme.»

Dolores estava profundamente adormecida quando chegámos a casa, mas até hoje não consigo entender como uma pessoa tão pequena pôde resistir ao efeito dos Thorazines durante tanto tempo. Deve ter passado uma hora depois de os ter tomado antes de conseguir forçá-la ao estado de transe. Mesmo assim, passou bastante tempo até que eles fizessem pleno efeito, mas na altura fiquei-lhe grato por isso, porque me deu a oportunidade de a interrogar.

«Dolores», perguntei-lhe ternamente enquanto ela estava deitada com a cabeça no meu colo, «podes dizer-me o que te aconteceu esta noite?»

«Não queria fazê-lo», respondeu ela na defensiva.

«Fazer o quê? Estás a referir-te ao medicamento—»

«Ela obrigou-me a fazê-lo depois de teres ido para a reunião... Levantei-me da cama, mas quando olhei para o espelho para escovar o cabelo, vi-a, e... depois, ohhhhh, ela estava de pé ao meu lado, a sorrir. "Vem", disse ela, e depois ela... ela tocou-me na testa como tu fazes...»

«Dizes que ela veio ter contigo depois de eu ter ido para a reunião, mas isso foi há uma semana.»

«Eu sei», disse ela, «mas a mesma coisa aconteceu ontem à noite. Fui à casa de banho mesmo a seguir aos filhos irem para a cama, e ela estava lá, à minha espera.»

Não consegui obter mais nada de Dolores nessa noite. O medicamento tinha feito efeito e ela começou a delirar incoerentemente. Deixei-a dormir, um sono que durou dezoito horas.

CAPÍTULO V

UMA BREVE VIAGEM À TERRA DA GLÓRIA

Enquanto nos preparávamos para a segunda visita do Dr. Stevenson a nossa casa, em Outubro, a condição do meu coração deteriorou-se rapidamente, e era muito duvidoso que eu vivesse tempo suficiente para ver a investigação do caso Gretchen concluída. Por três vezes nos anos anteriores os nossos médicos tinham

sugerido a Dolores que chamasse a minha família — a morte era iminente. Graças a Deus, consegui recuperar cada vez e fui capaz de levar uma vida razoavelmente normal.

Nos primeiros anos da minha vida, o atletismo tinha sido o meu forte: o futebol americano, o basquetebol e o basebol na escola secundária e breves testes de basebol com os antigos Columbus Red Birds da Associação Americana sob as ordens de Burt Shotten e com os Johnnie Neun dos Akron Yankees (antes de um ano na Universidade Marshall em 1939) precederam o meu casamento com Dolores em 1940. Depois joguei basebol semiprofissional nos Willow Beachers na minha antiga cidade natal, Clarksburg, na Virgínia Ocidental. Após a Segunda Guerra Mundial arbitrei basebol profissional na Blue Ridge League da Virgínia e da Carolina do Norte, e depois de entrar no ministério e regressar à faculdade para completar a minha formação em 1955, com trinta e três anos, arbitrei basquetebol universitário e treinei futebol americano, basquetebol e basebol ao nível do ensino secundário até ao meu primeiro ataque cardíaco, em 1964.

O rigor e a disciplina da participação ativa no desporto serviram-me bem. Sempre lutador e mau perdedor, simplesmente não desistia só porque tinha um coração que não valia mais do que um ressuscitador de bazar. Ainda assim, com as forças esgotadas, quase desesperei de alguma vez ver outro jogo. No entanto, a vontade de viver ainda estava lá. Agarrei-me à vida com toda a fé que consegui reunir, e, louvado seja o Seu santo nome, tenho chegado a bom porto até agora.

Quando comecei a sentir-me melhor, num belo dia do início do outono, o desejo de sair e andar começou a despertar, e fui de carro a Batavia, a cerca de vinte e cinco ou trinta quilómetros, fazer compras num supermercado. Quando comecei a viagem de regresso a casa, fiquei tão cansado e fraco que mal tinha forças para conduzir o carro; será sempre um mistério para mim como consegui chegar a casa. Não tenho memória de nada desde o momento em que saí de Batavia até depois de ter estacionado o carro na garagem da cave; só quando me encontrei de pé ao fundo das escadas da cave soube onde estava. Mesmo assim, foi necessário fazer uma pausa de vários minutos e buscar forças suficientes para subir até à casa.

Não conseguia! Ah, consegui chegar à maior parte do caminho, mas enquanto lutava para me puxar para cima com a ajuda do corrimão, as compras começaram a cair fora do saco, alertando Dolores de que eu estava em casa e em dificuldades. Correndo para me ajudar, encontrou-me deitado a cerca de três degraus do topo e imediatamente começou a levantar-me, a puxar-me e a arrastar-me como um saco de batatas escadas acima até à cozinha, onde foi obrigada a deixar-me ficar no chão enquanto corria para o telefone a chamar uma ambulância. Mas eu não queria saber disso — o hospital não era para mim —, por isso chamei-a de volta. «Não posso ir para o hospital! O Dr. Stevenson virá cá a casa daqui a alguns dias, e tenho de terminar a investigação.»

Mortalmente preocupada comigo, Dolores insistiu para que eu me esquecesse da investigação. «Esquece tudo! Não vale a pena a tua vida! Tens de ir para o hospital!», suplicou ela enquanto me punha nitroglicerina debaixo da língua (andávamos sempre com ela connosco). Mas eu pedi-lhe: «Por favor, espera para ver o que a nitroglicerina faz!» O Dr. Courter tinha-me instruído a tomar a nitroglicerina ao primeiro sinal de dor, e se as dores no peito não cessassem dentro de um ou dois minutos, a esperar mais dez minutos e a tomar mais. Depois, se não houvesse alívio da dor, devia chamar uma ambulância imediatamente.

Dolores continuou a chorar e a preocupar-se com a minha teimosia enquanto molhava um pano fresco para limpar a transpiração que me cobria como um duche quente. Sentou-se no chão com a minha cabeça no colo, a repreender-me por tentar o destino. «Se é isso que queres», cedeu ela temporariamente, «espero dez minutos, mas nem mais um!»

Ao fim do tempo estipulado a dor tinha acalmado. Não tinha cessado completamente, e menti a Dolores: «Estou bem. Vês», disse eu, sentando-me. «Ajuda-me apenas a ir para a cama.» Estava demasiado fraco para me levantar, por isso a minha boa esposa arrastou-me pelos ombros desde a cozinha pela sala de jantar, pelo corredor, e para o quarto, onde foi preciso um esforço enorme para me meter na cama. Fiquei ali os dias seguintes.

Devo ter tornado a vida de Dolores um martírio. Nos sete anos anteriores tinha sido hospitalizado sete vezes com sete ataques cardíacos graves; no intervalo houve várias recaídas que exigiram muitos dias de repouso na cama. Deus a abençoe! Sem uma queixa sequer, tratou de mim a todos os momentos, de dia e de noite.

Apesar da minha insensatez e fraqueza, não negligencie a minha igreja nem a minha família, nem eles me negligenciaram. Nenhum homem teve uma esposa e uns filhos mais amorosos e dedicados — era tão bem mimado e tratado que houve apenas uma vez (quando não estava hospitalizado) que não preguei nos serviços dominicais em Union Plains. Em troca, com uma força de vontade firme e o amor de Deus, atendi às necessidades da minha família. Nem sequer deixei a erva do meu jardim crescer demais; um ou dois dias antes de o Dr. Stevenson chegar, estava no meu corta-relva, a aparar o relvado.

O Dr. Stevenson trouxe consigo a Dr.ª Erika Klaus, uma professora de antropologia nascida na Alemanha, numa universidade próxima. Chegaram por volta das 9h30 da manhã do dia 5 de Outubro e passaram o dia inteiro a interrogar Gretchen enquanto Dolores estava no seu habitual transe.

Mais uma vez Dolores estava extremamente nervosa, como sempre estava quando entrava em transe na presença de estranhos. Sentia sempre que «devo ser

uma espécie de curiosidade, feita apenas para ser exibida para poder falar numa língua que nem sequer conheço».

A Dr.ª Klaus era apenas a segunda alemã de nascimento a interrogar Gretchen, e a primeira académica alemã a conversar com ela. Como de costume, Dolores perguntava-se o que aconteceria se Gretchen não se manifestasse e não falasse com os seus interlocutores. Embora ainda não conseguisse subscrever uma crença na reencarnação, o facto de Dolores falar sempre de Gretchen como uma pessoa, e de insistir que era Gretchen quem falava através dela e não ela própria quem estava a falar, reforçava a minha crença de que Gretchen era de facto uma personalidade real, não apenas o ser dissociado da própria Dolores. Independentemente da apreensão de Dolores, estava por isso certo de que Gretchen se manifestaria e falaria na sua própria língua materna.

Depois de Dolores se ter acomodado no sofá e entrado no estado de sonambulismo, apresentei o Dr. Stevenson e a Dr.ª Klaus a Gretchen — em inglês, naturalmente. Não fazia diferença para Gretchen se lhe falavam em inglês ou em alemão. Respondia sempre, sempre em alemão. (A propósito, ela não consegue perceber qualquer outra língua. Por exemplo, enquanto interrogava Gretchen diante de um grande público no Blue Ridge Community College, Austin Anderson, professor de biologia no Blue Ridge e linguista que fala alemão, francês e dinamarquês, pediu-me enquanto interrogava Gretchen em alemão se podia desviar-se momentaneamente. Embora eu não soubesse o que pretendia fazer, concordei. Não sabia que o Sr. Anderson falava francês e dinamarquês, mas quando Gretchen deixou de responder às suas perguntas exceto para dizer «Ich verstehe nicht [Não percebo]», presumi que ele tinha mudado para outra língua. Ele confirmou o meu pressuposto quando Gretchen voltou a responder às suas perguntas e ele anunciou ao público: «Falei-lhe em alemão, francês e dinamarquês, e estou convicto de que ela não percebe nenhuma língua além do inglês e do alemão.»)

Gretchen tinha sempre medo de estranhos e, enquanto não ficasse convencida de que todos os presentes eram seus amigos, não falava com mais ninguém além de mim, a quem conhecia apenas como «Gut Freund». Todos os outros eram, na sua presunção, membros do Bundesrat. O Bundesrat era o Conselho Federal dos estados federados da Confederação da Alemanha do Norte e do seu sucessor, o (segundo) Império Alemão. Na década de 1870 ocorreu uma severa luta entre a autoridade secular do governo prussiano sob o chanceler Bismarck e a Igreja Católica Romana. Essa disputa, conhecida como o *Kulturkampf*, acarretou grandes dificuldades e perseguição para os católicos, e Gretchen tinha um medo terrível de que um membro do Bundesrat pudesse estar presente e a ouvir o que ela diria. Gretchen era católica, e temia pela sua vida.

Quando o Dr. Stevenson e a Dr.ª Klaus começaram a interrogar Gretchen, ela perguntou com medo: «Wer ist das? [Quem é isso?]» Quando expliquei que

eram nossos amigos, ela perguntou agramaticalmente: «Ist gut Freund? [É bom amigo?]»

O Dr. Stevenson e a Dr.ª Klaus interrogaram alternadamente Gretchen sobre onde vivia e se ia à igreja.

«Ja», disse Gretchen, «Ich gehe in die Kirche. [Sim, vou à igreja.]» Em resposta a perguntas sobre comida, disse que comia «Fleisch [carne], Schwein [porco], Rind [vaca], Küchlein [frango], Gemüse [legumes], Kartoffel [batatas], Kohl [couve], Obst [fruta] — der Apfel [maçãs]». Quanto aos amigos, falou de brincar com os filhos da Senhora Schilder, Karen, Kurt, Karl e Erich. A Senhora Schilder era a governanta e cozinheira deles. Gretchen disse-lhes também que não sabia nem ler nem escrever («nicht lese, nicht schreiben»).

Embora Gretchen respondesse às perguntas da Dr.ª Klaus, não respondia a ela com a mesma prontidão com que respondia a outros interrogadores. Possivelmente havia um conflito de personalidades. Ainda assim, quando a regressão foi interrompida para o almoço, a Dr.ª Klaus estava exuberantemente entusiasmada e insistiu para que Dolores e eu escrevêssemos um livro sobre «este estranho fenómeno».

Quando Dolores regressou ao sofá à tarde, Gretchen insistiu em que tinha de entrar em casa porque o seu pai ficaria «Sich ärgern [zangado]».

Stevenson: «Ja. Warum müssen Sie zum Hause gehen? Wir sind Ihre Freunde, wissen Sie? [Sim. Por que tem de ir para casa? Somos amigos, não sabe?]»

Gretchen: «Sehr gefährlich. [Muito perigoso.]»

Stevenson: «Was ist gefährlich? [O que é perigoso?]»

Gretchen: «Sache sehr schlecht hier. [As coisas estão muito mal aqui.]»

Stevenson: «Was für Sachen? [Que coisas?]»

Gretchen: «Die Kirche streitet; viel Völkerkampf... torpen. [A igreja luta; muitos civis... mortos.]»

Stevenson: «Torpen? [Mortos?]» O Dr. Stevenson nessa altura ainda não se apercebia de que Gretchen usava sempre parte de «Gestorben» para a palavra «morto».

Gretchen: «Ja. Sache sehr schlecht. [Sim. As coisas estão muito mal.]»

Stevenson: «Ja, Gretchen. Setzen Sie fort. [Sim, Gretchen. Continue.]»

Gretchen: «Der Bundesrat, Sie hören zu. [O Conselho Federal, estão a ouvir.]»

Stevenson: «Was soll so gefährlich sein? [O que se supõe ser tão perigoso?]»

Mostrando de repente sinais de medo inquieto, Gretchen exigiu: «Du müssen weggehen! [Tens de ir embora!]»

Stevenson: «Ich muss weggehen; warum? [Tenho de ir embora; porquê?]»

Klaus: «Nicht weggehen. Kannst du erklären? [Não vás embora. Podes explicar?]»

Durante bastante tempo Gretchen recusou falar; depois disse com cautela: «Es tut mir leid; ich muss kehren, zurückkommen. [Lamento. Tenho de ir, voltar.]»

Klaus: «Wann kommen Sie zurück? [Quando voltará?]»

Gretchen, suspirando profundamente: «Sehr müde. [Muito cansada.]»

Gretchen tinha começado a falar de manhã com nove anos, mas eu tinha avançado a sua idade para catorze anos na sessão da tarde. Tentei agora fazê-la avançar até aos dezasseis anos, mas ela rebelou-se.

«Por que não queres avançar para os dezasseis, Gretchen?»

Gretchen: «Sache sehr schlecht hier. [As coisas estão muito mal aqui.]»

Klaus: «Schlecht! Was ist schlecht? [Terrível! O que é terrível?]»

Gretchen, a chorar suavemente: «Gretchen im Gefängnis. [Gretchen na prisão.]»

Stevenson: «Im Gefängnis! Können Sie uns das Gefängnis beschreiben? [Na prisão! Pode descrever-nos a prisão?]»

Gretchen, abrindo os olhos e olhando em redor, tristemente: «Viele Volker torpen. [Muitas pessoas mortas!]»

Klaus: «Gestorben? [Mortas?]»

Gretchen: «Gestorben, ja. Im Kerker. [Mortas, sim. Na masmorra.]» (Note-se que aqui Gretchen usou uma palavra diferente para «prisão».)

Tinha esperado que Gretchen elaborasse sobre a razão da prisão, e intervim, dizendo «Conta-nos mais. Conta-nos tudo o que puderes!» depois de o Dr. Stevenson ter levantado os olhos e traduzido em voz alta a palavra de Gretchen para «prisão». Mas Gretchen continuou a chorar e a murmurar: «Viel Völkerkampf... Viel tot. [Muita luta civil... muitos mortos.]»

Depois o Dr. Stevenson mudou de assunto e perguntou: «Wer ist der Papst? Wissen Sie den Namen des Papstes? [Quem é o Papa? Sabe como se chama o Papa?]»

Gretchen descontraiu e acalmou: «Papst Leo.»

Stevenson: «Hat der Papst einen deutschen Vertreter? [O Papa tem um representante na Alemanha?]»

Gretchen: «Gretchen versteht nicht Vertreter. Des Bundesrat... Du soll weggehen. [Gretchen não percebe 'representante'. O Conselho Federal... deves ir embora.]»

Gretchen estava a ficar cansada, «Sehr müde [Muito cansada]», disse ela, mas havia tanto que precisávamos de saber, e insisti com ela: «Conta-nos o que aconteceu no dia da tua morte, Gretchen.» Mas ela estava tão perturbada e angustiada que apenas murmurou: «Ich... Kerker...» [Eu... prisão.]»

Stevenson: «Wiederholen Sie bitte. Was haben Sie gesagt, Gretchen? [Por favor, repita. O que disse, Gretchen?]»

«Tot [Morta]», gemeu ela.

Voltei a instá-la a elaborar, mas ela tornava-se cada vez mais relutante em falar. Podia ser que Dolores estivesse fisicamente esgotada — tinha suportado um dia muito longo de interrogatório —, mas também era possível que Gretchen simplesmente não quisesse reviver mais uma vez o momento da sua morte. A maioria das pessoas que regredi e que sofreram uma morte violenta na suposta vida anterior evitou passar por essa experiência uma segunda vez.

Mostrando cada vez mais sinais de tensão e angústia, Gretchen falou brevemente do seu pai: «Mein Vater torpen... Verrat... reiten das Pferd... [O meu pai morreu... traição... montar o cavalo...]»

Stevenson: «Reiten das Pferd? Ja, und dann? [Montar o cavalo? Sim, e depois?]»

Gretchen: «Der Mann—»

Stevenson, interrompendo: «Gretchen... reiten? [Gretchen... monta?]»

Gretchen, com grande emoção: «Nein! Nein! Mein Vater... nicht... grauste mich! [Não! Não! O meu pai... não... estou aterrorizada!]»

«Gretchen», supliquei, «só mais uma ou duas perguntas, por favor. Alguma vez saíste da prisão?»

«Nein.»

«Puseram-te à morte enquanto estavas na prisão?»

Lentamente, como se se fosse distanciando, Gretchen respondeu: «Schlafen. [Dormir.]»

Stevenson: «Schlafen? War das Ende? [Dormir? Foi esse o fim?]»

Gretchen: «Auf Wiedersehen. [Adeus.]»

Tinha sido um dia terrivelmente longo para Dolores e para mim. Sob hipnose normal Dolores acordava sempre descansada e revigorada, mas quando regredida ao estado de Gretchen, ficava geralmente exausta ao despertar. E com razão, porque ela não se limita a contar a história de Gretchen. Vive-a! É tão real para ela como se estivesse realmente de volta aos momentos trágicos da sua vida abreviada. Devido à estreita ligação entre nós, empatizo e simpatizo até ficar emocionalmente esgotado. Isso é verdade não só para mim, mas para todos os que viram Dolores regredir ao estado de Gretchen.

A Dr.ª Klaus afirmou, numa declaração relativa à sua participação na investigação: «A Senhora Jay respondia apenas em alemão, e fazia-o como se fosse uma certa Gretchen Gottlieb de Eberswalde, há muito falecida.» Douglas Kiker, da NBC-TV, quando viu Dolores em transe pela primeira vez, sentiu as pernas a cederem e exclamou: «Meu Deus! Ela está morta!»

Para que ninguém pense que apenas os que acreditam na reencarnação tinham permissão para interrogar Dolores/Gretchen, tal não é verdade. De todos os envolvidos na investigação, apenas o Dr. Stevenson manifestou interesse na reencarnação. A Dr.ª Klaus definitivamente não, nem outros que viriam a participar na investigação.

Após aquela sessão com o Dr. Stevenson e a Dr.ª Klaus, Dolores e eu estávamos mais convictos do que nunca de que elementos do sobrenatural desempenhavam um papel tremendo nas nossas vidas, e esperávamos fervorosamente que ele chegasse a algumas respostas rápidas. Mas o Dr. Stevenson é um académico consciencioso, um homem que não toma decisões precipitadas. Tinha acabado de concluir um caso comparável ao caso Gretchen, o caso Jenson; tinha passado doze longos anos nesse único caso.

Uma coisa era certa: Dolores e eu não podíamos esperar doze anos por uma resposta. No caso Jenson, o marido era também o hipnotizador do sujeito, mas morreu antes de o Dr. Stevenson escrever o seu relatório oficial, e na altura da segunda visita do Dr. Stevenson a nossa casa parecia insensato que alguém pensasse sequer que eu viveria mais doze anos. O que aconteceu foi que fui ver o Dr. Courter alguns dias após a visita do Dr. Stevenson, porque tinha ficado tão fraco que não conseguia ir de uma divisão para outra sem me apoiar nas paredes.

O Dr. Courter tinha feito um trabalho admirável ao tratar-me — apenas a sua competência me tinha mantido vivo —, mas mesmo ele só podia ir até certo ponto. Informou-me de que devia internar-me no hospital para fazer um arteriograma, um exame para determinar a causa dos meus numerosos ataques cardíacos.

«O exame é perigoso, doutor?»

«Bem, no seu caso, sim», respondeu ele com franqueza. «Com o seu historial clínico, tudo e qualquer coisa tem um elemento de risco.»

«E o que acontece se não me submeter ao exame?»

Com um encolher de ombros, esquivou-se. «Quem sabe? Obviamente não vai melhorar. Pode durar uma semana, um mês — alguns meses, no máximo.»

Dolores e eu fomos para casa sentindo-nos abatidos, muito abatidos. Embora soubéssemos há muito tempo que a minha situação era precária, só então aceitei que o fim se aproximava rapidamente. Houve algumas vezes em que me deitei à noite pensando que podia não acordar de manhã, mas com o passar do tempo e com o bom Deus a abençoar-me com a alegria de viver, os meus medos da morte reduziram-se a nada mais do que um pensamento ocasional.

A conversa foi escassa naquela viagem de regresso a casa. O peso do mundo inteiro estava sobre Dolores. Lutava corajosamente para manter uma boa aparência, e eu empatizava profundamente com ela. Para mim, a morte era uma forma de vida, uma transição de uma luta mortal pela existência para uma eternidade de feliz segurança e contentamento com o Senhor.

Ainda assim, não apreciava a ideia de deixar a minha esposa e os meus filhos para trás, nem conseguia sentir-me tranquilo quanto ao fardo que Dolores enfrentava. A Vonda tinha apenas treze anos, a Mary Jo doze e o Jesse onze. A Punky tinha vinte e três anos e era casada, e havia de se desenrascar bem, mas Dolores teria de arranjar emprego e os filhos teriam de se gerir o melhor que pudessem sem pai. Não era um pensamento agradável. Além disso, Dolores teria de enfrentar os resultados do caso Gretchen sozinha; isso era mau, muito mau.

Estávamos encurralados. A oposição à nossa investigação sobre a reencarnação crescia. Muitos cristãos professantes que sabiam da nossa exploração do mundo do desconhecido não acreditavam que ela girava em torno da sincera esperança de podermos invalidar o uso da hipnose para provar a teoria da reencarnação; acusavam-nos de abraçar a reencarnação apenas como meio de ganhar dinheiro. Do outro lado, os ocultistas atacavam-nos porque nos recusávamos a tornarmo-nos um deles. Cada dia novo revelava novas provas de animosidade. Parecia que não conseguíamos ganhar fosse como fosse. A situação em que tinha colocado Dolores e os filhos era detestável. De dia e de noite orei para que Deus interviesse, para que não me levasse e não forçasse a minha família a enfrentar o ostracismo e a perseguição sozinha.

Dolores e eu tínhamos concluído a caminho de casa vindo do médico que devíamos reunir os filhos e discutir se eu devia submeter-me ao exame. Por isso, depois do jantar, sentámo-nos todos junto à lareira e eu contei-lhes o que o médico tinha dito. Eles quiseram saber: «Que tipo de exame?»

«Bem», tentei explicar, «um médico introduziria um longo cateter na artéria femoral, onde a perna se une ao corpo na virilha, e depois fá-lo-ia avançar até ao coração, onde seriam injetados corantes. Seriam então tiradas radiografias e, esperava-se, os médicos poderiam determinar a causa de todos os meus ataques cardíacos.»

Quando terminámos de discutir o procedimento e os possíveis resultados, incluindo a possibilidade de eu não sobreviver ao exame, as crianças foram unânimes em acreditar que eu não devia fazer o exame.

"Afinal de contas," disseram eles, "podes viver muito tempo sem o teste, mas se fizeres o teste, ele pode matar-te. Preferimos ter-te como estás do que não te ter de todo." No dia seguinte, liguei para o Dr. Courter e disse-lhe que tínhamos decidido contra o teste.

Agora, cada dia tornava-se uma luta apenas para sobreviver. Noventa por cento do meu tempo era passado na cama e, todas as noites, quando as crianças chegavam da escola, vinham ao meu quarto para passar algum tempo comigo e contar-me tudo o que tinha acontecido naquele dia. Depois, as raparigas iam ter com a mãe, mas o Jess permanecia ao meu lado. Exceto para ir à casa de banho, ele raramente saía do quarto. Passávamos o tempo a jogar *rummy*, *setback* e dominó. Uma noite, notei que o Jess estava a ganhar peso, uma gordura infantil que provinha da inatividade.

"Jess," comecei a explicar com relutância — eu gostava de o ter comigo — "eu adoro ter-te comigo, mas isto não é bom para ti, por isso, a partir de amanhã, quero que saias e vás brincar depois de chegares da escola. Quero que faças todas as coisas que costumavas fazer."

"Mas, pai," protestou ele, "eu prefiro estar contigo!"

"Eu sei, Jess. Mas, bem — repara, eu vou ficar bem. Vou ficar bom, vais ver. E quando ficar, faremos coisas juntos tal como costumávamos fazer."

"Mas supõe que não ficas," desafiou ele temerosamente, "supõe que te acontece alguma coisa quando eu não estiver aqui para te ajudar!"

"Ora, não te preocupes, filho! Nada vai acontecer. Ei! Onde está a tua fé? Não continuamos a viver pela fé expressa em Romanos 8:28, 'Sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito'? O bem vai acontecer, Jess — acredita em mim, Deus ajudar-nos-á a atravessar isto!"

O dia seguinte viu o Jess aparecer várias vezes durante a noite apenas para ver como eu estava a passar. Gradualmente, com o passar do tempo, ele começou a agir como um rapaz normal de onze anos deve agir. Uma noite, ele e as raparigas estavam a ver televisão e começaram a rir. Era aquele riso selvagem, agudo e histérico, comum em crianças da idade deles. Mas, naquela noite, eu

sentia-me miserável — os meus nervos estavam em franja — e gritei: “Ei, miúdos! Baixem isso só um bocadinho, por favor!”

Imediatamente eles desligaram a televisão e o Jess murmurou desconsolado: “Ah, bolas! Já nem se pode rir aqui!” Ferido profundamente por aquele golpe bem merecido, percebi subitamente quão injusta era a minha doença para a Dolores e para as crianças. Chamei a Dolores e disse: “Amanhã ligas para o Dr. Courter e marcas o arteriograma. Prefiro estar morto do que ver-te a ti e às crianças a viverem assim.”

A 18 de novembro de 1971, entrei no Christ’s Hospital em Cincinnati. No dia seguinte, fui preparado e levado para o laboratório de raios-X às sete da manhã. Pelas dez horas, quando o teste deveria ter sido concluído, os médicos estavam apenas a meio, e senti uma dor aguda e pungente no centro superior do meu coração.

“Pare, Doutor!” gritei, mal conseguindo respirar. “Essa coisa perfurou a parede do meu coração.”

“Não,” respondeu o Dr. Courter suavemente, com compaixão. “Não, não poderia fazer isso.” Depois: “Como se sente?”

“Dói, mas,” acrescentei, enquanto me perguntava por que razão ninguém se mexia, “pode parar um minuto e deixar-me ir à casa de banho?”

“Deixe ir,” disse ele, ainda imóvel na sua posição, olhando para a minha direita, atrás de mim. “Deixe ir na mesa!”

“Oh, eu não poderia fazer isso!” argumentei, repelido pela ideia.

“Nós limpamos,” disse ele. “Deixe ir — não deve fazer esse esforço!”

Olhei em volta, intrigado por ninguém se mexer. Pareciam estátuas congeladas: um médico segurando o cateter no lugar, o técnico de raios-X agarrando no ar uma placa de raios-X que acabara de tirar da máquina, as enfermeiras e assistentes em posições macabras, todos a olhar com olhos fixos para o monitor. De repente, percebi que a vontade de ir à casa de banho tinha passado. Sentia-me bem, maravilhoso! Pela primeira vez em anos, estava sem dor ou respiração dificultada; e, graças a Deus! ali estava a Mãe! Oh, eu estava tão feliz! Não a via desde o seu funeral, logo após o último Dia de Ação de Graças. E —

Não pode ser! Pai! És mesmo tu, Pai? Caramba, quanto tempo passou — dez anos? quinze? Vinte. Sim, quase vinte! Oh, é tão bom estar contigo outra vez!

Estranhamente, eu não conseguia compreender todo o alvoroço abaixo de mim. Quando olhei pela última vez enquanto jazia ali na mesa, o Dr. Courter e todos os outros estavam imóveis na sua posição, mas agora — vejam só para

eles! Correm de um lado para o outro como loucos. O que é que estão a fazer àquele pobre tipo na mesa, batendo-lhe no peito e de lado com coisas que parecem ferros de engomar, fazendo o seu corpo saltar como um colchão de borracha?

Caramba, é bom estar aqui em cima, bem acima de todos — tal como flutuar. É... é quase como aquela vez em que eu era um menino com o meu irmão Bill e outros rapazes numa balsa no velho rio West Fork, perto da casa da Avó, e eles saltaram e viraram-na comigo em cima. E o Bill, tive pena dele. Ele estava tão assustado — não parou para pensar que eu não sabia nadar. Mas, caramba — a água espumosa e macia e as luzes brilhantes, elas... elas estavam à minha volta... e eu estava a flutuar rio abaixo. Oh, quem me dera que o Bill não me tivesse agarrado e puxado para fora da água. Gostava de estar lá no fundo daquele rio fresco e almofadado.

Mas isso foi há muito tempo, e — digam lá, aquele tipo ali em baixo na mesa, ele parece familiar! Engraçado, no entanto. Ei! Mas vejam só, sou eu! Mas não pode ser! Eu estou aqui em cima, e — ali está o Dr. Courter. Ele está a trabalhar tanto; por que é que parece tão preocupado?

Aquela luz, aquela luz brilhante lá ao longe, o que é? Oh, está a crescer — está a tornar-se maior e mais brilhante. Mas não, não é uma luz, não realmente. É amor, paz, alegria, felicidade. É... É... mas não é um "isso", é Ele! Mãe, Pai, esperem! Não... vão — não vão... Oh, olá, G. H. G. H. West! Ora, tu eras apenas um miúdo, talvez há trinta e cinco anos, quando bateste na lateral daquele carro em frente à nossa casa. Mas, bem — tenho de ir, G. H. Oh, detesto voltar. Se ao menos — se ao menos a serenidade pacífica e feliz pudesse durar para sempre — eu quero isso!

E o brilho d'Ele! A luz que é mais brilhante do que mil sóis, mas tão fácil de olhar, de amar e adorar. Sem brilho ofuscante — uma essência pulsante e vibrante de... de vida. É isso! A luz, a vida que veio ao mundo para que pudéssemos ter luz e vida. Ámen! Ámen! Aleluia!

Mas tenho de voltar agora. Sim, de volta ao meu corpo na mesa. O que foi aquilo? Ouvi alguém dizer “Já passaram quase cinco minutos”? Não, não pode ser. Certamente não estive aqui em cima mais do que um segundo ou dois. Mas, não importa, velho corpo, aqui vou eu. Oh, o meu corpo dorido! Olhem para eles a massajar, um em cada braço e em cada perna, esfregando como loucos. E agora estão a cobrir-me com tudo o que lhes vem à mão: cobertores, lençóis, batas. Acho que vou abrir os olhos, e —

“Doutor, o que é que está a fazer inclinado sobre o meu ombro dessa maneira?”

“Tenho de lhe dar uma injeção de digitalis. Pronto, sente-se melhor?”

Bem, não, não me sentia melhor, mas pelo menos tudo tinha acabado e eu tinha conseguido sobreviver, ou assim pensava. Não, o teste não foi concluído, e nunca será — o meu coração estava demasiado debilitado para suportar o esforço dos contrastes.

CAPÍTULO VI

NATAL, UM BELO INTERLÚDIO

Lembro-me vagamente do Dr. Courter me dizer no laboratório de raios-X: "Devido a complicações, devo enviá-lo para a Unidade de Cuidados Intensivos Coronários," mas não me lembro de mais nada até ser levado para fora do elevador na UCI, onde vislumbrei fugazmente a Dolores e a Punky paradas a alguma distância no corredor, com um aspeto muito triste, a falar com o Dr. Courter.

A Dolores contou-me mais tarde que o Dr. Courter a tinha informado com relutância ali no corredor: "Lamento, mas dadas as circunstâncias, há muito poucas probabilidades de o seu marido sobreviver; no entanto, caso ele consiga, deve perceber que ele poderá nunca mais voltar a andar ou a falar."

O meu coração tinha fibrilado no laboratório de raios-X e, para todos os efeitos, eu tinha morrido. Havia a possibilidade de que, durante os quase cinco minutos em que estive fora deste mundo, pudessem ter ocorrido danos cerebrais devido à falta de oxigénio. Na altura, o Dr. Courter não tinha forma de saber a extensão dos danos, se é que existiam.

Quando a Dolores me viu sair do elevador, perguntou ao Dr. Courter se seria possível estar comigo por um momento. Ele concordou que não haveria problema. Juntos, ela, a Punky e o Dr. Courter vieram para onde eu jazia. A Dolores pôs uma mão sobre a minha e exclamou: "Ele está tão frio!"

O Dr. Courter olhou para ela e sorriu de forma tranquilizadora. "Se acha que ele está frio agora, devia tê-lo sentido há um momento."

Durante os dois dias seguintes, jazia num semi-coma e não tenho qualquer recordação de nada até sábado à noite. Das seis da manhã de quinta-feira até às nove da manhã de sábado, a Dolores nunca saiu do hospital. Embora apenas a Dolores e a Punky tivessem permissão para me visitar nos Cuidados Intensivos, e apenas por períodos curtos, o Dr. Courter fez preparativos para que a Dolores se sentasse comigo nas noites de quinta e sexta-feira, porque a possibilidade de eu sair da unidade vivo era praticamente nula.

Depois, começou a diversão. Algures cedo na manhã de sábado, quando a Dolores estava a ir buscar uma toalha fresca para limpar o suor da minha testa e humedecer os meus lábios secos, uma enfermeira entrou no quarto e ordenou que ela saísse, gritando: "Não sabe que ninguém é permitido aqui a não ser durante o horário de visitas!" A Dolores tentou explicar a sua presença, mas a enfermeira,

que tinha estado de folga na noite de quinta-feira, não sabia que o Dr. Courter tinha dado permissão à Dolores para estar ali, não quis ouvir e procedeu a forçá-la a sair para a sala de espera.

Pelo resto dessa noite, a Dolores deitou-se num sofá na sala de espera. Quando o nosso genro, Larry, trouxe a Punky ao hospital na manhã de sábado, tentou convencer a Dolores a ir para casa descansar um pouco, mas ela recusou-se a sair. Ele acabou por a levar pelo braço e forçou-a a ir para o carro e para casa para descansar.

Embora eu estivesse em coma, de alguma forma sabia que a Dolores tinha sido tratada de forma bruta e rude por uma enfermeira. Incapaz de compreender o que era todo aquele alvoroço, fiquei com a impressão de que alguém estava deliberadamente a tentar prejudicá-la a ela e às crianças.

Nada fazia sentido para mim, possivelmente porque antes de entrar no hospital para o arteriograma eu tinha dado uma prioridade tão alta ao caso Gretchen! Tinha trabalhado tanto nele que estava completamente exausto. À parte da minha família e igreja, era o número um na minha vida, e eu estava determinado a prosseguir com a investigação independentemente de toda e qualquer oposição. E a oposição estava a começar a aumentar, embora eu não estivesse realmente consciente disso na altura.

Algumas semanas antes, em outubro, o meu Superintendente de Distrito, o Reverendo George Myers, telefonou-me zangado porque tinha conduzido até à igreja mais cedo naquela noite para uma Conferência Local e não encontrou lá ninguém. Fiquei atónito com as suas ações: a casa paroquial situava-se mesmo ao lado da igreja, mas em vez de vir ter comigo para pedir uma explicação, entrou no carro e conduziu os 105 quilómetros de volta ao seu escritório em Hamilton para me telefonar. Quando perguntei por que razão não tinha vindo à casa paroquial, ele recusou-se a responder, preferindo vociferar e delirar.

Cada igreja ou encargo no Metodismo Unido é obrigado a realizar uma reunião especial (Conferência Local) todos os anos e traçar planos para o ano seguinte, sendo a data fixada pelo Superintendente de Distrito. Em momento algum de 1971 recebi uma carta do Reverendo Myers notificando-me da data da nossa Conferência Local, embora tenha a certeza de que ele tinha fixado uma data. Ou a sua carta se perdeu no correio ou a sua secretária falhou o envio. Não importava, o Sr. Myers tinha sido nomeado Superintendente de Distrito há pouco tempo e provavelmente não parou para pensar que poderia ter havido algum equívoco ou que eu pudesse ter alguma desculpa válida.

Fiquei melindrado porque os Superintendentes de Distrito são obrigados pela disciplina da igreja a visitar cada paróquia durante o ano da conferência para supervisionar e ajudar todos os ministros sob a sua supervisão de qualquer forma que possam; mas, apesar de eu ter estado seriamente doente, nem uma única vez

o Reverendo Myers contactou a minha esposa ou a mim por telefone ou pessoalmente. Eu não teria conhecido o homem se o tivesse encontrado na rua. Mesmo quando fui para o hospital, não houve um cartão de melhoras ou uma palavra de encorajamento da parte dele.

O Sr. Myers era a menor das minhas preocupações. Mas, devido à minha condição, eu estava preocupado com um homem de semblante horrível que estava a tentar magoar a Dolores e as crianças. Eu não fazia ideia de como, mas a alucinação parecia tão real que eu estava determinado a protegê-los a todo o custo. Naquela noite de sábado, numa cama de hospital, não importava como. Pontapeei o suporte que segurava os frascos de glicose até que se estilhaçaram no chão, e desprendi-me do cateter uretral, dos elétrodos para o monitor cardíaco e de vários cateteres venosos, depois levantei-me e caminhei descalço sobre o vidro partido, para destruir tudo no quarto, até o próprio quarto.

No meu estado de confusão, a Dolores e as crianças pareciam em perigo de ser destruídas por aquele homem, e eu tinha de o impedir, quem quer que fosse. Não conseguia encontrar nada para usar como arma. Depois vi o jato de oxigénio a sair da parede. Pensei que era um cano de gás natural. Arranquei-o da parede e apontei-o ao homem inexistente, certo de que os fumos mortais o pariam.

Embora a carnificina tenha tido lugar na Unidade de Cuidados Intensivos do Christ Hospital em Cincinnati, no meu estado mental confuso imaginei a ação a decorrer na cozinha antiquada da minha mãe, tal como era há quarenta anos na nossa casa em Nutter Fort, Virgínia Ocidental, onde usávamos gás natural para cozinhar e aquecer. Mas o local da minha alucinação não é importante. Aquele homem era tudo o que contava. Eu pará-lo-ia se fosse a última coisa que fizesse na vida!

O meu descontrolo terminou subitamente quando a enfermeira mais pequena do andar avançou corajosamente e entrou no meu quarto, apesar de todos os guardas, contínuos e auxiliares disponíveis no hospital terem sido convocados para me subjugar. Quando ela finalmente me alcançou, para espanto de todos, limitei-me a pôr-lhe um braço à volta e implorei: "Querida, ajuda-me, por favor!" Foi-me dito mais tarde que, quando alguém falava comigo naquela noite, mesmo enquanto eu destruía tudo o que via, eu respondia cortesmente: "Sim, minha senhora, não, minha senhora" a tudo o que me era dito. Quando o meu descontrolo terminou, eu tinha estilhaçado milhares de dólares em equipamento caro, janelas, portas e paredes.

Cinco dias depois, acordei pela primeira vez após o que é agora referido humoristicamente como o "Ataque do Jay," e vi que o relógio na parede marcava seis horas. Olhei em volta e vi uma auxiliar de enfermagem de costas para mim, a limpar algo do chão. "Minha senhora," chamei eu, "são seis da manhã ou seis da tarde?" Com um grito, ela saltou e correu para fora do quarto, berrando: "Oh,

meu Deus! Ele está vivo! Ele está vivo!" Depois, voltei a cair em coma. Quando voltei a abrir os olhos, o Dr. Courter e outro médico e enfermeiras entravam apressadamente no quarto.

"Olá, companheiro," saudou-me o Dr. Courter com brilho, "ainda bem que voltaste!"

Depois de me examinar, o Dr. Courter colocou-se ao pé da cama e manteve o seu indicador e polegar afastados um quarto de polegada e disse: "Pregador, sabe que durante os últimos cinco dias esteve apenas a esta distância da morte?" Eu não sabia, mas para mim não fazia diferença — um quarto de polegada era tão bom como uma milha.

Durante as semanas seguintes, jazia no hospital, sonhando frequentemente com o homem que eu pensava estar empenhado em magoar a Dolores e os miúdos. Acordava sempre ensopado em suor. Mal sabia eu que, dentro de poucos meses, encontraria esse homem face a face. De momento, apenas queria sair do hospital e ir para casa estar com a minha mulher e os meus filhos. Todos os dias, quando o Dr. Smith entrava para me examinar (o Dr. Courter estava de férias), eu perguntava: "Quando é que me vai deixar ir para casa?" Eu pensava que podia ir para casa a qualquer momento, porque antes de entrar no hospital o Dr. Courter tinha-me dito que eu estaria lá apenas um par de dias para o teste, e eu não conseguia compreender por que razão não me deixavam ir para casa.

Nos primeiros dias, o Dr. Smith respondia sempre: "Talvez em breve." Mas um dia explodiu e disse: "Bolas, homem, não sabe que teve um ataque cardíaco!"

Fiquei chocado, não pela sua linguagem ou atitude, mas pela constatação doentia de que tinha sofrido o meu oitavo ataque cardíaco. Só então percebi por que razão não tinha forças para lavar os dentes.

Um par de semanas antes do Natal, o Dr. Courter veio ao meu quarto por volta das nove da manhã e disse-me: "Vamos deixá-lo ir para casa em breve, mas deve ter muito cuidado para nunca se zangar, nunca se deixar excitar e nunca pôr a cabeça fora da porta para apanhar uma lufada de ar frio. Se o fizer, pode ser a sua última!"

"O que acontece quando chegar a primavera?" inquiri esperançoso.

"Não se preocupe com isso," respondeu ele com um tom de finalidade profissional, "provavelmente já cá não estará nessa altura."

"Está a mandar-me para casa para morrer, então," disse eu, com o sentimento desesperado de que não havia mais nada que ele pudesse dizer.

Relutante e simpaticamente, ele assentiu. "Receio que seja mais ou menos isso."

Quando tínhamos discutido pela primeira vez a minha submissão ao arteriograma, o Dr. Courter tinha dito que, se conseguissem localizar a causa do meu problema, possivelmente poderiam operar — uma perspetiva que eu não tinha encarado com alegria. Agora, eu estava pronto e disposto a ir até ao fim, a fazer qualquer coisa que contivesse a promessa de eu viver apenas mais um pouco.

"E quanto à cirurgia, Doutor? O senhor disse que—"

"Sim, eu sei," interrompeu ele, "mas lamento — uma operação está fora de questão."

Quando pressionado para uma explicação, ele disse que os raios-X revelavam que três das quatro artérias principais eram completamente inúteis devido à arteriosclerose. A única operação que poderia ajudar-me era um bypass cardíaco, um tipo de cirurgia relativamente novo que exigia a remoção das artérias afetadas e a sua substituição por veias das minhas pernas. "No entanto," acrescentou ele, "receio que as suas artérias estejam tão degradadas que não resta tecido saudável suficiente ao qual as novas inserções possam ser fixadas."

Derramei-me desanimado — era isso! Tinha chegado ao fim da linha. Acreditem, aquele foi um dia muito, muito longo, e eu temia o momento em que a Dolores chegaria para a sua visita diária. Ela era quem tinha lutado o bom combate: esperando, rezando e encorajando-me a não desistir. Como poderia eu dizer-lhe que, embora tivéssemos ganho muitas, muitas batalhas, tínhamos perdido a guerra.

Felizmente, às cinco da tarde desse dia, o Dr. John Flegge entrou casualmente no meu quarto e encostou-se à parede logo à entrada da porta. Ainda vestido com o seu uniforme cirúrgico verde, levantou uma mão. "Olá, Pregador. Como vai isso?"

"Não muito bem," respondi desanimado. Depois, desafiei: "Ei! Dizem-me que o senhor é o maior cirurgião cardíaco do mundo — então porque é que não me opera?"

Seriamente, olhando-me diretamente nos olhos, ele disse, quase provocadoramente: "Inferno, homem, você vai morrer!"

"Sim!" retorqui zangado. "Eu vou morrer, mas pelo menos deixe-me morrer a lutar!"

"Na minha mesa não vai, de certeza," contrapôs ele, naquilo que parecia ser um estratagema deliberado para me espicaçar.

"Olhe, Doutor," continuei a implorar, "tem de me dar uma oportunidade! Sabe que tenho uma constituição forte e uma vontade de viver ainda mais forte. Veja o que eu fiz àquele quarto lá em cima! Lembra-se..."

Começando a rir, ele levantou uma mão e caminhou para a cama. “Sim, Pregador, eu sei. Só estava a brincar — o Conselho decidiu no último sábado que, se for para casa, se comportar bem e ganhar algum peso e força, operamos!”

“Mas,” engasguei-me, hesitante em acreditar na maravilhosa notícia, “o Dr. Courter disse esta manhã que—”

O Dr. Flegge disse: “O Dr. Courter estava de férias e ainda não sabe — ainda não o vi para lhe dizer a nossa decisão.”

Oh, dia feliz! Soube então que o bom Senhor tinha poupado a minha vida mais uma vez e, não importa o quê, eu faria aquela operação. Eu viveria!

O Natal desse ano foi o mais glorioso. As crianças tinham o pai de volta, o que ninguém tinha pensado ser possível. Os medos do Dr. Courter não se tinham concretizado: eu vivi! Eu andei e falei! É verdade que eu era apenas uma sombra do meu antigo eu — de oitenta quilogramas para um saco de ossos magricela — mas estava vivo, e isso era tudo o que importava.

Véspera de Natal, a árvore estava decorada mais magnificamente do que eu alguma vez julgara possível; talvez apenas me parecesse mais bonita a mim. Os cânticos de Natal do gira-discos eram música do céu para os meus ouvidos. O chão debaixo da árvore estava carregado de presentes de Natal para as crianças, graças à Avó e ao Avô Skidmore e a todos os nossos familiares e amigos, que se certificaram de que o Pai Natal vinha à nossa casa. Era bom estar vivo, tão maravilhosamente bom!

Provavelmente o momento mais precioso da minha vida veio quando a Vonda, a Mary Jo e o Jesse me trouxeram a minha Bíblia. “Papá,” disse a Vonda, com uma luz nos olhos que brilhava mais do que a estrela mais resplandecente da árvore, “todos os anos no Natal leste-nos a história de Natal, por isso podes, queres ler-nos sobre o menino Jesus, sobre os anjos e... queres ler-nos — por favor, Papá? Todos rezámos para que Ele te deixasse vir para casa só para nos poderes ler outra vez.”

E eu li, com lágrimas desavergonhadas nos meus olhos e sinos de alegria a tocar na minha alma. O Jesse, a Mary Jo, a Vonda, a Punky, o Larry e a Dolores reuniram-se à minha volta perante a lareira e, juntos, vimos nas chamas tremeluzentes todas as coisas gloriosas que aconteceram naquela primeira noite de Natal, há tanto tempo.

A minha cirurgia de coração aberto estava agendada para 22 de fevereiro de 1972, dando-me dois meses para me preparar e reunir todas as pontas soltas. Assim que as festas terminaram, ocupei-me a juntar todo o material de Gretchen e a enviá-lo para o Dr. Stevenson em Charlottesville. Independentemente do que me acontecesse, eu queria ter a certeza de que a investigação seria concluída.

Quanto a Gretchen, eu não conseguia fazer regressão com a Dolores — eu estava fortemente medicado e era-me impossível concentrar-me eficazmente.

Além disso, enquanto eu jazia tão perto da morte no hospital, a Dolores teve vários sonhos terríveis envolvendo Gretchen e a vida no outro mundo, o que lhe causou muito trauma emocional. A Dolores não me contou sobre os sonhos na altura, porque não queria dizer ou fazer nada que me pudesse perturbar e impedir a minha recuperação. Mas, por causa dos sonhos, recusou-se sequer a considerar a possibilidade de me deixar fazer-lhe regressão.

Mesmo assim, houve alturas em que tentei. Uma noite, não percebendo bem quão medicado estava, insisti que a Dolores me deixasse hipnotizá-la e fazer-lhe regressão. Pensando em mimar-me, ela fez com que eu me sentasse numa cadeira ao lado da cama e ela deitou-se, fingindo estar em transe. Quando fiz os movimentos de a induzir, ela fingiu estar a falar em alemão, balbuciando sílabas sem sentido, pensando que eu não saberia a diferença.

Bem, eu tinha ouvido Gretchen tempo suficiente para saber como soava o alemão, e sabia que a Dolores não estava a falar alemão. Devido à minha mente confusa, cheguei a pensar que possivelmente outra personalidade tinha emergido, provavelmente falando uma língua estrangeira que eu nunca tinha ouvido antes. Não querendo arriscar, instalei o gravador de fita, esperando gravar aquela nova língua para a posteridade.

Infelizmente, quando a sessão terminou e tentei reproduzir a fita, não havia som — tinha-me esquecido de carregar no botão de gravar. Vários meses mais tarde, quando quis fazer regressão à Dolores novamente e procurar a personalidade recém-descoberta, ela confessou que não havia nenhuma personalidade nova. “Eu nem sequer entrei em transe naquela noite,” acrescentou ela, esperando que eu não ficasse zangado ou perturbado.

Dessa experiência, aprendi que, pela primeira vez na sua vida, a Dolores tinha tentado aprender algumas palavras em alemão. Evidentemente, eu tinha sido persistente em insistir que ela se submetesse à regressão, por isso, para me apaziguar, ela decidiu que, em vez de me deixar pô-la em transe, memorizaria algumas palavras em alemão e fingiria ser Gretchen da próxima vez que eu lhe pedisse para me deixar hipnotizá-la. Consequentemente, enquanto fazia compras no Beechmont Hall perto de Cincinnati, comprou um pequeno e barato dicionário de alemão. Quando tentou estudá-lo, aprendeu para seu desalento que não conseguia entender ponta de um corno das palavras alemãs; um dia ou dois depois, deitou o dicionário no cesto do lixo.

Muitas pessoas que fingem sofisticação intelectual (enquanto denunciam tudo e qualquer coisa que não conseguem compreender ou explicar com respostas triviais) proclamaram que a compra do dicionário por parte da Dolores é uma admissão tácita de que ela aprendeu a língua. Isso simplesmente não é

verdade! Infelizmente, a Dolores e eu descobrimos que a honestidade nem sempre é a melhor política quando se tenta explicar a céticos como o sobrenatural afetou as nossas vidas. O senso comum indicaria a qualquer pessoa racional que não havia absolutamente nenhuma razão para a Dolores sequer mencionar a compra do dicionário, além da sua honestidade inerente. Afinal de contas, é um facto provado que ela falara alemão em transe durante mais de dois anos antes de comprar o dicionário.

A minha razão mais forte para acreditar que a Dolores é uma mulher honesta reside simplesmente no facto de que, durante o terço de século em que tem sido minha esposa, não tive razões para acreditar que ela alguma vez me tenha mentido. Lembrem-se, também, que a Dolores me deu rédea solta para sondar o seu subconsciente; não há uma faceta da vida dela que não me seja conhecida. Em hipnose, é possível determinar quando uma pessoa não está a dizer a verdade. Por exemplo, muitas pessoas têm vindo ter comigo em busca de ajuda para deixar de fumar. O caso de Harold Miles é comparável a muitos desses casos.

Eu tinha hipnotizado o Harold e dado as instruções habituais para aliviar o seu desejo de cigarros, reforçando subsequentemente as sugestões (instruções) para lhe permitir atingir o seu objetivo sem ser forçado a uma tremenda batalha entre o desejo e a força de vontade. O poder de permanência das sugestões hipnóticas é de maior ou menor duração, dependendo da pessoa, e após a hipnose o Harold conseguia passar um dia ou dois sem fumar, mas ao terceiro dia a sua força de vontade e o poder da sugestão tinham diminuído de tal forma que ele sucumbia ao desejo de um cigarro e acendia um.

Um dia, quando o Harold veio ao meu gabinete, sendo o odor a fumo claramente percetível, perguntei-lhe como estava a passar e ele disse: “Bem! Ótimo! Não fumo um cigarro desde a última vez que o vi.” Obviamente ele estava a mentir, por isso, depois de o colocar em transe e reforçar as instruções anteriores, acrescentei a sugestão pós-hipnótica: “Se fumar entre agora e a próxima sessão, o seu joelho direito ficará dolorido e caminhará com coxo. No entanto, nem sequer suspeitará que o facto de ter fumado fez com que a sua consciência invocasse uma dor psicossomática no joelho; em vez disso, atribuirá a dor ao reumatismo.” Sem dúvida, três dias depois, o Harold entrou no meu gabinete visivelmente coxo, queixando-se de que o mau tempo tinha feito o seu reumatismo “atacar”. Ficou bastante envergonhado quando lhe contei a causa do seu “ataque”.

Em hipnose, a Dolores foi submetida a esse teste, bem como à maioria dos outros testes conhecidos pela ciência. Um teste que é extremamente eficaz é o reflexo psicossomático. Usei-o na Dolores muitas vezes. Enquanto ela estava em transe profundo, eu dizia-lhe que cada vez que respondesse a uma pergunta com verdade, o seu indicador direito se ergueria automaticamente. Para tornar o teste

funcional, fazia-lhe várias perguntas inócuas, como "É a Dolores Jay?", "O seu marido é pastor?", "Tem quatro filhos?" e "Nasceu em Clarksburg, Virgínia Ocidental?", para estabelecer o hábito subconsciente de a levar a erguer o indicador direito quando a resposta fosse "sim".

Depois, era necessário estabelecer uma resposta falsa a perguntas como "Tem um metro e oitenta de altura?", "Os seus filhos são todos rapazes?", "Tem cabelo ruivo?". Quando o padrão estava definido, eram feitas perguntas tanto verdadeiras como falsas até que a resposta sim/não em conjunto com o indicador erguido fosse automática. Nas muitas vezes que utilizei este teste na Dolores e em outros, nunca falhou; eu arriscaria literalmente a minha vida em qualquer resposta fornecida pela Dolores através do seu uso. A sua resposta à pergunta "Alguma vez aprendeu a falar alemão?" foi sempre um definitivo "Não!".

A prova da sua honestidade, naturalmente, não dependia apenas da minha palavra. Sempre que alguém sugeria por palavras ou implicação que ela tinha aprendido a língua, a Dolores declarava que estava disposta a submeter-se a qualquer tipo de teste ou exame para provar que não o fizera. Então, a 20 de maio de 1971, escrevi a Dan Tehan, xerife do condado de Hamilton (Cincinnati), e solicitei que a Dolores e eu fôssemos submetidos a testes de detetor de mentiras pelos seus operadores de polígrafo no Centro de Comunicações do Condado de Hamilton.

Alguns dias depois, o Xerife Tehan ligou-me e perguntou, rindo: "Tem a certeza de que quer esse teste?" Quando lhe assegurei que sim, ele perguntou-se o que aconteceria se eu descobrisse coisas sobre a minha mulher que realmente não quisesse saber; e "Tem a certeza de que a sua mulher não o deixará quando souber a verdade sobre si?". Depois de o convencer de que não tínhamos segredos, ele concordou em deixar-nos fazer o teste, desde que assinássemos uma renúncia ilidindo-o a ele e a todos os ligados ao Centro de Comunicações de qualquer responsabilidade. O Detetive Philip Andres e o Vice-Chefe Harry Culler foram designados para administrar o teste. Mas quando a Dolores e eu chegámos ao Centro alguns dias depois, o Detetive Andres pediu-nos desculpa: "Lamento, mas alguém acima de nós decidiu que seria melhor não vos dar o teste."

Ficámos arrasados. Embora soubéssemos que os testes de polígrafo não eram normalmente admitidos em tribunais, sentíamos que, se fizéssemos o teste voluntariamente, a maioria das pessoas aceitaria as conclusões do operador do polígrafo. Pessoalmente, apenas saber que a minha extremamente sensível esposa estava disposta a fazer o teste era suficiente para mim, e sei agora que, mesmo que tivéssemos feito mil testes, muitos céticos escolheriam ignorar todas as evidências e continuariam a gritar fraude.

Chegou o dia em que o Dr. Stevenson fez preparativos para que a Dolores fosse submetida a um teste de polígrafo, por Richard O. Arther, presidente da Scientific Lie Detection, Inc., de Nova Iorque. Durante o teste, foi perguntado à Dolores: "Antes de maio de 1970, no seu estado normal de consciência, alguma vez soube falar alemão?" "Não." "Antes de maio de 1970, passou tempo com alguém que falasse alemão?" "Não." "Antes de maio de 1970, alguém falou alemão consigo?" "Não." "Alguém a ensinou a falar alemão?" "Não." "Antes de maio de 1970, enquanto no seu estado normal de consciência, alguém lhe disse alguma vez uma frase completa em alemão?" "Não." "Antes de ser hipnotizada em 1970, ouviu-se alguma vez a si própria dizer uma frase completa em alemão?" "Não."

Quando o teste terminou, o Sr. Arther disse-me na presença do Dr. Stevenson: "Sr. Jay, a sua esposa é uma mulher muito corajosa, uma mulher muito sensível e uma mulher muito honesta." Bolas, eu já sabia tudo isso antes de ela fazer o teste!

Mesmo um relatório positivo do polígrafo não nos convenceu de que a personalidade de Gretchen pudesse ser adequadamente explicada pela reencarnação; havia demasiadas facetas estranhas no caso, o que me levou a procurar cada vez mais em todas as fases do paranormal. Como consequência, aceitei alguns convites para dar palestras perante grupos ocultistas, uma experiência que considero um exercício de futilidade, ou pelo menos um curso intensivo sobre o bizarro.

Nunca poderei esquecer-me de olhar para as minhas filhas durante as férias de Natal e estremecer com algumas das crenças revoltantes (para mim) que estavam a ser disseminadas nesses grupos. O que têm as minhas filhas a ver com o oculto? Nada! Absolutamente nada! Eu tinha meramente colocado uma questão sobre o destino delas na teoria da reencarnação após uma das reuniões em que palestrei sobre hipnose. Vários membros da assistência naquela noite convidaram-me para jantar num restaurante. Eles esperavam convencer-me de que o fruto da sua doutrina, "Colherás o que semeares", não se aplicava ao castigo ou recompensa nesta vida ou na vida após a morte, mas a uma vida futura nesta terra.

O líder do grupo tinha insistido dogmaticamente durante a reunião que não havia tal coisa como pecado ou mal neste mundo. "Todas as coisas más que acontecem nesta vida," proclamou com um ar de autoridade, "foram atos de retribuição por coisas más feitas numa vida anterior: o cumprimento do karma."

Eu não conseguia aceitar tal doutrina, por isso perguntei enquanto jantávamos: "Esperam que eu acredite que, se alguma das minhas filhas fosse atacada e violada, ou até morta por um maníaco sádico, eu não poderia classificar tal ato como mal? Como um pecado cometido por um pervertido demente?"

"Exatamente!" retorquiu ele, com o que me pareceu um sorriso perverso. "A sua filha estaria meramente a receber o que deu a alguém numa vida anterior. De acordo com a lei do karma, o ataque contra ela seria apenas o que ela merecia."

"Oh, ora vamos lá!" rebati eu em espanto chocado. "Tenho uma filha de vinte e três anos, uma de treze e uma de doze, e tentei criá-las como boas raparigas cristãs. Se o que diz é verdade, então todos os meus deveres parentais são em vão. Elas serão boas ou porque estão a expiar erros das suas vidas passadas, ou receberão castigo de uma forma ou de outra como retribuição por esses mesmos erros."

"Exatamente, Pregador!" quase soltou ele, abanando um dedo para mim. "Até o senhor escolheu tornar-se um ministro do Evangelho nesta vida simplesmente porque foi um demónio na última vida. Veja" — ele sorriu com prazer perante a sua exortação caduca — "a sua consciência da sua vida anterior compele-o a expiar nesta vida. Infelizmente, devido à sua ignorância e medo, limita-se a fingir ser um santinho na esperança de apaziguar algum Deus que pensa que anda por aí algures no espaço, mas homem!" — ele abanou a cabeça como se tivesse pena de mim — "está tudo errado! Não existe nenhum Deus lá fora para cuidar do senhor, condená-lo ou aplaudir as suas ações piedosas nesta vida. Deus está dentro de si — o senhor é Deus! Não vê, companheiro, o senhor e apenas o senhor determina o seu próprio destino. Da mesma forma, se algo que chama de mau ou maligno acontecesse às suas filhas nesta vida, aconteceria porque elas fizeram essa mesma coisa má a alguém na sua vida anterior! 'Colherás o que semeares.' Essa é a lei do karma: o funcionamento de causa e efeito. Até a sua Bíblia apoia esse ensinamento."

Tal raciocínio não era apenas dele. Persistiu desde as antigas religiões orientais até ao presente, sendo suavizado com o tempo e a narrativa até que agora é aceite como a panaceia da salvação para todos os que querem o sol na eira e a chuva no nabal. Ruth Montgomery é uma de muitos autores que aceleraram a rápida propagação da crença de que nem Deus nem a sociedade têm o direito de julgar e condenar os nossos atos individuais como bons ou maus: "As nossas almas são o seu próprio juiz do bem e do mal," e acrescenta, "Deus ama-nos a todos por igual e, através da Sua misericórdia, ser-nos-ão concedidas tantas vidas quantas escolhermos para expiar a nossa obstinação... somos o nosso próprio juiz e júri..."

Tal lógica é para mim ridícula e revoltante. É verdade que está registado no livro de Gálatas (6:7), "... tudo o que o homem semear, isso também ceifará." Mas que tolice das tolices, havemos nós de engolir uma doutrina baseada numa única passagem da Escritura que, se tomada literalmente e isoladamente, exige que os conceitos de amor, justiça, misericórdia e a salvação que nos é oferecida em Cristo Jesus sejam descartados como conceitos ilusórios? Certamente apenas

os mais ingénuos aceitarão qualquer pregação ou ensinamento baseado num único texto.

Se a totalidade das nossas vidas deve ser moldada por textos epigramáticos, então segue-se automaticamente que um texto é tão bom como outro. E se isso for verdade, comecemos a viver as nossas vidas de acordo com frases bíblicas isoladas, como "Deixa que os mortos enterrem os seus mortos" (Lucas 9:60) — um belo truque, se o conseguirem fazer; ou "Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas candeias" (Lucas 12:35). Luzes? Que luzes? Certamente que se eu tomar essa passagem da Escritura fora de contexto, só posso concluir que a natureza me passou a perna, visto que tenho sido incapaz de localizar uma lâmpada ou um interruptor de luz em qualquer parte de mim.

O homem disse também que não havia Deus; que eu era Deus ou um deus. Ora vamos lá, como poderia qualquer simples mortal ser Deus? Se as palavras hão de ter algum significado, devem ser designadas como símbolos que transmitem conceitos, ou ser usadas para ligar vários símbolos (palavras) para transmitir uma imagem mental de um pensamento ou objeto. Como tal, a palavra "Deus" é uma combinação de letras moldadas num símbolo que tem sido usado desde os tempos mais remotos para nos informar que existe um Ser Supremo, Mente Infinita, Poder, Criador e Amor que é omnisciente, omnipotente e omnipresente.

Por isso, pergunto novamente: como pode alguém ser tão presunçoso ao ponto de afirmar ser Deus, quando ninguém pode sequer pretender ser sabedor de tudo, possuidor de toda a força e poder, estando sempre presente em todo o lado ao mesmo tempo? Não consigo criar uma folha de erva, um carvalho ou sequer a minha própria descendência — apenas posso auxiliar a minha esposa nesta última através de um processo divino instituído por um Criador divino. Posso fazer um pão, mas não posso criar as substâncias que compõem o pão. (Sim, posso plantar as sementes que culminarão em farinha, mas criar uma semente? Nem em mil anos!)

Como consequência da minha visita aos ocultistas, algo me aconteceu: os pensamentos gentis sobre a reencarnação que se tinham filtrado lentamente na minha mente foram perfurados por uma doutrina que eu acreditava ser aceite de ânimo demasiado leve e defendida de forma demasiado simplista por um grupo que pairava como uma franja das verdadeiras organizações parapsicológicas que tentavam fazer um estudo válido do paranormal.

Cada grupo ou organização tem a sua quota-parte de loucos, até a Igreja, por isso, quando me foi endereçado outro convite para palestrar a outro grupo que eu sabia ser ocultista, aceitei, admitindo que não podia condenar todas as pessoas de pensamento semelhante porque discordava dos ensinamentos absurdos de apenas um grupo. Além disso, esperava seriamente encontrar alguém

que pudesse fornecer uma explicação mais sensata da doutrina da reencarnação. Tinha lido extensamente sobre o assunto, mas sentia necessidade de o compreender tal como era ensinado e acreditado ao nível popular.

Não houve ensinamento da doutrina propriamente dita naquela noite, mas aprendi algo da ingenuidade bizarra que domina tais grupos quando uma mulher jovem e corpulenta me encurralou. “Não é da Virgínia?” “Sim, vivi lá há alguns anos.” “Já ouviu falar de um lugar chamado Elkton?” Surpreendendo-a, respondi: “Sim, servi numa igreja lá no início dos anos sessenta.” “Bem, então,” continuou ela entusiasticamente, “é exatamente o homem que eu quero. Existe uma Avenida Spotswood em Elkton?”

Quando eu disse que sim, ela explodiu excitada: “Oh, meu Deus! É isto!” Divertido, perguntei: “É isto o quê?” “Em Elkton,” perguntou ela, sem fôlego de excitação, “há um semáforo na esquina da Main Street com a Spotswood?” “Bem, sim e não,” respondi, e expliquei que a Spotswood era a Main Street, mas que havia um semáforo (luz de rua) na esquina da Spotswood com a Rota 340, que muitas pessoas consideram como a Main Street. “É isso! É isso!” Ela dançou exuberantemente. “Foi onde eu vivi na minha última vida!” Encorajada a explicar, ela elaborou. “Há alguns meses sonhei que estava a conduzir por Elkton e vi uma placa que dizia Avenida Spotswood na esquina da Main Street junto ao semáforo. E...” Fez uma pausa antes de acrescentar o que considerava ser a prova decisiva para a reencarnação. “Eu estava a conduzir um Pontiac vermelho de 1968, mas nunca estive em Elkton nesta vida, nem nunca conduzi um Pontiac!” “E então?” comecei a questionar o seu raciocínio. “Não percebe,” implorou ela por compreensão, “eu tive de ter conduzido por Elkton numa vida anterior, já que nunca lá estive nesta vida, nem nunca conduzi um Pontiac!” “Não propriamente,” respondi honestamente. “Não vejo como poderia ter vivido noutra vida e conduzido um Pontiac de 1968 nessa vida, quando esse modelo saiu para o mercado há apenas quatro anos.” “Oh!” Ela recuou. “Nunca pensei nisso. Mas não!” Iluminou-se momentaneamente e lançou um olhar altivo. “Vocês, pessoas que não acreditam na reencarnação, são todos iguais. Escolhem sempre uma pequena falha e usam-na como desculpa para não acreditar. Mas eu não! Eu acredito! Eu acredito!” E acreditava, tal e qual como se tivesse juízo.

CAPÍTULO VII

INJUSTIÇA DA VIDA — JUSTIÇA DE DEUS

À medida que a data para a minha cirurgia de coração aberto se aproximava, a Dolores levou-me ao laboratório do Christ Hospital para uma análise ao sangue; a tipagem era necessária para garantir que uma reserva adequada pudesse ser reunida e estivesse à mão para a operação. Enquanto estávamos no hospital, parámos para ver o meu cirurgião, o Dr. John Flegge. Ele

queria certificar-se de que compreendíamos perfeitamente todas as regras e procedimentos para tal operação.

O simples facto de saber que ia ser operado deu um alento tremendo à Dolores. Certa de que eu superaria os meus problemas cardíacos, ela estava com o moral elevado, mas quando o Dr. Flegge encontrou oportunidade de falar com ela em estrita confidência enquanto eu estava ocupado noutro local do hospital, advertiu: "Não deve deixar-se elevar demasiado emocionalmente." "Por que não?" questionou ela, surpreendida. "O facto de o senhor ir operar é a melhor notícia que tive em tempos!" "Sim," concordou ele, "neste momento é uma boa notícia para si, e tenho esperanças muito altas de que será ainda melhor quando tudo isto acabar, mas sejamos realistas: as probabilidades de o seu marido estar vivo e de boa saúde após a operação são de cerca de uma em dez. Se esperar demasiado e algo correr mal, o desapontamento pode ser devastador."

Completamente subjugados, a Dolores e eu fizemos a maior parte do longo caminho para casa em silêncio. "Mas, querida," desabafei encorajadoramente pouco antes de entrarmos no nosso caminho de acesso, "Deus tem sido bom para nós! Afinal de contas, Ele deixou-me voltar dos mortos para dois gloriosos meses de amor e aventura contigo e com as crianças. Além disso, não posso acreditar que tenha chegado a minha hora de deixar este velho mundo! Não posso acreditar que Deus ordenaria que tu e eu trouxéssemos a Gretchen a este mundo e depois me levasse embora antes de nos dar a oportunidade de descobrir a causa da sua emergência."

No meu coração eu sabia que Deus estava connosco, que tudo o que tínhamos feito estava de acordo com a Sua vontade. Ainda assim, talvez subconscientemente eu não estivesse tão confiante quanto aparentava. No domingo antes da operação, eu tinha expressado uma vaga inquietação quando pedi à congregação, no serviço da manhã, que rezasse por nós: "Se Deus quiser que eu sobreviva a esta operação, nunca mais terei medo de nada."

"Por isso, coragem, querida!" acrescentei enquanto lhe punha o braço sobre o ombro e entrávamos em casa. "No que me diz respeito, o pior já passou!"

Havia ainda muito trabalho para eu fazer. Tinha prometido ao Dr. Stevenson que lhe enviaria cada bocado de informação que tivesse sobre Gretchen, e ocupei-me a ouvir cassetes, a ler tudo o que tinha escrito sobre Gretchen e a acrescentar notas de rodapé que pensei que pudessem ser importantes.

Embora na maior parte do tempo sentisse paz de espírito, uma coisa incomodava-me. Muitas pessoas tinham insinuado que a minha dependência de Deus e a minha tentativa de unir religião e ciência no uso da hipnose era sacrílega. "Deus e hipnose não se misturam!" diziam. Aparentemente, a lógica

deles nascia da premissa de que, se eu tinha Deus, não precisava de hipnose, e se usava hipnose, não precisava de Deus.

Para mim, como disse antes, a hipnose é uma arte e uma ciência, e toda a ciência é uma extensão ordenada da criatividade de Deus. Ele criou todos os elementos presentes no universo e deu depois aos doutos deste mundo a capacidade de investigar e utilizar esses elementos numa forma construtiva que rotulámos como "ciência", um processo de construção sobre o que Deus fez. Como consequência, o meu apreço por Deus como Criador e Providenciador é ampliado além de toda a medida.

Continuo sem compreender como é que alguém, exceto um darwinista absoluto, não consegue reconciliar a religião e a ciência. Gosto de pensar em mim como um evolucionista progressivo: Deus criou, forneceu a semente (célula germinal), o pré-requisito absoluto no processo inicial da evolução; e, sim, na célula germinal de cada criação está a magnífica maravilha e glória de Deus, na qual Ele formulou e colocou, dentro da primeiríssima célula, a capacidade autónoma de evoluir passo a passo desde a célula inicial até um produto final um bilião de vezes removido do seu humilde começo. Curvo-me humildemente perante a omnisciência de Deus, que Lhe permitiu ir um passo mais além e dar a nós, mortais finitos, a capacidade de descobrir e utilizar as inúmeras possibilidades que Ele incorporou na génese de cada filo.

Considerem o neonato. Como alguém pode olhar para um recém-nascido e não se maravilhar com a omnisciência de Deus é algo que eu jamais compreenderei. Pensem apenas: nove meses antes de o neonato nascer, a copulação de dois indivíduos de origens diversas causa a emissão de milhões de espermatozoides do macho, um dos quais se une a um óvulo da fêmea para formar um zigoto (um ovo fertilizado), que se torna uma nova criação inerente a cada característica possuída pelas partes que acasalaram e por todos os seus antepassados.

Se examinarmos apenas uma das milhões de características inerentes à pessoa que evolui do zigoto, aprendemos que existe um mecanismo integrado no banco de memória do cérebro que regista tudo o que uma pessoa alguma vez verá, ouvirá, cheirará, provará, tocará ou pensará. Para a glória de Deus e esclarecimento de toda a raça humana, sob certas condições, tais como a psicoterapia, a hipnoterapia, os sonhos e a utilização de soros da verdade (pentotal sódico e outros), cada experiência de vida pode ser recordada, incluindo os pensamentos pessoais que um indivíduo teve no momento do nascimento. Muitos cientistas são inclusive da opinião confirmada de que um indivíduo pode recordar muitas coisas que aconteceram muito antes do nascimento.

Acredito que isto seja verdade, porque testei a premissa muitas vezes e considerei-a verificável. Um dia, enquanto me preparava para fazer a regressão

da Dolores ao estado de Gretchen, perguntei-me o que aconteceria se eu parasse a regressão no momento do seu nascimento neste mundo. Então perguntei: "Dolores, podes dizer-me o que te está a acontecer exatamente neste momento?"

Para minha surpresa, ela respondeu com uma voz infantil: "O meu nome não é Dolores."

"Oh, então qual é o teu nome?"

"É Bebé — apenas Bebé!"

"Bem, Bebé, podes dizer-me onde estás? O que estás a fazer e quem está contigo?"

"Estou no quarto — na cama. E a Mãe está aqui ao meu lado." Depois, balançando a cabeça com o movimento solto, quase incontrolável de um recém-nascido, disse: "Está ali a Sra. Smith, e... e o Dr. Arnett."

"Dr. Arnett? E o que é que ele está ali a fazer?"

"Ele está a lavar as mãos numa bacia; acabou de me trazer para fora."

"Ele trouxe-te para fora! De onde?"

"Da minha casa na Mãe."

Na altura, não dei muito crédito ao seu relato. Que eu soubesse, o Dr. C. L. Post tinha sido o médico dos Skidmore desde o dia do seu casamento. Tendo sido criado na mesma vizinhança, fiquei intrigado porque nunca tinha ouvido falar de um Dr. Arnett.

Mais tarde, enquanto visitava os pais dela, o Sr. e a Sra. Boyd Skidmore, perguntei à Sra. Skidmore o nome do médico que fez o parto da Dolores. Sem hesitar, ela disse: "Dr. Post."

"Tem a certeza de que foi o Dr. Post?"

"Sim." Ela riu-se. "Nunca teria considerado chamar outro médico." Mas, alguns momentos depois, virou-se para mim e disse: "Ked, eu estava errada. Acabei de me lembrar que o Dr. Post estava fora da cidade naquele dia e tivemos de chamar outro médico. Um Dr... Dr... Oh, Boyd," chamou ela pelo marido, "quem era o médico que estava comigo quando a Dolores nasceu?"

Ao início, o Boyd também pensou que tinha sido o Dr. Post, mas quando a Sra. Skidmore o lembrou de que o Dr. Post estava fora da cidade naquele dia, ele disse: "Sim, lembro-me, mas..." Ele refletiu. "Foi há muitos anos... ah, Dr. Arnold! É isso, Dr. Arnold."

O nome dado pelo Boyd era semelhante ao que me foi dado pela Dolores na regressão, e eu simplesmente presumi que a Dolores se tivesse enganado. Afinal,

ela era apenas um bebé minúsculo. Mas, "Não!" O Sr. Skidmore interrompeu os meus pensamentos. "Não foi o Dr. Arnold. Algo parecido com isso, no entanto."

A Dolores e eu tínhamos ido para a sala de estar e estávamos a conversar com o Ken e a Helen Colvin, cunhado e irmã da Dolores, quando a Sra. Skidmore entrou apressadamente na sala, sem fôlego.

"Dr. Arnett! É esse o nome dele, Dr. Arnett."

Até àquele momento, eu não tinha contado a ninguém a minha experiência com a Dolores. Mesmo assim, não contei a história completa, esperando para ter a certeza de que o Boyd concordava com a memória da esposa. O Sr. e a Sra. Skidmore não se recordavam de alguma vez terem falado do Dr. Arnett na presença da Dolores, pelo menos não desde que ela era uma criança de colo. É concebível que a Dolores tivesse ouvido o nome enquanto bebé e não se tivesse lembrado dele até ser hipnoticamente regredida quarenta e oito anos mais tarde. No entanto, em regressões subsequentes, quando levei a Dolores de volta através dos anos da sua vida até ao dia do seu nascimento, nem uma única vez ela recordou conhecer um Dr. Arnett, ou sequer ouvir o seu nome.

Por que razão alguém alimentaria dúvidas sérias sobre a capacidade de uma pessoa se lembrar do momento do seu nascimento ultrapassa-me. Ao nascer, um neonato está vivo há pelo menos nove meses, numa gestação normal, e possui todas as faculdades inatas que alguma vez terá. Todas as funções inatas são controladas pelo cérebro. Uma vez que sabemos que o cérebro está ativo no momento do nascimento — porque, como todos nós, um neonato não pode mover um músculo em qualquer parte do seu corpo sem primeiro enviar mensagens do cérebro para os músculos —, podemos assumir que aquilo que é verdade para a função física também é verdade para toda a atividade mental.

Baseado em factos óbvios, isto é mais do que uma suposição. Todos ouvimos o choro lamentoso de um recém-nascido — pelo menos a maioria de nós, os mais velhos, já o ouviu. Ele diz-nos que o neonato está dotado das emoções de medo e raiva. Se estas estão presentes, o amor também está. Devemos também perceber que o cérebro, o repositório do banco de memória, é o órgão mais altamente desenvolvido no corpo, pesando ao nascer quase um décimo do peso corporal, em contraste com meros um quilo e meio num adulto.

Novamente, por que maravilharmo-nos com memórias que começam apenas no nascimento? Mesmo o feto pré-natal tem um cérebro totalmente formado e pode pensar, não pode? Se disserem que não, então o que é que o põe a pensar? Será que o obstetra ativa os seus poderes cognitivos inserindo uma chave especial no seu umbigo e ordenando: "Muito bem, amiguinho, é a tua vez! Faz a tua parte e começa a pensar"? Falando a sério, se um bebé nasce prematuramente aos sete meses, cinco meses ou até mais cedo, todas as partes

componentes estão presentes e começam a funcionar imediatamente, porque o cérebro está ativo, significando que uma nova vida começou.

Uma amiga professora disse-me, em regressão, que o seu pescoço doía enquanto estava na posição fetal no útero da sua mãe, depois de a mãe ter caído e abalado a sua posição "um pouco fora do eixo". Outra pessoa falou de estar zangada e de dar pontapés na mãe por estar sentada demasiado tempo numa posição que quase a fez sufocar...

Independentemente do que alguém pensasse sobre a minha devoção a Deus e o uso da hipnose, não havia forma de eu me obrigar a descartar a investigação. Apenas ouvir a voz infantil de Gretchen fez-me considerar seriamente a possibilidade de a reencarnação poder ser, de facto, uma realidade, apesar do meu total desacordo com aqueles que estão no oculto. Pensei: sofri oito ataques cardíacos e vivi para contar a história, enquanto à minha volta pessoas, algumas muito mais jovens e fortes do que eu, caíam mortas após apenas um ataque cardíaco. Não fazia sentido! Estaria predeterminado antes do nascimento que cada pessoa viveria apenas x tempo e nada mais? A questão fez-me procurar uma resposta, mesmo que pudesse possivelmente ser encontrada na reencarnação.

Um conceito de reencarnação diz que tudo está preordenado (predestinado), até a duração da vida. Muitas pessoas imersas na reencarnação acreditam que, mesmo quando compramos um fato, podemos selecionar a cor do fato, mas a etiqueta do fato já estava predeterminada. Acreditam ainda que, porque a vida que vivemos agora se baseia na soma total de vidas passadas que vivemos, temos livre-arbítrio apenas para escolher se seremos felizes ou infelizes, doentes ou sãos, ricos ou pobres. Por outras palavras, temos a prerrogativa de determinar apenas as nossas atitudes nesta vida. Tudo o resto está preordenado.

A reencarnação, tal como a ouvimos defender hoje, foi consideravelmente ocidentalizada. Inicialmente, a reencarnação era um dos dois principais pensamentos religiosos inerentes ao hinduísmo pré-histórico. O outro era a casta, uma doutrina pouco defendida na sociedade ocidental.

A doutrina da reencarnação assume que o destino de uma pessoa não está confinado a uma única vida terrena, mas é trabalhado em muitas encarnações. Originalmente, isto incluía o conceito de transmigração e envolvia uma entidade em 8.400.000 tempos de vida. Os primeiros crentes na reencarnação passavam de uma forma para outra numa sucessão de existências que se estendia desde o passado longínquo até ao futuro distante; uma pessoa subia ou descia na escala da evolução em direção à perfeição de acordo com o justo merecimento, baseando-se no pressuposto "Colherás o que semeares". Por outras palavras, uma pessoa que agisse bem e se desenvolvesse espiritualmente renasceria numa melhor posição na vida na encarnação seguinte. Alguém cujas ações se deteriorassem tornar-se-ia um animal, ou até uma planta.

O antigo historiador grego Heródoto diz-nos que os egípcios foram os primeiros a ensinar que a alma é imortal; que, aquando da morte do corpo, a alma entra em algum outro ser vivo, nascendo então; que, depois de passar por todas as criaturas da terra, do mar e do ar, a alma entra novamente num corpo humano ao nascer. (Este processo demora supostamente três mil anos a ser concluído.) Na civilização ocidental de hoje, poucas pessoas subscrevem a teoria da transmigração, concentrando-se quase exclusivamente na evolução da alma humana na existência humana.

O reencarnacionista, com efeito, faz o seu próprio mundo, e a lei que governa o funcionamento inexorável de causa e efeito chama-se karma, que significa literalmente "obras" ou "ação". O objetivo de cada reencarnacionista é ser libertado do poder do karma, evoluindo para alcançar uma unidade com Deus ao atingir o nirvana, a conceção budista de paz celestial. Alguns descreveram o nirvana como uma felicidade perfeita que se alcança ao absorver-se completamente no espírito universal supremo, ou como a ideia hindu de libertação da alma; ou a união com a alma do mundo, que é alcançada pela supressão da existência individual.

Sendo cristão, eu não podia argumentar contra a evolução da alma, uma vez que nós também temos esperança na santificação (nesta vida) e na existência derradeira com Deus Pai. Mas, convencido de que a minha salvação em Jesus Cristo era absoluta, a crença na evolução da alma na vida futura não era necessária. O que havia então na reencarnação que a tornava atraente?

Bem, se os cristãos acreditam na sobrevivência da alma na vida após a morte, também acreditam que Deus é um Deus de amor, um Deus de misericórdia, compaixão e, acima de tudo, Ele é justo! Não importa quanta injustiça vejamos existir à nossa volta, acreditamos com o Apóstolo Paulo que, no fim, "todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Romanos 8:28).

Mas nem todos conseguem aceitar a premissa de Paulo. Reparem, se olharmos para o mundo sem óculos cor-de-rosa, vendo o mundo como ele é, cedo aprendemos que a vida para algumas pessoas parece terrivelmente injusta. Considerem todas as pessoas que nascem neste mundo destinadas a uma existência de miséria e infortúnio, como as que nascem com defeitos que as mantêm acorrentadas a leitos de aflição, cadeiras de rodas ou instituições mentais, impedindo-as de conhecer a verdadeira alegria e felicidade comum à maioria de nós.

Lembro-me de Nellie Roth, que nasceu cega e sofria de paralisia espástica. A sua casa era um pardieiro de pobreza abjeta, e o pai era um bêbado inveterado, preguiçoso demais para trabalhar. Frequentemente, sem provocação, batia na mulher e nos filhos impiedosamente, incluindo na indefesa Nellie. A pobre

rapariga estava presa num inferno vivo! Não podia ir à escola, brincar no recreio, ou casar-se e ter a sua própria família. Os seus vestidos eram trapos herdados, e o seu único brinquedo era uma boneca remendada do Exército de Salvação. A sua vida, na melhor das hipóteses, era uma luta constante pela mera existência. Misericordiosamente, morreu numa idade comparativamente jovem.

Depois havia a Betty Froman, que vivia apenas a alguns quarteirões de distância. Nascida num luxo deslumbrante, todos os seus caprichos eram satisfeitos por pais amorosos e pela "Nanny", uma criada negra e acompanhante pessoal. A Betty era extremamente saudável e foi educada numa escola de elite para raparigas antes de se casar com um jovem rico e bonito, que lhe deu dois filhos adoráveis e saudáveis. A sua vida, vivida até uma idade avançada, foi de alegria e muitas riquezas.

Como explicamos as iniquidades da vida? Podemos passar superficialmente sobre o assunto com a piedosa afirmação de que o nosso Pai celestial é um Deus de amor, um Deus justo, que endireitará tudo no céu? Se assim for, isto quer dizer que, porque a Nellie sofreu terrivelmente nesta vida, será automaticamente recompensada na vida futura? Que a sua expiação foi feita através do sofrimento e que as suas dívidas cármicas foram pagas na totalidade?

Inversamente, como o Rico (Lucas 16:24) no Novo Testamento que tinha tudo nesta vida e se viu no inferno quando a vida nesta terra acabou, foi a Betty automaticamente condenada e obrigada a sofrer porque ela, também, tinha tudo nesta vida? Tal suposição pareceria ser a única conclusão lógica se apenas a justiça devesse ser servida. Mas, na verdade, onde está a justiça nisso? A Nellie tinha sofrido sem culpa própria, e eu seria o primeiro a estender-lhe simpatia e a dizer que ela merecia uma justiça misericordiosa, mas por que deveria a Betty sofrer simplesmente porque desfrutou das coisas boas da vida? Ficaria a Nellie feliz por saber que a Betty estava em tormento? Será que o sofrimento da Betty ou a recompensa da Nellie compensam o sofrimento da Nellie nesta vida?

E quanto ao sofrimento, afinal? Será que Deus exige caprichosamente que alguns sofram, que uma em cada dez pessoas nasça cega, surda ou mutilada? Ou atribuímos as nossas circunstâncias na vida à sorte? Se sim, pode alguém dizer que Deus ou a vida lida de forma justa connosco? Se a sorte não é a culpada, então será que toda a angústia é atribuída à vontade de Deus?

Os reencarnacionistas dizem: "Não!" A posição deles é: a vida é determinada pela premissa "Colherás o que semeares". Neste sentido, a reencarnação parece de facto atraente, especialmente quando sabemos que, se vivermos a vida correta nesta vida, as coisas serão melhores para nós na nossa próxima encarnação.

Mas depois, lembro-me das muitas vezes nesta vida em que tentei, o melhor que pude, viver uma vida boa, e depois, *pumba*! Tudo correu mal, causando-me

por vezes uma angústia incomensurável. “Porquê?” gritei eu. “Porquê eu, Deus?” Quando não obtive resposta, procurei uma resposta. Às vezes racionalizava: “Foi o Diabo que me fez isto!” Se os meus problemas fossem causados por um pequeno erro, desculpava-me: “O Diabo obrigou-me a fazê-lo!” Por vezes, chegava a lançar a culpa sobre os meus antepassados. O Antigo Testamento nota em muitos lugares que “a iniquidade dos pais será visitada sobre os filhos até à terceira e quarta geração”.

Qualquer uma das anteriores fornecia-me uma desculpa, ou pelo menos absolvia-me de culpa. Os reencarnacionistas, contudo, não precisam de examinar razões porque aceitam o cosmos de causa e efeito: “Como semeaste [numa vida anterior], assim colheste”.

Para mim, enfrentando a perspetiva de uma hipótese em cem de viver além de 22 de fevereiro de 1972, eu conseguia compreender prontamente a lógica deste argumento para a reencarnação; talvez eu tivesse pecado numa vida anterior e devesse agora pagar a minha dívida. No entanto, não conseguia rejeitar a minha convicção de que era muito mais seguro para mim enfrentar os dias vindouros com a crença sólida de que não precisava de olhar para a possibilidade de outra vida neste mundo, porque tinha aceite no meu coração, mente e alma a promessa de Jesus: “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei”; “Vinde, benditos de meu Pai, herdais o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.”

Na realidade, a morte em si não me causava medo. Eu tinha provado a vida após a morte e era boa — muito, muito boa! Mas não posso dizer honestamente que apreciasse a perspetiva de deixar a minha mulher, filhos, irmãos, irmã e amigos. Tão pouco me agradava deixar a Dolores para enfrentar sozinha a investigação sobre Gretchen. Havia demasiado que não sabíamos sobre Gretchen; tanto ainda por fazer. Conseguiria alguém, perguntava-me eu, explicar satisfatoriamente de onde veio Gretchen?

Seria possível que a reencarnação não entrasse na equação? Seria possível que Gretchen fosse uma entidade espiritual que de alguma forma conseguia falar através da Dolores, manifestando-se até numa forma aparicional vívida? Eu sabia que a Dolores tinha realmente visto Gretchen, que tinha falado com ela e que Gretchen tinha falado através da Dolores, mas onde residia a verdade? Seria possível que o conceito católico romano de purgatório fosse uma realidade? Se sim, isso poderia explicar muito sobre Gretchen.

Suponhamos que Gretchen tinha realmente vivido nesta vida como católica romana, como ela disse que viveu. Suponhamos então que Gretchen morreu quando o “grupo de homens maltrapilhos subiu pela encosta” e lutou com ela e com o seu tio, espancando-a até à morte com paus e pedras. Suponhamos ainda que ela morreu ali na floresta sem nunca ter sido batizada na fé — ela disse que

frequentava a igreja católica romana, a única igreja em Eberswalde, mas não disse que realmente pertencia à igreja ou que tinha sido batizada na fé. Se isso fosse verdade, é inteiramente possível, de acordo com os ensinamentos da Igreja Católica Romana, que ela permanecesse ou no limbo, porque não tinha sido batizada, ou no purgatório, porque não tinha compensado totalmente os pecados cometidos nesta vida.

O Bispo Fulton J. Sheen diz que "O limbo é um lugar de confinamento... na margem do Inferno onde os bebés não batizados são mantidos... onde nem a alegria do céu nem a miséria prevalecem". Ele afirma ainda que "O purgatório é um estado... no qual as pessoas que morrem na amizade de Deus, mas sem terem compensado plenamente as suas falhas, devem expiá-las através do sofrimento antes de serem admitidas no céu. Os católicos," sublinha ele, "acreditam que estes sofrimentos são diminuídos pela oferta de orações e missas."

Claramente, Gretchen poderia ter estado no purgatório. Tinha morrido com o seu tio na floresta. É inteiramente possível, até provável, que os corpos de ambos tenham sido rapidamente enterrados no local pelos seus assassinos, para evitar possíveis problemas com a igreja. Ela não teria recebido os ritos católicos finais, e é possível que os padres locais tivessem assumido que Gretchen simplesmente tinha deixado a cidade. Afinal, seria a coisa sensata a fazer, visto que o seu pai, o presidente da câmara, já tinha sido executado. Com os padres ignorantes da sua morte, nenhumas orações teriam sido oferecidas para diminuir o seu sofrimento ou apressar a sua entrada no céu.

Mesmo que assumíssemos que Gretchen foi deixada a sofrer no purgatório, como poderíamos realmente acreditar que ela falou com (e através de) Dolores? Como poderíamos explicar a sua manifestação na nossa casa como uma entidade visível sem recorrer à crença em histórias que outrora rotulámos como histórias de fantasmas? Os fantasmas existem realmente?

Uma mãe trouxe-me uma vez o seu filho pequeno para hipnoterapia por causa de enurese. O rapaz tinha onze anos, mas apenas nos últimos dois anos tinha sido afetado pelo problema. Em hipnoterapia, ele contou que foi à casa de banho uma noite e viu um fantasma, o que seria suficiente para fazer qualquer um molhar a cama, mas eu estava inclinado a acreditar que uma árvore no quintal, entre a casa e um candeeiro de rua, tinha projetado uma sombra na parede da casa de banho. Em todo o caso, a terapia funcionou, e o rapaz já não dorme num leito de água devido aos seus medos.

Isto não quer dizer que os fantasmas não invadam este mundo que normalmente reservamos para os vivos. O Dr. Norman Vincent Peale contou ter visto o seu pai caminhar pelo corredor de uma igreja muitos anos depois de este ter morrido. Eu também vi o rosto do meu pai vários anos depois de ele ter morrido. Como não há forma de tais aparições neste mundo serem verificadas,

apenas podemos acreditar no que vemos, ouvimos e lemos, confiando que as histórias são verdadeiras, especialmente porque muitas das histórias são contadas por homens de honestidade e integridade.

Até Billy Graham relata uma história comparável num dos seus livros, sobre um Dr. S. W. Mitchell, um célebre neurologista de Filadélfia, que se tinha deitado e foi subitamente acordado por uma batida à sua porta. Ao levantar-se e abrir a porta, encontrou uma menina ali parada, mal vestida e profundamente perturbada. Ela disse ao Dr. Mitchell que a sua mãe estava gravemente doente e perguntou se ele iria com ela ver a mãe. Quando o Dr. Mitchell viu posteriormente a mulher doente, elogiou-a pela inteligência e persistência da filha.

"Mas, Doutor," respondeu a mulher, "a minha filha morreu há um mês."

Billy Graham referiu-se à menina como "um anjo que pode ter aparecido como uma menina em nome da mulher doente." Gosto disso, mas, na verdade, haverá alguma diferença entre a história de Billy Graham contada para fins religiosos e aquelas contadas no Halloween por diversão? É verdade que ele não disse que a menina tinha voltado, apenas que um anjo apareceu como a menina; ainda assim, a aparição não era deste mundo, por isso, embora a designação possa parecer grosseira, a verdade é que, noutras situações, ela teria sido descrita como um fantasma. Tecnicamente, então, poderíamos assumir que os propósitos para os quais uma pessoa falecida regressa designam o título do regressado no momento da aparição; ou será que o nome da pessoa que conta a história determina se a aparição deve ser rotulada como "fantasma" ou "anjo"?

E quanto às pessoas que vivem hoje e que podem ter sido fantasmas numa determinada altura (uma possibilidade distinta se acreditarmos na reencarnação)? Podem elas voltar e tornar-se, em última análise, anjos?

Um bom caso em questão é o de Vada Hillman, que veio ter comigo um dia porque estava com um excesso de peso considerável. Vada estava no último ano do ensino secundário, terrivelmente consciente da sua aparência e intrigada pelas histórias que tinha ouvido sobre regressão. Ela perguntou: "Pode ajudar-me a perder peso e, simultaneamente, levar-me atrás no tempo até quando vivi noutra vida?"

Em regressão, Vada revelou ser Susann Calley, de Petersburg, Kentucky. Supostamente nascida em 1790, casou-se com Bill Calley em 1808, mas viveu com ele apenas por um curto período de tempo quando este foi morto num desabamento numa mina de carvão. Vada descreveu-se como alta e magra, com "cabelo amarelo". Após a morte de Bill, ela continuou a viver num barraco na "quinta do Bill" até que, aos trinta e oito anos, morreu queimada quando um grupo de vizinhos selou as portas e janelas do seu barraco e lhe ateou fogo

porque “Eles odiavam-me! Chamavam-me bruxa e... que se danem as suas almas podres, eu também os odeio!”

Durante a reconstituição da sua morte, ela lutou, enfureceu-se e gritou de dor e medo até murchar e soluçar piamente: “A dor já não doía mais e eu simplesmente fiquei ali. Eu odiava-os e queria magoá-los... magoá-los da maneira que eles me magoaram, e... e eu assombrei-os!”

“Após a tua morte,” perguntei eu, “para onde foste?”

“Para lado nenhum,” lamuriou-se ela queixosamente. “Fiquei apenas ali a assombrá-los, a atormentá-los, esperando que, quando me vissem, morressem de susto!”

Se Susann se manifestou realmente como um fantasma, não sei, mas uma coisa é certa: ela queria fazê-lo! Estou igualmente certo de que muitos outros espíritos se deram a conhecer aos vivos, tanto antes como depois do desejo bizarro de Susann. Conta-se a história da conhecida autora Mary Roberts Rinehart que, ao deitar-se com o marido num apartamento em Washington, D.C., foi pouco depois sobressaltada quando alguém ou alguma coisa correu pelo quarto deles. Ao acenderem as luzes, nada viram. Na manhã seguinte, a empregada trouxe-lhes café enquanto ainda dormiam, dizendo que alguém tinha tocado a campainha de sinalização usada para a notificar de que estavam prontos para o café.

Outros fenómenos estranhos os deixaram perplexos. O despertador era frequentemente encontrado deitado no centro do chão do quarto, e não conseguiam manter a porta do quarto trancada. Frequentemente ouvia-se bater à porta, ou a porta era aberta quando nenhum humano estava presente. Noutras ocasiões, mobília pesada era movida, deixando riscos no chão. Vasos de flores que normalmente eram mantidos no alpendre da frente eram encontrados sentados no centro do chão da sala de estar. Embora a Sra. Rinehart dissesse que não acreditava em fantasmas, concedeu que possivelmente um *poltergeist* (espírito barulhento) estava em ação na sua casa.

Podem os espíritos voltar para assombrar, para provocar ou para procurar ajuda? Se Vada realmente ficou por ali para assombrar os seus atormentadores e carrascos, como disse ter feito, todos poderíamos considerar ser um pouco mais simpáticos para com o próximo fantasma que encontrarmos. Sabem, pode vir a revelar-se ser a vossa futura sogra, se de facto a reencarnação for um facto.

Seria Gretchen uma entidade presa à terra dando-se a conhecer ao mundo através de Dolores? É possível, até provável!

CAPÍTULO VIII

EXPULSO DA IGREJA

Hospitalizado oito vezes em oito anos por ataques cardíacos, passei um mínimo de vinte e um dias na cama do hospital em cada ocasião, e às vezes mais, mas devido ao milagre moderno da ciência e à habilidade incomparável do Dr. John Flegge, a minha cirurgia de coração aberto exigiu que eu estivesse no hospital apenas dez dias.

Grato por estar em casa novamente, embora ainda estivesse muito fraco, estava extremamente feliz por saber que a vida para mim era agora um jogo completamente novo. Contrariamente aos planos originais, subi ao púlpito no segundo domingo após a minha alta do hospital. Tinha esperado tirar algumas semanas para recuperar, mas tinham passado três meses desde que assistira a qualquer serviço religioso e, quando vários paroquianos perguntaram se eu poderia "apenas vir e administrar os ritos da comunhão", concordei, embora ainda estivesse fraco demais para caminhar sem me apoiar na minha esposa. Felizmente, entre essa altura e agora, quatro anos e meio depois, não faltei um domingo no púlpito devido a problemas cardíacos.

Na segunda-feira seguinte ao meu segundo domingo de volta ao púlpito, Dolores acordou-me de uma sesta à tarde com o anúncio: "O Reverendo Myers está aqui para te ver."

"Bem, bem, bem!" refleti, surpreendido pela sua vinda. "Finalmente, o meu supervisor eclesiástico encontrou tempo para ver um dos seus trabalhadores lá na quinta." Nos oito meses em que tinha reinado e governado como Superintendente de Distrito, tinha tido notícias dele apenas uma vez: o telefonema sobre a Conferência Local. Nem uma vez me visitou no hospital; nem uma vez soubemos que tivesse perguntado pelo meu estado. Estava amargurado? Não, não propriamente — apenas desapontado por um oficial de tão alto escalão na igreja pudesse ter tão pouca preocupação cristã por um dos seus subordinados.

Lentamente, caminhei até à sala de estar e — "Oh, não!" Cambaleei em choque, quase desmaiando à vista do homem sentado na poltrona estofada. Embora nunca tivesse posto os olhos no homem antes, conhecia-o bem — bem demais: ele assemelhava-se ao ogre de semblante sombrio que me tinha assombrado na minha alucinação naquela noite no hospital. "Terá ele vindo finalmente cumprir a missão ignóbil que imaginei?" perguntei-me. "Não," raciocinei rapidamente, "este homem de aparência suave e aspeto tímido nunca faria mal a ninguém."

Cedo aprendi que a minha alucinação e o desvario devastador foram mais do que as ações frenéticas de um paciente drogado e moribundo. Ele tinha de facto vindo para me expulsar de Greenbush. "Reverendo Jay," entoou ele

bruscamente e com grave finalidade, “quero que você e toda a sua família saiam da casa paroquial até ao dia quinze de junho!”

“Hã?” grunhi eu patrioticamente. Depois refleti de forma nublada, como se fosse apenas um sonho. O que era isto? O que é que ele estava a dizer? Nenhuma cortesia comum! Nenhum “Como está?”. Nenhum “Folgo em vê-lo”. Nenhum “Ainda bem que sobreviveu à operação”. Eu não compreendia; o pleno alcance das suas palavras simplesmente não foi processado. Talvez... sim, possivelmente ele estava embaraçado por fazer uma mudança nas designações pastorais? Talvez ele não gostasse de me dizer que me ia enviar para outra igreja? Oh, ele não deveria estar tão nervoso — mudar-se é um modo de vida para a maioria dos pastores metodistas. Certamente ele sabia disso, uma vez que ele próprio tinha subido recentemente na hierarquia.

“Para onde me vai enviar?” perguntei, como qualquer ministro itinerante faria, esperando saber a localização da minha próxima igreja e colocar o homem à vontade ao mesmo tempo.

Mas ele não estava apenas nervoso. Estava zangado, de forma vingativa. “Para lado nenhum!” trovejou ele bruscamente. “Não o vou enviar para outra igreja! Só quero que saia da igreja e da casa paroquial até ao dia quinze de junho!”

Fiquei atónito. Portanto, o Senhor tinha vindo ter comigo na minha doença e tinha-me avisado — o homem estava, como parecia na altura, a tentar destruir-nos! Após dezoito anos, dezoito anos bons como ministro de paróquia, agora isto? Ser expulso, assim de repente! Ele devia estar a brincar! A igreja era a minha vida. Não sabia ele que sem ela eu morreria? Com certeza, outras coisas eram importantes: o caso Gretchen era importante e, sim, eu estava contente por apenas estar vivo e deveria estar grato — mas sem a igreja? Não havia forma de eu continuar a viver e não proclamar as boas novas sobre Deus e o Seu amor em Jesus Cristo.

Não sabia ele que, embora eu já tivesse sido declarado totalmente incapacitado pela Administração de Veteranos e pelo Departamento de Saúde, Educação e Bem-Estar (Segurança Social), eu ia renunciar às minhas pensões assim que fosse capaz? Eu tinha um dever para com Deus, uma obrigação que pretendia cumprir trabalhando na Sua vinha em vez de me recostar e apenas receber uma pensão pelo resto dos meus dias. Ora, eu preferiria ser o contínuo de uma pequena igreja rural do que o presidente da maior corporação do mundo.

“Porquê?” exigi eu. “Vou ser destituído do ministério por causa das minhas atividades em hipnose?”

“Não,” disse ele, olhando inquieto para os seus pés, incapaz de me encarar. “Não vai ser destituído; não lhe está a ser pedido que renuncie às suas credenciais. Apenas o quero fora daqui!”

“Então porquê?” exigi saber, enquanto Dolores começava a chorar e a implorar-me para manter a calma: “Por favor, Ked, não faças isso! Não deixes que ele te deixe perturbado! Não deixes que ele desfaça todo o bem que os médicos fizeram! Por favor, estás apenas a começar a viver novamente! Tens uma vida inteira pela frente — e Deus tem sido bom para nós, oh, tão bom! Por isso, por favor...”

Ela tinha razão — Deus tinha sido bom para nós. Para o bem ou para o mal, tinha-nos dado uma vida longa e frutuosa juntos; e naquele momento olhei para Dolores e vi uma mulher santa com o coração e a alma a serem arrancados pelas raízes. “Não é justo,” gemi desesperadamente, “que ela sofra assim. Ela trabalhou longa e arduamente para o Senhor como copastora sem remuneração.”

Dolores tinha sofrido mais do que a maioria das esposas de pastores, porque... bem, não é fácil para mim admitir que sou um rebelde. Mas a verdade é que eu era! Não, não porque quisesse ser. Eu detestava ser diferente. Contudo, tinha de ser fiel a mim próprio e ao meu chamamento. Sabem, lá no fundo batia um estranho e rítmico tambor que me chamava para arar novos campos e nadar em águas profundas e misteriosas. Dolores sabia que, embora eu tivesse ouvido e respondido ao chamamento de Deus, eu nunca seria estereotipado no meu papel de ministro: o meu sustento tinha de ser submeter a minha vontade à vontade d'Ele; seguir as estradas traçadas para mim por Aquele que me chamou; empregar os meus talentos, fossem eles quais fossem, onde e quando a necessidade surgisse.

Não, Dolores não tinha tido vida fácil, mesmo antes de eu entrar para o ministério. Naqueles dias, eu teria morrido antes de a deixar saber, a ela ou a qualquer outra pessoa, que ser servo de Deus era o meu sonho mais precioso e secreto. “A força faz a razão!” e “Apenas o bruto e o duro sobreviverão” eram os meus credos. Pior ainda, Deus me perdoe, eu não me limitava a proferir a minha filosofia: provava-a com os punhos se alguém ousasse discordar de mim. Porque é que a Dolores alguma vez me aturou, nunca saberei; uma mulher menor teria dado meia volta e ido embora, especialmente quando eu passava de emprego em emprego, insatisfeito, descontente, zangado e do contra — rebelando-me, sem ela o saber, contra a insistente petição divina para que O servisse.

Deus a abençoe, ela ficou e sofreu por tudo isso em silêncio, esperando, desejando, rezando e acreditando em mim quando eu não acreditava em nada, tendo fé em mim quando eu pensava que fé era apenas o nome de um autor distinto ou de um piano que era tocado desafinado no coro.

Mesmo depois de eu ter submetido a minha vontade à vontade d'Ele e me ter tornado ativo na Sua Igreja, ela sofreu privações, embora em paz e felicidade, simplesmente porque o serviço ao Senhor era mais importante para ela do que recompensas pessoais ou ganhos monetários. Por exemplo, na nossa primeira

Conferência Anual, em 1954, quando recebi a minha primeira designação pastoral, o Bispo David T. Gregory reuniu-se connosco na pequena capela em Waynesboro, Virgínia, e disse: “Carroll, tanto Mount Clinton como Mount Horeb o querem como seu pastor. Designá-lo-ei para qualquer uma das igrejas que escolher, mas antes de tomar uma decisão, permita-me salientar que Mount Clinton lhe pagará a soma de dois mil quatrocentos e oitenta e dois dólares por ano, comparado com os mil seiscentos e cinquenta dólares de Mount Horeb.”

Bem, bolas, obviamente não havia competição — a resposta era simples. “Querida,” comecei a apontar à minha pequena esposa, que estava ali tão direita com os olhos brilhantes transbordando o reflexo do amor do Senhor, “Mount Clinton paga oitocentos dólares a mais do que Mount Horeb, um terço a mais no salário anual, por isso—”

“Mas não fomos para o ministério por dinheiro,” interrompeu ela com reprovação, “fomos chamados para o serviço d'Ele e, bem, acredito que o Senhor nos quer em Mount Horeb; somos precisos lá!”

Que mulher! Eu ia voltar para a faculdade, e ela sabia que não tínhamos poupado nem um cêntimo para propinas, livros ou gasolina; que aqueles oitocentos dólares teriam coberto todas as minhas despesas; que Punky tinha estado confinada à cama nos últimos oito meses com febre reumática e, obviamente, precisaríamos de dinheiro para médicos e medicamentos; que o meu velho Studebaker de 49 estava nas últimas; que precisávamos de roupas, mercearias e — bem, o que quiserem, precisávamos! Ela sabia tudo isso e, no entanto...

Não discuti com ela. Podia ver nos seus olhos que ela se estava a lembrar das palavras de Jesus: “Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestido? Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta.

Não tendes vós muito mais valor do que elas? E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura? E, quanto ao vestido, por que andais ansiosos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam; e eu vos digo que nem ainda Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles. Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?”

Aquela Dolores! Ela fez-me ter vergonha de estar preocupado apenas com dinheiro enquanto ali estava, com o vestido herdado da sua irmã, e dizia ao Bispo Gregory: “Se formos para Mount Horeb, o Senhor cuidará de nós. Ele proverá!” E proveu! Ámen.

Depois houve aquela vez, quatro anos mais tarde, quando eu pretendia ir para o seminário até ser desviado pelo Dr. Floyd L. Fulk, o meu Superintendente de Distrito, que me instou a esquecer o seminário e ir para Cherryvale, em Staunton, onde receberia a fabulosa soma de 4500 dólares por ano. Santo Deus! Era inacreditável! Nunca tinha visto tanto dinheiro antes, quanto mais sonhado em receber tanto apenas por servir o Senhor. Assim, após quatro anos maravilhosos em Mount Horeb, fomos para Cherryvale.

Dolores e eu vimos aquele grande aumento no salário como uma oportunidade para melhor servir o Senhor ao providenciar abrigo para crianças sem-abrigo, e rapidamente fizemos planos para cumprir um sonho de longa data: fundar um orfanato. Não pretendíamos meramente aglomerar crianças numa velha mansão abandonada; construiríamos casinhas onde apenas seis ou sete rapazes e raparigas viveriam sob o mesmo teto com pais substitutos, um conceito comparativamente novo naqueles dias.

Pois bem, o Senhor abençoou-nos nos nossos labores em Cherryvale. Naquele primeiro ano acolhemos sessenta novos membros, quase duplicando o número total de membros daquela igreja comparativamente nova, que estava em dificuldades quando chegámos. Com a ajuda de amigos, cedo começámos a construir o nosso orfanato em quarenta e cinco acres de campo ondulado. Antes de iniciar a construção, discutimos cada aspeto do orfanato com o nosso Superintendente de Distrito e com todos os ministros locais.

Todos com quem falámos levaram-nos a acreditar que teríamos total cooperação. Infelizmente, aprendemos a política da religião da maneira mais difícil — depois de termos começado a receber crianças na nossa casa (a nossa Mary Jo foi a primeira a chegar, uma menina de cinco meses), a pedir dinheiro emprestado para construir, a lançar a primeira pedra e a trabalhar como escravos durante quase um ano para pôr o orfanato a funcionar.

O teto desabou sobre nós quando o Conselho de Administração da Conferência decretou à porta fechada, sem nos dar uma audiência, que deveríamos cessar e desistir de estabelecer um lar para crianças. A razão deles? Quem sabe? Uma desculpa é tão boa como outra quando se quer travar alguém. Tinham razões, estou certo, contudo sinto que poderiam ter encontrado uma muito melhor do que a expressa por um membro do Conselho, que deixou clara a sua pretensão de ser um membro da raça humana quando comentou ironicamente: “Por mais que me esforce, não consigo ver por que razão você ou qualquer outra pessoa haveria de querer levar um bando de miúdos ranhetas para casa para criar.”

Naturalmente, quando o Conselho manifestou a sua objeção, muitos dos nossos apoiantes retiraram a sua ajuda financeira, tornando impossível a nossa continuidade. Desanimado, desiludido e com o coração partido, guardei as

ferramentas, desisti de construir o orfanato e demiti-me como pastor de Cherryvale. Profundamente endividados e com o espírito quebrantado, incapazes de compreender os insultos caluniosos e a hostilidade cruel gerada por alguns antigos amigos e vizinhos, começámos a questionar o nosso chamamento — talvez Deus não nos quisesse como Seus servos, afinal. Entretanto, ainda precisando de comer e pagar a renda, iniciei uma segunda carreira como professor e treinador.

Durante oito meses permanecemos fora da denominação, que naquela altura era a Evangelical United Brethren (ainda não se tinha fundido com a Igreja Metodista), mas nunca estivemos fora do amor de Deus. Foi então que aprendi verdadeiramente que, embora possamos virar as costas e afastar-nos de Deus, Ele nunca está longe de nós. Um dia o Dr. Fulk veio ter connosco e implorou para que voltássemos para o redil. Depois de Dolores e eu termos passado vários dias de joelhos em oração e consulta com o Senhor, voltámos ao ministério ativo enquanto eu continuava com a minha nova carreira como professor e treinador.

Os anos seguintes foram difíceis para a Dolores, extremamente difíceis, mas ela nunca me falhou nem uma única vez enquanto eu ensinava, treinava, pregava e me matriculava no *Shippensburg State College* para trabalhar no meu Mestrado em orientação e aconselhamento. O mesmo se poderia dizer dela quando, mais tarde, me inscrevi na Universidade do Alabama, onde me tinha sido concedida uma bolsa de doutoramento em orientação, aconselhamento e psicologia. Agora havia isto, a vergonha mais degradante de todas: ser impiedosamente expulso de casa, do lar e da igreja! Era quase demais para suportar.

Graças a Deus, nem tudo estava perdido. Mesmo antes da minha operação, tínhamos sentido o Espírito a mover-se, instando-nos a ir para casa — de volta à Virgínia — e tínhamos feito planos provisórios nesse sentido. Como os ministros na Conferência da Virgínia não assumiriam o pastoreio das suas igrejas recém-designadas até ao primeiro de julho, estávamos num impasse, sem lugar para viver ou para guardar a nossa mobília. Pensando ser concebível que o Reverendo Myers pudesse possivelmente ter algumas onças de compaixão restantes nele, perguntei: "Prorrogará essa data até ao dia um de julho?"

"Não!", trovejou ele. "Quinze de junho e nem um dia mais tarde!" Depois, tão facilmente como um camaleão muda de cor, ele caminhou descontraidamente até à porta, virou-se com o chapéu na mão e proferiu com uma solicitude que me enojou: "Irmão Jay, se alguma vez eu puder fazer algo por si, por favor, recorra a mim, sim?"

"Sim, com certeza!", pensei sem caridade. "Saí do hospital há menos de duas semanas, mal consigo andar, e o senhor está a expulsar-me para a rua como

lixo de dia de limpezas! Pedir-lhe ajuda seria como pedir a um canibal faminto que, por favor, me salgasse bem antes de me comer."

Por alguns momentos, aquele dia ameaçou ser uma "longa noite escura da alma". Eu tinha acreditado com o coração, a mente e a alma que o ministério era a minha vida; que eu fora ordenado por Deus e pela Sua Igreja para O servir a Ele e ao Seu povo. Naquele preciso momento, fui assaltado por dúvidas. Não tinha tanta certeza e, como outros mortais com pouca fé, questionei Deus. "Porquê? Por que é que me deixaste sobreviver a todos aqueles ataques cardíacos e cirurgias apenas para nos trazeres a esta vergonha e desonra?"

Dolores, sempre uma rocha, "um abrigo em tempo de tempestade", confortou-me. "Não sejas colérico e sem fé, Ked. Reza por aquele homem! Ele é que precisa de ajuda! Por favor, não questiones Deus; Deus não teve nada a ver com o que aconteceu aqui hoje. É verdade, foi cometido um erro, mas um homem mais experiente teria percebido isso e marcado outra data para uma Conferência Local, mas isso já passou e não há nada que possas fazer, a menos que queiras apelar ao bispo. Pessoalmente..." Ela fez uma pausa para se ajoelhar diante de mim e segurar as minhas mãos nas suas. "Eu quero começar de novo. Deixemos o passado no passado enquanto tu, eu e as crianças nos sentamos e nos reagrupamos em oração. Isto eu sei", assegurou-me ela com fé e confiança, "Deus chamou-te para o Seu ministério!

Ele tem uma tarefa para ti, um trabalho que mais ninguém pode ou quer fazer! Não vês isso?", desafiou ela, olhando-me diretamente nos olhos. "Deus deixou-te viver, mesmo perante probabilidades insuperáveis! E eu não vou deixar que Lhe retribuas voltando-Lhe as costas, como se dissesses que a tua recuperação foi meramente uma questão de sorte! Por favor!", pediu ela, com lágrimas a escorrer pelas faces. "Olha para Deus e procura a Sua ajuda, como sempre fizeste no passado."

E rezar, rezei, depois de descer cautelosamente as escadas para o meu escritório e fechar a porta para me sentar e meditar, sendo renovado na fé, sabendo que o Senhor se sentava comigo, falava comigo e me aconselhava. "Obrigado, Jesus", chorei em doce contrição, "para onde quer que fores, eu irei; onde quer que pousares, eu pousarei: o Teu povo será o meu povo, e o Teu Deus o meu Deus."

Tinha passado muito, muito tempo desde a última vez que me sentei naquela cadeira, a mesma cadeira onde me sentei e ouvi Gretchen proferir as suas primeiras palavras. Soube-me bem estar ali — as escadas tinham sido proibidas antes da operação, mas agora eu podia começar a movimentar-me, a fazer coisas e a recuperar as minhas forças.

Uma das primeiras coisas na agenda era resolver a questão: O que deverei fazer com a Gretchen? Acho que a minha pergunta era apenas natural. Quando

surgem problemas, procuramos sempre a causa, uma desculpa, por isso perguntei-me: Será que Deus aprovava o meu trabalho ou será que Ele, como algumas pessoas deste mundo, realmente decretou que a minha investigação sobre o paranormal era má? Se o fez, porquê? Por que é que Ele me deu o talento para trazer do subconsciente histórias como as que a Gretchen e a Loreen relataram? E quanto aos outros, as pessoas deste mundo que proclamavam que a hipnose era má, especialmente quando era empregada para explorar o subconsciente para determinar se uma pessoa poderia ter vivido noutro tempo e noutro lugar?

Quanto a Deus, eu estava inclinado a acreditar que Ele não se opunha. Tinha rezado muito sobre o assunto nos últimos anos e não tinha recebido respostas negativas. Além disso, não nos tinha Deus criado — tudo em nós? E não afirmavam as Escrituras que "Deus viu tudo o que tinha feito, e eis que era muito bom" (Génesis 1:31)? Se Ele nos construiu de modo a que as nossas memórias excedessem o que nós, mortais, consideramos limites normais, então, mais uma vez, porquê?

Devemos acreditar que Deus não sabia o que estava a fazer? Que Ele adicionou facetas desnecessárias às nossas capacidades mentais, ou que Ele apenas se descuidou e se esqueceu de cortar a memória ao nascimento? Mesmo supondo que as histórias que obtemos do subconsciente não são memórias, que são o que eu chamo de *subfabulations* (fábulas subconscientes inventadas através de alguma estranha peculiaridade da personalidade do indivíduo), não terão elas um propósito comparável ao dos sonhos? E não deveríamos tentar encontrar esse propósito?

Pessoalmente, acredito que o bom Deus, na Sua omnisciência, sabia o que estava a fazer; que Ele pretendia que explorássemos essa área da nossa constituição. É verdade, LeCron e Bordeau disseram que "milagres não podem ser realizados; todas as realizações hipnóticas estão estritamente de acordo com as leis naturais." Isso tudo soa bem, mas quem estabelece os limites das leis naturais? Não serão essas leis, na maioria das vezes, estabelecidas pela nossa própria ignorância? A lei natural nos dias de Colombo terminava no horizonte da terra, onde se acreditava que o oceano caía subitamente num abismo sem fim. Quando eu era rapaz, a lei natural dizia que nunca poderíamos voar além da estratosfera; que quase tudo o que se podia fazer pelos doentes mentais (*crazy*, chamávamos-lhes naqueles dias) era mantê-los trancados, longe do resto da sociedade.

Especialmente digna de nota é a objeção de muitas pessoas no mundo médico, especialmente psiquiatras, de que a regressão hipnótica transcende a lei natural. O Dr. F. L. Marcuse escreveu: "A regressão prestou-se, infelizmente, às manipulações do charlatão de uma forma ultra-sensacionalista e, ainda mais infelizmente, a crenças acríticas por parte de médicos e dentistas... uma quase

crença em milagres deixa-nos tanto furiosos como tristes. Furiosos por não haver uma lei que proteja os indivíduos... e tristes por o verniz do pensamento científico ser tão fino."

Quais são os factos? Bem, os factos indicam que o Dr. Marcuse está correto. O hipnotismo foi, por vezes, mal utilizado, e o verniz do pensamento científico é fino, muito, muito fino, porque os nossos supostamente instruídos cientistas têm sido demasiado lentos a tornarem-se verdadeiramente científicos. Mesmo agora, são eles os próprios que ganham uma vida muito substancial à custa da vontade inovadora de Freud em ir mais longe. Pior ainda, foram eles os próprios tipos que o rejeitaram quase totalmente, bem como as suas premissas, no início. A *Encyclopedia of Human Behavior* afirma que "devido às suas opiniões, ele era o membro mais impopular da comunidade científica."

Quando Freud começou, a psicologia persistia em explicar a vida mental como um mecanismo sem propósito, mas ele aventurou-se destemidamente a indagar em toda a parte no reino psíquico o significado de segredos ocultos; procurou significado especialmente onde, aparentemente, nunca poderia ser esperado, e realizou os seus maiores feitos no seu estudo de sintomas histéricos, obsessões absurdas, sonhos tolos e erros de todos os tipos, abrindo a porta através da qual todos os psicólogos modernos entram no jardim da moderna ciência da saúde mental.

O problema com muitos (se não todos) os psiquiatras é que eles aderem ao princípio metodológico de que se presume que um fenómeno cuja causa não é realmente observada tenha surgido de causas de fenómenos passados semelhantes. Este é um bom procedimento científico, mas apenas até certo ponto; através deste método, a maioria dos psicólogos pode observar causas semelhantes e ignorar alegremente as dissimilitudes entre novos fenómenos e os antigos; ou às vezes postulam semelhanças *ad hoc* que nunca foram observadas. Depois, também, às vezes vão pelo caminho oposto e esticam até ao limite algumas dessas semelhanças que foram observadas.

Se todos os cientistas pensassem assim, se todos aderissem à aplicação do princípio metodológico, nenhumas leis da natureza ainda desconhecidas seriam alguma vez descobertas; cada novo facto seria aparado, dobrado ou esticado para caber no leito de Procusto de explicações já descobertas. Qualquer pessoa, independentemente da estatura académica ou inclinação científica, que insista que todas as personalidades vindas do subconsciente de uma pessoa são meramente porções dissociadas de uma personalidade total está a dizer que o conhecimento deve limitar-se ao passado. Tal pessoa não quer participar nas novas e excitantes descobertas que se avizinham.

Basta por agora. Dolores tinha fé em mim; mais importante, ela acreditava que Deus tinha um trabalho para eu fazer. Portanto, concluí, se este era o meu

trabalho, eu continuaria, viesse o que viesse — depois da oração. Deus responde sempre à oração!

No dia seguinte à visita inoportuna do Reverendo Myers, duas amigas da igreja, Odessa e Landra, vieram à casa paroquial, esperando trazer alguma alegria às nossas vidas. Mas foi uma tarde tensa e estávamos todos constrangidos.

Eventualmente, Landra arriscou, esperando quebrar o gelo: "Reverendo Jay, queremos que saiba que as pessoas desta igreja não tiveram nada a ver com as ações do Reverendo Myers. Nós amamo-lo a si e à Dolores."

"Sim", acrescentou Odessa, "nós tentámos travar aquele homem." Ela abanou a cabeça em desânimo. "Ele não ouvia ninguém!"

"Sabia", perguntou Landra, sabendo perfeitamente que não sabíamos, "que na noite em que entrou em coma, o Reverendo Myers chamou um grupo de nós ao seu gabinete e ameaçou ver-se livre de si?"

"Não, eu não sabia, Landra. Mas o que queres dizer exatamente com ele estar decidido a ver-se livre de nós?"

"Bem", respondeu Odessa, "ele tinha decidido dispensá-lo como nosso pastor naquela mesma noite, ali mesmo! E, oh!" Ela abanou a cabeça com desgosto. "Ele foi tão odioso, amargo e cruel!"

"Louco!", interrompeu Landra. "Completamente louco, porque o culpou por não realizar a Conferência Local. Mas nós dissemos-lhe: não! O senhor é um bom homem. Dissemos-lhe que queríamos que continuasse como nosso pastor!"

"Só quando lhe dissemos que o senhor estava no hospital, talvez a morrer", acrescentou Odessa, chorando, "é que ele amoleceu. Então—"

"Só então", interrompeu uma Landra a fungar, "é que ele disse que esperaria que o senhor saísse do hospital para discutir a situação."

"Isso mesmo!", acrescentou Odessa. "E sabe, ele quase agiu como se não se importasse realmente com o que lhe acontecia."

"Agora, Odessa", advertiu Landra entre fungadelas, "não devias dizer isso de ninguém — que pensamento tão horrível!" Depois, virando-se para mim: "Mas, Reverendo Jay, ele realmente não nos deu oportunidade de... de..."

"Não se preocupem com isso", disse eu confortavelmente, tocado pela preocupação delas, "estou certo de que tudo correu pelo melhor. Lembrem-se: 'Todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito'."

"Apenas mais uma coisa, Reverendo Jay", acrescentou Landra nervosamente, "e isto não tem nada a ver com o Reverendo Myers." Ela fez uma careta. "Ohhhhh, eu odeio sequer pronunciar o nome dele agora, mas... Bem..."

Ela fez uma pausa, incerta sobre como começar. "Lembra-se do serviço que fez com as velas acesas em cima do púlpito? Aquele em que nos fez olhar para as velas enquanto pregava 'Acreditem que Cristo é a luz do mundo', e como disse que se apenas acreditássemos—"

"Isso mesmo!", ajudou Odessa. "O senhor disse que se apenas acreditássemos!"

"Bem", continuou Landra, depois de olhar para Odessa como quem diz "esta é a minha história!", "Reverendo Jay, o senhor sabe que a minha filha, Betty, estava em casa naquela semana, e ela estava lá na igreja naquele dia — e, ohhhhh, ela acreditou! Ela acreditou mesmo. Reverendo Jay, o senhor não vai acreditar nisto, mas é verdade!", exclamou ela dramaticamente. "A Betty foi curada!"

"Oh meu Deus, sim!", soltou a incontrolável Odessa. "Ela tinha um — oh, meu!" Ela corou. "Durante muito, muito tempo ela teve um — bem, ela teve um __"

"Um problema feminino", sussurrou Landra, olhando embaraçada para Odessa, "mas não queríamos mencionar isso antes porque tínhamos medo que o senhor ficasse ofendido."

"Ofendido? Por que haveria eu de ficar ofendido?"

"Bem", começaram ambas as senhoras nervosamente, antes de Landra reunir a coragem para explicar. "Algumas pessoas disseram que o senhor usou hipnotismo naquele dia. Mas não usou" — ela levantou olhos questionadores — "pois não?"

Claro que não tinha usado, mas como poucos ou nenhuns paroquianos na congregação naquele dia tinham qualquer ideia de como a hipnose era induzida, talvez tivessem o direito de questionar os nossos motivos. Embora nunca tenhamos sido pessoalmente atacados por membros daquela igreja por causa das nossas atividades na hipnose, sinto-me seguro de que alguns membros poderiam eventualmente ter levantado um alarido sobre o assunto. Ainda assim, a minha família e eu seremos sempre gratos pelos bons anos que tivemos em *Union Plains* e *Brownstown*.

Quanto ao uso da hipnose na igreja, posso olhar o mundo nos olhos e proclamar honestamente: "Não! Nunca sonhei com tal coisa!" Não posso ir tão longe a ponto de dizer que a hipnose nunca foi empregada naquela ou em qualquer outra igreja; os serviços de culto, pela sua natureza, incluem os elementos da hipnose. Cada ministro, professor, treinador, conferencista, ator é um hipnotizador de certa forma, embora involuntariamente.

Para compreender verdadeiramente esta afirmação chocante, é necessário ter pelo menos uma compreensão básica do hipnotismo. Então, o que é o hipnotismo?

A. Forel diz que "embora não seja meramente sono, a relação entre o sono natural e o hipnotismo é inconfundível"; Liébeault vai um passo mais além ao afirmar que "o hipnotismo distingue-se do sono natural apenas na essência." Braid descreveu-o como "sono nervoso e artificial." Pavlov declarou que "a hipnose e o sono pertencem ao mesmo grupo; são manifestações diferentes de processos inibitórios." Meramente compará-lo ao sono natural é enganador, uma vez que surge uma grande diferença entre os dois quando as ondas cerebrais (flutuações no potencial elétrico do cérebro) de pessoas em hipnose e em sono natural são monitorizadas. Temos de examinar mais algumas definições.

Winn define a hipnose como uma relação de "prestígio e fé" "na qual o praticante usa a sua posição para influenciar o sistema nervoso autónomo do sujeito de modo a efetuar inibições e excitações corporais e a condicionar a sua mente de acordo com isso." Rhodes define a hipnose como uma "condição na qual se consuma uma mudança nas posições relativas das mentes subjetiva e objetiva, trazendo a subjetiva para o primeiro plano e fazendo-a ser controlada ou pelo hipnotizador ou pela objetiva recessiva." Weitzenhoffer diz que "a hipnose é uma condição ou estado de hipersugestionabilidade seletiva que é provocado num indivíduo através do uso de certas manipulações psicológicas ou físicas de um indivíduo por outra pessoa."

O "prestígio e fé" de Winn refere-se ao *rapport* entre a pessoa a ser hipnotizada e o hipnotizador, uma necessidade absoluta para uma hipnose eficaz, enquanto Rhodes ensina que cada pessoa tem "duas mentes" — a consciente (objetiva) e a subconsciente (subjetiva) — e que é função do hipnotizador despertar o subconsciente e trazê-lo para a frente enquanto, ao mesmo tempo, aquieta o consciente e o faz recuar para o fundo num estado de quiescência. Finalmente, Weitzenhoffer diz que a hipnose será alcançada quando o hipnotizador atrair a atenção total e não crítica do sujeito através de um dos seguintes procedimentos: 1) fixação (ou concentração) da atenção, 2) monotonia, 3) limitação do movimento voluntário, 4) limitação do campo da consciência, 5) inibição, e 6) resposta sucessiva a sugestões ou seus equivalentes.

Por favor, note-se que nem sempre é necessário um hipnotizador. Muitos foram hipnotizados através de devaneios, através da batida rítmica de tambores ou outra música tranquilizante. Muitos mais foram hipnotizados enquanto conduziam um automóvel ou camião. Lembro-me de um dia frio de inverno em 1950, quando levei um paciente de Clarksburg, Virgínia Ocidental, para o Hospital Johns Hopkins em Baltimore.

Na viagem de regresso, nas primeiras horas da manhã, acordei subitamente ao volante enquanto viajava a mais de noventa milhas por hora num troço de estrada reta em frente ao *Dawson's Camp* na *U.S. Route 50,* no sopé da *Cheat Mountain*. Como cheguei ao fundo daquela montanha permanecerá para sempre um mistério, uma vez que a encosta ocidental da *Cheat Mountain* não é nada mais do que um percurso de três milhas de curvas sinuosas, giratórias e descendentes. Certamente Deus deve ter sido o meu copiloto naquela noite. Não tenho absolutamente nenhuma recordação de atravessar aquela porção da autoestrada, mas a minha experiência dificilmente foi única.

Uma quantidade impressionante de evidências foi acumulada nos últimos anos indicando que as pessoas se tornam facilmente hipnotizadas enquanto conduzem. Quase toda a gente já ficou com sono enquanto conduzia ou andava num carro, e sabe-se que muito do sono é causado pelo zumbido monótono do motor e pelo guincho das rodas no pavimento. Além disso, quando as pessoas conduzem por períodos prolongados sem interrupção, olhando para a fita interminável de estrada que se estende diante delas, os seus olhos depressa derivam para a linha central e ficam transfixados, tal como num devaneio.

Num tal estado hipnoidal, entra-se depressa num sono profundo e sonoro, a menos que se seja de alguma forma trazido de volta à alerta. O número de pessoas que conseguem relatar a passagem por certas porções de estrada, até mesmo por cidades inteiras, sem recordação do evento é tremendo, e é verdadeiramente miraculoso que o número de tragédias rodoviárias não seja duplicado todos os dias.

Quanto aos ministros serem hipnotizadores, acredito que a minha lógica será compreendida quando se considera o cenário da igreja: um interior silencioso, muitas vezes obscurecido por vitrais ou janelas opacas, com iluminação suave, uma atmosfera de silêncio e a centralidade do altar, muitas vezes brilhantemente iluminado com velas, o que cria um ponto de fixação (muitos praticantes usam a fixação ocular — olhar para um objeto específico para a indução do transe). Adicione-se o coro e a liturgia, tudo organizado para conduzir a congregação até ao evento principal do dia: o ministro e o seu sermão.

Se o ministro estiver bem preparado e for eloquente na entrega, poderá em breve ter o seu público sentado na ponta dos seus assentos, enfeitiçado, olhos sem pestanejar e boca aberta. Mesmo que o ministro seja tão seco como areia queimada, os membros da congregação podem virar-se para olhar para as velas acesas ou algum outro objeto e adormecer, especialmente se não houver crianças fofas para os entreter ou distrair e manter acordados. Como vêm, não há magia na hipnose! É uma arte e uma ciência desenvolvida para levar as pessoas a um estado de transe (sono) e, independentemente do aparato usado pelo hipnotizador ou da posição corporal do sujeito (sentado, de pé ou deitado), há duas coisas que

o hipnotizador deve fazer: obter a atenção do sujeito e fazer com que o sujeito relaxe. Assim que isso for feito, nove em cada dez pessoas sucumbirão à hipnose.

Há outro ingrediente importante: o *rapport*. Quanto mais fé e confiança a pessoa tiver no hipnotizador, melhores serão os resultados. E, digam-me por favor, onde se encontrará mais fé e confiança do que num público cativo de um ministro, sentado completamente à vontade na igreja? Qualquer pessoa que duvide da minha premissa deve lembrar-se do que acabei de escrever quando vir o próximo dorminhoco na igreja. Ou lembre-se das muitas vezes em que lutou contra o sono no santuário e atribuiu o chamamento de Morfeu a uma semana difícil ou aos excessos da noite anterior.

A esposa de Paul Malley estava sempre a pedir-me desculpa pelo hábito de ele dormir na igreja, até que um dia o ouvi por acaso a tentar convencer alguém que não frequentava a igreja a vir ouvir um dos meus sermões. Agradeci os seus elogios, mas mais tarde, quando estávamos sozinhos, provoquei-o com um sorriso: "Paul, como podes instar outra pessoa a vir ouvir os meus sermões quando tu dormes sempre durante eles?"

Ele defendeu-se, a rir. "Acredite ou não, Reverendo, eu oiço cada palavra em todos os seus sermões."

Quando levantei a questão cética, "Como consegues?", ele respondeu: "Não sei, mas posso prová-lo. No próximo domingo, e em todos os domingos enquanto quiser, farei a revisão do seu sermão imediatamente após o serviço de culto, antes que alguém tenha a oportunidade de me informar." E fê-lo, nunca falhando um ponto.

Quando o testei para a hipnose, depressa se tornou aparente que, quando um ministro começava a pregar, Paul entrava num transe, tal como se estivesse sob a influência de uma sugestão pós-hipnótica.

Paul não foi o primeiro a ensinar-me que algumas pessoas ficavam hipnotizadas na igreja. Há muitos anos, assisti a um serviço de tipo Pentecostal.

Havia muitas gargalhadas, cânticos, orações, gritos e pregação ruidosa, condições normalmente consideradas antitéticas à indução da hipnose. Durante esse serviço, o ministro parou subitamente a meio da sua mensagem, fez uma pose dramática e apontou para uma mulher que estava fascinada, com os olhos fixos nele, enquanto ele ordenava: "Ri!" E ela riu, uma gargalhada selvagem e histérica que continuou ininterrupta por vários minutos.

Noutra ocasião, ele fez a mesma pose e ordenou à congregação: "Corram para o altar e despejem o vosso coração a Deus! Roguem o Seu perdão!" E eles correram. Por um momento, pareceu que a igreja se tinha transformado numa prova de atletismo. Uma dúzia de pessoas saltou para o pé e correu para o altar, onde colapsaram em orações de súplica e rogo. Intrigado, porque conhecia

algumas das pessoas daquele grupo, pessoas que eram cristãos bons e calmos, perguntei-lhes: "Foram levados pelo Espírito Santo a correr e a rogar, a suplicar em gritos agonizantes?" Vários deles responderam, quase com remorso: "Não! Parecia que eu não tinha controlo sobre as minhas ações, como se talvez o próprio Diabo me tivesse obrigado a fazê-lo." Embora eu não o atribuísse a Satanás, eles tinham sido obrigados a fazê-lo! Tinham sido hipnotizados.

O que precede não foi relatado numa tentativa de injetar leviandade ou de menosprezar a religião de ninguém. As pessoas têm o direito de prestar culto como quiserem, de acordo com os seus próprios gostos religiosos. Não acuso aquele ministro de hipnotizar deliberadamente as pessoas. É duvidoso que ele tivesse qualquer ideia de que a hipnose estava envolvida. Aparentemente, em algum momento do seu ministério, o homem simplesmente aprendeu que, quando via um certo olhar nos rostos das pessoas da sua congregação, elas obedeceriam a qualquer comando dado. E obedeciam! Embora não sabendo como ou porquê, ele tinha empregado os truques de um hipnotizador de palco.

Repito: Nunca usei (nem nunca usarei) a hipnose num serviço de culto. Usar a hipnose num serviço de culto seria o auge da insensatez; o Cristianismo não precisa disso! Há mais poder presente na Igreja na presença sobrenatural de Deus em Cristo através do ministério do Espírito Santo do que o que pode alguma vez ser gerado por mil artes e ciências como a hipnose. A longa e gloriosa história da Igreja testemunha esse facto. Ela resistiu a guerras, revoluções, perseguições, cismas e calúnias; e, como Cristo proclamou, até "as portas do inferno não prevalecerão contra ela".

Embora a hipnose possa ser usada por diversão, para o bem ou para o mal, de um modo geral, o uso da hipnose sem terapia não fará nem bem nem mal. Tal como os tranquilizantes, a sua eficácia é de curta duração. Nenhuma experiência religiosa, como as que relatei, causará mudanças duradouras e eficazes nos processos de pensamento permanentes de uma pessoa. Muitas pessoas no estado hipnótico podem representar qualquer comando dado por um hipnotizador (a menos que viole o seu código moral pessoal), embora ainda tenham controlo mental suficiente para saberem que o que estão a fazer é inconsistente com as suas ações ou desejos racionais.

Por exemplo, enquanto visitava um amigo médico, ele pediu-me que demonstrasse a minha técnica hipnotizando a sua sobrinha. Ela voluntariou-se para ser o sujeito. A Amy era um bom sujeito e consegui realizar várias experiências com ela para benefício dos muitos que estavam presentes. Depois, após cerca de trinta minutos, induzi catalepsia nos membros e no corpo e disse-lhe que, por mais que tentasse, não seria capaz de se levantar e andar. Ela tentou, chegando ao ponto de abrir os olhos e ameaçar por entre dentes cerrados: "Maldito sejas! Se algum dia eu me levantar daqui, vou-te arrancar essa cabeça de m*rda."

Na altura, ela falava a sério. Agastada por saber tudo o que estava a acontecer, irritada porque todos se riam das suas palhaçadas, ela ficou frustrada e furiosa porque não tinha absolutamente nenhuma defesa contra os meus comandos. Uma vez que a tirei do transe, não tive mais controlo sobre ela, mental ou fisicamente.

O tempo aproximava-se de deixarmos Greenbush e a Igreja de Union Plains, mas havia uma mulher que apelou à minha simpatia e a quem eu simplesmente não podia recusar ajuda. Helen Cable, uma senhora atraente de cinquenta e três anos, e o seu marido, Henry, tinham conduzido desde a sua casa perto de Columbus, acreditando que eu poderia ajudá-la a andar novamente. Ela disse que era inválida desde os dezassete anos, quando foi submetida a uma cirurgia na perna direita. Henry, um marido amoroso e extremoso, sussurrou ao canto da boca: "Está tudo na cabeça dela." Helen olhou-o com raiva e disse que achava que a hipnose poderia ajudá-la, uma vez que os médicos não conseguiam encontrar razões clínicas para a sua incapacidade.

Helen era um bom sujeito para a hipnose e, pouco antes de eu começar a indução do transe, ela perguntou: "Se tiver tempo, faria uma regressão comigo? Gostaria de saber quem fui noutra vida." Eu concordei e, após a hipnoterapia para a sua perna — ela conseguia usar a perna livremente no transe — comecei a levá-la de volta no tempo.

"Oh, isto é terrível!", queixou-se ela. "Estou a congelar." Começou a apertar os braços contra o peito como se se protegesse contra o frio. "Yaaaaa", disse subitamente com a voz arrastada, e encolheu os lábios em desdém, "aquelas bestas seminuas, são imundas... porcas e imundas!"

Aparentemente, Helen estava a reviver a sua vida como uma índia Sioux em Dakota do Norte no século XIX, uma vida que ela abominava. Desprezava as condições insalubres e o coelho quase cru e carbonizado que estava a ser comido de um espeto de fogueira.

Quando a regressão terminou, Helen levantou-se e caminhou sem manquejar até uma cadeira ao lado da minha secretária. Henry olhou para mim e piscou o olho com cumplicidade. Quando saíram do meu escritório, ela levantou-se e caminhou garbosa até ao carro, com Henry a segui-la carregando o andarilho. Mais tarde, ele disse-me que Helen fez as cem milhas até casa sem uma única queixa, pelo que ele estava muitíssimo grato, pois normalmente ela queixava-se de que a condução dele e os movimentos do carro sacudiam a sua perna tão violentamente que a dor se tornava insuportável.

"Mas o melhor ainda estava para vir." Ele riu. "Em casa, ela saiu do carro, subiu as escadas e entrou em casa sozinha. Enquanto ela atravessava a sala de estar, eu gritei: 'Ei, *Babe*, onde está o teu andarilho?' E acreditaria!" Ele continuou a rir e a abanar a cabeça. "Ela deixou-se cair numa cadeira e exclamou:

'Oh, não! Deixei-o no pregador!' Agora", lamentou ele, "não sei o que fazer! Ela não deu um passo desde então."

Estou inclinado a acreditar que não havia nada de errado fisicamente com as pernas da Helen, mas não sou médico e não tentarei fazer uma avaliação médica. Na minha mente, uma vez que não parecia haver atrofia na perna e o tónus muscular parecia bom, eu de facto questionava-me. Seria ela realmente uma inválida? Ou será que, quando o Henry estava fora de casa, ela andava pela casa como qualquer mulher normal e saudável faria? Tenho a certeza de que o Henry estava inclinado a questionar-se sobre o mesmo.

Helen foi a última pessoa que hipnotizei antes de deixar Greenbush; simplesmente não tive tempo para mais ninguém, com as cento e uma coisas para fazer antes da mudança. No entanto, custou-me deixar aquele escritório, com as suas muitas memórias preciosas das centenas de pessoas que ali tinham encontrado força e conforto no Senhor; os muitos que tinham exposto o seu coração e alma e tinham recebido ajuda através de terapia, aconselhamento e oração.

Oração! Era e é a força da minha vida, mesmo na hipnose. Sempre achei conveniente rezar por todos os que jaziam em transe; depois de muitos terem sido ajudados, até curados, através da hipnose ou do descanso e relaxamento provocados por ela. Mesmo agora penso na Vonda, tão nervosa e assustada, com um concerto de piano a pairar terrivelmente grande na sua vida jovem. Ela tinha dito, quase em lágrimas: "Papá, eu sei que vou falhar! Não tive tempo para praticar." Por isso, quando a minha preocupação paternal não conseguiu animá-la, sugeri que fôssemos ao escritório para hipnose.

Enquanto Vonda jazia no transe, instruí-a gentilmente a esquecer o concerto. "Pensa em ti mesma ao teclado, calma, relaxada, confiante. Querida", encorajei-a eu, "lembra-te de que Jesus disse: 'Eis que estou convosco todos os dias.' E essa é a verdade, bebé! Ele não te estava a dar apenas um versículo da Escritura para memorizares: Jesus disse o que queria dizer, e queria dizer o que disse. Sim, vê-te a tocar piano — és uma pianista talentosa! O teu tempo é perfeito, e não — não te inquietes, nunca falharás uma nota. Não precisas de te preocupar, querida, tudo vai correr bem. 'Eu estou contigo, Vonda' — essa é a palavra d'Ele para ti agora mesmo! Lembra-te daquele belo hino antigo que tocaste para mim tantas vezes:

I come to the garden alone, While the dew is still on the roses, And the voice I hear, falling on my ear, The Son of God discloses. And He walks with me, and He talks with me, And He tells me I am His own; And the joy we share as we tarry there, None other has ever known.

"Bem, Vonda, quando chegar a hora do concerto e for a tua vez de atuar, isto é o que eu quero que faças: Une o polegar e o indicador da mão direita,

formando um círculo — o símbolo da perfeição — e, querida, cada vez que o fizeres, vais sentir a sensação de paz e confiança que estás a desfrutar agora mesmo."

Com certeza, a Vonda atuou maravilhosamente no concerto. Depois, ela riu e disse: "Papá, fiz exatamente como me disseste, e oh! foi tão maravilhoso! Estava tão assustada e nervosa pouco antes de entrar em palco, mas quando toquei os dedos funcionou tal como disseste que funcionaria. Oh, soube tão bem!"

CAPÍTULO IX

DE VOLTA A CASA NA VIRGÍNIA

Três meses após a visita traumática do Reverendo Myers à nossa casa em Greenbush, estávamos de volta à Virgínia, a terra pela qual nos apaixonámos depois de nos mudarmos de West Virginia em 1954.

O nosso Superintendente de Distrito tinha-nos dado a escolha entre três cargos, mas porque tínhamos servido igrejas perto de Harrisonburg de 1954 até 1962, decidimos aceitar um cargo de quatro igrejas perto das montanhas Blue Ridge e Massanutten.

O cargo estava a construir uma nova casa paroquial e, até que estivesse concluída, fomos forçados a viver num apartamento alugado numa pequena comunidade a poucos quilómetros de Elkton. Embora estivéssemos felizes por estar em casa, sinais subtis começaram a aparecer quase imediatamente após a nossa chegada de que tínhamos feito uma escolha errada ao voltar para Elkton, mas como apenas uma ou duas pessoas sabiam que eu era hipnotizador, simplesmente ignorámo-los. Por exemplo, um mês ou pouco mais depois de nos termos mudado para o apartamento, uma senhora vizinha perguntou se tínhamos ouvido uma criança a gritar na noite anterior. "Parecia que alguém a estava a espancar até à morte!", disse ela. Mas nós não tínhamos ouvido nada.

Alguns dias depois, porém, eu tinha ido para a cama e jazia ali a tentar ficar confortável na noite quente e húmida. De repente, ouvi um gemido baixo. Incapaz de localizar a sua origem, movi-me para a janela ao pé da cama para ouvir; mesmo enquanto me movia, o som tornava-se mais alto. Na janela aberta, não havia como enganar: alguém estava em grande agonia, ou pelo menos assim parecia.

Rapidamente saltei e corri para a porta, parando bruscamente quando o gemido mudou para um coro de muitas vozes misturando-se num "Te dum... te dummm... te dummmmmmm..." de outro mundo, como uma centena de mantras em uníssono. Abrindo a porta, chamei a Dolores. Quando ela entrou no quarto e

ouviu o cântico, os sons tinham mudado para um lamento gritante e agudo, comparável às vozes de centenas de almas em tormento.

"Isto não pode ser real!", sussurrou a Dolores, um pouco assustada. "Certamente alguém está a pregar uma partida."

"Sim", concordei, "tem de ser uma partida", e recuei do quarto para ir lá fora e apanhar quem quer que se estivesse a divertir à nossa custa. Quando cheguei à sala de estar, o lamento parou. Voltando ao quarto para dizer à Dolores que já não conseguia ouvir o estranho lamento, vacilei nos meus passos: o ruído no quarto estava mais alto do que nunca e parecia vir através da janela aberta. Disse à Dolores: "Fica aqui à janela e observa enquanto eu saio sorrateiramente para o alpendre traseiro e ligo a luz. Se alguém estiver lá fora, apanhá-lo-ei."

Quando cheguei ao alpendre, fiquei nas sombras escurecidas por alguns segundos, examinando a área ao redor da janela, que estava iluminada por um candeeiro de rua, mas não vi ninguém, nem se ouvia um som. Liguei o interruptor da luz, mas não vi nada. Nem ouvi o som de ninguém a fugir do local. Quando caminhei até à janela, a Dolores informou-me que o barulho cessou no exato segundo em que a luz se acendeu. Desnecessário dizer que ficámos todos abalados e dormimos muito pouco naquela noite.

Na manhã seguinte interrogámos as crianças, mas elas não tinham ouvido um som; nem os nossos vizinhos. No entanto, havia um vizinho que vivia do outro lado da rua, um Sr.

Hackley, com quem não conseguimos entrar em contacto até ele regressar do trabalho naquela noite.

"Não", disse ele, "não ouvi nada. Mas", perguntou ele com um brilho estranho nos olhos, "tem algum quadro de Jesus pendurado em algum lugar no seu apartamento?"

"Bem, sim", respondi, "tenho uma cabeça de Cristo de Sallman. Porquê? O que é que isso tem a ver com os ruídos horríveis que ouvimos ontem à noite?"

"Está a adorar um ídolo", acusou ele, "e é minha opinião ponderada que esses sons que ouviu eram reais. Eram as vozes de todos os que até agora tinham acreditado no seu Cristo e tinham morrido, mas agora" — ele fez uma pausa grave — "eles vieram dos mortos para o instruir de que deve renunciar à sua crença pagã nele e juntar-se a nós."

"Juntar-me a vocês?", perguntei incrédulo. "E quem são vocês?"

"Eu", vangloriou-se ele, "sou um membro dos Eleitos Eternos de Deus, os possuidores da verdade absoluta!"

"Não me diga!", ri-me e afastei-me, pensando que era melhor não mencionar vozes lamurientas a mais ninguém, para não me deparar com outro messias.

Não encontrando resposta satisfatória para o lamento estranho, comecei secretamente a perguntar-me se talvez a Gretchen tivesse tido algo a ver com isso. Teria ela conseguido de alguma forma trazer uma multidão dos seus amigos do mundo espiritual para renovar os seus contactos connosco, se é que ela era de facto uma entidade do mundo espiritual? Eu não fazia uma regressão na Dolores há mais de oito meses e, por isso, não tinha proporcionado à Gretchen a oportunidade de falar connosco através do seu canal normal.

Nos meus momentos mais sóbrios, percebi que tal pensamento não era consistente com os factos. A Gretchen nunca se tinha manifestado na minha presença, nem nunca tinha falado (ou se dado a conhecer a mim) exceto através da Dolores. Ela poderia ter escolhido uma rota mais direta como meio de acabar com a sua frustração, mas se estivesse apenas a tentar chamar a minha atenção, por que usaria um método tão bizarro?

Até hoje, a Dolores e eu não fazemos ideia do que significava o choro, o lamento e o ranger de dentes daquela noite. De facto, comecei a fazer regressões na Dolores novamente pouco tempo depois, por isso, se fosse a Gretchen, anulámos a sua necessidade de recorrer a tais táticas de arrepiar a espinha. Sim, tínhamos considerado a possibilidade de alguém ter, de alguma forma, canalizado os sons estranhos para o nosso apartamento através da janela aberta, mas finalmente concluímos que essa explicação era inadequada, porque nem as crianças nem os nossos vizinhos tinham ouvido os sons hediondos, apesar de as suas janelas estarem também abertas.

Isso foi apenas o começo. Eu não tinha intenção de manter as minhas atividades na hipnose em segredo e, quando algumas das pessoas locais souberam que eu era hipnotizador, ficaram imediatamente em pé de guerra e ameaçaram expulsar-nos da cidade. O principal na conspiração era Hackley, que declarava em cada oportunidade: "Ele é um diabo e trouxe demónios malignos para o meio de nós com a sua hipnose ímpia." Ele depressa encontrou uma aliada numa das minhas paroquianas, Ava Warson, que anteriormente tinha denunciado todos os membros dos Eleitos Eternos de Deus como trabalhadores do exército de Satanás.

Ava tinha sido sempre a líder de um grupo marginal de cristãos que procuravam alegria em denunciar tudo e qualquer coisa que não fosse consistente com a sua estranha marca de Cristianismo. Ela tinha abominado todos os membros dos Eleitos Eternos de Deus e insultava todos os ministros com diplomas universitários ou de seminário como diabos instruídos. Ela denunciava constantemente todas as mulheres de calças, roupas sofisticadas, jantares de

igreja. Também na sua lista de ódios estavam todas as mulheres que usavam maquilhagem. Muitas pessoas descreviam-na como sendo feliz apenas na sua própria miséria e em tornar a vida miserável para os outros.

Ava, uma ruiva alta, magra como um carril, não tinha causa para nos rejeitar devido ao meu uso da hipnose. Havia quatro igrejas no cargo e, quando proferi o meu primeiro sermão em cada igreja, informei plenamente os paroquianos das minhas atividades de hipnose. Insisti que qualquer pessoa que se opusesse ao meu uso da hipnose, por favor, mo fizesse saber ali mesmo e eu mudaria para outro cargo sem ressentimentos. A maioria dos membros pareceu muito satisfeita e muitos deles chegaram ao ponto de vir à casa paroquial, onde passavam muitas horas a discutir a hipnose. Muitos pediram que eu os hipnotizasse e lhes fizesse regressões.

Compreendo perfeitamente que muitas pessoas temem o hipnotismo devido à forma como tem sido explorado por hipnotizadores de palco, ocultistas e charlatães. Posso simpatizar com o seu medo. Compreendo perfeitamente que muitas pessoas na igreja tenham o direito de olhar com desconfiança para a hipnose, mas devo insistir que era uma contradição de termos para qualquer membro daquele cargo opor-se ao meu uso da hipnose, especialmente depois de eu ter pedido a todos que viessem ter comigo com quaisquer objeções.

Além disso, na Igreja Metodista Unida, cada ministro é designado para uma igreja por apenas um ano. No decorrer de cada ano, um grupo dentro da igreja, conhecido como o Comité de Relações Pastor-Paróquia, recebe relatórios, bons e maus, de todos e quaisquer membros da igreja. Quaisquer críticas que possam ter são então passadas ao Superintendente de Distrito, que, de acordo com as recomendações do Comité, decide em conferência com o bispo se o ministro deve permanecer como pastor daquela igreja ou ser movido para outra na Conferência Anual. Se as queixas contra um ministro forem demasiado graves, pede-se-lhe que entregue as suas credenciais e ele deixa de ter permissão para servir como pastor na Igreja Metodista Unida.

No final do meu primeiro ano no cargo de Blue Ridge, não houve uma única queixa apresentada contra mim, e os registos mostrarão que nem um único voto contra o meu regresso como pastor por mais um ano foi registado junto do Superintendente de Distrito.

Apesar dos esforços de Hackley para me expulsar da cidade, éramos felizes em Elkton. Pessoas de toda a Virgínia, Maryland e do Distrito de Colúmbia vinham ao nosso escritório para hipnoterapia e/ou regressão. Também dei palestras e realizei seminários por toda a parte. Depois, na quinta-feira, 24 de fevereiro de 1974, o *Harrisonburg Daily News-Record* publicou uma história sobre mim e a Dolores sob a manchete de primeira página A IDENTIDADE

DELA MUDA ENQUANTO ESTÁ HIPNOTIZADA. Isso marcou o início do fim da nossa estadia em Elkton.

O nosso apuro e as palhaçadas dos nossos antagonistas excitados teriam sido engraçados se não tivessem sido tão trágicos. A história apareceu na sequência de uma das minhas palestras para o *Elkton Business and Professional Women's Club*. Eu tinha gostado de dar a palestra naquela noite e, felizmente, tinha sido recebido cordialmente, mas quando alguns dos meus paroquianos leram sobre a palestra, não gostaram nem um pouco! Mais tarde, racionalizaram que não se importavam que eu hipnotizasse e fizesse regressões a pessoas, mas não queriam que o mundo inteiro soubesse disso.

Parece que conseguiam tolerar a minha pecaminosidade, tal como desfrutavam da sua própria, desde que tudo fosse mantido em segredo para as pessoas de fora da comunidade. Mas, bolas, eu tentei viver uma vida cristã e, no meu coração, não tinha feito nada de que me envergonhar — não tinha nada a esconder — e, no que me dizia respeito, aqueles que ficaram tão perturbados deveriam saber que, mais cedo ou mais tarde, as minhas atividades na hipnose e as suas ações ímpias seriam reveladas. Como está escrito nas Escrituras: "Porque não há coisa oculta que não haja de manifestar-se, nem escondida que não haja de saber-se e vir à luz" (Lucas 8:17). Mas eles não sabiam ou não queriam saber.

Em todo o caso, declararam guerra a mim e à minha família, recorrendo a táticas de subversão da Segunda Guerra Mundial. Pegaram no telefone e ligaram para todos os que estavam deste lado da sepultura. Uma "velha galinha", que deve ter percorrido os números da lista telefónica sem olhar para os nomes, ligou-me e perguntou se eu conhecia aquele "homem mau, o Pregador Jay". Quando admiti que talvez conhecesse, ela disse: "Bem, não importa realmente se o conhece ou não; o que importa é que, se ele não deixar de ser o nosso pregador e sair da cidade pronto, vamos ver-nos livres dele, nem que tenhamos de o carregar para fora da cidade num pau. Agora" — ela fez uma pausa para respirar — "o que eu quero saber é se está disposto a ajudar-nos?"

"Talvez", disse eu, com ironia, esperando saber quem eram os "nós" e o que planeavam fazer.

"Bom!", cacarejou ela. "Dê-me o seu nome para que, se precisar de si, saiba como entrar em contacto consigo."

"Ainda quereria entrar em contacto comigo se eu lhe dissesse que sou o Pregador Jay?", ri-me eu. Mas não devia ter feito isso. *Whoooeeee*, ela não me poupou! Não posso repetir o que ela disse, mas não ficaria nada surpreendido se os fios do telefone ainda estivessem a deitar fumo em Elkton.

Hoje, às vezes, penso que consigo compreender a ira deles, pelo menos em parte. Mas eu não os conhecia realmente naquela altura. A maioria são gentes da montanha, não muito instruídas, e bairristas, o que quer dizer que, se nem todos

são parentes de sangue, são pelo menos parentes pelo código das colinas. A maioria são pessoas realmente boas, das melhores que este mundo já conheceu, mas poucos ou nenhuns estão inclinados a aceitar ideias modernas. Como eles dizem: "Não queremos conversas com nada que não entendamos."

Embora a maioria seja dotada de convicções fortes sobre o que acredita ou deixa de acreditar, toleram qualquer pessoa de fora que não lhes imponha opiniões. No entanto, alguns são abençoados com um temperamento de "cão-come-cão" e, embora não sejam *ipso facto* líderes do clã, a maioria não os contraria por medo de retaliação. Para minha infelicidade, foi esse grupo que parecei ofender mais.

Concebivelmente, eu poderia ter-me poupado à ira deles se não tivesse sido levado a um falso sentido de segurança pela santidade deles no primeiro ano do meu pastoreio. Alguns deles rezavam como se tivessem o céu no bolso de trás. E sorrir? Conseguiam exibir um semblante cativante que faria os querubins parecerem monstros. Pior ainda, o mel escorria mesmo com o "Irmão Jay" para aqui e "Irmão Jay" para acolá. Pensei com certeza que nunca teria de deixar a terra para experimentar o céu. Infelizmente, cedo aprendi que, embora não consiga precisar a localização exata do céu, agora sei com certeza que, se for algures perto daquele cargo, não quero nada com ele.

Resignar ao meu trabalho ali estava fora de questão. A minha família e eu tínhamos ido para lá com o único propósito de servir o Senhor, e nunca discuti hipnose no púlpito após o nosso primeiro domingo ali. O nosso problema começou realmente não por causa da hipnose, mas porque aquela mulher, a cúmplice de Hackley, Ava Warson, queria ser o galo da capoeira. Durante anos, quando ela gritava "Salta!", eles perguntavam "Quão alto?" enquanto ainda estavam no ar. Mas, durante algum tempo, até ela foi uma das nossas mais fortes apoiantes.

Embora a Ava estivesse habitualmente em alguma igreja, indo de uma reunião Pentecostal para outra, ela carecia muito definitivamente das qualidades de misericórdia, justiça e perdão para qualquer pessoa que não fosse membro da sua própria família. Tinha um marido que vivia da garrafa e uma casa cheia de filhos que eram uma fonte constante de problemas. Embora estivesse sempre a condenar a bebida, as festas e o mau caminho noutras pessoas, ela fustigava-nos com uma dose dupla de fogo do inferno e enxofre se sequer sugeríssemos que ela ou os membros da sua família eram menos que perfeitos.

A Ava e eu começámos a trilhar caminhos diferentes quando me opus a que ela questionasse a moral de algumas raparigas do liceu que queriam juntar-se à igreja. A sua objeção: "Elas usam calças, pintam a cara e dançam e", rosnou com desgosto, "a igreja não tem lugar para gente como elas!" Eu discordei e, após falhar em convencê-la de que deveria ser mais caridosa no seu pensamento,

lembrei-lhe que todas as filhas dela (que não frequentavam a igreja) usavam calças de ganga e maquilhagem e dançavam, por isso "Aquele que estiver sem pecado, que atire a primeira pedra". A Ava apenas cerrou os lábios e desdenhou: "Tu és o próprio filho do Diabo que veio para expulsar Deus da Sua própria igreja!" A partir dessa altura, ela passou a maior parte do tempo ao telefone a tentar organizar oposição a mim e à minha família.

Teve algum sucesso: alguns dos menos instruídos apoiaram-na e começaram a ameaçar-nos com danos físicos; outros tornaram-nos a vida miserável chamando bruxa à Dolores e feiticeiro a mim. E, apesar do seu ódio por nós, podia-se sempre contar com ela na igreja. Nunca falhava um serviço dominical. Depois de eu pregar o meu último sermão ali, ela até me abraçou e disse que teria saudades minhas.

Uma noite, pouco depois de um paroquiano ter ligado para nos avisar que a Ava estava a tentar iniciar uma rebelião contra nós, uma mulher embriagada iniciou a primeira de muitas chamadas incómodas e, por vezes, vulgares. "É 'vocêzes' o ah... ah... pre... pre... prega... pregador hip... hip... hipnotista?"

"Sim, eu sou o pregador."

"Bo... booo... bom!" Ela riu e cacarejou com grande esforço. "Pó... póde 'vocêzes' hipno... hipnotizar-me e... fazer... fazer-me vol... voltar... como... como a minha própria mãe!"

Embora a minha família e eu estivéssemos determinados a não fugir com o rabo entre as pernas, devo confessar que tememos pelas nossas vidas. Vejam bem, as ameaças deles não se baseavam em conversa fiada, como irei mostrar claramente.

Embora nenhuma das minhas igrejas estivesse localizada em Elkton, todas as pessoas num raio de quilómetros reivindicam Elkton como a sua terra natal e, infelizmente, sem culpa própria, a cidade foi erroneamente carregada com uma reputação terrível, gerada pelos arruaceiros que vêm à cidade e causam problemas. A reputação de Elkton ajudou a alimentar o nosso medo, mas seria terrivelmente errado da minha parte culpar a própria Elkton pelos nossos problemas.

Elkton é uma boa cidade, uma cidade que honrou a nossa filha, Vonda, como Chefe Honorária dos Bombeiros, aplaudiu a atividade do nosso filho no campo de basebol e a participação de Mary Jo na banda. No entanto, mesmo os residentes locais não negam que tem reputação de ser uma cidade bruta e dura. E isto, note-se, apesar de Elkton (com uma população de apenas mil e quinhentas pessoas) e as áreas circundantes sustentarem nada menos que vinte e uma igrejas. É um viveiro de atividade religiosa, muito conservadora ou fundamentalista.

Embora os esfaqueamentos, tiroteios e lutas tenham diminuído nos últimos anos, Elkton ganhou notoriedade através do afluxo das multidões de sábado à noite que desciam das montanhas para lutar, dar tiros e matar. Nos muitos anos em que conheço as pessoas de Elkton e das cidades vizinhas, ouvi centenas dizerem com um abanar de cabeça temeroso: "Eu não voltaria para aquelas montanhas ou para um daqueles vales à noite por todo o dinheiro do mundo."

Como afirmei anteriormente, se a nossa situação não tivesse sido tão grave, a nossa vida ali poderia ser descrita como hilariantemente engraçada. Na verdade, foi trágica. A minha experiência com Fannie McCray é um bom exemplo. A Fannie é uma mulher grande — gorda, um metro e sessenta e cinco e noventa quilos de gordura flácida — cuja mão direita foi decepada pelo pulso quando a levantou para se proteger de um cutelo de carniceiro atirado pelo marido.

A Fannie queria ver-me para discutir problemas familiares. O marido, disse ela, preferia passar os fins de semana na cama com outras mulheres. A Fannie vivia perto de New Market, mas um dia foi à boleia até Elkton só para me ver, e as suas primeiras palavras foram: "Pregador, ouvi dizer que o senhor consegue ajudar as mulheres a perder peso e torná-las bonitas, por isso, rapaz, por favor, comece a trabalhar em mim e faça o melhor que puder."

"Bem, Fannie." Sorri e respondi honestamente: "Independentemente do que tenha ouvido, poderei ajudá-la a perder peso, se realmente quiser, mas não espere que eu faça milagres!"

"Isso é bom o suficiente para mim!" Ela riu como um *banshee* e saltitou como um dirigível quando se deixou cair no sofá. "*Whoooeee*! Pregador, isto sabe bem! Mãos à obra e torne-me bonita para que o Don me queira tanto que até lhe saiba a pouco!"

Isso era uma tarefa difícil. Além disso, para meu embaraço, depressa se tornou óbvio que perder peso não era a preocupação primordial da Fannie. A julgar pelas suas ações, o sexo tinha de ser a sua única paixão consumidora.

Um dia, enquanto jazia no sofá do escritório, preparando-se para entrar em transe, pediu-me para examinar um sinal na sua face esquerda. "Ouvi dizer que o senhor consegue fazer desaparecer verrugas com hipnose", começou ela, "por isso veja o que consegue fazer com este sinal."

"Nada, Fannie", respondi, inclinando-me para ver melhor. "Isso é um sinal e terá de consultar um médico para o remover."

"Oh, não se preocupe com isso, bebé!" Ela riu e agarrou-me pelos braços, puxando-me para cima dela. "Vem cá à Mamã e diverte-te um bocado!"

Que desenvolvimento revoltante foi aquele! "Vem cá à Mamã", dissera ela. Garanto-vos que, se a minha Mamã tivesse sido assim, eu teria renegado o meu pai por ter tido tão mau gosto ao selecionar tal mãe para mim.

Certamente, naquela tarde, o meu escritório era um espetáculo digno de se ver. Com os lábios gordos dela por todo o lado em mim, como um porco a lamber lavagem, foi o que pude fazer para não vomitar o conteúdo do meu jantar. E rir! Ela ria, guinchava e dava gargalhadas entre grunhidos até eu ficar realmente enjoado. Oh Senhor, perguntei-me, o que é que eu fiz para merecer isto?

Felizmente, consegui soltar-me apenas com o orgulho ferido e os meus sentidos estéticos insultados. Mas, por um momento, não tive tanta certeza de ter vencido a batalha. Ela debateu-se para se levantar do sofá como um rinoceronte ferido, cravando-me um olhar de chama azul.

"Sua p*uta de porco puritano, já dormi com homens melhores do que tu alguma vez serás. Ouves-me, homem! Não és nada mais do que um pregador de meia-tigela a tentar fazer-me parecer uma p*uta comum. Mas espera só, rapaz!" Ela abanou um punho gordo na minha cara antes de agarrar a mala e sair bamboleando até à porta como um elefante. "Eu vou apanhar-te a ti e a toda a tua maldita família, nem que seja a última coisa que faça. Ouves-me? Vais arrepender-te do dia em que te cruzaste com esta velha ao fingires ser algo que não és!"

Fannie cumpriu a sua palavra, indo a todo o lado, reunindo toda a gente e trabalhando horas extraordinárias para instigar problemas. E emboscava-me em todas as oportunidades. Parando-me na rua um dia, apontou-me um dedo curto à cara e gritou: "Vou apanhar-te por me tentares e tentares violar-me, levando-me até ao limiar do inferno. Mas não vais escapar impune. Acredita em mim, irmão", bradou ela, "nunca sairás desta cidade vivo." Ela fulminou-me, limpando a saliva do queixo para o antebraço. "Sim, vamos apanhar-te como fizemos com aquele pregador há muito tempo, se não morreres de um ataque cardíaco primeiro ou se não te acobardares e rebentares com os miolos." Continuou assim sem parar, até que me virei e me afastei, mais do que um pouco abalado.

Tinha boas razões para isso. Clyde Morrow, um membro fiel da igreja, já me tinha avisado anteriormente para ter cuidado, explicando que, alguns anos antes, um antigo ministro do cargo, o Reverendo Paul Jackson, fora levado ao suicídio por um grupo de arruaceiros. Aparentemente, o Reverendo Jackson estivera doente e fortemente sedado com medicamentos receitados pelo seu médico; e, porque era profundamente detestado por alguns membros do cargo, estes tentaram forçá-lo a resignar. Quando ele recusou, circulou o rumor de que ele tinha relações sexuais com a amiga de uma das suas filhas adolescentes, uma acusação totalmente infundada. Mais tarde, devido à sua medicação, foi preso

como toxicodependente. Incapaz de suportar a vergonha e a desonra, pegou numa arma e pôs fim à vida.

Outro amigo, ao saber dos ataques cruéis contra mim e a minha família, avisou-nos: "Quando o meu pai era pastor deste cargo, eles passavam pela casa paroquial à noite e enchiam-na de chumbo."

Viver em Elkton era uma experiência solitária. Embora os nossos filhos tivessem uma multidão de amigos, a Dolores e eu não tínhamos absolutamente nenhuma vida social, apesar de termos muitos amigos na cidade e arredores. Na maior parte, embora todos exceto os nossos inimigos declarados fossem amigáveis se os encontrássemos na rua ou na igreja, não nos visitavam na casa paroquial por medo que os radicais se virassem contra eles. Até os ministros locais se esquivavam, todos exceto o Reverendo Charles Kindred.

Isso doeu mais do que qualquer outra coisa. Eu tinha falado com cada um deles pessoalmente e nenhum deles tinha manifestado uma objeção ao meu uso da hipnose. Um era um antigo aspirante a hipnotizador, que tinha desistido por não ter tido muito sucesso em fazer as pessoas responderem, mas não havia comunhão entre nós.

Pensei que talvez as coisas estivessem a melhorar depois de um dos ministros, Jacob Horton, e eu termos conduzido um funeral juntos. Após o funeral, o Jacob disse: "Carroll, eu não entendo este alvoroço sobre o hipnotismo, por isso, se não te importares, explica-me. O que é o hipnotismo, afinal?"

Durante duas horas, o Jacob e eu sentámo-nos no meu carro junto a Naked Creek enquanto eu tentava explicar tudo e responder a todas as suas perguntas. Quando terminei, ele estendeu-me a mão e disse: "Dá cá esses cinco, irmão! Admiro-te pelo que estás a fazer — alguém tem de fazer esta investigação sobre a reencarnação — e, embora eu não perceba nada de hipnotismo, se alguma vez eu puder ajudar-te, não hesites em chamar-me."

Maravilhoso!, pensei. Aqui estava um homem em quem eu podia confiar! No entanto, a partir daquele dia, os nossos problemas multiplicaram-se, pois membros da igreja dele começaram a enviar-nos uma barragem de cartas de ódio. Viemos a saber mais tarde que, quando alguns dos seus paroquianos o informaram de que não aprovavam as nossas atividades, ele deu o dito por não dito e encorajou-os a fazer saber à Dolores e a mim que achavam que éramos maus e que o hipnotismo era a "ferramenta do Diabo".

Servir aquele cargo foi uma experiência e tanto, mas eu não ia deixar que eles nos expulsassem da cidade. Mesmo depois de um grupo de dezasseis pessoas ter apresentado uma petição ao meu Superintendente de Distrito, informei-o: "Se for aceitável para si e para o bispo, ficarei no cargo por mais um ano." Foi aceitável e ficámos.

Dizer que nos deveríamos ter mudado pode ser um eufemismo grosseiro. Mas, nesse caso, nunca teríamos aprendido sobre a verdadeira inconstância e a total depravação de algumas pessoas. Além disso, porque tivemos de nos apoiar tão fortemente no Senhor para obter força e coragem, tornámo-nos mais fortes em todos os aspetos. Foi durante esse tempo que aprendemos plenamente que é para a glória de Deus que a Sua Igreja sobreviveu e cresceu para se tornar a maior instituição do mundo, apesar daqueles que a usariam de forma desonrosa.

Há muitas pessoas no mundo como a Ava, que querem desesperadamente ser alguém importante. Como a Igreja é para todos, algumas destas pessoas estão destinadas a ser encontradas lá, e ainda bem que assim é, pois, se a Igreja não for para elas, para onde podem ir para encontrar uma razão de ser? Onde haverá melhor lugar para as pessoas subitamente encontrarem o Senhor e, através das Suas ações, tornarem-se importantes para si mesmas, para Deus e para a sociedade? Quanto à Fannie, ela era rude e lascívia, mas é de se ter pena. Exceto por especulação, nunca poderemos saber a causa profunda da sua luxúria.

Certa vez, enquanto trabalhava com a polícia estadual de outro estado, hipnotizei uma mulher que os agentes pensavam que poderia ter assassinado o seu próprio filho. Enquanto a interrogava sob hipnose, fomos levados a acreditar que ela convivia com homossexuais, ou pelo menos era amigável com eles. Seguimos essa linha de interrogatório, considerando a possibilidade de um dos seus amigos ou conhecidos ter atacado e matado o seu filho. Ela admitiu que o seu padrasto era homossexual.

Pior ainda, relatou em regressão, com grandes ataques de histeria, a altura em que o seu padrasto a forçou a ter relações sexuais com ele à tenra idade de seis anos. Oh Deus, perdoa-me! Naquele momento em que ouvi a pobre mulher a reviver a sua infância, gritando, suplicando, implorando: "Não! Não o faças! Por favor, Deus, faz com que ele pare! Oh, Deus! Deixa-me morrer... por favor, deixa-me morrer!" Odiei aquele homem com paixão! Até os polícias, endurecidos pelo que há de mais sórdido na vida, voltaram as costas uns aos outros e a mim, rangendo os dentes e cerrando os punhos até a pele se crispar enquanto lutavam, com as cabeças encolhidas entre os ombros, para abafar lágrimas de agonia.

Condenar a Fannie? Nem pensar! Talvez não sejamos todos tão audazes, mas como podemos saber a profundidade da sua luxúria, tendo sido poupados a tal tormento infernal? Ou como posso conhecer os anseios de um alcoólico ou toxicodependente quando os dentes afiados do vício nunca me roeram as entranhas até à carne viva? Como posso conhecer o ódio insidioso que ferve e ferve e grita o desejo de matar, sabendo que apenas a satisfação de ver outra pessoa morrer pode extinguir esse fogo interior? Como? Ó Deus, devo confessar! Eu sei! E perdoa-me, Senhor! Perdoa-me, pois enquanto ali estava sentado a ouvir a Edna gritar, por um momento, talvez apenas uma fração de segundo,

soube no meu coração que, se pudesse ter deitado as mãos àquele padrasto, poderia tê-lo feito. Graças a Deus, o momento de desejo irracional de cometer violência nunca me surgiu quando pudesse ser libertado sem controlo.

A nossa fama (notoriedade?) como resultado do caso Gretchen trouxe todo o tipo de pessoas ao nosso escritório. Uma mulher loira, na casa dos trinta anos, desceu das colinas e expressou um forte interesse na hipnose e no caso Gretchen, mas depressa se tornou evidente que ela estava toda baralhada e que o seu casamento se estava a desmoronar. Hesitante, com grande trepidação, reuniu coragem para perguntar: "Vai tentar ajudar-me?"

Marilyn não era excessivamente inteligente, mas era bastante atraente e fingia uma pseudo-sofisticação que pensava ingenuamente ser tudo o que precisava para ter sucesso na vida, embora tivesse sido expulsa da faculdade, perdido vários empregos por incompetência e estivesse a transformar rapidamente o seu casamento num caos. Marty, o seu marido, dizia ela, "estava sexualmente frustrado". Não admira! A pobre mulher estava tão confusa sobre sexo e religião que nunca tomava um duche ensaboando-se com as mãos nuas, porque "Isso seria acariciar-me a mim mesma, e a Bíblia diz: 'Abstende-vos de toda a aparência do mal!' Ainda assim", acrescentou com nostalgia, "gosto muito que ele me faça amor se não andar com as mãos por todo o lado em mim. E o mesmo se aplica a todos os outros também. Não gosto dessa brincadeira; não suporto ser tocada!" Os outros, explicou ela, "são todos os gajos que me querem e às vezes conseguem-me se prometerem apenas fazer amor e manter as mãos quietas."

A Marilyn era digna de pena. Obviamente, amor e sexo eram a mesma coisa para ela. A sua promiscuidade era a sua forma de expressar ódio pela mãe. Quando era adolescente, fora apanhada pela mãe em frente a um espelho a acariciar os seios. "Fi-lo apenas por curiosidade", explicou ela. Como castigo, a mãe arrastou-a, numa retidão profana, até ao fogão da cozinha e segurou as mãos dela contra brasas quentes, gritando: "Nenhuma filha minha se tornará jamais uma meretriz! Queimarei os fogos da luxúria em ti, nem que seja a última coisa que faça!"

Marilyn respondeu bem à hipnoterapia, pelo menos durante algum tempo. Era um bom sujeito e fez o que parecia ser um progresso excelente, até ao dia em que subitamente se levantou de uma cadeira na sessão de pré-aconselhamento e deixou cair o casaco para ficar tão nua como uma maçã descascada. "Pregador" — ela olhou lascivamente e de forma sedutora — "hoje eu licencio-me! O senhor vai deitar-se comigo e brincar comigo! Tem de brincar comigo — eu quero experienciar cada emoção sobre a qual já li."

"Para com isso, rapariga! *Whoaaaa*!", gritei eu, agarrando no casaco dela e atirando-lho enquanto me dirigia para a porta. "Cobre-te ou eu chamo a Dolores!"

Ela sabia que a porta do escritório nunca estava trancada, que a Dolores tinha liberdade para entrar e sair a qualquer momento, uma vez que eu sempre deixava claro a quem quisesse ser hipnotizado que a porta nunca era trancada e a Dolores podia entrar a qualquer altura. Imperturbável, Marilyn implorou: "Faça-o comigo uma vez! Só esta vez e eu ficarei bem!"

Com o coração apertado por ter falhado, comecei a abrir a porta, mas ela encostou-se rapidamente contra ela, ameaçando: "O senhor não pode fazer-me isto! Vou dizer ao Marty que tentou violar-me. Veja!", gritou ela, arranhando-se horrivelmente com ambas as mãos. "Ele verá as marcas de arranhões e o sangue, e eu dir-lhe-ei que o senhor me fez isto."

Eu sabia que estava a salvo das suas acusações, uma vez que gravava todas as sessões de hipnoterapia. Ainda assim, ela disse ao Marty que a Dolores e eu tínhamos feito a fita apenas para a incriminar. Para minha sorte, o Marty disse que estava ciente dos seus "pequenos pecados" quando me veio ver, a pedido dela.

Quando vi a Marilyn de novo, algumas semanas mais tarde num supermercado em Harrisonburg, fiquei aliviado quando ela se aproximou de mim, a sorrir, e começou a dizer-me que ela e o Marty se tinham convertido. A minha felicidade desapareceu quando ela acrescentou que se tinham juntado a um grupo de carismáticos. "Fomos batizados pelo Espírito Santo, Pregador! Louvado seja Deus! E, Pregador", continuou ela, com um brilho selvagem nos olhos, "o Espírito instruiu-nos a rezar pelo senhor. O senhor está perdido, Pregador! O senhor sabe disso, não sabe? Está perdido porque o senhor e o seu hipnotismo estão a levar as pessoas diretas para o inferno. Mas, oh, Pregador, eu amo-o como um cristão deve amar e quero salvá-lo!" Ela lamentou-se num rogo choroso e suplicante por Deus enquanto caía de joelhos. "Deus é capaz, Pregador! Louvado seja Deus! Arrependa-se, Pregador, arrependa-se!" Ela agarrou-me a mão, tentando puxar-me para baixo com ela. "Arrependa-se e Ele salvará a sua alma dos tormentos ardentes do inferno!"

Atingido momentaneamente pelo choque e pelo embaraço antes de me soltar e fugir da loja sob os olhos sobressaltados dos poucos clientes presentes, eu também comecei a rezar: "Sim, Senhor, salvai-me! Salvai-me de voltar a encontrar um maluco assim!"

CAPÍTULO X

OS MORTOS VIVEM

Era um belo dia de primavera em maio, e a Dolores e eu aguardávamos com grandes expectativas a visita do Dr. Stevenson à nossa casa para uma sessão de regressão naquela tarde. Estávamos especialmente entusiasmados por saber que ele viria acompanhado pelo Dr. Otto Rohl, professor de Alemão numa escola do sul para mulheres. O Dr. Rohl é alemão de nascimento, e estávamos convencidos de que, se um homem da sua craveira confirmasse que o alemão da Gretchen era autêntico, o nosso tempo juntos seria muitíssimo agradável.

Nos dois anos em que colaborámos com o Dr. Stevenson, desenvolveu-se uma amizade calorosa. Mas ele era mais do que um amigo. Sempre um perfeito cavalheiro, simpático e cortês, era também um cientista consciencioso, meticuloso no mais ínfimo detalhe. Na verdade, devido à sua inclinação estudiosa para observar regras estritas de procedimento científico, a Dolores e eu colocámo-lo numa posição muito embaraçosa naquele dia ao convidarmos alguns amigos para estarem presentes na sessão de regressão. Quando ele e o Dr. Rohl chegaram e viram os nossos amigos sentados na sala de estar, a Dolores e eu ficámos momentaneamente atónitos quando ele indagou com grande surpresa sobre a presença deles. Os nossos amigos, o Reverendo Charles Kindred, pastor da Primeira Igreja Batista de Elkton, a sua esposa, Dee, e Carl Schumacher, proprietário e editor do *Valley Banner*, ficaram ainda mais surpreendidos do que ele, tal como a Punky, que tinha vindo de Hagerstown para passar uns dias connosco.

Até a Dolores e eu ficámos momentaneamente sem palavras, porque tínhamos convidado os nossos amigos para assistir à investigação sem nunca sonhar que o Dr. Stevenson preferiria que a sessão fosse conduzida em segredo absoluto. Recuperámos rapidamente a compostura e assegurámos-lhe que não tínhamos intenção de causar dano e que, uma vez que todos os presentes eram nossos amigos, eles não interfeririam. Mas o Dr. Stevenson estava relutante em prosseguir naquelas circunstâncias e sugeriu novamente que lhes fosse pedido que saíssem.

Um pouco abalada, a Dolores protestou: "Dr. Stevenson, lamento, mas nunca pedirei à minha filha que saia da minha casa por motivo algum, nem jamais sonharia ordenar a queridos amigos que saíssem, especialmente depois de lhes termos feito um convite especial para passarem esta tarde connosco."

Um pouco mais do que perturbado, o Dr. Stevenson disse que, dadas as circunstâncias, achava melhor não continuar com a investigação naquele dia.

"Então que assim seja!", bradei eu com raiva, incapaz de compreender a sua relutância em prosseguir como planeado. "Francamente, Dr. Stevenson", argumentei, "não vejo razão para eles não estarem aqui, especialmente porque se comprometeram a que, sob circunstância alguma, revelariam o que aqui transparecer hoje."

Admitindo que possivelmente não o fariam, ele, no entanto, lembrou-nos que deveríamos considerar a sua posição. Em essência, ele disse que, uma vez que se tratava de uma investigação científica e os seus colegas teriam eventualmente de julgar tudo o que acontecesse naquele dia, eles seriam altamente céticos em relação aos resultados se viessem a saber que pessoas estranhas ao processo estavam presentes. Ele insistiu novamente para que fosse pedido aos nossos convidados que saíssem.

A Dolores apelou, à beira das lágrimas. "Certamente os seus colegas não são tão insensíveis ao ponto de nos negarem o direito de convidar quem quisermos para a nossa própria casa. Não percebem eles", desafiou ela do nosso ponto de vista, "que esta investigação é tão nossa quanto sua? Francamente, Dr. Stevenson" — ela fez uma pausa para limpar os olhos e ganhar controlo sobre as suas emoções — "sem que o Ked e eu estivéssemos dispostos a sacrificar as nossas reputações, talvez até a carreira dele no ministério, em benefício da ciência, o senhor não teria absolutamente caso nenhum!"

Parecendo compreender a nossa situação, ele concordou com simpatia: "Mas..."

"Não! Nada de 'mas'." Dolores rebelou-se, chorando abertamente. "No dia em que eu não tiver voz para determinar quem pode ou não visitar a nossa casa, então esse será o dia em que me recusarei a continuar com esta investigação!"

"É verdade, Doutor!", acrescentei eu em apoio. "Ou nos aceita a nós e aos nossos convidados como somos ou cancelamos tudo!"

Durante tudo isto, o Dr. Rohl manteve-se à parte, tolhido pelo embaraço. Soube mais tarde que o Dr. Stevenson lhe tinha assegurado que ninguém além da Dolores e de mim estaria presente, caso contrário ele não teria vindo; por isso, naturalmente, sentiu-se enganado ao entrar na nossa casa cheia de gente. Além disso, o Dr. Rohl era um novato no mundo do paranormal e apressou-se a associar o nosso caso ao ocultismo, dizendo algo no sentido de que nunca se era demasiado cuidadoso em ser ligado ao oculto.

"Não, Dr. Rohl", respondi eu, na esperança de dissipar os seus receios, "não temos nada a ver com o oculto. Isto é estritamente uma investigação científica, e estas pessoas são nossas amigas. Eles conhecem e compreendem a situação, e não temos nada a temer; nem o senhor."

O Charles, a Dee e o Carl estavam tão terrivelmente embaraçados que se levantaram para sair, pedindo desculpa pela sua presença indesejada. Mas eu opus-me: "Não! Vocês ficam!"

"Oh, por favor", a Dolores chorava e implorava-lhes, mortificada pelo rumo dos acontecimentos, "se vocês se forem... oh" — ela virou-se para o Dr. Stevenson — "não é justo! Desde o dia em que o conhecemos, temos feito tudo o

possível para lhe agradar; temos respondido a cada pedido, e... oh, Dr. Stevenson", acrescentou ela com a voz quebrada, "nestes últimos dois anos nem sequer temos tido vida própria, simplesmente porque praticamente ordenámos as nossas vidas para caber nas exigências da ciência, mas agora isto! Oh, como pode possivelmente insistir que os façamos sair?", gritou ela e correu para fora da sala, completamente transtornada.

Momentaneamente perturbado pelo seu desabafo choroso e saída, o Dr. Stevenson olhou para mim, dolorosamente apologético, e expressou pesar, indicando que lamentava o mal-entendido. Depois, fez uma pausa reflexiva para sugerir que possivelmente tinha sido demasiado precipitado, que talvez ele e o Dr. Rohl devessem ir lá fora por um momento ou dois e discutir a situação em privado.

Enquanto ele e o Dr. Rohl se retiravam para o relvado da frente, pedi desculpa ao Charles, à Dee e ao Carl antes de me apressar para o quarto para confortar a Dolores. Por um momento, pude apenas ficar ali e ranger os dentes enquanto olhava para a minha Dolores deitada na cama a chorar. "Realmente não é justo!", pensei. "A vida, em toda a sua existência, deveria sempre permitir que uma pessoa interagisse e funcionasse como um ser humano, mas para a Dolores", ou assim raciocinei, "a investigação exigia que ela se submetesse e respondesse como uma cobaia flácida. Ela bem poderia ter sido um robô programado."

Não muitas pessoas se teriam submetido à provação como a Dolores fez. Sem uma única queixa, ela entregou-me a mim e ao Dr. Stevenson a sua vida com armas e bagagens. E para quê? Em nome da ciência, impusemo-nos sobre ela, usando-a como um pedaço de protoplasma submisso de quem se esperava que jazesse inerte e proferisse algumas palavras numa língua estranha e alheia, que eram então escrutinadas e analisadas à procura de significados ocultos e nuances veladas. Pior ainda, outros, ignorantes dos factos, questionaram a sua sanidade e enlamearam o seu nome com calúnias difamatórias e epítetos cruéis. E, sim, raios o partam!, embora ela fosse a pessoa que eu sabia ser tão honesta quanto o dia é longo, até eu a questionei e tornei a questionar, insinuando que possivelmente ela não tinha contado toda a verdade. E agora isto: uma tarde louca em que parecia que lhe diziam: "Que se lixem você e os seus amigos! Não percebe que a ciência insiste que não seja mais do que uma blástula incoativa a ser extirpada para glória de outros?"

Mas isso não era verdade, não realmente. Talvez o Dr. Stevenson fosse totalmente científico, mas não era inescrupuloso! Se eu tivesse feito uma pausa para pensar com clareza, teria percebido que ele assumira que a Dolores e eu estávamos familiarizados com as regras do procedimento científico; quando ficou atónito com a presença dos nossos convidados, ele simplesmente chegou à conclusão de que tínhamos desrespeitado deliberadamente essas regras. Mas não

o tínhamos feito. Na verdade, tínhamos convidado os nossos amigos por ignorância.

Enquanto continuava a olhar com compaixão para a minha esposa chorosa que tremia na cama, perguntei-me se tinha o direito de solicitar que ela se submetesse a outra regressão. Realmente, perguntei-me, haveria alguma razão, algum propósito em sujeitá-la a mais provações naquele dia? Teria havido, de facto, algum sentido em todos os outros dias em que ela se submeteu à nossa sondagem e investigação por um vislumbre de luz e compreensão dos estranhos fenómenos que tinham entrado nas nossas vidas sem terem sido pedidos nem desejados? Valia a investigação realmente todos os intermináveis dias e noites de perguntas que perscrutavam a alma?

Silenciosamente, a Punky entrou no quarto. "Papá", disse ela, interrompendo os meus pensamentos como se os estivesse a ler num pergaminho invisível, "eu sei que tu e a Mamã estão magoados, mas não desistam agora, por favor!" Depois, segurando as minhas mãos nas suas e enfatizando a sua preocupação com os seus grandes olhos castanhos, implorou: "Vocês foram longe demais para desistir. Por favor, Papá, só mais esta vez!"

Só mais esta vez! Valia a pena? Comecei a ceder. "Talvez." "Não te vais arrepender, Papá." "Talvez não", murmurei, começando a perceber o quanto aquilo significava para ela e para os outros filhos. Certamente, independentemente do orgulho ferido e da frustração, a Dolores e eu devíamos isso não apenas ao Dr. Stevenson e ao mundo, mas a eles também. Para eles era imperativo que nada nos detivesse, para que não passassem o resto das suas vidas a perguntar-se o que poderia ter sido, sem nunca saberem a verdade sobre o estranho fenómeno que tinha tocado as suas vidas tanto quanto a nossa.

Indo para a cama e sentando-me ao lado da prostrada Dolores, aventurei cautelosamente: "Querida, consegues... queres continuar... só mais esta vez?"

Cansada, ela sentou-se, com o aspeto de quem tinha visto a vontade de viver desvanecer-se em lágrimas. "Não consigo." Suspirou apaticamente. "Tudo parece tão sem sentido." Enterrou a cabeça em lenços de papel. "Oh, a vergonha... a humilhação!"

"A vergonha e a humilhação!", exclamei eu. "Oh, não! Não fizeste nada de que te devas envergonhar!"

"Não vale a pena", chorou ela no meu ombro, "eu simplesmente não consigo ir lá para fora e passar por aquilo outra vez. Simplesmente não consigo! Sinto-me como um micróbio sob um microscópio..."

"*Aaaawww*, vá lá agora." Tentei, a rir, tirá-la daquele desânimo. "Certamente não me estás a dizer que um mero micróbio flirtou comigo, me amou e nos deu todos aqueles filhos adoráveis que me chamam Papá!"

"Para já com isso!" Ela recuou a fungar, meio a sorrir apesar dos olhos avermelhados. "É assim que me sinto agora mesmo."

"Bem, talvez sim, mas olha, querida", supliquei, "deita-te e descansa; relaxa. Deixa-me pôr-te a dormir e em breve te sentirás melhor."

"Não vale a pena", objetou ela. "Não vai funcionar desta vez. Estou tão envergonhada e embaraçada."

"Envergonhada e embaraçada! De quê?", exigi eu. "Raios, mulher, digo-te pela última vez que não tens nada de que te envergonhar! Agora, deita-te e deixa-me pôr-te a dormir", ordenei, empurrando-a gentilmente de volta para a cama. "Depois, se ainda te sentires da mesma maneira quando te acordar, eu direi pessoalmente ao Dr. Stevenson que desistimos! Que acabou tudo!"

"Oh, eu preciso mesmo de ajuda." Suspirou ela. "Estou tão cansada... estamos apenas exaustos, mas..." murmurou ela, e começou a ficar relaxada enquanto eu lhe acariciava o cabelo, "não devemos desapontar o Dr. Stevenson. Ele tem sido bom para nós e, certamente, ele apenas entendeu mal as nossas intenções."

"Dorme apenas, Mamã", encorajou a Punky. "Relaxa apenas! Esquece o Dr. Stevenson; esquece tudo o que aconteceu esta tarde, e o Papá vai ajudar-te. Descansa apenas, dorme! Mas por favor, não desistas. Passaste por demasiado para desistir agora."

"Sim, descansar... dormir", repetiu a Dolores cansada.

Mesmo enquanto ela falava e eu lhe tocava na testa com três dedos, agradeci a Deus quando ela relaxou e as suas pálpebras estremeceram até se fecharem.

Agradecer a Deus? "Mas porquê?", perguntou-me uma senhora idosa um dia. "Por que gasta tanto tempo a agradecer a alguém que nunca viu? Não se sente ridículo a agradecer a alguém que nem sequer conheceu?"

"*Whoooooaaaa*, querida senhora", adverti eu, "espere aí um minuto! Está a falar de algo de que não sabe nada. Ter visto Deus em carne — não, não vi; mas tê-Lo conhecido em Cristo Jesus e tê-Lo visto — sim, vi-O na glória de uma luz mais brilhante que o sol do meio-dia. Mas mais importante, querida amiga, houve um dia em que vi a Sua glória suprema quando Ele veio ter com a Dolores nas primeiras horas da manhã para a confortar quando ela era apenas uma rapariguinha de dezoito anos deitada numa almofada encharcada de lágrimas, suplicando na agonia do lamento de uma mãe: 'Eu quero o meu bebé! Ó Pai Deus, eu quero o meu bebé! Por favor, Pai, dá-me o meu bebé.'

"Sabe, minha amiga, o nosso primeiro filho tinha nascido naquela manhã, a carne saudável e robusta da nossa carne, o sangue do nosso sangue! E ouvimo-lo

chorar, a berrar como todos os recém-nascidos fazem: 'Ei, mundo, oiçam! Olhem para mim. Estou aqui! Estou vivo! Consegui, e—' Depois silêncio, o silêncio mortal que emudece o mundo quando um anjo da morte desce para reclamar a sua vítima indefesa.

"Nunca esquecerei, nem o tempo silenciará jamais os gritos torturados da minha Dolores a clamar: 'Eu quero o meu bebé! Por que não posso ter o meu bebé?... O meu bebé... o meu bebé', até que as petições de cortar o coração foram forçadas ao silêncio pela injeção de uma droga indutora de sono.

"Sabe, querida senhora, como nos foi dito vários anos mais tarde pela enfermeira que assistiu ao nascimento do nosso filho: 'O médico deixou cair o bebé acidentalmente, partindo-lhe o pescoço, matando-o!' Mas naquela noite no hospital, naquela noite em que me sentei na borda da cama dela e sofri por ela mais do que pela própria vida, ela virou-se para mim enquanto estendia a mão para segurar a minha e disse: 'Está tudo bem, querido. Olha, Ele veio!'

"'Ele veio! Quem veio? Onde?'

"'Ali.' Ela sorriu enquanto a luz do céu brilhava intensamente no seu rosto. 'Ali, não O consegues ver... ali... ao pé da cama.'

"'Ver quem?', insisti eu, perscrutando o quarto e não vendo ninguém. Depois — mas, oh, é tão inacreditável — quando me voltei para olhar de novo para a minha esposa, digo-vos a verdade: calafrios dominaram-me de tal forma que os pelos dos meus braços se eriçaram quando vi os olhos dela transformarem-se em duas poças de sangue. 'Ele vive!', proferiu ela com delicadeza angélica. 'E disse-me: está tudo bem, filha. Terás um filho e filhas para amar e estimar.'

"Ainda hoje vejo aqueles olhos, não apenas avermelhados, mas vermelhos, vermelhos por todo o lado — um vermelho-sangue profundo e escuro como nada que eu tivesse visto antes. E não! a minha imaginação não se tinha descontrolado, nem eu tinha alucinado. O que aconteceu, não sei. Ainda assim, embora não fosse realmente cristão na altura, penso muitas vezes nos estigmas: as feridas que o meu Cristo suportou por mim na Cruz. Por isso, talvez, apenas talvez, quando a Dolores O viu, Jesus o Cristo, de pé ao pé da cama dela, Ele usou o símbolo do Seu sangue derramado nos olhos dela como um sinal para mim de que Deus em Cristo estava verdadeiramente vivo e presente no mundo.

"Mas não importa, foi naquele momento de há muito tempo que comecei seriamente a mudar o meu pensamento no sentido de me submeter ao impulso insistente de que eu entregasse a minha vida ao meu Senhor e ao Seu serviço."

Enquanto a Dolores jazia a dormir na cama, agradeci a Deus por me ter dado um talento que poderia ser usado para o bem de centenas de formas, mas embora as conte a todas, nenhuma era mais importante naquele momento do que

eu ter a capacidade de rapidamente induzir alguns momentos de sono repousante, um sono tão repousante que, de outra forma, ela teria exigido várias horas na cama.

"Estou bem agora", disse a Dolores quando a acordei dez minutos mais tarde. "Vai lá para fora e pede desculpa a todos enquanto eu me recomponho um pouco. Mas primeiro" — ela parou-me à porta — "quero que saibas que esta será a última vez que me submeto a uma regressão. Simplesmente não consigo passar por nada parecido com isto outra vez."

Quando voltei para a sala de estar, o Carl tinha-se ido embora, pensando que, por ser repórter, era ele quem não era desejado pelo Dr. Stevenson. O Dr. Stevenson e o Dr. Rohl tinham regressado à sala com a explicação de que, uma vez que tinham viajado de tão longe apenas para chegar ali, decidiram que seria melhor continuar com a regressão, embora a situação estivesse longe de ser perfeita. Certamente não era científica, uma vez que pessoas não envolvidas na investigação estavam presentes.

Quando a Dolores regressou à sala de estar, tentando corajosamente manter a compostura e ser o seu eu habitual e simpático, houve alguns momentos de inquietação tensa, mas depois de todos olharmos para ela e sorrirmos um pedido de desculpas nervoso, ela ocupou o seu lugar no sofá e eu iniciei o processo de indução. Em breve, todos estavam tão absortos no procedimento que tudo o resto foi rapidamente esquecido.

O Charles, a Dee e o Dr. Rohl estavam tão fascinados que os seus olhos pareciam estar cravados na Dolores adormecida e, quando a Gretchen proferiu as suas primeiras palavras, todos, exceto o Dr. Stevenson e eu, suspiraram de espanto perante a voz estranha e alheia que emanava dos lábios da Dolores.

— Gretchen — comecei eu —, tu sabes que eu não consigo falar nem compreender a tua língua, que não sei o que estás a dizer. Mas tenho aqui uns amigos, o Dr. Stevenson e o Dr. Rohl; eles conseguem falar a tua língua e gostariam de falar contigo.

— *Ich komme wieder* [Eu venho de novo] — saudou-nos a Gretchen.

Stevenson: — *Sprechen Sie lauter, Gretchen. Wie geht es Ihnen heute?* [Fale mais alto, Gretchen. Como está hoje?]

Gretchen: — *Ist gefährlich!* [É perigoso!]

Stevenson: — *Gefährlich? Warum? Was ist gefährlich?* [Perigoso? Porquê? O que é perigoso?]

Gretchen: — *Sie hören!* [Eles ouvem!]

Stevenson: — *Gretchen, wiederholen Sie bitte.* [Gretchen, por favor, diga isso de novo.]

Gretchen: — *Der Bundesrat, Sie hören, Sie zuhören!* [O Conselho Nacional, eles ouvem, eles escutam!]

Stevenson: — *Und was wird der Bundesrat tun?* [E o que fará o Conselho Nacional?]

Gretchen abanou a cabeça com medo. — *Sache... sehr schlecht!* [As coisas... muito mal!]

Normalmente, a Gretchen falava devagar e suavemente, sendo muitas vezes necessário interrompê-la e encorajá-la a falar mais alto. Além disso, nunca tínhamos a certeza de com que idade ela emergiria, por isso perguntei: — Gretchen, que idade tens? — E ela respondeu com a voz de rapariga de uma adolescente: — *Vierzehn.* [Catorze.]

Stevenson: — *Vierzehn, ja. Und wo wohnen Sie jetzt?* [Catorze, sim. E onde está a viver agora?]

Gretchen: — *In Eberswalde.*

O Dr. Rohl entrou agora na conversa: — *Gretchen, wo ist Eberswalde?* [Gretchen, onde é Eberswalde?]

Gretchen: — *Deutschland.* [Alemanha.]

Após algumas perguntas perfunctórias, o Dr. Rohl inquiriu sobre o Conselho Nacional e perguntou: — *Und wo ist der Bundesrat? In welchem Land ist der Bundesrat?* [E onde está o Conselho Nacional? Em que zona está o Conselho Nacional?]

Gretchen respondeu com medo: — *Überall! Sie hören zu!* [Em todo o lado! Eles escutam!]

Rohl: — *Das ist gefährlich?* [Isso é perigoso?]

Gretchen: — *Ja. Sehr beschwerlich.* [Sim. Muito problemático.]

O Dr. Rohl estava obviamente um pouco nervoso e hesitante, transmitindo o facto de nunca antes ter questionado ninguém em hipnose. A sua inexperiência revelou-se especialmente quando deixou a conversa derivar para material irrelevante, coisas importantes por si só, mas que já sabíamos, tais como "Que jogos jogas?" e "Com quem brincas?".

As minhas esperanças de que ele extraísse material mais importante eram elevadas simplesmente porque a Gretchen emergiu naquele dia aos catorze anos (ela aparecia habitualmente aos nove), mas quando o ouvi a ele e à Gretchen a falar sobre a Sra. Schilder, e os nomes de Karl, Karin, Kurt e Erich a sair dos lábios da Dolores, as minhas esperanças afundaram-se. "Certamente", pensei, "o Dr. Stevenson não os deixará refazer o mesmo velho caminho novamente". Mas o Dr. Stevenson não interveio, e comecei a pensar que o Dr. Rohl e a Gretchen

estavam a fazer exatamente o que eu suspeitava, um facto que mais tarde vim a saber ser verdade quando recebi a transcrição daquela sessão.

Na verdade, não tive de esperar pela transcrição, porque até a Gretchen ficou tão entediada e inquieta quando ele perguntou: "Qual é o nome do teu pai?" e "O que faz o teu pai?", que ela começou a mexer-se inquieta e a agitar as mãos antes de exclamar irritada: — *Schon Ich habe reden alles! Warum die Fragen wieder und wieder?* [Eu já contei tudo! Porquê todas estas perguntas repetidamente?]

Um ponto que nunca poderemos enfatizar demais é que as pessoas em regressão estão supostamente a reviver aquela parte da sua vida sobre a qual estão a ser questionadas e, como a maioria de nós no estado de vigília, ficam perturbadas quando são fustigadas repetidamente com perguntas redundantes. Uma vez que a Gretchen estava claramente incomodada, decidi fazê-la avançar no tempo, esperando que ela se tornasse mais recetiva ao Dr. Rohl à medida que amadurecesse. Sugeri: — Gretchen, avança no tempo. Por favor, vai para os dezasseis anos.

— *Nein!* — resistiu ela, com uma irritação ainda maior. — *Ich nicht kann!*

Eu já tinha ouvido alemão suficiente naquela altura para aprender que "*Ich nicht kann*" significava "Eu não posso", por isso insisti na questão.

— Por que não podes ir para os dezasseis?

— *Ich nicht kann* — repetiu ela, mas com muito menos convicção e autoridade.

— Gretchen — instei-a eu —, precisamos de saber sobre a tua vida aos dezasseis anos, por isso, por favor, avança no tempo, agora!

Sem mais discussões, ela relaxou e ficou com as palmas das mãos unidas contra o peito, numa atitude de oração, e disse: — *Gretchen... tot.* [Gretchen... morta.]

— *Gretchen ist tot!* — exclamou o Dr. Rohl. — *Wann ist Gretchen tot? Sechzehen Jahre alt?* [A Gretchen está morta? Quando é que a Gretchen morreu? Aos dezasseis?]

Fazendo uma careta, a Gretchen gemeu: — *Ich bin krank.* [Estou doente.]

Rohl: — *Krank? Gretchen ist krank?* [Doente? A Gretchen está doente?]

Gretchen: — *Nein. Tot!* [Não. Morta!]

Rohl: — *Sie ist tot! Ist Gretchen fünfzehn Jahre alt?* [Ela está morta! A Gretchen tem quinze anos?]

Ora, tendo ouvido muito alemão desde que a Gretchen entrou nas nossas vidas, aprendi que "*tot*", "*gestorben*" e a palavra da Gretchen, "*torpen*", se referiam à morte. Além disso, sabia que "*krank*" era doente e, em consequência de ouvir aquelas palavras a serem trocadas, soube que algo estava radicalmente errado. Mas o quê?

Quando instei a Gretchen a avançar para os dezasseis anos, ela rebelou-se ("*Ich nicht kann*"), e por um bom motivo. Tem sido a minha experiência que uma pessoa que já foi submetida a regressão para reviver o momento traumático da morte está inclinada a resistir a mover-se para esse momento fatal em regressões futuras. A Gretchen não era exceção.

Embora a maioria das pessoas em regressão sejam como eu e você, no sentido de que não fazemos ideia do que o amanhã nos reserva neste mundo, as pessoas em regressão são diferentes; há provas consideráveis de que podem estar de facto a falar de uma vida anterior realmente vivida. E se isso for verdade, então é um facto que a memória de toda a sua existência, desde o nascimento até àquele plano de existência a que nos referimos como "vida após a morte", está registada algures no seu subconsciente.

Assim, mesmo que uma pessoa possa não se ter movido voluntariamente para um período de tempo que o questionador quer discutir, como o momento da morte, essa pessoa pode mover-se espontaneamente através das ações não totalmente compreendidas da hipnose ou pode falar a partir de uma memória adquirida em regressões anteriores. Ou seja, as pessoas podem lembrar-se de reviver a sua morte numa regressão anterior.

Isto, creio eu, foi o que aconteceu à Gretchen quando ela exclamou: — *Gretchen ist tot!* [A Gretchen está morta!] Lembrem-se de que eu lhe tinha pedido para avançar para os dezasseis anos, idade próxima da sua morte e, embora ela possa não se ter movido de facto para esse momento real, ela pode ter-se lembrado de que estaria morta aos dezasseis e expressado isso com "Gretchen... morta". Ou existe a possibilidade de o seu espírito ter começado a mover-se em direção a esse momento fatal, mas não ter tido tempo de completar o movimento quando o Dr. Rohl perguntou com surpresa: "*Gretchen ist tot?*". Isto explicaria por que razão ela parecia estar a contradizer-se na conversa anterior. Obviamente, a Gretchen não poderia estar, como a conversa indicava, primeiro morta e depois doente; uma compreensão das ações de uma pessoa em hipnose deve esclarecer qualquer mal-entendido.

A maioria das pessoas em regressão responde prontamente à sugestão, quer movendo-se mentalmente, quer deixando os seus espíritos moverem-se para o ponto designado no tempo mediante solicitação. No entanto, comparando-as comigo e consigo, se fôssemos dar aquela que soubéssemos ser a nossa última e

longa caminhada em direção à morte, o mais provável seria movermo-nos bastante devagar.

Isto também é verdade para pessoas em regressão, como a Gretchen, que foram previamente movidas no tempo até reviverem a sua morte numa suposta vida anterior: elas mostram-se muito relutantes em avançar novamente para esse ponto no tempo, porque se lembram ou, de alguma forma, sentem o que acontece quando chegam a esse momento. Assim, quando instei a Gretchen a avançar para os dezasseis anos, ela não quis ir para essa idade, que sabia ser o ano da sua morte. Ainda assim, quando insisti que ela avançasse no tempo, ela começou a condescender, vocalizando distraidamente o que a esperava quando lá chegasse.

Como é que isso explica a sua afirmação de que estava doente depois de dizer que estava morta? Bem, quando ela disse "*Gretchen... tot*", o Dr. Rohl exclamou com surpresa: "A Gretchen está morta!". Mas a Gretchen, movendo-se em espírito lentamente para o seu fim fatal, tinha progredido no tempo apenas até ao momento em que foi atacada (ela descrevia sempre o espancamento como uma doença: dor de cabeça), e ela corrigiu-o, dizendo, com efeito: "Não, agora mesmo estou doente — ainda não cheguei ao momento da minha morte". Naturalmente, não compreendendo o que se estava a passar, o Dr. Rohl só pôde responder com perplexidade: "Doente?". Mas, novamente, porque a Gretchen continuava a progredir no tempo, depressa passou da sua dor de cabeça para a morte e foi forçada a dizer: — *Nein. Tot!* [Não. Morta!]

Nesta mesma linha, muitas pessoas assumem que, pelo facto de uma pessoa em regressão estar a discutir uma suposta vida anterior, essa pessoa deveria saber tudo o que há para saber sobre a vida passada. De facto, sabe-se, mas factualmente, o questionador nunca deve fazer uma pergunta sobre algo na vida anterior que não seja consistente com o período exato de vida que está a ser discutido. Mais explicitamente, não me perguntem nada sobre o que me aconteceu aos sessenta e cinco anos, pois ainda não atingi essa idade.

O mesmo acontece com as pessoas em regressão: a cronologia é fundamental e nunca deve ser baralhada. Tal como a Gretchen emergiu aos catorze anos, ela normalmente não responderia a perguntas sobre eventos que ocorreram quando ela tinha quinze ou dezasseis anos. Para obter informações sobre uma idade mais avançada, o sujeito deve ser movido para essa idade pelo hipnotizador. Por vezes, são feitas perguntas a uma pessoa relativas a um ano que está a ser revivido naquele momento e, quase sempre, a resposta, se houver uma, será distorcida ou divagante.

Quando finalmente percebi o que estava a acontecer à Dolores, que ela não estava a reviver o período de tempo em discussão, iniciei rapidamente o processo de a fazer recuar para os quinze anos. Depois de lhe permitir um tempo razoável para se aclimatar, fiz sinal ao Dr. Rohl para prosseguir com o seu interrogatório.

— *Was macht Gretchen? Ist sie bei Frau Schilder?* [O que está a Gretchen a fazer? Ela está com a Sra. Schilder?]

— *Ja* — respondeu a Gretchen, feliz por se afastar do seu momento de morte. — *Frau Schilder kocht.* [Sim. A Sra. Schilder cozinha.]

Rohl: — *Ist der Vater da?* [O pai está aí?]

Gretchen: — *Ja.* [Sim.]

Rohl: — *Wann wird Gretchen krank? Fünfzehn Jahre?* [Quando é que a Gretchen fica doente? Aos quinze?]

Gretchen: — *Ja.* [Sim.]

Deixem-me notar que, embora a Gretchen supostamente tenha morrido aos dezasseis anos, vemos aqui que ela "ficou doente" (foi atacada) quando tinha quinze anos, indicando que o momento fatal ocorreu pouco depois de ela fazer dezasseis anos. Isto também deve ajudar a explicar por que razão ela foi tão rápida a falar da morte quando lhe pediram para avançar para os dezasseis.

Rohl: — *Was für eine Krankheit?* [Que tipo de doença?]

Franzindo o sobrolho, a Gretchen procurou uma resposta. — *Ich weiss nicht.* [Não sei.]

Rohl, tentando ser mais explícito, perguntou: — *Was ist krank?* [O que é que está doente?], querendo dizer, presumo eu, "Onde te dói? Onde te sentes mal?".

Gretchen, segurando a cabeça, gemeu: — *Kopfweh!* [Dor de cabeça!]

Por um momento comecei a pensar que o Dr. Rohl e a Gretchen iam funcionar em sintonia, mas quando ele seguiu a sua pergunta sobre a doença com a pergunta — *Was sagt der Vater?* [O que diz o pai?], ele confundiu-a, e ela imitou-o em descrença: — *Was sagt der Vater?* [O que diz o meu pai?] Como vêm, ao levá-la mentalmente para a altura da sua doença, ele tinha-a movido cronologicamente para além do tempo em que o seu pai estava presente com ela.

Se ele lhe tivesse pedido para se lembrar do que o pai tinha dito, ela poderia tê-lo feito, mas nunca poderia ter respondido no calor do momento a uma pergunta feita no presente sobre algo que tinha acontecido há bastante tempo. Uma pessoa em regressão deve ter tempo suficiente para se ajustar mentalmente a uma mudança temporal. Isto explica por que razão a Gretchen pareceu ter tanta dificuldade com uma pergunta tão inócua sobre a sua saúde — ela não tinha tido tempo de avançar e de se ajustar ao novo intervalo de tempo.

Felizmente, a pergunta seguinte do Dr. Rohl foi uma que ela pôde responder. Ele perguntou: — *Wo ist die Mutter?* [Onde está a tua mãe?], e ela gaguejou tristemente: — *Der Mann... torpen, mein Mutter.* [O homem... morto, a

minha mãe.] Neste caso, ele não lhe estava a pedir para explicar algo que acabara de ser dito, mas sim para explicar de memória algo que tinha acontecido há muito tempo. Era como se ele lhe dissesse: "Lembra-te de quando a tua mãe saiu de casa e diz-me para onde ela foi".

Procurando uma resposta mais definitiva, ele perguntou então: — *Der Mann tötet die Mutter?* [O homem mata a tua mãe?]

— *Ja* — respondeu a Gretchen.

Rohl: — *Wann ist die Mutter gestorben?* [Quando é que a tua mãe morreu?]

Gretchen: — *Wann ich bin sehr klein.* [Quando eu sou muito pequena.]

Mas, novamente, o Dr. Rohl pediu-lhe o impossível: — *Wann stirbt Gretchen?* [Quando é que a Gretchen morre?]

Obviamente, ela só poderia ter respondido a tal pergunta depois de ter sido movida no tempo para além do momento da sua morte. Ainda assim, possivelmente porque começou a mover-se em direção a esse tempo, ou porque sentiu através de algum *feedback* algo desse momento, ela encolheu-se numa concha e objetou: — *Ich nicht spreche.* [Eu não falo.]

Mas o Dr. Rohl insistiu: — *Sie können es sagen.* [Tu podes falar sobre isso.]

— *Nein* — argumentou ela. — *Ich verstehe nicht.* [Não. Eu não compreendo.]

Determinado a obter uma resposta, o Dr. Rohl exigiu: — *Was passiert, als Gretchen stirbt?* [O que acontece quando a Gretchen morre?]

Mas a Gretchen apenas jazia e gemia, recusando-se a responder.

— *Was geschieht?* [O que acontece?], persistiu ele. — *Was passiert, als Gretchen stirbt?* [O que acontece quando a Gretchen morre?]

— *Ah.* — Ela gemeu e encolheu-se de terror, a memória de *feedback* tornando-se mais real. — *Sehr schlecht!* [Oh, muito terrível!]

— *Was passiert?* [O que acontece?] — continuou ele a pressionar. — *Wie geschieht es? Wie?* [Como é que ocorre? Como?]

Mas a Gretchen só conseguiu responder: — *Ich... Ich weiss nicht... ich... krank...* [Eu... eu não sei... eu... doente...]

Rohl: — *Gibt es Soldaten?* [Há soldados por perto?]

Gretchen: — *Ja.* [Sim.]

Rohl: — *Gefährlich?* [Perigoso?]

Gretchen: — *Ja. Manchmal verborgen.* [Sim. Por vezes escondidos.]

Rohl: — *Wo haben Sie sich verborgen?* [Onde é que eles se esconderam?]

Gretchen: — *In dem Wald.* [Na floresta.]

Como o Dr. Rohl tinha deixado a Gretchen passar um tempo considerável nesta fase da sua vida, ela conseguiu falar claramente do que estava a acontecer, mas quando tentou contar que ia para a floresta para o seu esconderijo, houve outra quebra na comunicação, e o Dr. Rohl tentou mudar de assunto dizendo: — *Denke Sie an eine andere Geschichte.* [Pense noutra história.]

— *Nein* — rebelou-se a Gretchen, querendo contar sobre os eventos que ocorriam naquele preciso momento. E quando o Dr. Rohl perguntou: — *Können Sie sich an eine andere Geschichte erinnern?* [Consegue lembrar-se de outro acontecimento?], a Gretchen desabou, encolheu os ombros e abriu as mãos em desespero, dizendo ao Dr. Stevenson e a mim: — *Er nicht versteheht!* [Ele não compreende!]

Corando de exasperação, o Dr. Rohl gritou: — *Nicht verstehen? Nicht verstehen! Wir wollen Sie verstehen. Erzählen Sie mehr.* [Não compreender? Não compreender! Nós queremos compreendê-la. Conte-nos mais.]

Ele queria de facto compreender, mas era incapaz de o fazer porque as intrincadas questões da regressão eram demasiado para a sua inexperiência na tarefa. O Dr. Stevenson escreveu posteriormente na transcrição: "O Dr. Rohl estava a tentar ver interiormente". E embora os seus esforços fossem extremamente louváveis, ou o Dr. Stevenson ou eu deveríamos ter dedicado mais tempo a explicar que as pessoas em hipnose raramente procuram uma resposta de forma introspetiva. Em vez disso, elas verbalizam o conteúdo que flui espontaneamente do subconsciente — o único repositório de informação que possuem, comparado com a nossa capacidade dual de recursos conscientes e subconscientes.

Talvez isto explique melhor: Mesmo enquanto escrevo este livro, o telefone toca. Faço uma pausa para atender e converso com uma senhora que tem vindo ter comigo para hipnoterapia. Isso é um facto — um facto que relato neste momento porque aconteceu realmente. Foi um evento no tempo que ocorreu e está agora armazenado no meu banco de memória. E, do mesmo modo, as pessoas em regressão dirão ao questionador um evento que está a acontecer nas suas vidas exatamente nesse momento — o evento que estão a reviver! Elas não vasculham o coração, a alma e a mente à procura da memória de uma cena que aconteceu. Para usar uma expressão batida, "elas contam as coisas como elas são", embora nós o recebamos como um relato de algo que pode ter acontecido há cem anos.

O Dr. Rohl continuou a pressionar: — *Erzählen Sie mehr.* [Conte-nos mais.]

Gretchen começou: — *Ich versuche reden der...* [Eu tento falar...]

— *Ja* — encorajou-a o Dr. Rohl.

Gretchen: — *Ist reiten das Pferd... verborgen dem Wald...* [Eu monto o cavalo... escondida na floresta...]

Rohl: — *Aha, reiten Sie mit dem Pferd?* [Ah, então monta num cavalo?]

— *Ja* — respondeu ela, numa tentativa de chegar ao momento da sua morte. Aparentemente, ela tinha sucumbido à persistência do Dr. Rohl e decidido que seria melhor contar-lhe sobre aquele momento terrível — mas depois, por razões que nunca compreenderei, especialmente depois de saber que ele tinha trabalhado arduamente para a levar a esse ponto, ele divagou com uma série de perguntas que devem ter parecido irrelevantes para a Gretchen, tais como: — *Wem gehört das Pferd?* [De quem é o cavalo?] — *Wo bleibt das Pferd?* [Onde fica o cavalo?] — *Ist das Pferd auch im Wald?* [O cavalo também está na floresta?]

Mas a Gretchen já estava farta e interrompeu-o, exigindo irritada: — *Warum die Fragen?* [Porquê todas estas perguntas?]

— *Wir wollen es wissen!* [Nós gostaríamos de saber!] — começou ele, antes de parar para reformular a pergunta com menos irritação: — *Erzählen Sie uns, kommen Sie nach Hause, nach Eberswalde?* [Conte-nos, você volta para casa, de volta a Eberswalde?]

Tendo desistido, aparentemente a Gretchen deixou o seu espírito mover-se para a vida após a morte para se afastar das preocupações deste mundo e das nossas perguntas.

— *Ah* — respondeu ela sonhadoramente, na voz etérea usada quando falava da vida após a morte —, *Vor langer Zeit.* [Há muito tempo.]

O Dr. Stevenson respondeu: — "Uma resposta interessante" — e de facto era. Na verdade, quando o contexto dessa afirmação dramática é ponderado com as perguntas subsequentes do Dr. Rohl, não pode haver dúvida de que a Gretchen se tinha de facto movido para a vida após a morte. Por exemplo, quando ele perguntou: — *Können Sie sich an die Leute erinnern?* [Consegue lembrar-se das pessoas?] — ela respondeu com completo desinteresse: — *Nein.*

Para ter a certeza de que compreendia o pleno impacto da sua negação, ele perguntou então: — *Können Sie sich an Frau Schilder erinnern?* [Consegue lembrar-se da Sra. Schilder?]

— *Frau Schilder?* — respondeu ela, como quem procura um nome com um som familiar.

— *Ja, Frau Schilder* — repetiu ele, esperando estimular-lhe a memória. — *Wie sieht Frau Schilder aus? Was für einen Mantel hat Sie?* [Como é o aspeto da Sra. Schilder? Que tipo de casaco tem ela?] — Mas a Gretchen apenas jazia com um olhar tenso no rosto, sem responder; ela não se lembrava da Sra. Schilder porque não estava com ela naquele lugar longínquo.

Não é frequente que uma pessoa em regressão, supostamente avançada para a vida após a morte, se lembre de pessoas ou eventos de uma vida anterior. E não nos diz isto algo de bom? Quando a morte chega, se fôssemos capazes de carregar connosco todas as preocupações, inquietações, sofrimento e tormento deste mundo, até o céu seria um inferno. Graças a Deus, não o fazemos, e porque tudo o que aconteceu nesta vida é passado e esquecido, a Gretchen não conseguia recordar os detalhes desta vida.

Para além da inexperiência do Dr. Rohl, que outras razões poderiam ter provocado a quebra de comunicação entre ele e a Gretchen? Bem, as pessoas em hipnose normalmente seguem apenas as instruções do hipnotizador, a menos que tenham sido instruídas por este a responder a outras pessoas. Mas, por vezes, há exceções a esta regra. Se outras pessoas estiverem presentes durante a sessão hipnótica e fizerem uma sugestão casual, mesmo que num sussurro, a pessoa em transe pode muito bem seguir essa sugestão. Suponhamos que o Charles tinha sussurrado à Dee: "Gostava que o Dr. Rohl se despachasse e levasse a Gretchen a um ponto além da morte para podermos ver e ouvir o que ela diria".

Eu não o ouvi dizer tal coisa, mas existe a possibilidade de o ter feito, e isto poderia explicar por que razão a Gretchen se moveu para a vida após a morte. Ela poderia ter ouvido o Charles e querido agradar-lhe mais do que ao Dr. Rohl. É do conhecimento comum entre os hipnotizadores que a audição de uma pessoa pode, por vezes, ser aumentada tremendamente em hipnose, um facto que elaborarei num caso real num capítulo subsequente.

Existe outra explicação: telepatia. E aqui devo agora defender a objeção do Dr. Stevenson à presença de outras pessoas na nossa casa durante a investigação. Embora a Dolores e eu tenhamos ficado terrivelmente ofendidos e os nossos convidados extremamente embaraçados, devo enfatizar que ele tinha total razão ao insistir que não estivessem presentes estranhos ao processo, um facto que não compreendíamos plenamente na altura. Embora o Dr. Rohl fizesse a maior parte do interrogatório, qualquer um de nós na sala poderia ter colocado uma pergunta telepaticamente. Poderíamos estar a concentrar-nos nalgum aspeto do caso, talvez até a colocar subconscientemente uma pergunta ou a responder a uma pergunta que o Dr. Rohl tivesse colocado; tal como no caso de um sussurro, é concebível que a Gretchen pudesse ter recebido telepaticamente e vocalizado

uma resposta à nossa pergunta, ou dado a nossa resposta em vez de qualquer coisa sobre a qual o Dr. Rohl a estivesse a questionar na altura.

Independentemente disso, parece agora óbvio que a Gretchen progrediu muito além do ritmo das perguntas do Dr. Rohl e, uma vez que eu não conseguia compreender a conversa, poderia ter sido melhor se o Dr. Stevenson me tivesse pedido para a fazer recuar para a experiência da floresta, porque a experiência da floresta era claramente o período mais importante na vida da Gretchen. Precisávamos de saber o que realmente aconteceu ali, como indicado pela visão retrocognitiva da Dolores e pelo seu rápido desvio desse período de tempo quando o Dr. Rohl a questionou.

O Dr. Stevenson estava familiarizado com a visão da Dolores e reconhecia certamente a sua importância, porque já me tinha informado anteriormente que, embora a visão dela não fosse única, tendia a levá-lo à crença adicional de que visões retrocognitivas podem ser uma parte concomitante de uma lembrança autêntica de uma vida anterior. Outras pessoas com quem ele trabalhou tiveram uma experiência semelhante. Além disso, a importância da experiência da floresta da Gretchen foi enfatizada pelo facto de ter sido na visão retrocognitiva que ela primeiro contou ter sido morta na floresta.

Em retrospetiva, eu tinha pensado inicialmente na visão da Dolores como meramente um sonho, mas lembrem-se de que eu a tinha hipnotizado no dia seguinte ao seu sonho e ela tinha revivido em detalhe minucioso, em regressão, tudo o que experienciara no sonho, pelo que só pude concluir que era uma visão retrocognitiva de uma vida vivida num passado remoto. Havia demasiadas semelhanças para que tivesse sido apenas a imaginação selvagem de uma mente adormecida. A Gretchen tinha enfatizado a floresta como o lugar da sua morte, pelo que era imperativo que o Dr. Rohl ou outra pessoa fizesse todos os esforços para a deixar reviver a experiência da floresta na esperança de adquirir nova informação.

Voltando ao Dr. Rohl e à Gretchen, ela raramente oferecia informação voluntariamente, mas agora lançou figurativamente uma bomba ao exclamar: — *Gretchen einkerkern!* [Gretchen encarcerada!]

Apanhado totalmente desprevenido, o Dr. Rohl captou apenas a última sílaba: — *Kerkern?*

— *Nein!* — corrigiu a Gretchen o douto professor. — *Einkerkern!*

Rohl: — *Aha, ja. Einkerkern. Ja, ich kenne das Wort. Es heisst*— [Ah, sim. Encarcerada. Sim, eu conheço a palavra. Significa—]

— *Sehr schlecht!* [Muito terrível!], interrompeu a Gretchen, gemendo.

Obviamente, o Dr. Rohl estava a tentar determinar se ela conhecia a importância do que estava a dizer, por isso envolveu-a numa batalha de

semântica, tentando certificar-se se ela estava a falar de uma prisão ou de encarceramento. Ele perguntou: — *Ist ein Kerker ein Gefängnis?* [Um *Kerker* é o mesmo que um *Gefängnis*, uma prisão?]

— *Ja* — assegurou-lhe a Gretchen.

Rohl: — *Das heisst, Gretchen ist im Gefängnis.* [Ou seja, está a dizer que a Gretchen está na prisão.]

Surpreendentemente, embora tivesse assegurado ao Dr. Rohl que compreendia a diferença semântica entre *Kerker* e *Einkerkern* (prisão ou encarcerada), ela criou o caos ao responder: — *Nein.* [Não.]

Surpreendido e claramente desconcertado pela sua aparente afirmação de contradição, o Dr. Rohl virou-se apressadamente para os nossos convidados e exclamou insistentemente: — *Sie ist im Kerker! Sie ist einkerkert, nicht wahr? Warum ist Sie einkerkert? Warum?* [Ela está na prisão! Ela está encarcerada, não é verdade? Por que está ela encarcerada? Porquê?]

— *Shhhhhhh* — sussurrou a Gretchen enquanto punha um dedo nos lábios e abria os olhos para perscrutar apressadamente a sala —, *Sie kommen! Sie horchen!* [Shiu! Eles vêm aí! Eles estão à escuta!] — Depois, com uma nota urgente de medo solícito pelo Dr. Rohl, avisou: — *Du müssen verborgen!* [Tu tens de te esconder!]

Suplicante, o Dr. Rohl encorajou-a: — *Erzählen Sie mehr.* [Conte-nos mais.]

Mas a Gretchen encolheu-se. — *Sie kommen hier, Stille.* [Eles vêm para aqui, silêncio] — sussurrou ela. — *Stille, sehr gefährlich!* [Silêncio, muito perigoso!]

O Dr. Rohl, tentando dissipar os seus receios, confortou-a: — *Das ist jetzt vorbei!* [Isso já passou!]

Oh, se ao menos ele não tivesse dito isso! Mas disse, e involuntariamente disse-lhe que aquele período da sua existência estava terminado. Como vêm, a maioria das pessoas em hipnose responde à mais pequena deixa, e a Gretchen, querendo sair de uma situação perigosa, acreditou na sua palavra e subconscientemente moveu-se para a frente no tempo até começar a mostrar sinais de cansaço e fraqueza, murmurando com um suspiro: — *Gretchen ist müde... Kopfweh.* [A Gretchen está cansada... dor de cabeça.]

Reconhecendo a sua condição e pensando que o som da minha voz poderia confortá-la, intervim. — Relaxa, Gretchen. Relaxa! Num momento a tua cabeça vai parar de doer e, à medida que parar, quero que avances no tempo. Quero que vás para a idade de dezasseis anos.

— *Ahhhhh* — gemeu a Gretchen —, *Gretchen ist tot!* [Ahhhhh, a Gretchen está morta!]

Tristemente, o Dr. Rohl virou-se para os nossos convidados e lamentou: — *Sie es tot mit sechzehn.* [Aos dezasseis ela está morta.]

Mas a Gretchen já estava morta, como indicado pelas suas comunicações da vida após a morte. Agora, a sua menção à prisão e a sua queixa de estar cansada, além da sua afirmação "A Gretchen está morta", indicam certamente que, de alguma forma, o seu espírito tinha derivado de volta para a vida neste mundo. Na verdade, as suas palavras seguintes, — *Der Soldat!* [O soldado!] — reforçam essa suposição, mas quando o Dr. Rohl respondeu rapidamente com as perguntas: — *Der Soldat hat das gemacht?* [O soldado fez isso?] — e — *Ist der Soldat böse? Wie lange?* [O soldado está zangado? Durante quanto tempo?] —, a Gretchen suspirou. — *Nicht lange* [Não muito tempo] — disse ela, aparentemente em resposta a algo totalmente diferente, um ponto que foi enfatizado quando a conversa continuou.

Rohl: — *Stirbt Gretchen im Kerker?* [A Gretchen morre na prisão?]

— *Nein* — respondeu ela fracamente, movendo-se de uma posição deitada para uma atitude de oração com as mãos no peito —, *Gretchen ist müde.* [A Gretchen está cansada.]

Lembrando que a Gretchen estava a falar de encarceramento, soldados e morrer, mas dizendo que não morreu na prisão, consideremos a possibilidade de que, na verdade, a Gretchen não estivesse a viver novamente nesta vida. Possivelmente, ela estava a tentar fazer-nos compreender que, embora tenha havido um tempo em que viveu como carne e osso nesta terra e foi forçada a passar algum tempo como prisioneira numa cadeia feita de pedra e madeira, ela estava agora a dizer que era uma prisioneira noutra vida.

Tal premissa parece-me plausível, embora ela tenha falado de prisão, soldados e morte. Embora eu tenha dito há pouco que o céu seria um inferno se levássemos connosco as nossas memórias desta vida para o mundo vindouro, referia-me especificamente ao céu.

Quanto ao inferno, a história é outra. Qualquer coisa que possa aumentar o tormento é o inferno, e talvez as nossas memórias desta vida sejam um ingrediente que torna o inferno ainda mais infernal. Isto não significa que a Gretchen estivesse no inferno — apenas que não estava no céu, um ponto que discutirei num capítulo subsequente. E uma vez que não estava no céu, em união com Deus, possivelmente falava a partir de uma memória da sua vida anterior. Isto é indicado pela sua afirmação de que o soldado não esteve zangado por muito tempo, que a sua ira rapidamente amainou uma vez terminada a sua tarefa macabra e ela estando morta, e se ela estava morta, obviamente estava na "vida após a morte".

Relativamente à afirmação da Gretchen de que estava cansada, acredito que todos os que estão na vida após a morte e não estão no céu estarão perpetuamente cansados. Uma das coisas mais atormentantes desta vida é um cansaço contínuo que provém da preocupação, do tédio e da frustração, e as Escrituras dizem que "Tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus" (Mateus 16:19). Portanto, se nos agarrarmos ao cansaço atormentante aqui na terra, ele agarrar-se-á a nós na vida que há de vir. Mais importante ainda, a suposição de que a Gretchen era uma prisioneira nesse outro mundo é fortalecida quando consideramos o apelo da Gretchen à Dolores a partir do seu lugar no outro mundo, por trás do enorme portal. Ela estava sempre a implorar à Dolores que "Viesse". Mas porquê? Bem, como ela disse à Dolores um dia: "Eu quero paz". E a paz só poderia chegar-lhe se ela fosse libertada do cativeiro, fosse vivendo novamente através da Dolores ou, de alguma forma, avançando para a frente e para cima em direção ao céu.

Isto traz-nos à dicotomia de a Dolores estar deitada num sofá no meu escritório e falar como se fosse a Gretchen, ao mesmo tempo que via a Gretchen de pé atrás de um enorme portal, indicando que ou a Dolores é a reencarnação da Gretchen a recordar uma vida passada em regressão, tendo inclusive visões retrocognitivas dessa vida, ou a Gretchen, ao entrar nas nossas vidas, indicou muito fortemente que a sua alma — qualquer espírito na vida após a morte — continua de facto a viver como um ser inteligente após a morte. É-nos também dada uma prova muito forte de que uma personalidade espiritual desse mundo se pode manifestar a pessoas nesta vida, falando inclusive com elas e através delas, se não entrar mesmo nelas e as possuir completamente.

A manifestação da Gretchen a nós também dá uma nova perspetiva aos muitos protestantes que há muito deploram a crença católica romana no purgatório e no limbo, optando por acreditar que, na morte, as nossas almas vão ou para o céu ou para o inferno. Inversamente, há muito que pensar nisto para todos os católicos que desprezam a crença protestante de que Deus não providencia um lugar de descanso temporário para a alma antes de esta estar completamente preparada para o céu.

Muitas razões podem ser dadas para que todos devam acreditar na existência futura da alma, mesmo aqueles que não acreditam agora no céu, no inferno, no purgatório ou na sobrevivência da alma. Por que razão alguém duvida da existência da alma na vida após a morte ultrapassa a minha compreensão, especialmente desde que foi contado ao mundo milhares e milhares de experiências humanas envolvendo eventos sobrenaturais da sobrevivência da alma após a morte, tais como a que eu vivi após as férias de Natal em 1954.

A minha família e eu tínhamos visitado os meus pais em Clarksburg, Virgínia Ocidental, e no dia de Ano Novo de 1955, mal tínhamos iniciado a

longa viagem de regresso a Hinton, Virgínia, virei-me para a Dolores e disse, em lágrimas: "Nunca mais verei o meu pai vivo."

Depois de chegar a casa nessa tarde, fui dominado por um medo inexplicável. Pensando que me sentiria melhor se descansasse, fui para o quarto e deitei-me. Mas, mesmo assim, o meu medo possuía-me e pedi à Dolores que viesse sentar-se comigo. Várias horas mais tarde, alguns minutos após a meia-noite, senti uma vaga de paz e contentamento inundar a minha alma; virei-me para a Dolores e disse-lhe: "Está tudo bem, agora. O pai está a descansar — ele morreu."

Pouco tempo depois, a Dolores saiu do quarto para ir ver a Punky, que dormia logo do outro lado do corredor. Enquanto eu ali jazia na escuridão, uma luz estranha começou a brilhar no canto superior esquerdo da sala. Em breve, a luz transformou-se em algo que parecia um grande espelho convexo circular. Nesse espelho vi o meu pai, a sorrir e parecendo dizer, embora nenhumas palavras fossem realmente proferidas: "Só queria que soubesses que estou bem, que está tudo ótimo."

Vi o meu pai apenas por um momento ou dois antes de o telefone tocar. Era a minha irmã, Ruth, a telefonar aproximadamente às 00:30 para me dizer que o pai tinha morrido. "Sim, Ruth, eu sei", disse eu, acrescentando: "Diz à mãe que estarei em casa amanhã."

Há seis anos, a minha mãe morreu no sábado antes do Dia de Ação de Graças. Embora a mãe tivesse oitenta e quatro anos, gozava de boa saúde. A Dolores e as crianças tinham ido visitar os nossos familiares para as férias, mas, devido à minha saúde, eu não fiz a viagem. Na quarta-feira antes do Dia de Ação de Graças, o dia em que partiram, quando regressei a casa da escola em Lynchburg, tive a sensação mais estranha de que, quando entrasse em casa, a Dolores me diria que tinha recebido a notícia de que a mãe tinha morrido. Mas não, ela estava com tudo arrumado e pronta para partir, e as crianças estavam excitadas e felizes com a viagem, por isso não disse nada sobre os meus pressentimentos.

Na manhã de domingo após o Dia de Ação de Graças, eu sabia que a morte viria ou tinha vindo para um membro da minha família, mas forcei-me a desculpar os pensamentos de morte como mera preocupação pelo facto de a Dolores e as crianças irem conduzir cento e sessenta milhas de regresso a casa num domingo de feriado movimentado, quando a morte espreita sempre nas autoestradas. Fui à igreja e estava a falar com a Sra. Mary Barton quando subitamente soltei: "A mãe morreu!"

Depois, olhando pela janela, vi o nosso carro entrar no caminho de acesso. Saindo da igreja imediatamente, encontrei a Dolores enquanto ela caminhava em minha direção. Eu disse: "A mãe morreu, não foi?", e a Dolores apenas pôde

acenar que sim e abraçar-me. Ela e o meu sobrinho, Jimmy Jay, tinham conduzido até Greenbush para dar a notícia da forma mais suave possível, temendo que uma chamada telefónica pudesse ser demais para o meu coração enfraquecido.

A morte, tal como a concebemos, é uma coisa terrível quando chega àqueles que amamos, mas não precisa de ser assim. Milhares de pessoas tiveram experiências comparáveis à minha, e muitas foram registadas, mas milhares mais poderiam tornar-se parte do registo se as pessoas vencessem apenas o medo de serem rotuladas de "malucas".

Uma das atitudes mais saudáveis em relação à morte e àqueles que vivem no mundo dos nossos pais é expressa pelo Bispo H. Kenneth Goodson, presidente do Conselho de Bispos da Igreja Metodista Unida. Ele escreveu no *Virginia Advocate* de julho de 1973: "Há poucos dias fui à pequena cidade de Salisbury, na Carolina do Norte, onde nasci, e fui ao cemitério da cidade. Dificilmente passo pela minha cidade natal sem parar para ver os meus dois irmãos que lá vivem, mas também costumo parar no cemitério da cidade, pois há três pessoas enterradas num lote que tem o nome da minha família na pedra, e muitas vezes paro para falar com elas. Não há muitas pessoas que compreenderiam este tipo de comportamento, mas continuo a desfrutar de uma visita aos meus pais e acredito que Deus nos permite viver nesse reino misterioso do universo que está para além dos penhascos distantes onde apenas espíritos livres como *Jonathan Livingston Seagull* têm permissão para voar. Uma dessas sepulturas pertence ao meu irmão, Dan, que morreu quando eu era uma criaturinha minúscula, e não tenho qualquer recordação dele. A segunda é a sepultura da minha mãe. Havia um assunto pessoal sobre o qual eu queria falar com ela, e fê-lo. Ela aprovou a minha conversa com ela."

Embora possa ser verdade, como diz o Bispo Goodson, que "não muitas pessoas... compreenderiam este tipo de comportamento", atrevo-me a acreditar de forma diferente. Por onde quer que tenha passado e encontrado pessoas, seja na igreja, em palestras, seminários ou em conversas informais, logo se tornou aparente que a maioria das pessoas, embora geralmente silenciosas sobre o assunto, acredita de todo o coração que existe uma vida após a morte, uma vida que nos permite ter comunicação com todos os que partiram antes de nós.

Mais importante ainda, eu sei que a sobrevivência da alma é real, simplesmente porque falei com personalidades no além sem fazer uma viagem ao cemitério. A Mãe, o Pai e incontáveis milhares de almas livres não esperaram para ser baixados para a escuridão de um caixão, nem se demoraram no barro em decomposição da sepultura, antes de virem ter comigo e com outros com o único propósito de nos dar a sua garantia pessoal de que a vida não termina com a falha da carne.

CAPÍTULO XI

OS NOSSOS ANTEPASSADOS FALAM

Após o Dr. Stevenson ter conferenciado com colegas na Alemanha Ocidental e ter sabido que a única Eberswalde conhecida na Alemanha ficava na Alemanha de Leste, fez uma escala de dois dias na Alemanha Ocidental a caminho da Índia, esperando determinar se uma Gretchen Gottlieb alguma vez viveu naquela cidade. Como resultado desse esforço, ele afirmou no seu "Relatório Preliminar de um Novo Caso de Xenoglossia" no *Journal of the American Society for Psychical Research*, Volume 70, janeiro de 1976, que "Não foi possível rastrear qualquer pessoa cuja vida corresponda às declarações de Gretchen." Ele acrescentou então: "Algumas das suas declarações são incompatíveis com factos conhecidos. Por exemplo, uma Gretchen real não poderia ter sido filha do presidente da câmara de Eberswalde porque Eberswalde nunca teve um presidente da câmara com esse nome."

Embora as suas conclusões possam coincidir muito bem com os factos conhecidos sobre Eberswalde na Alemanha de Leste, e embora o Dr. Stevenson considere um imperativo absoluto investigar cada pista possível, mesmo um estudo superficial das cassetes e transcrições por um observador casual mostraria que Gretchen tentou desesperadamente dirigir a nossa atenção para um local com o qual estava familiarizada, mas que ficava aproximadamente a trezentas milhas a sudoeste dessa cidade.

Embora a cidade moderna de Eberswalde, com uma população de cerca de trinta e cinco mil pessoas, seja a única Eberswalde conhecida na Alemanha hoje, a maioria dos alemães nativos com quem discuti o caso disse que, há muitos anos, existiam muitas pequenas cidades com esse nome. Portanto, dizer que uma "Gretchen Gottlieb real não poderia ter sido filha de um presidente da câmara de Eberswalde porque não houve nenhum presidente da câmara dessa cidade com esse nome" é concluir que tal pode ser o caso apenas se alguém se contentar em considerar aquela única cidade na Alemanha de Leste. Até o Dr. Stevenson admite que pode haver outros lugares chamados Eberswalde que poderiam ter sido incorporados noutras cidades ou vilas.

Porquê olhar para sul? Bem, quando o Dr. Stevenson entrou pela primeira vez no caso, em 1971, procedeu imediatamente ao cerne deste problema perguntando a Gretchen, enquanto Dolores estava em regressão: "*Wo wohnen Sie?* [Onde vive?]", e Gretchen respondeu: "*In Eberswalde.* [Eu vivo em Eberswalde.]"

Stevenson: "*In Eberswalde. Ja, und ist das in der Nähe von einer anderen Stadt?* [Em Eberswalde. Sim, e isso é perto de alguma outra cidade?]"

Gretchen: "*Ja, Darmstadt.*"

Por favor, note que Darmstadt fica a cerca de trezentas milhas a sudoeste da moderna cidade de Eberswalde na Alemanha de Leste. Numa cassete que enviei ao Dr. Stevenson no outono de 1971, perguntaram a Gretchen se ela conhecia outras cidades próximas, e ela afirmou claramente "Wiesbaden" e "Worms", cidades a poucos quilómetros de Darmstadt. Além disso, quando ela mencionou Darmstadt, Wiesbaden e Worms, afirmou ter nove anos, por isso não pareceria lógico que uma rapariga dessa idade fizesse referência, muito provavelmente, a vilas e cidades perto da sua própria cidade natal, à qual chamou uma "*Kleinstadt* [pequena cidade ou vila]"?

Além disso, ela sempre descreveu Eberswalde como tendo apenas uma padaria, talho, igreja e escola. Descreveu o terreno como montanhoso, com uma floresta e um pequeno riacho por perto. Portanto, até a topografia contesta a possibilidade de Gretchen ter vivido no norte da Alemanha, que é geralmente plano, com planícies que se inclinam para as zonas costeiras baixas ao longo das margens do norte, enquanto a área ao redor de Darmstadt, Wiesbaden e Worms é irregular, com planaltos elevados contornados por colinas ondulantes e cadeias de montanhas dispersas.

Possivelmente o Dr. Stevenson foi influenciado pelo facto de não ter conseguido detetar um sotaque que indicasse a região onde Gretchen viveu, mas Jurgen Horsch, do Serviço de Notícias Alemão, e outros alemães nativos notaram rapidamente que Gretchen falava com um sotaque sugestivo de uma região específica perto de Darmstadt e Wiesbaden, embora não soubessem que ela tinha mencionado essas cidades nas suas regressões.

Deve também ser lembrado que, no início do meu encontro com Gretchen, tivemos uma dificuldade considerável em comunicar porque eu não falava alemão. Eu fazia sempre as perguntas em inglês e ela respondia sempre em alemão. Embora eu tivesse dificuldade em compreendê-la, ela conseguia compreender-me e frequentemente usava palavras diferentes num esforço para me fazer entender o que estava a tentar dizer. Duas palavras que ela usou naqueles dias foram "*Eberstadt*" e "*Eberback*". Sendo ignorante da língua alemã e da história alemã, eu não tinha ideia de que ela se referia a nomes de vilas ou cidades. Depois de algum tempo, porém, presumi que essas duas palavras se referiam a lugares específicos. Sugeri ao Dr. Stevenson no início da investigação que considerasse "*Eberstadt*" e "*Eberback*", mas lembro-me de pensar, após fazer a sugestão, que ele deve ter pensado que eu lhe estava a dar informação supérflua, porque não tomou nota da minha sugestão.

Como ele não demonstrou interesse, levei as cassetes para a escola, onde vários professores me ajudaram a procurar nos mapas alemães por Eberstadt e Eberback, mas quando nenhuns lugares desses puderam ser localizados, nós

também concluímos que Gretchen deveria ter vindo de Eberswalde na Alemanha de Leste. A audição posterior das cassetes e um estudo das transcrições fizeram-me descartar essa ideia.

Certamente, se Gretchen tivesse vivido naquela parte nordeste do país, ter-me-ia dado o nome de pelo menos uma cidade na vizinhança próxima. Uma vez, quando pedi a Gretchen para localizar a posição da sua casa em relação a Darmstadt, ela traçou uma configuração diagramática num mapa com o dedo que se assemelhava a um triângulo agudo que incluía as cidades de Wiesbaden, Darmstadt e Worms. Num esforço para marcar o local exato, indicou que a sua casa seria a oeste de Wiesbaden e a sul de Darmstadt.

O que torna Eberstadt e Eberback tão importantes? Bem, muitos alemães nativos sugeriram que há muitos, muitos anos, Eberstadt ou Eberback podem ter sido chamadas Eberswalde. Muitos disseram que Gretchen pode não ter querido dizer exatamente que vivia numa cidade chamada Eberswalde, mas sim que, uma vez que Eberswalde é a união de duas palavras, "*Eber*", que significa javali, e "*walde*", que significa bosque ou floresta, talvez ela quisesse transmitir a informação de que vivia perto do bosque dos javalis, ou o lugar dos javalis no bosque. Este raciocínio parece especialmente plausível e consistente com a mentalidade rural e simples de Gretchen.

Ela pode ter pensado que nós compreenderíamos que ela queria dizer Eberstadt em vez de Eberswalde, o que seríamos então forçados a traduzir como "a cidade dos javalis", ou a assumir que ela queria dizer Eberback, que seria descrito como "o lugar do javali do outro lado do ribeiro".

Outro conflito encontra-se na aparente sobreposição do tempo de vida de Loreen Tuttle e Gretchen. Loreen disse que nasceu a 3 de janeiro de 1851 e morreu em junho de 1874. Embora Gretchen nunca tenha dado datas para o nascimento ou para a morte, assumimos por várias razões não provadas que ela viveu entre os anos 1870 e 1890. Mas mesmo assim sabíamos que, se essas datas se provassem corretas, havia uma forte possibilidade de a reencarnação ter de ser descartada como uma explicação possível do caso Gretchen.

No entanto, a maioria dos parapsicólogos insiste que as datas dadas em regressão raramente são precisas, o que significa que não devemos dar demasiado crédito às datas de nascimento e morte de Loreen. Mesmo que ela estivesse correta, nada nos factos conhecidos diz com certeza que Loreen não viveu e morreu como afirmado, ou que Gretchen não reencarnou em Dolores após a morte de Loreen.

Como estabelecemos as datas para a estada de Gretchen nesta vida? Gretchen referiu-se ao *Bundesrat* e a conflitos religiosos mais vezes do que a qualquer outro assunto. Como pensávamos que o *Bundesrat* não tinha passado a existir até 1867, quando foi formulado para designar a Câmara Alta no conselho

de estados que se tornou a Confederação da Alemanha do Norte, é duvidoso que Gretchen tenha vivido antes dessa data. Mais importante ainda, Gretchen disse que o Papa Leão era o chefe da Igreja Católica Romana e, de facto, ele liderou-a de 1878 a 1903, dando causa possível para acreditar que ela viveu pelo menos durante algum tempo após 1878.

Bismarck, o Chanceler do império (Primeiro-Ministro), e chefe do *Bundesrat*, governou até 1890, o que estreita a possibilidade da existência terrena de Gretchen para os anos 1867-90. Durante o reinado de Bismarck, ele acreditava que dois obstáculos o impediam de instituir e implementar uma política nacionalista para trazer maior unidade à federação de vinte e cinco estados que constituíam o Império: a Igreja Católica Romana e o Socialismo.

Como consequência, atacou a Igreja Católica Romana, expulsou os Jesuítas da Alemanha e providenciou o controlo governamental da educação e a nomeação de padres. A Igreja contra-atacou e seguiu-se uma luta severa conhecida como a *Kulturkampf* entre a Igreja e as autoridades seculares, não terminando completamente até depois de o Papa Leão XIII ter adotado um tom mais conciliatório em relação ao governo alemão. Assim, embora Loreen possa ter vivido e morrido, e se a reencarnação ainda for uma questão, não há razão para acreditar que ela não pudesse ter reencarnado como Gretchen logo de seguida e vivido como Gretchen até 1890, uma vez que Bismarck governou como Chanceler até essa data. Muitos parapsicólogos citaram vários casos em que acreditavam que uma pessoa reencarnou muito pouco tempo após a morte. Nesses casos, não haveria sobreposição de vidas.

Mas espere: embora tenhamos baseado as nossas suposições no facto de Gretchen ter vivido após 1867 porque o *Bundesrat* não surgiu até essa data, uma leitura atenta das transcrições revela que, quando Gretchen uma vez se referiu ao *Bundesrat*, fê-lo de forma muito hesitante, pronunciando a última sílaba muito suavemente, como se estivesse em dúvida sobre o seu uso correto. E isto faz-me perguntar se ela planeava dizer *Bundesrat* ou *Bundestag*, um termo que tinha entrado em uso anteriormente. Se isto for verdade, podemos assumir que Gretchen se referia a um período anterior.

Além disso, Gretchen mencionou o Papa Leão como sendo o chefe da Igreja, mas parece-me estranho que ela não conseguisse dar o nome do padre local. Mais importante ainda, ela falava frequentemente de Martinho Lutero como se ele estivesse vivo naquela época, o que era totalmente falso. Logo se tornou evidente que ela sabia pouco ou nada sobre a igreja local, especialmente o nome do padre local, forçando-me a concluir que toda a sua informação sobre Martinho Lutero e o Papa Leão vinha de instrução dada pelo seu pai. Gretchen parecia ter um conhecimento muito limitado sobre a Igreja como um todo; tudo o que disse sobre Martinho Lutero e o Papa Leão parece ser boato ou conhecimento parcialmente aprendido.

Como consequência, embora todos os interrogadores trouxessem constantemente à baila os nomes de Martinho Lutero e do Papa Leão, tudo o que foi dito por Gretchen sobre eles deve ser desconsiderado, nem que seja pela única razão de ter sido eu quem introduziu os seus nomes nas regressões. Também, quando se nota que todos os outros interrogadores a bombardeavam continuamente com perguntas sobre eles, devemos concluir que ela foi quase forçada a dizer algo, estivesse certo ou errado. Durante os meus dias como professor, não era invulgar que um aluno muito fraco, um daqueles que chamaríamos de não muito brilhante, tentasse dar uma resposta a quase qualquer pergunta feita, mesmo sem ter ideia do que a turma estava a falar. Assim acredito que tenha sido com Gretchen.

Portanto, assumindo que ela possa não ter sabido a diferença entre *Bundesrat* e *Bundestag*, a possibilidade deve pelo menos ser considerada de que ela possa ter vivido mais cedo. Este pensamento é reforçado quando percebemos que ela falou de viver noutra regressão como Loreen Tuttle numa época que quase nos força a malabarismos com factos e figuras apenas para provar que Gretchen viveu durante a Revolução de 1874. Se Dolores viveu como Gretchen, a lógica exige que ela também tenha vivido como Loreen, uma vez que deu um relato verbal de ambas as vidas. Negar a existência de uma vida necessita que neguemos a outra. Inversamente, se aceitarmos Gretchen porque Dolores falou alemão em regressão, devemos também aceitar Loreen, embora ela não falasse alemão.

Por outras palavras, se Gretchen realmente reemergiu de uma vida anterior e reviveu através de Dolores, devemos aceitar que Loreen também viveu, que a sua vida é de igual importância, mesmo que o seu caso seja um pouco menos dramático simplesmente porque ela não falava alemão. Supondo que sejam descobertas provas provando que Loreen viveu de facto há mais de cem anos, e então? Tais provas podem muito bem existir, de acordo com informações que tenho agora, mas como não acrescentam nada à prova de que Gretchen viveu, exploraremos essa evidência numa data posterior.

Mais importante ainda, o Dr. Stevenson diz que ainda está a tentar determinar se existiram anteriormente na Alemanha outras cidades chamadas Eberswalde que se fundiram com comunidades maiores. Mas, por agora, ou até que tal informação seja descoberta, a sua principal preocupação no caso Gretchen envolve um estudo de xenoglossia. Ele escreveu no *Journal of the American Society for Psychical Research* que "a falha em rastrear uma pessoa correspondente ao relato de Gretchen sobre si própria significa que o interesse principal do caso reside na evidência de xenoglossia responsiva."

Existem dois tipos de xenoglossia: recitativa e responsiva. A xenoglossia recitativa refere-se ao facto de uma pessoa ser capaz de repetir, sem necessariamente compreender, fragmentos de uma língua estranha, tal como o

jovem que falava osco; ou pessoas que aprenderam uma língua estrangeira quando crianças e depois se esqueceram de que a aprenderam. É a capacidade de falar uma língua conhecida, mas que o falante não se recorda de ter aprendido. A xenoglossia responsiva refere-se a pessoas que conseguem conversar de forma inteligente numa língua estrangeira não aprendida anteriormente.

O Dr. Stevenson diz que "pelo meu próprio conhecimento de alemão, estou certo de que Gretchen conseguia falar a língua de forma responsiva, isto é, que conseguia dar respostas sensatas em alemão a perguntas que lhe eram feitas nessa língua... que a personalidade de Gretchen conseguia falar alemão de forma inteligente parece-me estabelecido para além de qualquer dúvida..." A questão, então, acrescenta ele, "é se D.J. [Dolores Jay] aprendeu alemão normalmente. Ela nega tê-lo feito e estou convencido de que ela e o seu marido disseram a verdade quando afirmam que não tinham conhecimento efetivo de alemão antes do desenvolvimento deste caso...

Todos os meus esforços, que considero não negligenciáveis, para saber de qualquer oportunidade que D.J. pudesse ter tido para aprender alemão quando era uma criança pequena não revelaram absolutamente nada que apoiasse esta conjetura. Após alguns anos de dúvida, não hesito agora em dizer que estou perfeitamente convencido de que D.J. não aprendeu alemão normalmente."

Se ela não aprendeu a língua normalmente, obviamente algo paranormal ou sobrenatural a fez falar a língua. Mas o quê? Poderia a memória genética ter tido um papel? Isso é possível, mas altamente improvável, embora Dolores tivesse trisavós que imigraram da Alemanha para os Estados Unidos. Eles morreram vários anos antes de Dolores nascer, pelo que não houve possibilidade de ela ter aprendido a língua com eles.

Poderiam eles ter passado a memória da língua para Dolores? Bem, nesta era da ciência em rápida expansão, tudo parece possível, e poderíamos dizer timidamente que sim, mas de acordo com os dados conhecidos, o conceito de memória genética baseia-se em factos?

Aparentemente sim. Investigadores do cérebro tentaram em anos recentes definir bases biológicas da memória através de investigação intensiva em bases químicas da memória e bases eletrofisiológicas da memória. O psicólogo James V. McConnell, na Universidade de Michigan, usou planárias (vermes achatados comuns) encontrados em ribeiros e tanques para determinar a transferência de memória. McConnell projetou uma luz sobre os vermes e depois deu-lhes um choque elétrico, o que os fez contrair-se. Após a repetição do processo, os vermes logo aprenderam a contrair-se quando a luz era projetada.

McConnell foi um passo mais além. Reuniu os vermes treinados para responder à luz, triturou-os num puré e alimentou com esse puré vermes não

treinados. Os resultados: Os canibais não treinados responderam com o dobro da frequência aos clarões de luz, embora nunca tivessem sido chocados.

O Dr. George Unger, um farmacologista no *Baylor College of Medicine*, treinou animais para realizar várias tarefas; extraiu depois químicos dos seus cérebros e, após purificar e isolar o material químico, injetou-o nos cérebros de animais não treinados; os animais não treinados agiram então como animais treinados. Por exemplo, Unger extraiu escotofobina, uma proteína de moléculas de memória, de mais de quatro mil ratos que tinham sido treinados para temer o escuro. Quando a escotofobina foi injetada em ratos não treinados, eles também temeram o escuro. O mesmo processo foi usado com mais de seis mil ratos que tinham sido treinados para ignorar o som de uma campainha; quando a substância foi injetada nos ratos não treinados, eles também ignoraram a campainha.

Alguns argumentarão que as moléculas de Unger nada têm a ver com a memória e insistem que as moléculas meramente estimulam as células nervosas no cérebro, tal como fazem as pílulas de energia, hormonas e outros químicos. Tal refutação das experiências de Unger de forma alguma explica por que razão os ratos injetados seguem exatamente os mesmos padrões de medo exibidos pelos ratos dos quais as moléculas foram extraídas.

Noutro projeto de investigação, Ronald Hoffman, um biofísico na Universidade de Houston, relata que após ensinar peixes-dourados a nadar através de um triângulo para obter comida, injetou os seus cérebros noutros peixes. Todos nadaram através do triângulo sem incentivo. Rodney Bryant, da Universidade de Tennessee, relatou que injetou escotofobina sintética de rato nos cérebros de centenas de peixes-dourados; os peixes-dourados exibiram medo do escuro e resistiram a aprender a nadar no escuro.

Trinta e dois laboratórios nos Estados Unidos estão a trabalhar neste campo. Em muitos casos (especialmente em peixes-dourados), a aprendizagem instilada dura geralmente apenas de seis a dez dias. Ainda assim, a passagem da memória de um animal para outro está claramente presente, indicando a possibilidade de um progenitor poder passar o traço de memória a um descendente através da herança biológica.

Uma vez que a adição de moléculas de memória por injeção de dadores em ratos, minhocas e peixes os faz imitar as ações dos seus dadores, não sugere isto que o traço de memória já está presente em todos os animais, incluindo os humanos, mas que simplesmente não é suficientemente forte na maioria dos casos para iniciar a recordação por si só?

Agora suponha-se que tais pessoas, como Dolores e outras que recordam alegadas vidas anteriores em regressão, possam ter herdado uma porção dupla de moléculas de memória; poderá então dizer-se que a memória genética é

fortemente indicada como um facto biológico? Mais importante ainda, quando se lembra que nos exemplos precedentes o traço de memória estava presente, mas apenas era transferível por injeção ou assimilação, poderá dizer-se que, porque o nosso conhecimento dos genes (traços hereditários) não é de modo algum completo, é inteiramente possível que estejamos biologicamente dotados de traços de memória através de genes herdados, mas que, até à data, a maioria desses genes ainda não se tornou dominante e jaz dormente até ser ativado por alguma circunstância ou atividade especial, como sonhos, visões ou hipnose?

Suponhamos que damos um passo em frente e assumimos que herdamos memórias geneticamente; podemos dizer que tal suposição constitui um argumento válido no caso Dolores/Gretchen ou no caso Dolores/Loreen? Bem, no caso Dolores/Gretchen a resposta poderia ser sim, mas no caso Dolores/Loreen, não! Uma vez que Dolores tem ascendência alemã, a herança biológica é possível; assim, sendo Gretchen alemã, a resposta tem de ser um "sim" plausível.

Mas, como ainda não rastreámos qualquer herança alemã nos Tuttle do Indiana, a resposta parece ser não. Os únicos parentes que Dolores e eu temos no Indiana são do lado da família do meu pai, o que não teria qualquer influência na capacidade dela de se lembrar de uma vida passada no Indiana. Portanto, a teoria da memória genética parece altamente implausível como explicação para a sua recordação de memória em regressão.

Há alguns anos, teria sido uma grande ajuda ter tido uma resposta feita para a origem de Gretchen. Mas não tivemos. Porque o Dr. Stevenson tinha o seu próprio cronograma para a investigação, e um compromisso com as suas outras investigações, achámos difícil continuar a resistir à pressão vinda de todos os lados para provar que Gretchen era mais do que uma entidade de feitiçaria ou uma alucinação dragada por Dolores num ritual oculto. Tão grande era a tensão sobre nós que pensei seriamente em libertar a história de Gretchen para os jornais quando Donnel Nunes, do *Washington Post*, ligou para uma entrevista.

A pressão de algumas pessoas na igreja era a mais difícil de suportar. Por exemplo, uma vez fui à igreja de Mount Holly para um serviço de culto de domingo de manhã e vi um folheto religioso sobre a Bíblia do púlpito quando me levantei para pregar. Eu já tinha visto um folheto semelhante antes, um artigo ridículo escrito por alguém que nada sabia sobre hipnose, e ainda menos sobre o Cristianismo. O folheto tinha sido comprado em massa pelos nossos inimigos que tanto lutaram para nos expulsar da cidade. Eles pensaram que, ao ler a missiva lúgubre, outros também aprenderiam a odiar-nos, ajudando-os eventualmente a livrar Elkton da nossa presença maligna.

Os folhetos eram insignificantes, e eu poderia tê-los ignorado se alguém não tivesse rabiscado neles imundície de sarjeta como: “Seu f.d.p. asqueroso

[eles escreveram por extenso], não és nada mais que um chulo, e a tua mulher é uma p... fedorenta!!"

"Oh, Deus!" orei enquanto a minha alma se entristecia ao saber que algures naquela congregação estava uma ou mais pessoas com uma alma tão distorcida e pervertida. Por alguns segundos, segurei-me firmemente ao púlpito enquanto uma escuridão tonta e flutuante me assaltava. Quis correr, para longe, muito longe do rabiscador imundo e degenerado, mas não conseguia mexer-me. Quis chorar, mas não — eles ter-se-iam rido alto da minha fraqueza. Quis falar, mas não saíram palavras. E então fiquei zangado.

Zangado porque tinha pregado àquelas pessoas com o coração, a mente e a alma por um salário que mal pagava as minhas despesas de gasolina. Pior ainda, havia ali pessoas na casa do Senhor naquele dia a quem ajudei quando os seus filhos se meteram em problemas com a lei, outros que aceitaram de bom grado o nosso dinheiro quando tinham fome. Eu não esperava uma recompensa ou uma palmadinha nas costas, mas também não esperava uma facada nas costas. Mesmo aqueles que beneficiaram de hipnoterapia no meu gabinete ficaram sentados como estátuas, sabendo o que tinha sido feito e importando-se pouco com o que os outros me faziam.

Lembro-me especialmente de uma mulher. Ela era aquela em quem eu pensava poder confiar contra tudo e contra todos. Mas não, tal como todos os outros, ela também ficou sentada a olhar para o chão, pela janela fora ou para o teto. Quão diferente foi quando ela, Donna Mills, jazia no hospital em Charlottesville e mandou dizer que me queria ver. Durante vinte anos, ela fora diabética e, pelo menos uma vez por ano durante todo esse tempo, fora forçada a ir para o hospital para uma estadia de não menos de vinte e um dias devido à sua condição. Quando entrei no seu quarto naquele dia, ela sorriu e disse: "Pregador, quero que me ajude... hipnotize-me. Ouvi dizer que ajudou outros na minha condição."

Quando perguntei se ela tinha consultado o seu médico e obtido a sua permissão, ela disse que não, que não queria que ele soubesse nada sobre o assunto. "Sabe," explicou ela, "ele e o meu pai são amigos muito próximos, mas o meu pai é um fanático religioso e acha que a hipnose é do Diabo, e se ele alguma vez descobrisse que eu sequer pensei em chamá-lo, bem..."

Embora a Donna tivesse visitado a nossa casa frequentemente, pedi desculpa e expliquei que não me era possível hipnotizá-la ali no hospital sem autorização, mas ela persistiu. "Apenas mostre-me como se faz!" implorou ela. "Por favor, Reverendo Jay, o senhor é a minha última esperança!"

Pela única vez na minha vida, deixei que a amizade me influenciasse a violar a minha regra de ética contra hipnotizar alguém sem a autorização de um médico. Eu não pretendia realmente hipnotizá-la. Pensei que, se lhe mostrasse o

procedimento, ela ficaria satisfeita. Ficou, porque era uma sonâmbula. Entrou em transe mais facilmente do que qualquer outra pessoa que eu já tivesse conhecido — em dois minutos estava num transe muito profundo. Rapidamente disse-lhe: "O seu nível de açúcar no sangue tornar-se-á normal; ficará calma, quieta, serena; e daqui a pouco, quando eu a acordar, sentir-se-á descansada, relaxada e revigorada. Irá então levantar-se, ir ao espelho e escovar o cabelo. Enquanto estiver a escovar o cabelo, eu sairei, e quando tiver terminado com o cabelo, acordará e saberá que ficou completamente bem."

Quando voltei ao hospital para ver a Donna no dia seguinte, ela tinha recebido alta e ido para casa. Enquanto caminhava pela *Main Street* em Harrisonburg nessa tarde e vi o seu marido, George, um banqueiro local, ele riu-se alegremente: "Pregador, nunca vi nada assim! Quando o médico examinou a Donna ontem à tarde, mandou-a para casa — o açúcar no sangue estava normal."

A Donna disse-me mais tarde: "Nos últimos vinte anos estive no hospital vinte vezes devido à minha diabetes e eles mantiveram-me sempre lá três semanas. Desta vez, quando o senhor me veio ver, eu só lá estava há seis dias. E sabe que mais?" disse ela com um brilho nos olhos. "Não voltei ao hospital desde então." Depois acrescentou: "Pregador, não me importa o que digam sobre o hipnotismo — se alguma vez houver algo que eu possa fazer pelo senhor, fá-lo-ei nem que isso me mate!"

Triste é dizer que, na igreja naquele dia, quando precisei de ajuda, apenas uma palavra de encorajamento, ela acobardou-se e recusou-se sequer a olhar para mim. A única ajuda que alguma vez tive naquela igreja veio do Senhor, e por isso estou grato. De facto, não tivesse o Senhor estado comigo quando visitei aquela igreja duas semanas depois, e talvez não estivesse aqui hoje para contar a história.

Tinha prometido ao Senhor que O serviria até ao fim, que "irei onde quiseres que eu vá, serei o que quiseres que eu seja, e farei o que quiseres que eu faça." Não importa o que fosse dito a mim ou à minha família, não importa o que fosse feito — vazar o meu depósito de gasolina, pôr areia no depósito, golpear os meus pneus ou cortar a mangueira da água — continuei a rezar para que Deus me desse a graça de perdoar os meus perseguidores e voltaria lá na minha próxima tarefa de pregação.

Talvez isso tenha sido um erro. Quando entrei naquela igreja na minha tarefa de pregação seguinte, notei que uma família que assistia regularmente estava ausente. Assumi que, como não tinham conseguido expulsar-me da igreja, tinham decidido deixar de vir enquanto eu fosse o pastor. Mas, pouco antes de ir para o púlpito, olhei por uma janela que tinha sido aberta dois ou três centímetros e vi que um carro semelhante ao carro daquela família estava estacionado ao lado do meu. Naturalmente regozijei-me e assumi que estavam apenas atrasados.

Estava enganado — nunca vieram ao serviço e, quando saí da igreja naquele dia, o carro tinha ido embora. Senti-me terrível. Doía-me sempre pensar que eu poderia ser a causa de alguém não frequentar a igreja.

Ainda assim, não havia nada a fazer senão meter-me no meu carro e seguir para casa, uma viagem de cerca de cinco milhas ao longo de uma velha estrada de campo. Não tinha ido longe quando ouvi um ruído estranho debaixo do banco da frente. A princípio, pensei que as crianças tivessem deixado uma lata de refrigerante vazia debaixo do banco e que estivesse a roçar nas molas. Embora tenha algum problema de audição, o ruído incomodou-me tanto que encostei à beira da estrada, com a intenção de limpar qualquer lixo que se tivesse acumulado debaixo do banco.

Enquanto estava fora da porta aberta e me baixava para olhar debaixo do banco, algo como um raio de luz atingiu diretamente o meu rosto, e recuei tão depressa que escorreguei e caí no cascalho. Levantando-me rapidamente e pensando "cascavel", procurei um pau muito, muito comprido. Depois de encontrar um, aproximei-me cautelosamente do carro e abri com cuidado as quatro portas antes de começar a sondar debaixo do banco do carro a uma distância segura; e, com efeito, logo uma cascavel com pelo menos um metro e vinte de comprimento, parecendo mais ter dez metros, deslizou pelo outro lado do carro para desaparecer no mato. Mesmo agora, fico com suores frios ao recordar aquele dia e algumas daquelas pessoas, pois tenho a certeza de que a única razão de alguém ter estacionado o seu carro ao lado do meu naquele dia foi para me trazer o que maldosamente pensaram ser um presente adequado.

Aquele não foi o nosso único encontro com cobras. Algumas semanas mais tarde, a Mary Jo tinha ido à casa de banho para tomar banho. Em poucos minutos, saiu disparada da sala meio vestida, gritando em pânico mortal. Correndo em seu auxílio a partir do gabinete, ouvi-a balbuciar histericamente: "Está ali uma cobra! Está ali uma cobra!"

Rapidamente fechei a porta da casa de banho, fui lá abaixo à minha bancada de trabalho e peguei num martelo. Lentamente, cautelosamente e com medo, abri a porta e esgueirei-me para dentro da sala, fechando a porta atrás de mim. Ao início não vi nada, mas enquanto procurava com trepidação, vi a coisa hedionda enrolada entre a sanita e a parede do fundo. Aproximei-me lentamente, com o martelo pronto a desferir o golpe. Então, por sorte, quando ela se lançou contra mim, eu desferi o golpe e atingi-a na cabeça, atordoando-a. Rapidamente saltei sobre ela e bati-lhe até a desfazer.

Quando tudo acabou, Dolores e eu ficámos ali, trémulos, a pensar o que fazer com ela. Finalmente, decidimos embrulhá-la em jornal e colocá-la no caixote do lixo, depois de instruirmos a Mary Jo a nunca mencionar os eventos daquela tarde à Vonda ou ao Jesse. Levou várias semanas até que a Mary Jo, a

Dolores e eu deixássemos de olhar para cada canto ao entrar numa divisão e, por muito, muito tempo, eu puxava sempre as cobertas da cama antes de me deitar, temeroso de que alguém tivesse plantado outra cobra fria e rastejante na nossa cama.

Nunca conseguimos perceber como aquela cobra entrou na casa de banho, porque toda a casa estava coberta com janelas duplas e redes mosquiteiras, mas mais tarde examinei a rede na casa de banho muito cuidadosamente e encontrei um pequeno corte lateral na rede. Sem dizer nada, fui à loja de ferragens e comprei uma rede nova. Um par de dias depois, um amigo comentou: "Vejo que tu e o Mark York fizeram as pazes." Quando perguntei a rir por que razão ele pensava isso, ele disse: "Bem, há um par de dias vi a *Vega* dele estacionada por baixo da tua casa. Apenas assumi que ele tinha vindo visitar-te." (Ele assumiu que era a *Vega* do Mark porque *Vegas* cor-de-rosa não são muito comuns.)

Na verdade, o Mark não visitava a nossa casa há bastante tempo. Ele parecia abominar o próprio chão que eu pisava, e tinha feito todos os esforços possíveis para nos expulsar da cidade, embora eu me tivesse esforçado por ser amigável com o homem. De certa forma, sentia pena dele, tinha piedade dele, porque ele era de certa forma um solitário que tinha poucos amigos além da sua mulher, e não tenho a certeza se ela gostava muito dele. A maior parte do seu tempo livre era gasto a ouvir os pregadores de rádio mais radicais, que realmente o confundiam com as suas muitas doutrinas estranhas. Na verdade, ele tinha ficado tão confuso que desenvolvera um complexo messiânico, tendo até deixado crescer a barba "para poder parecer-me mais com Jesus", disse ele.

Lamentavelmente, a sua professada santidade era frequentemente pontuada por ataques de fúria e ódio descontrolado por qualquer pessoa que discordasse das suas conceções fragmentadas do verdadeiro Cristianismo. Pior ainda, sentia-se tão omnisciente e santo que em mais do que uma ocasião tentou menosprezar-me perante os meus filhos, esperando convencê-los de que era o "seu único amigo verdadeiro", preocupado apenas em salvá-los de um pai Satânico. A Vonda disse uma vez sobre os esforços dele: "Papá, o Mark fala como se estivesse doente da cabeça." Doente ou não, eu não podia deixar de me perguntar, uma vez que o carro dele estava estacionado mesmo por baixo da nossa casa no dia em que a cobra foi solta na nossa casa de banho: Poderia ele ter cortado a rede e introduzido a cobra? Claro que nunca saberei com certeza, sei que tinha sido avisado anteriormente de que ele me "apanharia", de uma forma ou de outra.

Eu nunca tinha pensado no Mark como sendo capaz de fazer tal coisa, no entanto ele tinha destruído uma bela amizade entre a Dolores e eu e um belo casal jovem, pais de um par de crianças pequenas a quem amávamos ternamente. O Herb era uma massa de músculos de um metro e oitenta e oito.

A Marie era uma beleza de olhos pretos e estatura pequena, de ascendência mexicana. Quando conheci o Herb e a Marie, eles sabiam muito pouco sobre a religião cristã. O nosso coração compadeceu-se deles e passámos meses e meses de tempo agradável a aconselhá-los. Ambos, especialmente a Marie, tinham problemas demasiado numerosos para mencionar, e o progresso em levá-los a aceitar Cristo como seu Salvador era lento.

A Marie submeteu-se a hipnoterapia três vezes por semana durante vários meses para superar uma personalidade melancólica induzida por memórias constantes de promiscuidade pré-marital. O marido tinha-lhe perdoado, Deus tinha-lhe perdoado, mas ela não conseguia perdoar-se a si própria. Tinha começado a fazer um excelente progresso depois de finalmente aceitar que, embora não fosse uma santa (nem nenhum de nós o é), podia ser e era uma boa esposa e mãe e podia funcionar razoavelmente bem como dona de casa, pela graça de Deus.

No entanto, após alcançar uma medida de paz consigo própria, a sua amizade com a Dolores e comigo arrefeceu consideravelmente depois de ela se tornar amiga do Mark. Após uma visita nossa, o Mark ia a casa dela e menosprezava o nosso trabalho de amor e amizade, insistindo que eu estava meramente a usá-la, que "não havia maneira de ela ser curada e encontrar perdão fora da graça salvadora de Cristo." Bem, embora eu acredite de todo o coração na graça salvadora de Cristo, também acredito na eficácia da psicoterapia, do aconselhamento psicológico e da hipnoterapia, especialmente quando incorporados com boas práticas religiosas.

Lamentavelmente, a nossa amizade com o Herb e a Marie terminou um dia depois de a Marie nos visitar apenas para conversar, e depois ir para casa e representar deliberadamente de forma errada perante o Herb tudo o que a Dolores e eu tínhamos dito. Naturalmente, o Herb ficou perturbado e veio furioso à casa paroquial para me insultar, terminando a sua tirada com a ameaça: "Está bem, Pregador. Algum dia o Mark vai destruir-te; ele vai ensinar-te uma lição que nunca esquecerás!" Nesse aspeto ele estava correto, e aprendi mais uma vez que muitas vezes são aqueles que mais amamos, aqueles a quem nos damos sem reservas, que se viram contra nós com uma viciosidade mais repreensível do que a da cobra que foi deliberadamente solta na nossa casa de banho.

Há algumas coisas tão pessoais que a Dolores e eu preferiríamos mantê-las em segredo. Muitas já revelámos, porque uma autobiografia exige confissão. Porque essa é a natureza deste livro, devo contar-vos sobre um evento que conta como um dos mais horríveis da minha vida. Alguns amigos que viviam num refúgio entre Elkton e Harrisonburg tinham assistido a alguns dos nossos serviços depois de a esposa ter passado vários meses em hipnoterapia. Um dia notei uma frieza na atitude deles que me intrigou e preocupou. À medida que o tempo avançava, essa frieza transformou-se numa barreira devastadora.

Após muita preocupação e oração sobre o assunto, decidi que talvez se eu visitasse a casa deles pudéssemos sentar-nos como adultos responsáveis e discutir o problema, fosse ele qual fosse, que estava a destruir a nossa amizade. Então liguei ao Art, dizendo-lhe que gostaria de passar por lá para uma visita.

"Claro, Pregador," respondeu ele, aparentemente cordial e entusiasta, "aparece! É um prazer ter-te cá a qualquer hora."

Quando entrei no caminho que levava à casa deles, fiquei perturbado ao ver vários carros estacionados debaixo das árvores à direita da casa. Depois de sair do carro, uma inquietação fez-me parar momentaneamente para refletir. Talvez ir ali não fosse uma ideia tão boa, afinal. Mas logo raciocinei: "O Art está tão ansioso como eu por esclarecer as coisas e fazer as pazes."

Incapaz de sacudir completamente a inquietação agravante, forcei-me a subir os degraus e a usar o malho de madeira na ferradura pendurada na porta como batedor.

"Olá, homem!" Um jovem de quinze ou dezasseis anos cumprimentou-me como a um amigo há muito perdido, embora eu nunca o tivesse visto antes. "O Art e a Nadine estão ocupados, a vestir-se," explicou ele. "Mas ei, homem! Não fiques aí parado. Entra!" insistiu ele, agarrando o meu braço e arrastando-me pelo limiar. "Estás entre amigos!"

Estaria eu, realmente? Dúvidas assaltaram-me rapidamente enquanto eu estava parado dentro da porta, cheirando um incenso barato e enjoativamente doce que enviava uma espiral preguiçosa de fumo para cima a partir de uma lareira que adornava um fogão de sala aberto. A casa tinha sido anteriormente um refúgio de caçadores feito de madeira bruta e pedra, mas tinha sido negligenciada, estava em mau estado e escassamente mobilada. O interior nunca conhecera tinta e o vento muitas vezes soprava através de fendas no chão de tábuas de madeira não envernizadas.

Num canto à minha esquerda, refastelado contra a parede no seu ninho numa cadeira *beanbag*, estava sentado o Joe, um rapaz alto e magro de quinze anos que eu sabia ser um visitante frequente na casa deles. Em frente à lareira, uma loira oxigenada e de cabelo frisado estava deitada de barriga para baixo com um top curto e uns calções justíssimos, lendo um livro de bolso.

"Ups," um homem de meia-idade riu-se depois de abrir a porta da frente e bater-me nas costas com ela, quase me derrubando. Eu não conhecia o homem, mas viria a saber que ele era de Luray, a sede do concelho de Page County, onde eu tinha ensinado na escola e treinado equipas no início dos anos sessenta.

"O senhor não me conhece, Pregador," disse ele com um sorriso semelhante a um esgar, "mas já o vi por aí e conheço-o como as palmas das minhas mãos."

"Ei, *Pops*," disse o Joe arrastando as palavras, "tira o casaco e senta-te."

“Sim,” disse o homem mais velho, agarrando o meu casaco por trás e despindo-mo. “Pousa o traseiro e descansa os teus ossos cansados.”

“É melhor fazê-lo, senhor pregador,” uma jovem chamada Peggy interveio, com o que ela certamente pensava ser um sorriso sedutor, “vai precisar de todo o descanso que conseguir.”

“Oh, Senhor,” perguntei-me enquanto procurava um lugar para sentar antes de me contentar com o único lugar disponível, o chão, “o que é que se passa aqui, afinal?”

Depois de me ter acomodado o mais confortavelmente possível, uma porta no extremo oposto da sala, à direita da lareira, abriu-se lentamente, revelando um quarto, e todos se levantaram rapidamente como que sob um sinal enquanto as notas asmáticas de uma fanfarra saíam do que parecia ser um *kazoo*.

“Salve os gloriosos, os poderosos Blairs,” entoaram aqueles na sala de estar enquanto erguiam os braços para o teto e se curvavam no que presumi ser uma adoração fingida. “A paz esteja convosco, ó divinos *shallocks* desta sagrada morada. Com o coração alegre submetemo-nos ao vosso reinado eterno.”

Não fosse a atmosfera pervasiva de tensão insidiosa que me assombrava, eu teria rido em voz alta, especialmente quando o Art e a Nadine saíram majestosamente do seu quarto como rei e rainha; ele num roupão berrante e ténis, ela num roupão de chenille barato caído sobre os ombros e aberto na frente até ao laço na cintura. Com pestanas postiças, demasiada sombra de olhos, bochechas com ruge e uma superabundância de batom vermelho-cereja que vulgarizava a sua brancura cremosa, a Nadine fazia um esforço vão para caminhar de forma sedutora no braço do Art até à lareira fumegante.

Juntos curvaram-se, fizeram uma vénia e voltaram a curvar-se, após o que o Art entoou em falsa reverência: "Ó fogo que arde, mas não consome; / Ó luz que tremeluz, mas não ilumina, / Fala-me do teu enorme poder / Com palavras tonitruantes, nesta mesma hora". Com isto, atirou um punhado de pó branco para o fogo, fazendo-o explodir e arder com uma intensidade azul. Depois, virando-se para nós, afundaram-se lentamente até se sentarem rigidamente, ao estilo de Buda, com as pernas nuas cruzadas e as mãos nos joelhos.

"Sentem-se!", ordenou o Art.

"Sim, santos potentados", respondeu o grupo heterogéneo. "Allikaaa, Allikaaa, Allikaaa!"

Quando todos voltaram aos seus lugares, alapados, refastelados, estendidos e deitados no chão, o Art olhou para mim e ordenou-me que me arrastasse pelo chão até me sentar diretamente à frente dele e da Nadine.

"Bem, pregador pífio do púlpito, o que te traz ao nosso santuário sagrado?"

Todos riram ironicamente. Até a Nadine deixou um leve sorriso curvar o canto da boca antes de desviar os seus olhos dos meus — por embaraço, presumi, devido à sua aparência pirosa.

"Eu esperava que... bem, eu pensei que... uh... nós pudéssemos..."

"Vamos, homem!", ordenou o jovem rapaz. "Fala! Responde ao homem!"

Tentei novamente explicar o meu propósito ao vir ali, após um rápido olhar para o rapaz, perguntando-me quem seria ele e do que se tratava toda aquela farsa.

"Eu apenas pensei que tu e eu pudéssemos—"

"Tu apenas pensaste", interrompeu o Art, franzindo a testa, "que podias vir aqui esta noite e aldrabar-me como fizeste à Nadine" — ele parou para colocar a mão na coxa nua dela — "quando a adormeceste e tentaste dar-lhe em cima. Não é verdade, companheiro?"

"Oh, deixa lá, Art!" sorri levemente, pensando que ele estava a brincar comigo. "Uma piada é uma piada, mas olha" — olhei em volta para a cena degradante — "não estás a levar as coisas longe demais?"

"Isto não é piada nenhuma, senhor!", rangeu ele, com os olhos fulminantes, ardendo em ódio. "Eu sei como tentaste deitar-te com a minha mulher!"

"Ora, Art, isso é ridículo. Sabes muito bem que nunca sonhei sequer em tocar na tua mulher!", rebati com desdém sagrado. "Como podes sequer pensar que eu consideraria uma coisa tão desprezível?"

"Estás a chamá-lo mentiroso?", desafiou o homem de Luray, agarrando o meu armo. "Ora, eu devia—"

"Calma, Fats!", o Art parou-o. "Tu terás a tua vez com ele. Mas agora, Pregador", cuspiu ele, "vais responder perante mim."

Joe, Peggy e a loira corpulenta sorriram alegremente enquanto o Fats se recostou e amuou. O rapaz instigava, como se falasse para um cão raivoso: "Apanha-o, Artie! Força, homem! Dá-lhe com tudo!"

"Oiçam, pessoal", disse eu calmamente, começando a levantar-me com intenção de sair.

"Fica onde estás, carne de cão!", gritou o Fats, pondo mãos pesadas sobre mim e atirando-me contra o chão como uma fatia de bacon. "Não te atrevas a mexer-te outra vez a menos que te mandem!"

"O julgamento acabou, pessoal. Ele é culpado?", gritou o Art.

"Sim!", responderam em coro.

"Certo, então é isso!", disse ele, olhando de uns para os outros. "Qual é o castigo dele?"

"Batam-lhe!", gritou um. "Açoitem-no!", berrou outro.

"Fura-lhe as entranhas, homem!", o rapaz babava de esperança enquanto abria uma navalha de ponta e mola e a pressionava com força contra o meu cinto.

"Recua, rapaz!", ordenou o Fats. "Primeiro fazemos o conciliábulo."

Todos se reuniram em volta do Art e da Nadine para debater o castigo em sussurros abafados. Finalmente o círculo rompeu-se e a loira frisada ficou encostada ao Fats. Ficaram juntos a olhar para mim até que a loira olhou para cima e sussurrou ao ouvido do Fats.

"Ei, Artie." Ele virou-se com um brilho maléfico nos olhos. "A Loira teve uma ideia melhor, e cara, é boa. Whoooeee." Ele bramiu e deu gargalhadas. "Ela diz que sabe como arranjá-lo para que ele nunca mais se consiga deitar com outra mulher."

"O que é que queres dizer?", protestou o rapaz. "Já disseste que eu o podia retalhar e pôr sal e pimenta!"

"Sim, eu sei, rapaz", concordou o Art, "mas vamos ouvir o que o Fats tem a dizer."

"Bem", disse o Fats com um sorriso afetado, deliciando-se com a ideia como se fosse sua, "ele é um homem pregador, e — bem, somos todos cristãos, por isso vamos fazê-lo de forma religiosa."

"Sim", acrescentou a Loira, olhando para mim como um canibal faminto, "depois podemos fazer a marca da cruz e salpicar o altar com o sangue — o sangue dele!" Ela riu diabolicamente.

"Do que é que estás a falar, homem?", inquiriu o rapaz com ciúmes. "Eu ia dar-te sangue, muito sangue!"

"Mas nós somos gente da Bíblia", argumentou o Fats, "e temos de o fazer à maneira da Bíblia."

"Eu não compreendo", disse o Art, como um rapazinho a ouvir os pais debaterem que brinquedo lhe hão de dar.

"Vamos torná-lo um eunuco!", explicou a Loira.

"Um quê?", perguntou o Joe.

A Peggy falou, ainda usando aquele mesmo sorriso parvo. "Significa que lhe vão cortar o—"

"Vamos castrá-lo!", interrompeu o Fats, querendo ser o primeiro a dizer ao Art.

"Oh—mas..." Art parecia estar a avaliar se aquela ideia era melhor do que a primeira.

"Não vês", explicou o Fats, "isto é o melhor. Ele é um pregador, nós somos cristãos, e a Bíblia diz que nos velhos tempos havia eunucos que trabalhavam no palácio do rei e, para protegerem a rainha daqueles bastardos, eles desarmavam-nos—"

"Eles o quê?", perguntou o rapaz, confundido com tanta conversa.

"Como eu disse", explicou a Peggy, "cortam-lhe as partes íntimas — percebes?"

"Sim", acrescentou o Fats. "E o melhor de tudo é que não há nada de errado em fazê-lo, porque o Senhor queria que fosse feito — está na Bíblia."

"Mas quem é que o vai fazer, Fats?", perguntou o Joe, um pouco assustado com a ideia.

"Eu e a Peg!", guinchou a Loira, vibrando em antecipação.

"É isso mesmo", concordou o Fats. "Por isso, Joe, agarra aquele braço e eu agarro este até ele estar deitado de costas. E, rapaz, tu—Maldito sejas, Pregador!" Ele atingiu-me na boca. "Deixa de lutar — não há maneira de te livrares desta, por isso comporta-te!"

"O que queres que eu faça, Fats?", perguntou o rapaz, gatinhando de joelhos à procura de algo para fazer.

"Tu agarras naquela perna — isso — e segura-a bem. E, Peggy, tu e a Loira revezam-se a segurar a outra — Maldito sejas, Pregador!" Ele enterrou um joelho no meu flanco. "Já te disse uma vez e não vou dizer mais! Comporta-te ou vou-te esmagar as tripas!"

Sem fôlego e sufocado pela dor, eu só conseguia rezar para que, de alguma forma, Deus enviasse um milagre. Só um milagre poderia suster as mãos daquela turba selvagem.

"Certo, bonequinha" — o Fats olhou para a Loira — "ele é teu. Despe-o e diverte-te."

Percebendo que a minha única esperança estava na diversão (distração), chamei pela Nadine, que estava sentada como que num estupor feliz enquanto a Loira começava a desapertar o meu cinto. "Nadine, por favor, lembra-te das vezes em que estavas a desfazer-te pelas costuras, quando o teu mundo inteiro estava a ir por água abaixo, quão bem te sentias depois de olhares para o círculo de perfeição?"

Eu tinha tocado com o dedo indicador no polegar da minha mão direita, formando o que eu chamava "o símbolo da perfeição", e instei-a a olhar para ele.

"Obrigado, Senhor!", suspirei com esperança ao ver os olhos dela fixos na minha mão, o brilho de excitação a começar a desvanecer-se e as pálpebras a caírem e a piscarem.

"Lembra-te, Nadine", disse eu encorajadoramente, com renovada esperança à medida que a sua postura de Buda começava a murchar e os seus ombros caíam. "Obrigado, Senhor", respirei com esperança ainda maior quando os músculos do rosto dela relaxaram, os seus olhos fecharam-se num lampejo e a sua cabeça pendeu sobre o peito.

"Nadine!", gritou o Art, agarrando-a. "Nadine, fala comigo!"

"Está tudo bem, Nadine", assegurei-lhe. "Relaxa, isso mesmo. Deixa-te ir."

"Para com isso, Pregador!", raivou o Fats, agarrando-me pelo pescoço. "Para com isso ou aperto-te o pescoço até ao inferno!"

"Não, não vais, Fats", blefei eu, "não se quiseres voltar a ver a Nadine acordada."

"O que é que queres dizer?", disse o Art, com o medo a começar a consumi-lo.

Atrevi-me a mentir em desespero. "Quero dizer que a vou deixar de forma que ela nunca acorde se não me deixares ir agora mesmo!"

Agora frenético de medo, o Art gritou: "Deixem-no ir!"

"Mas, Artie", disse a Peggy em tom de censura, "tu prometeste!"

"Sim!", lamuriou-se a Loira. "Disseste que o podíamos cortar."

Os Nossos Antepassados Falam 209

"Deixem-no ir, estou a dizer-vos!" O seu medo estava a transformar-se numa raiva febril.

Lentamente as mãos afrouxaram e eu sentei-me, sacudindo-me para endireitar a roupa. "Agora, Art, fazes exatamente o que eu disser e tudo ficará bem."

"O que queres que eu faça?", perguntou ele com uma impotência infantil.

Levantando-me e apertando o cinto depois de fechar o fecho, disse-lhe: "Vou-me embora—"

"Não! Não podes!", gritou alguém, e outros gritaram negativas igualmente fortes.

"Calem-se e oiçam!", ordenei com uma bravata recém-encontrada. "Agora, Art, depois de eu sair, deita a Nadine no chão. Depois..." Esperei que a força total das minhas ordens assentasse. "Todos vós — e quero dizer todos vós — ponham-se de joelhos e rezem."

"Mas tens de ajudar a Nadine primeiro!", objetou o Art.

"Eu estou a ajudá-la, e tu vais ajudá-la rezando. O que ela precisa agora é de oração — oração, essa é a única coisa que a acordará." Olhei em volta, certificando-me de que compreendiam. "Agora faz como eu digo", exigi enquanto me dirigia para a porta.

"Ela vai mesmo acordar?", perguntou a Loira, com uma mistura de descrença e espanto na voz.

"Sim", assegurei-lhe, "mas apenas se rezarem durante trinta minutos, e por oração quero dizer pedirem a Deus para a ajudar e para vos perdoar."

Cautelosamente, abri a porta e saí de costas, mantendo os olhos neles enquanto me encaravam com uma mistura de desilusão e medo trémulo.

"Senhor", orei enquanto tirava o carro da entrada e seguia pelo longo caminho até à estrada principal, "perdoa-me por mentir. E obrigado, Senhor. Obrigado por me manteres calmo para pensar com clareza."

O que é que eu tinha feito realmente? Basicamente, a Nadine era sonâmbula e, durante todas as suas sessões de terapia, eu tinha usado a formação de um círculo com o polegar e o indicador como sugestão pós-hipnótica.

Em vez de usar procedimentos hipnóticos normais, um símbolo pós-hipnótico como o meu uso de três dedos na testa, uma palavra, a formação de um círculo com o polegar e o indicador — qualquer coisa sugerida pelo hipnotizador — servirá como deixa para o sujeito entrar em transe.

O meu receio de que a Nadine pudesse não responder à sugestão residia no facto de ela estar altamente excitada, o que normalmente não é a melhor condição para a hipnose. No entanto, a sugestão pós-hipnótica tinha sido suficiente para colocar a Dolores num transe depois de o seu peito ter sido esmagado num acidente de automóvel. Além disso, num aperto, qualquer arma serve. Nesta instância, não tive escolha senão usar uma sugestão pós-hipnótica como ferramenta — uma arma para salvar a pele.

Quanto à oração e à afirmação de que ela acordaria em trinta minutos, eu esperava que a Nadine me tivesse ouvido a falar com eles e que tivesse aceite essa conversa como uma sugestão pós-hipnótica para acordar. Mas se ela aceitou a sugestão ou não, era irrelevante, na verdade. Certamente que a oração lhes faria a todos algum bem. Quanto ao despertar da Nadine, quando uma pessoa em hipnose já não é assistida pelo hipnotizador, o sujeito ou acorda imediatamente

ou cai num sono natural, acordando quando a sesta terminar. Mas, por favor, aos inexperientes: isto não sugere que tentem fazê-lo, ou que entrem em hipnose porque não há perigo para o sujeito; embora a pessoa acorde, pode ser com traumas pós-hipnóticos.

Como é que eu tinha mentido, então? Apenas ao blefar que ela nunca acordaria.

CAPÍTULO XII

GRETCHEN TORNA-SE MUNDIAL

Quando o correspondente de notícias do *Washington Post*, Donnel Nunes, telefonou de longa distância pedindo uma entrevista com a Dolores e comigo num dia frio e invernal de dezembro, pensei por um momento que a sua chamada era a resposta a uma oração. A Dolores não tinha tanta certeza e, após uma breve discussão com ela, pedi-lhe que voltasse a ligar passados alguns dias.

Quando as crianças chegaram da escola nessa noite, reunimo-nos na sala de estar para discutir se devíamos permitir a publicação de mais uma história sobre o nosso envolvimento com a Gretchen. As crianças votaram "sim", mas a Dolores e eu estávamos reticentes em avançar logo naquela altura; a memória da amargura gerada pela nossa história no *Harrisonburg Daily News-Record* tornava-nos um pouco avessos a mais publicidade. Após mais alguma discussão, decidiu-se que cada um de nós procuraria uma resposta divina através da oração.

Durante os dias seguintes, as crianças passaram grande parte do tempo nos seus quartos, a Dolores no nosso quarto e eu no gabinete, em oração. Pela minha parte, senti uma proximidade com Deus nessas sessões de oração mais real do que a que tinha experimentado em bastante tempo, mas queria mais garantias sobre o que devia fazer; tal como o antigo juiz israelita Gideão, procurei um sinal do Senhor e esperei pacientemente que Ele falasse.

As provações dos pais muitas vezes passam para os filhos, causando por vezes fendas familiares e grande angústia pessoal. Assim aconteceu connosco, mas em grande medida consideramo-nos afortunados. Os nossos filhos têm sido

bons, nunca nos tendo causado um momento de preocupação por desobediência ou mau comportamento. Mas algumas pessoas na comunidade teriam preferido o contrário, ao procurarem trazer problemas para o nosso lar através do método de dividir para reinar. (Ainda no momento em que escrevo isto, tal continua a acontecer entre algumas pessoas naquela área. Embora nos tenhamos mudado de Elkton há anos, foi lançado o boato vicioso de que o nosso filho, Jesse, tinha sido preso e enviado para uma casa de correção para rapazes incorrigíveis. Amigos daquela zona, ao ouvirem a notícia, ligaram para nos perguntar se a história era verdadeira. Quando lhes assegurei: "Não! Ele nunca sequer recebeu uma multa por excesso de velocidade", eles disseram: "Bem, já sabes como é por aqui — eles têm de estar a crucificar alguém".)

Na altura em que o boato estava em plena força, o Jesse estava a colher recompensas como aluno de honra e atleta excecional. Foi eleito dirigente na SCA da Gretna High School e foi-lhe atribuída uma placa pelos *Woodmen of the World* por Proficiência Excecional em História Americana. Recebeu troféus pelo excelente desempenho no futebol americano e no basebol, é presidente da *Youth Fellowship* da nossa igreja e foi o nosso pregador "convidado" no Domingo da Juventude.

Este ano (1977), embora a escola ainda não tenha começado, ele será um dos tri-capitães da equipa de futebol *Gretna Hawks*. Quando saímos de Elkton, tínhamos pensado que o velho adágio "Longe da vista, longe do coração" pudesse aplicar-se àquelas pessoas, mas aparentemente algo lhes foi incutido que apenas lhes dá prazer quando conseguem fazer alguém infeliz.

O último lugar onde esperávamos problemas era das pessoas que pensávamos acreditar serem verdadeiramente ultrarreligiosas. Infelizmente, cedo aprendemos que um movimento religioso invulgar estava em plena força em Elkton e, embora tenha o maior respeito e admiração pelos verdadeiramente devotos, incluindo aqueles que se chamam carismáticos, a honestidade exige que relatemos que muitos dos supercarismáticos envolvidos naquele movimento focaram-se na juventude da comunidade, causando muito sofrimento.

À primeira vista, o seu propósito parecia especialmente bom e eu apoiei-os de todo o coração. Por exemplo, um casal jovem recém-chegado a Elkton, Robert e Ava Hollen, começou a reunir os jovens da comunidade em sua casa uma noite por semana para oração e estudo da Bíblia, e pareceu-me maravilhoso que pessoas como o Bob e a Ava dessem de bom grado o seu tempo e esforços aos jovens. Depressa, porém, fui forçado a questionar os seus motivos.

Todos os nossos três filhos frequentaram as primeiras reuniões, mas a Vonda, no último ano do secundário e muito madura para a sua idade, deixou de ir aos serviços após a terceira reunião. Quando lhe perguntei "Porquê?", ela recusou-se a comentar, dizendo apenas: "As reuniões não eram do meu agrado."

Pouco tempo depois, fui ao quarto da Mary Jo por uma razão que agora me escapa e vi um caderno de espiral aberto em cima da cama dela, o mesmo caderno que a tinha visto levar na noite anterior para os serviços de juventude em casa dos Hollen; nesse caderno, virado de costas para cima, estavam escritas as seguintes palavras à mão: "Porque é que o meu pai não me diz a verdade sobre a Bíblia?"

Aquilo cortou como uma faca. Durante imenso tempo, só consegui ficar ali parado a olhar para aquela caligrafia ousada que brilhava perante mim como um letreiro de néon cintilante. Tinha tentado sempre ser honesto com os meus filhos, tentado fielmente ensinar-lhes a Palavra de Deus conforme estava escrita, bem como pelo exemplo. Nunca os tinha forçado a engolir as minhas conceções de verdade, empurrando-lhes a religião à força. Acreditem, foi um dia muito, muito longo antes de a Mary Jo chegar da escola. Talvez tenha sido bom. Enquanto esperava ansiosamente por ela, sondei o coração, a mente e a alma à procura de um indício de onde teria falhado em ensinar-lhe a verdade bíblica. No fim, só consegui rezar e esperar até me poder sentar com ela e ouvir o que ela tinha para dizer.

Assim que ela chegou a casa, fui ter com ela e, na privacidade do seu quarto, perguntei: "Exatamente que verdades da Bíblia é que eu te ocultei?" Surpreendida, ela olhou para mim com os olhos arregalados e disse: "Nenhumas que eu saiba, Papá. Porquê?" Apontando para o caderno em cima da cama, perguntei: "Podes explicar o que queres dizer com isto?" Rapidamente ela agarrou no caderno e olhou incrédula para a escrita antes de se virar para mim com os olhos lacrimejantes. "Papá, eu nunca escrevi isto! Nunca sequer pensei tal coisa!"

Limpando as lágrimas dos olhos, ela abriu o caderno e exclamou: "Esta não é a minha letra. Olha!", gritou ela, comparando as suas notas com o que estava escrito no verso. "Vês, eu não poderia ter escrito isto!" Era verdade. A letra era completamente diferente. Quando perguntei se ela tinha alguma ideia de quem poderia ter escrito tal coisa, ela pensou por um momento e disse: "Não." Contudo, pensando melhor, disse que levava sempre aquele caderno consigo para todas as reuniões de jovens e aulas de estudo bíblico. "Oh", exclamou ela num lampejo de memória, "ontem à noite deixei a Ava olhar para ele — mas não." Parou pensativa. "Não a vi escrever nada nele."

"Talvez a Ava não o tenha escrito", disse eu, "mas alguém o escreveu, por isso consegues dar-me uma única boa razão para alguém fazer tal coisa?"

"Bem", confessou ela relutantemente, "a maioria dos miúdos naquele grupo está interessada em falar em línguas, mas como eu sabia que tu não aprovavas tais coisas, não te disse nada."

Mais tarde, confrontei o Jesse sobre o grupo de jovens e o movimento das línguas. "Sim", admitiu ele, "eles acreditam no falar em línguas, mas ninguém te obriga a isso."

Se o movimento das línguas foi imposto às crianças é irrelevante: o seu poder de sugestão vindo destas reuniões tinha a força de uma marreta, e não tardou muito até que muitos dos jovens começassem a exibir comportamentos bizarros para os dias de hoje. Muitos carregavam as suas Bíblias para onde quer que fossem, até para a escola e para jogos de bola. Um rapaz, com cerca da idade do Jesse, entrou certa noite no ginásio durante um jogo de basquetebol do ensino secundário, sentou-se e pro-

cedeu a começar a ler a Bíblia, ou pelo menos a fingir que o fazia. Nem uma única vez olhou para a ação no campo. Mesmo durante as festividades do intervalo, manteve os olhos colados ao livro, fazendo um esforço algo envergonhado para ignorar as piadas de escárnio lançadas na sua direção por adolescentes risonhos que achavam que ele estava a exagerar na nota religiosa. Outros estudantes tornaram-se tão zelosos nos seus esforços missionários que abordavam professores no corredor da escola, exigindo que confessassem se tinham sido "batizados pelo Espírito", o que os jovens declaravam daria aos professores a capacidade de falar em línguas, o "único sinal visível de salvação".

Os professores que diziam não, e todos os professores o fizeram, eram ridicularizados e ouviam: "Estás perdido e vais para o inferno! Arrepende-te! Arrepende-te e sê batizado agora mesmo!" Naturalmente, a maioria dos professores ficou horrorizada. Que eu saiba, apenas um professor convidou os missionários a visitá-lo na sua sala depois das aulas para discutir a sua necessidade de salvação e a capacidade de falar em línguas.

Um rapaz, de cerca de catorze anos, e a sua irmã, um ano ou dois mais velha, que tinham sido apanhados no movimento embora nunca frequentassem a igreja e não passassem pela porta de uma igreja após o seu "batismo pelo Espírito", porque "não há nenhuma igreja que valha a pena frequentar". Mas isso não vem ao caso. Para meu divertimento, eles davam frequentemente um bom espetáculo. Um dia, enquanto fazia a minha caminhada diária, fiquei sobressaltado ao ver a rapariga, Lolly, correr a gritar da casa como se fosse perseguida por *banshees* saqueadoras.

"Ó Deus, estou perdida!", lamentava-se ela, num pânico de olhos arregalados. "O Diabo apanhou-me e vou para o inferno! Ajuda-me, Teejay!" Implorava ao seu irmão a plenos pulmões enquanto caía de joelhos, contorcendo-se em tormento. "Chama o Amos, Teejay. Chama o Amos para vir expulsar os demónios!" O Amos, outro rapaz jovem, supostamente tinha poderes para exorcizar demónios.

"Para quê?", perguntou o Teejay, apenas levemente preocupado. "O que é que eles te estão a fazer?"

"Eles dominaram-me", arquejou ela, "e, porra, fizeram-me esquecer! Vês! Fizeram-me fazê-lo outra vez."

"Esquecer o quê? Fazer o quê?"

"Oh, Teejay", lamentou-se ela, "fizeram-me esquecer o meu batismo, e deixei a palavra 'porra' escapar-me da língua. Não consigo deixar de dizer 'porra', porra!"

Continuei a andar, não querendo envergonhá-los, mas noutra ocasião ia a caminhar pela rua e fiquei levemente divertido ao ver o Teejay a ser exorcizado pelo Amos. Era cómico. O Teejay estava deitado de lado, apoiado num cotovelo, com uma perna dobrada para trás sob ele. Estava a esticar o outro armo como se tentasse afastar uma horda de demónios que lutavam para o possuir. De pé, sobre ele, estava o Amos, com lágrimas a correr-lhe pelo rosto enquanto segurava a cabeça do Teejay numa mão, erguendo a outra em direção ao céu, suplicando numa voz aguda e estridente: "Jesus! Jesus! Jesus! Em teu nome comando-te que expulses estes demónios do Teejay!" Depois, pondo ambas as mãos na cabeça do Teejay, ordenou com a autoridade de um prelado pomposo: "Ouve-me, tu, o maligno! Afasta-te deste filho de Deus!" Depois, como uma colegial suplicante e frustrada, gritou: "Comando-te em nome de Jesus: Vai! Fora! Xô!"

Lentamente, o Teejay começou a relaxar, suplicando sem voz ao Amos, puxando-lhe a perna das calças e apontando para a sua boca aberta e escancarada enquanto borbulhava um horrível "*Aaaaagegeghhhhh... uuuuuggggghhhhh*".

"Ó Jesus, querido Jesus", implorou o Amos em terna compaixão enquanto olhava para o Teejay. "Cura-o, Senhor! Tiraste-lhe os demónios, agora cura-o. Dá-lhe a sua voz!"

"*Aaaawwwhhhoooooeeeee!*", guinchou o Teejay, saltando e abraçando o Amos. "Ele conseguiu! Louvado seja o Senhor, Ele deu-me a minha voz. Aleluia!"

"Glória a Deus!", entoou o Amos enquanto ria, chorava e dançava uma giga com o Teejay. "Aleluia! *Whoooooeee!* Aleluia! Louvado seja o Seu santo nome!"

Outro jovem que se tinha juntado ao movimento veio à casa paroquial um dia e disse: "Reverendo Jay, se realmente quer conhecer o Senhor e a verdadeira alegria da salvação, tem de ser batizado pelo Espírito e começar a falar em línguas. Acredite em mim, sem o batismo do Espírito, todo o seu aprendizado e anos de serviço na igreja só podem levar à destruição completa e absoluta."

"Não quer dizer", inquiri eu incrédulo, "que todos os meus anos a tentar viver uma vida boa, todas as minhas orações, a minha leitura da Bíblia e a tentativa de praticar o que prego, não valerão de nada?"

"É isso mesmo! Sem o batismo do Espírito, está perdido!"

Bem, bem, bem! Talvez ela tivesse razão, mas se eu e a minha família tivéssemos tido de lidar apenas com o fanatismo, a vida teria sido só rosas e bolos. Quanto a todas as nossas provações, uma mudança estava a chegar, disso eu sabia! Mas continuo a achar que Elkton é uma boa cidade e que a sua reputação não é merecida pelas suas muitas pessoas boas.

Eu e a minha família tínhamos continuado em oração, procurando a orientação de Deus. Um dia, uma semana antes do Natal, enquanto conduzia para Harrisonburg, uma luz ofuscante encheu o carro e ouvi música, celestialmente bela — não os cânticos de Natal pré-gravados que emanavam de cada loja e esquina, mas antes um coro angelical presente comigo no carro, fazendo uma serenata à presença de Deus! Ele estava vivo e eu sabia-o, mas nunca tanto como naquele momento em que a Sua presença me foi tão claramente revelada!

Rapidamente encostei à beira da estrada e chorei em louvor à Sua bondade, ao Seu amor e misericórdia. Naquele único momento soube que as nossas orações tinham sido respondidas, que a história devia ser contada. Rapidamente dei a volta e segui para casa para aguardar o telefonema que eu, de alguma forma, sabia que iria — e de facto aconteceu — chegar da parte de Donnel Nunes naquele dia, embora ele não tivesse especificado uma hora ou data certa para voltar a ligar.

Poucos dias depois, o Sr. Nunes e um fotógrafo vieram à nossa casa, e contámos-lhe a história de Gretchen. A 20 de janeiro de 1975, o *Washington Post* publicou a história, enviando o nosso nome e a história de Gretchen aos confins da terra.

Tinha acabado de começar a ler a história às 7:00 da manhã quando a Sra.

Fannie Oliveto de Kensington, Maryland, ligou às 7:05 da manhã. Seguiu-se uma inundação de chamadas que não abrandou senão duas semanas depois. Às 9 da manhã, tirámos a Vonda e a Mary Jo da escola para atenderem o telefone; ao meio-dia chamámos o Punky para vir de Hagerstown, Maryland; e depois das aulas o Jesse foi mantido ocupado a dirigir o trânsito em redor da nossa casa. Foi inacreditável! Tínhamos pensado que o *Washington Post* publicaria uma história que apelaria apenas às pessoas da nossa área imediata, esperando que, uma vez que os residentes locais conhecessem a verdadeira história, todos os que andavam numa caça às bruxas desistissem. Mas, valha-me Deus! Quão errados, quão ingénuos fomos!

Pelas 9:30, uma estação de rádio de Nova Iorque estava ao telefone. A NBC, a ABC e a CBS seguiram-se rapidamente. Jerry Smith da *Associated Press* ligou às 10 da manhã; depois Dina Modinet da NBC News tratou dos preparativos para Douglas Kiker e a sua equipa de TV virem a Elkton.

Imediatamente a seguir vieram chamadas de Amanda Patton do *Mutual News Service*; Jurgen Horsch do *German Wire Service*; Tom Ferraro da *United Press International*; Eric Engberg da *Westinghouse*; Jeffry Blythe da *British Broadcasting Corporation*; estação de rádio CKWX de Vancouver, Colúmbia Britânica; WWL de Nova Orleães; WSB de Atlanta; David Hawkins da CBC, Canadá; Tim Jernigan da WRR, Dallas; Mike Whorf da WJR, Detroit; WJR de Union City, New Jersey; e Jim Alton da WKAT, Miami. Houve centenas de chamadas de estações mais pequenas de todos os Estados Unidos e redes no Canadá, Inglaterra, Itália, França e Austrália.

Isso foi apenas o começo. No terceiro dia após a notícia sair, Carl Schumacher sentou-se na nossa sala de estar a ouvir um grupo de repórteres disparar perguntas contra nós. Juntou-se depois ao Punky no gabinete para cronometrar as chamadas telefónicas. Elas chegavam à cadência de uma a cada três minutos; assim que o Punky desligava, o telefone tocava de novo.

Nem todos os que ligavam eram repórteres. Centenas de pessoas queriam ser hipnotizadas. Algumas queriam-nos para palestras. Editores procuravam um livro. Muitos agentes insistiam que nos tornariam ricos. "Não precisam de saber nada sobre escrita", diziam eles, "temos imensas pessoas que farão de bom grado o livro em vosso nome." Que pensamento revoltante era esse!

Muitas pessoas tentaram explorar-nos prometendo grandes riquezas, mas recusámos todas as ofertas. À exceção de aparecer no programa de TV *To Tell the Truth* e nalguns *talk shows*, como o *The Tomorrow Show* e o programa de Lou Gordon em Detroit, decidimos deixar a história acalmar até podermos contar a história completa na íntegra neste livro.

Tinha passado mais de um ano desde que a Dolores fora submetida a regressão quando Douglas Kiker veio à nossa casa para uma sessão de gravação de um dia inteiro, e quando ele pediu à Dolores para me deixar hipnotizá-la, ela recusou. "Não quero voltar a ser submetida a regressão nunca mais", disse ela. O trauma de demasiadas regressões era simplesmente excessivo. Uma vez que a história se tinha tornado mundial, senti que as pessoas poderiam considerar tudo uma farsa se não vissem uma demonstração dela em regressão como Gretchen. Mas a Dolores foi irredutível na sua recusa até que Kiker e a sua equipa tivessem ido à cidade para jantar. "Está bem", concordou ela finalmente, "podes pôr-me a dormir e tentar contactar a Gretchen, mas não te surpreendas se ela já tiver encontrado a paz e se recusar a emergir."

Mas tal não foi o caso. Quando Kiker e a sua equipa regressaram, a Dolores estava num transe profundo no sofá da sala e, quando Kiker passou a porta e a viu estendida no sofá, quase desmaiou. “Oh meu Deus!”, arquejou ele. “Ela — ela está — ela está morta?”, gaguejou ele, branco como a cal.

Ri-me. “Não, ela está meramente num transe. Agora”, instruí a todos, “se cada um tomar o seu lugar, tentarei trazer a Gretchen.” Logo a Gretchen estava a falar connosco, mas, como é habitual sempre que a Dolores não passa por uma regressão há muito tempo, ela falava muito baixo e lentamente. Fê-lo nessa noite também, quando um repórter alemão que veio com Kiker e a sua equipa tentou conversar com ela.

Aquele foi um dia estranho e uma sessão estranha, uma sessão aparentemente carregada de interferência sobrenatural, um facto que não apreciámos totalmente senão depois de a equipa de TV ter regressado a Washington e pré-visualizado a fita. Quando a Gretchen estava a emergir na sessão em nossa casa, Kiker e a sua equipa tinham sentido uma presença invisível na sala e ouvido um gemido etéreo e sobrenatural. (Claro que a Dolores estava num transe e o meu problema de audição impede-me de ouvir sons subtis.)

No dia seguinte, Kiker ligou-me e perguntou se ele e a sua equipa podiam voltar na sexta-feira para outra sessão de gravação. “Parece”, disse ele, “que um cabelo perdido se tinha prendido à lente da câmara, manchando ligeiramente a imagem. E”, acrescentou ele com assombro, “aquele som assustador que quase me eriçou os cabelos quando a Gretchen estava a falar pode ser ouvido na fita.” Assim, na sexta-feira, para além das mais de oito horas de gravação na quarta-feira, foram necessárias mais três horas de gravação.

Não hipnotizei nem submeti a Dolores a regressão na sexta-feira, mas a mesma imagem semelhante a um cabelo apareceu na fita de sexta-feira, mesmo depois de o operador de câmara ter tomado todas as precauções contra cabelos, pó e qualquer outra coisa que pudesse prender-se à lente. O que causou a imagem semelhante a um cabelo? O seu palpite é tão bom como o meu.

O ruído estranho, gosto de pensar, pode ser atribuído à nossa cadela, Candy, uma caniche francesa que nunca ficava na sala quando eu submetia a Dolores a regressão. Mas nesse dia, de acordo com Kiker e membros da sua equipa, quando comecei a falar com a Gretchen, a Candy esgueirou-se para dentro da sala, com a cauda entre as pernas, e deitou-se debaixo da mesa de café, aparentemente querendo estar o mais perto possível da Dolores. Durante a sessão de gravação, nem uma única pessoa pensou que o gemido estranho vinha da Candy; só depois, quando procurámos uma explicação racional, é que assumimos que ela poderia ter sido a causa. Explicações plausíveis podem sempre ser encontradas; se são explicações válidas ou não, é outra história.

A reação da cidade à horda de repórteres, fotógrafos e equipas de TV foi de espanto. Nunca antes Elkton tinha sido exposta a tal fenómeno. O mexerico espalhou-se como fogo e os radicais tornaram-se ainda mais radicais. Graças a Deus, noventa e cinco por cento dos residentes locais estavam do nosso lado e, devido à sua bondade, amor e preocupação, fizeram-nos saber de uma forma ou de outra que nos apoiavam nas suas orações.

Houve alguns, porém, que considerávamos nossos amigos, que ficaram em cima do muro ou deram meia volta e fugiram quando nos viram na rua. Harold Chaplin é um bom exemplo. Provavelmente mais do que qualquer outra pessoa daquela área, o Harold vinha frequentemente ao meu gabinete para se sentar e conversar. Considerávamo-lo um amigo provado e verdadeiro, embora por vezes ficasse zangado e amuasse se o provocássemos sobre os seus amados *Washington Redskins*. Não sendo a pessoa mais brilhante do mundo, contudo consumido por uma curiosidade insaciável, o Harold fazia milhares de perguntas sobre hipnose e regressão, insistindo muitas vezes que algum dia gostaria que eu o "pusesse a dormir". Encorajava-me a continuar com as minhas regressões e investigações, dizendo que "se eu estivesse no teu lugar, faria exatamente o que me apetecesse. E se as pessoas não gostassem, podiam ir para o inferno e lá ficar!"

Mas o Harold era um tipo esquisito de pessoa inconstante. Quando fomos com a equipa da NBC ao centro comercial da cidade para filmar, Kiker pediu-me para arranjar alguma pessoa local para estar connosco. Felizmente para nós, ou assim pensávamos, o Harold passou por ali naquele exato momento. Quando lhe estendi a mão direita da amizade, como sempre faço, e perguntei: "Harold, gostarias de estar na TV nacional connosco?", ele continuou a andar, resmungando: "Não, já estive na TV antes e não gosto nem um bocadinho."

A verdade é que o Harold era apenas um amigo de bons tempos, como outros na comunidade nos viriam a dizer mais tarde. Mais tarde, o Harold veio ter connosco e desculpou-se dizendo que alguns dos seus parentes lá das montanhas lhe tinham feito saber que, se ele temia pela sua pele, seria melhor "não ter mais nada a ver com aquele pregador pagão!" Conhecendo os parentes do Harold, não o posso culpar realmente. Mas a Dolores ficou magoada, terrivelmente, e com as lágrimas a transbordar perguntou: "Se não podemos depender do Harold, em quem é que podemos confiar neste mundo?"

"Não sei, querida", respondi alegremente, reprimindo o mal-estar no fundo do estômago. "Confia apenas no Senhor, e—"

"Ei! Seus snobs", gritou Raymond Mobray enquanto vinha a correr da *Elkton Cleaners*, onde trabalhava. "Já nem param para apertar a mão à gente comum?"

Ri com uma alegria que não conhecia limites por encontrar apenas um amigo que não tinha medo de ser visto na rua connosco. “Raymond, sabes que neste exato momento estás a ser filmado por uma equipa de TV da NBC?”

“Oh meu Deus, não!” Ele deu meia volta e procurou o operador de câmara, ainda agarrado à minha mão. “Qual é o problema?”, inquiri eu, receoso de que ele também desse meia volta e fugisse. “Tu também não queres ser visto na rua connosco?”

“Claro que quero!”, trovejou ele irritado. “Tu és meu amigo, e eu não quero saber de nada do que pensem. Sou teu amigo — podes contar com isso, companheiro!”

E ele foi um amigo, contra tudo e contra todos. Enquanto estávamos ali sob a luz brilhante do sol, os habitantes da cidade reuniram-se nas portas e janelas das lojas para olhar e, eventualmente, a Dolores e eu fomos para casa felizes, felizes porque aprendemos naquele momento que, se tivermos apenas um amigo que esteja ao nosso lado num momento de provação, esse amigo e o Senhor podem ajudar-nos a superar mil inimigos.

Nunca mais tivemos medo de caminhar pelas ruas de Elkton e manter a cabeça erguida. Na verdade, não tínhamos razão para ter medo ou vergonha, porque é um facto: Elkton é uma boa cidade, e a Dolores e eu cedo aprendemos que havia muito poucos na cidade tão inconstantes como aqueles que vinham de fora, como o Harold.

CAPÍTULO XIII

A NOSSA VIDA, UM LIVRO ABERTO

Ao todo, a reação à exposição nacional da história de Gretchen foi uma mistura de bom e mau, aceitação e rejeição e, embora fosse tolo atribuir toda a culpa dos problemas a uma só pessoa, é um facto bem conhecido que os nossos

problemas na comunidade se multiplicaram quando Manley Milton, um leigo que se tornou pastor de uma igreja local não-denominacional, juntou o seu apoio ao elemento religioso radical que tinha passado os dois anos anteriores a atormentar-nos.

A Dolores e eu pensávamos que o Manley era nosso amigo, especialmente depois de ele vir ter comigo e dizer: "Carroll, embora eu não saiba nada sobre hipnotismo, conheço-te a ti, e acredito que és um homem bom e temente a Deus." Ele acrescentou: "Porque vivo estritamente pela palavra de Deus e a Sua palavra diz-me para não julgar nenhum homem, eu nunca te julgarei nem criticarei a ti e à Dolores."

Grato pelas suas garantias aparentemente sinceras de fidelidade a nós e ao trabalho que estávamos a fazer, agradeci a Deus pelo Manley, valorizando-o como um amigo num momento de necessidade.

Infelizmente, cedo aprendemos que o que o Manley nos dizia em privado e o que dizia em público não correspondia exatamente. Quando Donnel Nunes do *Washington Post* inquiriu todos os ministros de Elkton sobre os seus sentimentos pessoais relativos às minhas atividades em hipnose, apenas o Manley exerceu o privilégio de falar com inimizade. "Acho que é obra do Diabo!", proclamou ele. Para explicar a sua animosidade, acrescentou: "No livro de Deuteronómio, Deus proíbe os filhos de Israel de consultarem espíritos familiares, e eu acho que o Carroll está a lidar com espíritos familiares."

Obviamente, a Dolores e eu ficámos chocados e magoados com as suas acusações no *Post*, mas mesmo assim determinámos, em amor cristão, não lhe guardar rancor, preferindo ser caridosos no nosso pensamento. O Manley rejeitou o nosso amor e amizade, apesar de me ter telefonado para negar ter feito tal declaração ao Sr. Nunes. No entanto, antes de essa conversa terminar, o Manley pareceu impelido por alguma estranha compulsão a constituir-se como juiz divino e disse: "Carroll, embora eu não tenha dito tal coisa àquele repórter, devo dizer que até seres batizado pelo Espírito, não podes conhecer a salvação como dada por Cristo."

Mas teologicamente, para o cristão, e eu sou cristão, a salvação vem apenas através do amor de Deus na graça salvadora de Cristo, e o Espírito é representado nas Escrituras como a Pessoa ativa da Divindade que estabelece uma nova natureza no homem pecador e não regenerado, uma natureza que é uma criação de Deus e que é ativada por uma nova vontade, recetiva à graça de Deus dada através da fé no nosso Senhor Jesus Cristo; e cada pessoa salva pela graça fica sob a mão de Deus e é batizada pelo Espírito Santo.

Como um Espírito que habita no interior, Ele realiza a Sua obra de santificação na vida dessa pessoa. Mas o Manley não estava interessado em conceitos teológicos de salvação. Em vez disso, porque eu não falava em línguas,

ele insistia sem equívoco que eu estava meramente a fingir ser cristão. E por isso lamento. Lamento que ele seja tão ingénuo teologicamente, e lamento que tenha concluído que eu não estava salvo apenas porque conduzia o meu ministério tal como Jesus o fez. Ou seja, eu prego, rezo e ministro sem balbuciar em línguas.

Muito lamentavelmente, apenas momentos antes de o Manley me telefonar para negar a sua declaração à imprensa, o seu filho, Manley, Jr., foi ter com uma autoridade local sobre a imprensa e a lei e perguntou: "Se uma pessoa faz uma declaração a um repórter de notícias, esse repórter pode imprimir o que tu dizes?" O homem inquiriu: "Porque perguntas?"

"Bem," disse o Manley, Jr., "quando aquele repórter do *Washington Post* veio ver o meu pai, o Papá aceitou-o como um amigo, sem nunca sonhar que ele iria imprimir tudo o que foi dito."

"E o teu pai disse aquelas coisas sobre o Reverendo Jay?"

"Bem, sim" — ele fez uma pausa, corando — "mas ele nunca esperou que fossem impressas no jornal."

De facto, o Manley tentou fazer com que Donnel Nunes fizesse uma retratação, mas foi-lhe dito que as declarações tinham sido feitas e que o jornal mantinha o que fora escrito! Como disse a autoridade local: "Se não queres que algo seja impresso, não o digas a um repórter."

Ainda assim, a Dolores e eu queríamos ser amigos do Manley, e ainda queremos, e tentei explicar-lhe que estávamos meramente a realizar uma experiência científica, que nunca sonhámos em contactar espíritos familiares, nem por um momento duvidámos do amor de Deus ao conceder-nos a salvação.

"Carroll," argumentou o Manley, "como podes dizer que não estás a consultar espíritos familiares quando admites que podes estar a falar com os mortos?"

"Olha, Manley," tentei raciocinar, "quantas vezes estiveste numa agência funerária e ouviste alguém falar em pranto com um ente querido deitado num caixão?"

"Oh, imensas vezes!", respondeu ele.

"E dirias que eles estavam a consultar espíritos familiares só porque falaram com o morto?"

"Oh, meu Senhor, não!", exclamou ele, horrorizado.

"Então, por favor diz-me, Manley, uma vez que a minha mulher está meramente numa regressão hipnótica — uma forma de sono — como podes possivelmente acusar-me de consultar espíritos familiares?"

"Mas isso não é a mesma coisa!", respondeu ele.

“Tecnicamente tens razão, Manley. Mas ouve só por um momento. Tu pegaste num versículo da Escritura do Antigo Testamento e usaste-o para me acusar de ser mau. De facto, disseste: ‘Não se achará entre vós... quem consulte espíritos familiares’. Um exemplo perfeito do que me tentas acusar pode ser encontrado em I Samuel 28, na história da Bruxa de Endor. Lembra-te que Samuel, o mentor do Rei Saul, estava morto, e o Rei Saul estava prestes a perder o seu trono para David. Num esforço para obter ajuda, Saul foi à Bruxa de Endor, de quem se dizia ter um espírito familiar porque conseguia ressuscitar os mortos. De facto, a pedido do Rei Saul, ela evocou Samuel dos mortos, e Samuel repreendeu-o por ‘me desassossegares’ — perturbando o seu descanso no além. Mas lembra-te também disto, Manley: o Rei Saul queria falar com Samuel porque os filisteus estavam prestes a derrotá-lo na guerra e Saul queria o conselho de Samuel sobre o que fazer.”

“Está certo,” concordou o Manley.

“Bem, pelo menos concordamos numa coisa. Mas diz-me, tu ou qualquer outra pessoa alguma vez me viram submeter a Dolores a regressão e depois pedir à Gretchen que nos aconselhasse sobre o que quer que fosse? Por outras palavras, eu nunca tentei evocar ninguém dos mortos, e a Dolores também não. Nem sequer podes chamar à Dolores uma médium; ela nunca tentou contactar os mortos. Especificamente, Manley, um consultor de espíritos familiares é alguém que tenta ressuscitar os mortos ou falar com os mortos, seja privadamente ou numa sessão espírita.”

“Sim, eu sei,” disse ele. “Mas quando falas com a Gretchen tens de admitir que possivelmente uma rapariga morta está a falar através da tua mulher.”

“Isso pode ser verdade, Manley. Pode muito bem ser que a Gretchen seja um espírito, mas tudo o que fizemos foi fazer-lhe perguntas sobre a sua vida anterior aqui na terra, se de facto ela viveu nalgum momento como um ser físico nesta terra. Mas ouve-me claramente: se viermos a saber que ela de facto viveu e morreu e agora fala connosco através da Dolores, não teremos feito mais do que provar o que a Igreja tem tentado provar durante dois mil anos. Ou seja, teremos então fornecido uma prova bastante boa de que a alma continua a viver após a morte.”

“Sim,” concordou ele, “mas quando falas com a Gretchen, estás a agir como um consultor de espíritos!”

“Estás a dizer,” indaguei seriamente, “que qualquer pessoa que fale com os mortos é um consultor de espíritos?”

“Sim, senhor! Digo-o!”, exclamou ele, num tom que indicava conhecimento absoluto.

"Então diz-me, Manley, quando falas do púlpito sobre Jesus a chamar Lázaro dos mortos, referes-te a Jesus como um mau consultor de espíritos? Ou quando descreves aquele momento glorioso no Monte da Transfiguração em que Jesus falou com Moisés e Elias, referes-te a ele como aquele homem mau que consultou espíritos familiares?"

"Claro que não!" Ele começou a esquivar-se. "Mas isso é diferente!"

"Será mesmo?", debati eu. "Se meramente falar com os mortos ou para os mortos é mau ou faz de ti um consultor de espíritos, então obviamente Jesus Cristo seria, conforme tu defines o termo, um consultor de espíritos familiares."

Talvez eu devesse ter parado por ali, mas pensei que, se injetasse um pouco de humor na conversa, ele riria e esqueceria o assunto, por isso disse: "Manley, se tivesses usado o pretérito em referência à Dolores e aos espíritos familiares, eu teria concordado contigo de todo o coração. Repara, nos últimos trinta e cinco anos eu tenho consultado um espírito familiar — a minha mulher — e se isso for mau, que assim seja."

"Oh, Senhor! Carroll!", respondeu ele, horrorizado. "É sacrílego brincar assim."

"Porquê, Manley?", perguntei, divertido com a sua incapacidade de entrar numa brincadeira leve e com a sua falta de compreensão de que não somos nada mais do que espírito (alma) revestido num corpo de carne. Num esforço para raciocinar com ele e ajudá-lo a superar a sua tendência para ficar indignado por coisas que não são assim tão importantes, disse: "Manley, embora seja verdade que há alturas em que sondo o subconsciente da minha mulher quando ela está num transe, tecnicamente há pouca diferença entre isso e quando procuro conhecer os seus pensamentos mais profundos e íntimos quando ela está acordada."

E isso é verdade em todas as áreas da vida. Considere o psiquiatra que sonda os pensamentos e memórias do paciente deitado no sofá do seu consultório, procurando as causas profundas dos problemas do paciente através da catarse verbal. Ou considere a esposa de um empresário de sucesso que caminha por uma grande superfície comercial pegando em vários artigos desnecessários que coloca na mala. Quando o marido fica furioso ou preocupado, quase fora de si, ao saber do seu hábito de "mãos leves" e lhe exige: "Valha-me Deus, mulher! O que é que te deu para fazeres tal coisa?", não estará ele a procurar a motivação profunda dela, a pesquisar a causa subconsciente para a cleptomania? Na maioria das instâncias, o marido furioso ou destroçado não se contentará com respostas superficiais. Em vez disso, na discussão ou argumento que se segue, ele pode implorar, intimidar e chorar num esforço para descobrir a motivação profunda dela.

O mesmo é verdade para parceiros matrimoniais que procuram o conselho de conselheiros matrimoniais, que ouvem ambos os lados antes de determinar a causa subjacente à incompatibilidade de um casal. E quanto aos pais cujos filhos se metem em problemas apesar de toda a educação amorosa e cuidados parentais? Não indagam eles frequentemente ao filho errante: "O que é que te deu para fazeres tal coisa?"

E quanto à esposa, Jean, que dá ouvidos atentos ao marido a dormir que murmura amorosamente: "Mary... por favor, Mary... só mais uma vez!"? Não se levanta ela e se inclina sobre ele, exigindo com a respiração suspensa: "Mary? Mary quem?" Não estará ela à espera de obter uma resposta sobre um nome que escapou do subconsciente do marido, uma resposta que provavelmente não conseguiria obter dele nos seus momentos conscientes e acordados?

Mas o Manley não queria piadas nem explicações, por isso apresentou uma racionalização: "Se não estás a consultar espíritos familiares," acusou ele, "estás pelo menos a trabalhar contra Deus ao seres um encantador."

"Oh, vamos lá, Manley, tens de estar a brincar!"

"De maneira nenhuma!", trovejou ele. "Deuteronómio 18:10-12 diz claramente: 'Não se achará entre vós quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte um espírito familiar, nem mágico, nem necromante. Pois todo aquele que faz estas coisas é uma abominação ao Senhor...'"

Ri-me dos seus esforços para encontrar uma base bíblica para me indiciar. "Manley, se eu fosse um encantador, acredita, a primeiríssima coisa que eu faria seria lançar um feitiço sobre ti e sobre todos os que se me opõem, tornando-te a ti e a eles nos meus mais fortes apoiantes."

Isso só o deixou mais zangado, e ele prometeu num crescendo de gritos: "Eu vou apanhar-te, companheiro!" E quase apanhou. Daquele dia em diante, denunciou-me em cada oportunidade: do púlpito, na rádio, na rua e a pessoas que tinham sido nossas amigas durante um quarto de século.

Ainda assim, a Dolores e eu rezámos pelo Manley e pelos seus seguidores, especialmente porque achávamos absurda a utilização que faziam daquela passagem da Escritura do Antigo Testamento. Embora acreditemos fervorosamente na vida após a morte, e levemos a palavra de Jesus literalmente ("Porque eu vivo, vós também vivereis"), nunca nos envolvemos na prática do espiritismo de evocar os mortos (consultar espíritos familiares), nem nunca assistimos ou conduzimos uma sessão espírita. Nunca, nas minhas discussões com a Gretchen, lhe perguntei sobre o bem-estar de alguém que habite no além.

Quanto a ser um feiticeiro ou um encantador que evoca feitiços mágicos, a acusação é ainda mais ridícula — embora deva confessar que houve alturas em que desejei poder fazer uns truques de magia para tornar a vida um pouco mais fácil, como toda a gente, incluindo o Manley.

O Manley não esteve sozinho na sua denúncia contra nós. O Reverendo David C. Lowenstall, um ministro da Igreja Metodista Unida, um mestre ardente e ativo no movimento do "falar em línguas", aproximou-se de mim durante uma reunião e disse: "Carroll, sei que estás sob muita pressão, que estás a levar com muita parvoíce de um bando de ignorantes, mas quero que saibas que instruí as pessoas da minha igreja que não devem julgar nem condenar a ti ou à Dolores. Expliquei-lhes," acrescentou ele, "que o Senhor trabalha por caminhos estranhos e misteriosos, e possivelmente este pode ser o caminho do Senhor para te usar para ajudar a construir o Seu reino."

Por essas amáveis palavras de garantia fiquei muito grato. Pouco depois, no entanto, o David escreveu numa "Carta ao Diretor" de um jornal da Virgínia: "O Rev. Jay afirma que não acredita que a sua esposa seja má ou que ele acredite em reencarnação, e admito que ele tem o direito de acreditar nisto ou em qualquer outra teoria."

No mínimo, a minha família e eu ficámos chocados ao saber que um colega ministro da nossa denominação diria tal coisa impressa. Mas, mais do que isso, fiquei intrigado. Ainda hoje me pergunto o que é que ele realmente quis dizer com aquela afirmação. Estaria ele a dizer ao mundo que eu meramente queria que as pessoas fossem iludidas a pensar que eu não acreditava na teoria da reencarnação? Ou, horror dos horrores, estaria ele a dizer que eu estava meramente a pregoar uma teoria quando afirmava que não acreditava que a minha esposa fosse má?

Acredita, David, se a minha esposa fosse má, os muitos membros da minha igreja teriam sabido desse facto há muito tempo, e toda a minha afirmação não teria mudado as coisas nem um bocadinho.

Isso foi apenas o começo. Ele afirmou então: "A única área na qual não ouvi qualquer comentário é a área da possessão demoníaca." Com isto ele estava a dizer que, na altura em que escreveu a carta, ainda não tinha ouvido ninguém acusar a Dolores ou a mim na rádio de estarmos possuídos por demónios; nem tinha lido tal acusação no jornal, uma situação que ele determinou mudar insinuando na sua carta ao diretor que, se os nossos nomes fossem substituídos pelo nome do homem em Lucas 8:26-36, seríamos certamente vistos como possuídos por demónios.

Não contente em insinuar que éramos incrédulos por termos sido cegados pela astúcia subtil dos demónios que nos faziam realizar o trabalho de Satanás com grande perícia, acrescentou o seguinte pedaço de informação espantosa: "A

posse de conhecimento extraordinário caracteriza sempre o demónio enquanto ele fala através do corpo da sua vítima."

Ora bem! Imaginem só! Ele não só insinuou que éramos possuidores de conhecimento extraordinário, como disse que "a posse de conhecimento extraordinário caracteriza sempre [!] o demónio enquanto ele fala através do corpo da vítima."

Ora, compreendem o que isso significa? Sabias o que estavas a escrever, David? Oh, diz que não é assim, por favor! Pois se a tua afirmação for verdadeira, não tenho outra escolha senão acreditar que Pasteur, Einstein, Schweitzer e, sim, até o meu Senhor e meu Salvador Jesus Cristo, possuíam conhecimento extraordinário apenas porque demónios falavam através deles.

O David não parou com essa afirmação ridícula. Disse: "Talvez a característica mais marcante seja a capacidade do demónio de falar línguas desconhecidas para o sujeito." Oh não, David! Outra vez? Como ministro na igreja, certamente acreditas no Dia de Pentecostes. Se não acreditas, contradizes tudo o que a Igreja alguma vez acreditou sobre o seu nascimento. Pior, és um líder declarado no movimento do "falar em línguas", portanto, como poderias sequer conceber uma coisa tão tola e ainda assim afirmar que, quando balbucias em línguas, o Espírito Santo está a falar através de ti?

Para aqueles que não estão familiarizados com o Dia de Pentecostes, permitam-me notar que em Atos 2:1-8 lê-se: "Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar... e todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem... Ora, quando aquele som se fez ouvir, ajuntou-se a multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! não são galileus todos estes que falam? Como, pois, os ouvimos nós falar, cada um na nossa própria língua" (a língua dos partos, medos, Mesopotâmia, Líbia, Cirene, Ásia, Ponto, Capadócia).

Especificamente, São Lucas, o autor do Livro dos Atos, está a dizer que aqueles reunidos num cenáculo em Jerusalém, depois de terem recebido o Espírito Santo, foram miraculosamente dotados com o poder (capacidade) de falar línguas estrangeiras. Se a afirmação do David estiver correta, o Espírito Santo não teve nada a ver com isso. Em vez disso, estavam todos cheios de demónios que falavam através do corpo das suas vítimas.

Se isso for verdade para todos os que estavam no Dia de Pentecostes, o que devemos acreditar sobre o David e todos os outros que balbuciam em línguas hoje?

O David também demonstrou a sua falta de conhecimento sobre hipnose. Disse: "Não posso concordar com a hipnose na medida em que a pessoa tem de submeter a sua vontade a outra."

Lamento ter de ser mais uma vez repetitivo e enfatizar que deve haver uma boa harmonia (rapport) entre o hipnotizador e o sujeito, mas isto de modo algum implica que uma pessoa deva submeter a sua vontade ao hipnotizador. Pelo contrário, como afirmei anteriormente, as pessoas em hipnose nunca farão nada em violação do seu próprio carácter moral. Repito: o hipnotismo é uma forma de sono — a própria palavra "hipnose" deriva da palavra grega para sono.

Contudo, sabemos que cientificamente é mais, muito mais do que mero sono. A prova é que muitas coisas maravilhosas podem ser feitas por uma pessoa em hipnose que não podem ser feitas no sono normal. Por exemplo, muitas pessoas foram submetidas a cirurgias de grande porte sem dor sob hipnose, algo que não pode ser feito no sono comum.

Incidentalmente, indicará a Bíblia em algum lado que possivelmente a hipnose pode ser usada como uma ferramenta valiosa na cirurgia? Creio que sim. Génesis 2:21 diz: "Então o Senhor Deus fez cair um sono profundo sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e fechou a carne no seu lugar." Sabendo que o primeiro passo na hipnose é um estado de transe comparável ao sono, pareceria que Deus, independentemente do método usado para induzir o sono, usou de facto uma forma de hipnose para remover a costela.

Tal suposição é reforçada pelo facto de que a analgesia, outra característica maravilhosa da hipnose, teve de ser induzida para evitar que Adão acordasse devido à dor intensa que acompanha sempre a separação da carne, seja por incisão, rasgo ou outros métodos. Certamente é altamente improvável que alguém pudesse entrar num sono normal suficientemente profundo para inibir as células nervosas de transmitirem a presença de dor ao cérebro e de volta ao ponto do trauma.

Quanto à minha referência ao "movimento das línguas", impõe-se uma breve explicação entre línguas e xenoglossia. Falar em línguas (glossolalia) é usualmente uma experiência religiosa na qual uma pessoa fala numa língua estranha, ou usa a fala com sons irreconhecíveis sem significado, geralmente proferidos num estado de êxtase. Os linguistas afirmam que as "línguas" não têm os ingredientes da linguagem.

O Dr. John P. Kildahl, psiquiatra e ministro, numa investigação iniciada pela Igreja Luterana Americana afirma: "a investigação indica que o dom de falar em línguas é ensinado em vez de captado, e não pode ser compreendido." Para enfatizar este ponto, na sua investigação foi usado um gravador em vários grupos de pessoas a falar em línguas; quando as fitas foram mais tarde reproduzidas para pessoas que afirmavam ter o "dom da interpretação", nem um dos intérpretes

conseguiu dar uma interpretação do que foi dito que tivesse qualquer semelhança com qualquer outra interpretação.

O Dr. Kildahl relatou até o caso de um homem que foi criado em África por pais missionários que tinha assistido a uma reunião de falar em línguas. Ele era um estranho para o grupo, mas durante a reunião levantou-se e rezou o Pai Nosso no dialeto africano que tinha aprendido na sua juventude. Quando se sentou, um intérprete de línguas ofereceu o significado do que ele tinha dito: uma mensagem relativa à Segunda Vinda de Cristo. Muitos envolvidos no movimento das "línguas" dizem que a revelação do significado da mensagem está no ouvido de quem ouve e não de quem fala, que a mensagem será revelada ao ouvinte pelo Espírito Santo.

A xenoglossia, por outro lado, lida apenas com línguas conhecidas; como já expliquei, pode ser ou recitativa ou responsiva.

Permitam-me agora interpolar que possivelmente nunca deveria ter mencionado a história de Gretchen a ninguém. Certamente teríamos evitado muito antagonismo e perseguição. Possivelmente deveríamos ter usado pseudónimos em vez dos nossos nomes reais, mas sentimos honestamente que estávamos envolvidos numa investigação científico-religiosa, certamente nada de que nos devêssemos envergonhar. Apesar de toda a angústia e miséria que suportámos, continuamos a sentir que esta era a vontade do Senhor para nós, até mesmo a decisão de deixar a história ser publicada no *Washington Post*.

O Dr. Stevenson tinha-se oposto fortemente ao nosso desejo de divulgar a história; ainda mais importante para nós, ele estava também muito reticente em prosseguir com o caso a um ritmo mais rápido. Ele tinha passado doze anos no caso Jenson e explicou-nos que não gostava de ser apressado, que queria tempo para pensar e contemplar e tomar decisões sem pressa. Mas a Dolores e eu não podíamos esperar doze anos. No caso Jenson o marido também era o hipnotizador, mas infelizmente ele não viveu para ver os resultados do caso publicados, e porque eu tinha estado tão perto da morte em várias ocasiões, a possibilidade de eu poder não viver o suficiente para ver a investigação chegar à sua conclusão final deixou-nos ansiosos por prosseguir com toda a rapidez razoável.

É verdade, eu tinha sobrevivido a oito ataques cardíacos e a uma cirurgia e o nosso futuro parecia mais risonho do que em anos anteriores, mas além do nosso otimismo por uma vida longa, não tínhamos qualquer garantia de que a operação garantiria uma vida longa. As operações de bypass da veia safena eram relativamente novas naquela época, e não havia pessoas suficientes que tivessem sido submetidas à operação para oferecer à ciência médica uma oportunidade de estudar os resultados pós-operatórios e a longevidade dos pacientes. Acreditava-se que, se eu vivesse dois anos para além da data da cirurgia e dos transplantes,

poderia esperar viver uma vida razoavelmente normal. Mas, mais uma vez, não havia garantias.

Além de sofrermos a tensão do ostracismo e da perseguição por parte de radicais religiosos, os muitos e longos anos de doenças e hospitalizações, combinados com as despesas tremendas incorridas na investigação do nosso trabalho em hipnose, forçaram-nos a contrair dívidas, na ordem de vários milhares de dólares. Tínhamos esperança de que, se o bom Senhor assim o quisesse, pudéssemos recuperar e voltar ao equilíbrio financeiro através da escrita e de palestras. Mas até essa esperança levou a mais críticas e frustração. Fomos acusados de sermos mercenários. Alguns chegaram a dizer que a Gretchen era uma farsa para ganhar dinheiro. Toda a minha vida li sobre pessoas que trabalharam arduamente, viveram experiências invulgares e depois relataram essas experiências em livros, palestras e seminários, e estou razoavelmente certo de que todas foram compensadas pelo seu tempo e esforço. Mas quando a Dolores e eu tentámos contar a nossa história, fomos acusados de tentar capitalizar sobre a nossa estranha mas maravilhosa experiência. Especialmente aqueles na área da medicina insinuaram que eu deveria deixar de praticar hipnose e de dar palestras sobre o assunto.

Em grande medida, concordava com eles, especialmente depois de conhecer algumas das pessoas sem instrução e sem qualificações que praticavam hipnose. Durante muitos anos, em todas as minhas palestras e seminários, proclamei do fundo do meu coração que ninguém sem uma sólida base educacional em psicologia deveria alguma vez tentar praticar hipnose, ou ser hipnotizado a menos que o hipnotizador tivesse tal base.

Comecei o estudo e a prática da hipnose em 1954, quatro anos antes de a Associação Médica Americana (*American Medical Association*) reconhecer a hipnose como uma ferramenta legítima. Assim que comecei com a hipnose, estudei tudo o que estava disponível sobre o assunto, chegando a trabalhar num mestrado em orientação e aconselhamento no *Shippensburg College* e num doutoramento em aconselhamento e psicologia na Universidade do Alabama. Infelizmente, devido ao meu coração enfraquecido, não consegui suportar os rigores dos estudos de pós-graduação avançados e, no último ano dos meus estudos de doutoramento, a minha saúde deteriorou-se tão rapidamente que recebi ordens dos meus médicos para abandonar a escola antes de cair morto na aula.

Não viveu ninguém que admire mais os homens e mulheres da profissão médica do que eu, nem alguma vez lançarei uma tirada contra eles como um todo, mas os factos exigem que eu relate que a Associação Médica Americana tem sido terrivelmente míope ao não dar à hipnose uma prioridade mais elevada, especialmente porque a reivindicaram como o seu próprio "bebé" anos depois de alguns de nós a termos praticado como uma arte e uma ciência. Embora seja

verdade que alguns dos seus membros praticam hipnose, o número é extremamente pequeno em proporção ao número de membros na AMA. Pior ainda, até ao dia de hoje não existe uma verdadeira residência médica em hipnose em nenhum lugar dos Estados Unidos, um deplorável indiciamento de uma profissão que se arvora em juiz de qualquer pessoa fora da sua própria organização que tenha feito um estudo diligente da ciência apenas com o propósito de ajudar outros a viver uma vida mais saudável e feliz. Se nada mais, a AMA deveria, pelo menos, utilizar praticantes sérios como auxiliares médicos (*paramedics*) ou estagiários sob a sua supervisão.

Para defender o meu uso da hipnose: centenas de pessoas beneficiaram do meu ministério e nem uma única vez foi apresentada uma queixa em resultado do tratamento recebido. Não quero dizer que todos os que vieram ter comigo foram ajudados. Tal afirmação seria absurda, uma vez que nem todos podem ser prontamente hipnotizados. Mais importante ainda, apesar do clamor daqueles que nos rotularam de mercenários, nem uma única vez cobrei a alguém pelos serviços prestados, nem nunca recusei ajudar alguém que tivesse uma necessidade legítima (excetuando, claro, aqueles com problemas físicos que exigiam atenção médica em vez de hipnoterapia).

Embora não queira, por um momento que seja, retirar mérito à grandeza do Dr. Stevenson como cientista e investigador do paranormal, devo confessar que, desde a visita do Dr. Stevenson à nossa casa com o Dr. Rohl, a Dolores e eu tínhamos perdido muito do nosso desejo de continuar com a investigação. Ele não tivera a intenção de nos ofender — tínhamos simplesmente apanhado-o desprevenido ao convidarmos tolamente pessoas de fora para estarem presentes.

Como ele explicou mais tarde: "Se os meus colegas soubessem que outros estiveram presentes durante a regressão, isso certamente prejudicaria a opinião deles sobre o caso." O Dr. Stevenson também achava que eu deveria deixar de dar palestras, especialmente se continuasse a falar sobre o caso Gretchen.

Na altura, pensei que as suas objeções eram expressas porque ele era psiquiatra e membro da profissão médica. Sei agora que não era esse o caso. Deixei de dar palestras, porque não faria sentido para mim dar palestras sobre hipnose e não mencionar a única coisa que todos queriam ouvir: o caso Gretchen. A Dolores e eu percebemos agora que o Dr. Stevenson estava totalmente correto ao pedir-nos para limitar a nossa discussão pública do caso Gretchen; também sabemos que muito da nossa mágoa e frustração surgiu porque não fomos feitos para ser usados como cobaias científicas.

Durante cinco anos, a Dolores submeteu-se sem queixas aos muitos testes, regressões e interrogações. Mesmo agora, não consigo compreender como é que ela aguentou tanto quanto aguentou. Por exemplo, quando o Dr. Stevenson e eu discutíamos o caso Gretchen, fazíamo-lo geralmente quando ela não estava

presente; ou, se ela estivesse na sala, pedíamos-lhe frequentemente para sair, o que ela fazia sem nunca se rebelar.

Porque é que não discutíamos o caso na presença dela? Porque quanto menos ela soubesse sobre o caso, quanto menos soubesse sobre o que disse em regressões anteriores como Gretchen, menor seria a probabilidade de ela ser influenciada a acrescentar ou retirar algo à história de Gretchen em regressões subsequentes. Repare, embora a Dolores nunca se conseguisse lembrar do que dizia ou fazia como Gretchen, existe sempre a possibilidade de uma pessoa em regressão poder acrescentar (ou alterar) informação dada numa regressão anterior como resultado de informação adquirida no estado consciente.

Ser o objeto de uma investigação é uma provação terrível. Para começar, a vida de uma pessoa torna-se um livro aberto. Tudo o que alguém alguma vez disse ou fez está aberto ao escrutínio. As nossas vidas foram examinadas microscopicamente; o Dr. Stevenson investigou o passado da Dolores até ao momento do seu nascimento. Uma parte do seu relatório oficial das suas investigações diz: "Em Clarksburg, Virgínia Ocidental, onde ambos os Jays cresceram, entrevistei dezanove parentes e vizinhos de Dolores Jay.

Os principais informadores sobre a sua infância foram os seus pais e uma irmã mais nova. Todos afirmaram que não tinham pessoas que falassem alemão na sua família ou entre os seus conhecidos em Eastview, o subúrbio de Clarksburg onde viviam. Também negaram ter quaisquer livros de alemão em casa quando a Dolores era criança. Estavam igualmente certos de que ela não poderia ter saído de casa sozinha, visitando talvez alguns residentes da área que falassem alemão, sem que eles soubessem de tais andanças." (Na verdade, não existem residentes que falem alemão na área imediata).

Duas pessoas entre os dezanove amigos e parentes questionados foram a Sra. Daisy Nolan e a Sra. Verna Blackshire, que foram as amigas mais próximas de Dolores desde a infância até ao ensino secundário. Elas estavam certas de que a Dolores nunca aprendeu a língua em criança e afirmaram que, porque sabiam que a Dolores era uma pessoa totalmente honesta, "Se ela disse que nunca aprendeu a língua, então não aprendeu!"

O Dr. Stevenson também soube que o alemão não era ensinado em nenhuma escola de Harrison County durante o tempo em que a Dolores e eu as frequentámos.

Pior ainda do que as indignidades da investigação, a Dolores foi forçada a sofrer uma tremenda vexação na igreja. Num belo domingo de primavera, ela acompanhou-me ao serviço de culto matinal em Mount Nebo, uma pequena capela na encosta das montanhas Blue Ridge. Tínhamos participado na Ceia do Senhor num serviço de Santa Comunhão naquela manhã, e os fiéis tinham-se ajoelhado no genuflexório com a Dolores e participado dos elementos após eu ter

feito o convite: "Todos vós que verdadeiramente e sinceramente se arrependem dos vossos pecados, e estão em amor e comunhão com os vossos vizinhos... caminhando daqui em diante nos Seus santos caminhos, aproximem-se com fé e tomem este sacramento para vosso conforto."

Foi um serviço belíssimo. Todos pareciam cheios do amor de Deus, e eu estava certo de que, enquanto Cristo olhava naquela manhã do trono à direita do Pai para aquela congregação de cristãos piedosos, Ele Se regozijava com o conhecimento de que a Sua morte sacrificial na cruz do Calvário não fora em vão. "Sim, Senhor," pensei, com sinos de alegria a tocar na minha alma, "estas pessoas rastejariam de joelhos até aos confins da terra se necessário fosse para provar que nasceram de novo à imagem do próprio Deus." Pareciam ser pessoas tão boas, decentes, amáveis, humildes, carinhosas e perdoadoras que eu as amava com todo o meu coração e alma. Mas quando o serviço terminou e a Dolores se juntou a mim no vestíbulo para estender a mão direita da comunhão a cada paroquiano que saía da casa do Senhor, apenas duas das quase quarenta pessoas presentes naquele dia apertaram a mão à Dolores; as outras olharam em frente, com rostos de pedra, sem dizer nada ou murmurando por entre dentes cerrados: "Bruxa!"

Provavelmente a pílula mais difícil de engolir foi a atitude de Raden Moore. O Raden tinha-nos dado tempos difíceis, mas na noite anterior tinha vindo à casa paroquial e dito: "Deus disse-me em resposta à oração que tu e a Dolores estão do lado d'Ele. E, Pregador," acrescentou ele, numa humildade aparentemente sincera, "de agora em diante podes contar comigo. Defenderei a ti e à tua família até à morte, se necessário."

No entanto, naquele dia do Senhor, ele saiu da igreja com o rosto a espelhar um ódio carrancudo, após o que ele e alguns outros percorreram toda a comunidade com uma petição que pretendiam apresentar ao meu Superintendente, Eugene Woolridge, pensando que ele nos expulsaria da igreja imediatamente. Para seu desgosto, conseguiram obter apenas dezasseis assinaturas entre quase quatrocentos membros do cargo.

Enquanto a Dolores e eu descíamos o vale vindos de Mount Nebo naquele dia, as cordas do coração dela partiram-se e ela chorou como se a sua alma estivesse em tormento. Oh, Deus, eu sofria por ela — não era justo! Ainda naquela manhã, antes de o serviço começar, eu tinha dito mais uma vez que, se alguém tivesse algo contra nós, "Fale e nós sairemos imediatamente e resignaremos do cargo sem protesto." Mas não! Tinham vindo à igreja, cantado com fervor sagrado e ajoelhado humildemente ao lado da Dolores no altar como estando em união com ela e com o Senhor, e depois — era inacreditável — em nome de tudo o que é sagrado, o descaramento cruel e desumano dos olhares furiosos e assobios dirigidos a ela após aquele serviço revelava uma doença de alma indigna do mais flagrante pecador.

Nos quase quarenta anos em que conheço a Dolores, nem uma única vez a ouvi falar mal de ninguém; nem uma única vez disse uma palavra ríspida a qualquer membro das nossas igrejas ou aos nossos vizinhos; nunca ofenderia ninguém intencionalmente. Ser ferida até ao âmago pela amargura rançosa de supostos cristãos foi a coisa mais terrível que lhe poderia ter acontecido. Pior ainda, quando mais tarde soube que muitos membros daquela igreja literalmente se regozijaram em exultação ao saberem que as suas ações pagãs lhe tinham causado os tormentos do inferno, ela adoeceu — adoeceu porque passava todo o seu tempo em oração e jejum por aquela igreja, certa no seu coração de que o Senhor iria de alguma forma intervir e salvar aquelas pessoas de si mesmas e da sua própria destruição.

Durante dias, as crianças e eu vigiámo-la e rezámos. Então, uma noite, pouco depois de eu me ter deitado, a Dolores sentou-se e estendeu os braços, parecendo abraçar alguém ao lado da cama, murmurando suavemente com amor angelical: "Ó Jesus, meu Jesus! Vieste... vieste! Eu sabia que vinhas. Obrigada, Jesus. Obrigada," exultou ela enquanto as lágrimas escorriam pelas bochechas.

"Sim, meu Senhor," continuou ela após uma pausa de um momento, ouvindo o que pareciam ser palavras de garantia. "Sim, eu lembro-me." Ela sorriu enquanto a lua cheia fazia brilhar o seu rosto sulcado de lágrimas, refletindo uma alegria radiante reservada aos anjos. "Obrigada, Jesus," disse ela antes de se virar para mim. "Ked, querido," disse ela, numa melodia que lembrava Maria no *Magnificat*, "a minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador, pois o Senhor ouviu e respondeu às minhas orações.

E Ele confortou-me!" Gritou ela em êxtase. "Oh, Ele confortou-me com as Suas palavras de garantia: ‘Não chores mais, minha filha. Como está registado na minha Palavra, "Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor" ’" (Mateus 25:21).

Depois, encostando-se à cabeceira, olhou para mim em alegria radiante. "Lembras-te de como costumávamos reunir-nos à volta do piano com o Ruth e o Ira [Whitmore] e o Norman e a Betty [Howdyshell] e cantar? Lembras-te," disse ela, e começou a cantar em reverência melodiosa:

Se quando dás o melhor do teu serviço, Dizendo ao mundo que o Salvador chegou; Não desanimes quando os homens não crêem em ti, Ele compreenderá e dirá: bem feito!

Tão grande era o nosso pesar pelo problema na igreja que fui no dia seguinte à casa do Raden, o jovem que passara numa noite de "morrer" por nós para tentar expulsar-nos da cidade com uma petição. Ele não veio à porta. Escrevi uma nota e deixei-a em cima da mesa da cozinha, uma vez que a porta das traseiras estava aberta e a rede mosquiteira destrancada. Na nota, supliquei:

"Raden, se eu ou qualquer membro da minha família te prejudicámos de alguma forma, basta dizeres a palavra e eu pedirei desculpa. Se quiseres, até me levantarei na presença da congregação e pedirei desculpa."

Infelizmente, o Raden não queria um pedido de desculpa, mesmo um que não lhe fosse devido. Tinha decidido expulsar-nos da cidade a qualquer custo e não deixaria que nada o impedisse.

Com o coração doente, fui para casa, rezando a cada passo. Graças a Deus, existe de facto um lado positivo em cada nuvem. Sentado na nossa sala de estar estava o Carl Schumacher. Vendo-me desanimado, disse encorajadoramente: "Anima-te, rapaz! As coisas nunca são tão más como parecem." Só de olhar para o Carl, eu sabia que isso era verdade. Naquela altura, o Carl estava surdo, mas ouvia cada palavra que eu dizia.

Alguns meses antes, o Carl tinha vindo ter comigo e entregue-me uma nota escrita pelo seu médico: "Carl, estás surdo e não há nada mais que possa ser feito por ti. Vai a um psiquiatra e aprende a viver com isso." Ele era demasiado otimista para aceitar tal prognóstico, por isso disse-me: "Carroll, quero que me hipnotizes e me faças ouvir de novo."

Apesar da minha admiração pelo Carl, eu estava certo de que ele estava a tentar alcançar a lua. Tinha perdido não só a audição, mas o sentido do olfato, do paladar e do tato vários meses antes num acidente que exigiu uma hospitalização prolongada. Embora a maioria dos seus sentidos tivesse sido reativada, eu sabia que, se ele tivesse sofrido danos nervosos no nervo auditivo, a possibilidade de alguma vez voltar a ouvir era praticamente nula, quer se submetesse a hipnose, a passes de mágica ou a cirurgia sofisticada.

Mas ele precisava de ajuda e, embora o seu médico lhe tivesse dito que nada mais podiam fazer, concordei em tentar fazer o que pudesse por ele. Pedi-lhe então que voltasse mais tarde naquela noite, dando-me a oportunidade de rezar e pensar sobre o que deveria fazer.

Tracei então uma ajuda para determinar se ele conseguia ouvir, improvisando um teste improvisado. Gravei a Vonda a tocar uma escala musical ao piano, a escala variando do Dó agudo, quatro oitavas acima do Dó médio, até ao Lá mais grave, o quarto Lá abaixo do Dó médio. Quando o Carl voltou nessa noite e se deitou no sofá, hipnotizei-o, um feito que algumas pessoas acreditariam impossível. Depois, ligando o gravador, toquei as escalas no volume máximo após tapar o seu ouvido direito e colocar um auscultador no seu ouvido esquerdo. Num bloco de notas escrevi: "Carl, consegues ouvir alguma coisa?"

"Sim," disse ele, "um som muito fraco." Depois, com o ouvido esquerdo tapado e o auscultador no ouvido direito, ele não ouviu absolutamente nada. Desligando o gravador, rezei pelo Carl, como rezava sempre por todos os que hipnotizava, antes de lhe ler a seguinte declaração:

"A tua mente subconsciente impedirá que todos os ruídos gerados dentro da tua cabeça [um zumbido e tinido constante, comum a muitas pessoas com problemas de audição] cheguem ao teu subconsciente. Os sons diminuirão gradualmente à medida que a tua mente subconsciente os trouxer sob controlo. Em poucos minutos os sons desaparecerão completamente; nunca serão mais altos do que são neste momento, mas mesmo que regressem nessa medida, serás capaz de reforçar esta sugestão esfregando o lóbulo da orelha esquerda com o dedo. Isto funcionará sempre."

"A tua mente subconsciente será particularmente sensível aos sons entre o Sol médio e o Dó duas oitavas acima dele. A tua mente subconsciente reforçará estas frequências particulares de modo que a tua audição no ouvido direito parecerá ser essencialmente plana entre os cinquenta e os dois mil ciclos. A tua mente subconsciente, da mesma forma, tornará os sons das letras S, C, V e Z facilmente distinguíveis, e todas as consoantes serão facilmente ouvidas e distinguidas. Estas sugestões serão automaticamente reforçadas cada vez que ouvires a voz da Joyce [a esposa dele], e as palavras dela serão fáceis de compreender para ti."

Embora fosse impossível explicar como o Carl e eu esperávamos que a psicodinâmica da hipnose facilitasse a sua audição, eu esperava fervorosamente que a dinâmica de Deus, buscada na oração, realizasse a tarefa se tudo o resto falhasse.

Uma vez que o Carl era surdo ao ponto de conseguir ouvir sons no ouvido esquerdo apenas se fossem extremamente altos, como poderia ele possivelmente ouvir a minha oração e instruções? Bem, quanto à oração, o Carl não precisava de a ouvir, uma vez que era oferecida a Deus e apenas Ele precisava de ouvir; quanto à declaração, o Carl leu-a antes de ser hipnotizado, e certos sinais táteis foram combinados e discutidos antes de começarmos a hipnotização. As minhas esperanças baseavam-se no facto conhecido de que algumas pessoas em hipnose têm uma sensibilidade aumentada aos estímulos externos do olfato, paladar, tato, visão e audição.

Em qualquer caso, alguns momentos depois de eu ler a declaração ao Carl enquanto ele estava em transe, voltei a testá-lo com o gravador a tocar no volume máximo. Ele gritou: "Baixa isso!" Obedecendo rapidamente, reduzi o volume até ele conseguir ouvir no intervalo de conversação normal.

Após dar ao Carl instruções pós-hipnóticas e trazê-lo para fora do transe, caminhei com ele para a noite fresca e iluminada pelo luar. Após alguns minutos de conversa em voz normal sob condições que tornavam impossível para ele ler os meus lábios, ele interrompeu-me: "O que é esse ruído estranho?"

Eu não tinha ouvido nada, mas o Carl estava a perscrutar o céu e disse: "Oiço um avião." E ouvia mesmo. Um avião voava pelo céu noturno muito, muito a leste de nós, mas eu não conseguia ouvi-lo.

Uma semana ou duas depois, o Carl voltou à mesma clínica universitária de audição que lhe tinha dito que estava surdo. Quando todos os testes terminaram, o seu médico disse: "Carl, lamento. Estás surdo. Sugiro novamente que vás a um psiquiatra e aprendas a viver com isso."

"Mas, Doutor," respondeu o Carl, "se estou surdo, como é que oiço cada palavra que diz?"

"Não é possível que me ouça!", exclamou ele.

"Oh, mas ouço! Na verdade, não preciso de um psiquiatra; encontrei a ajuda de que preciso."

Com as sobrancelhas erguidas em ceticismo, o seu médico perguntou: "Que tipo de ajuda?"

"Hipnose! Fui a um hipnotizador e agora consigo ouvir tudo o que diz."

"Impossível!", desdenhou o médico. "Apenas imaginas que consegues ouvir."

Carl riu-se. "Pode ser, mas enquanto a minha imaginação me der a capacidade de o ouvir a si, ao telefone e as palavras carinhosas da minha mulher, a vida será uma grande alegria."

Por favor, isto não significa que o Carl tenha sido curado. Não foi! Mas isto é certo: ele segue regularmente as minhas instruções pós-hipnóticas e utiliza a autohipnose, e os seus problemas auditivos foram reduzidos ao mínimo, permitindo-lhe funcionar normalmente enquanto gere o seu negócio como proprietário e editor do *Valley Banner*. O Carl é apenas um entre centenas que tive o privilégio de ajudar através do uso da hipnose.

A Dolores e eu sentimo-nos confortados ao recordarmo-nos deles quando a força total do ódio emanou daqueles ao redor de Elkton que se opunham ao nosso uso da hipnose para trazer saúde, felicidade e um alívio da dor às pessoas que procuravam a nossa ajuda. Já tinha passado bastante tempo desde que a Gretchen se manifestara à Dolores em forma de espírito, e tínhamos começado a acreditar que nunca mais a veríamos ou ouviríamos, a menos que eu a regressasse. Mas um dia, após eu ter regressado a casa de uma viagem, a Dolores parecia pensativa, até melancólica. Quando lhe perguntei por que razão parecia tão abatida de espírito, ela informou-me que a Gretchen a tinha visitado nesse dia. “Estava de pé junto ao lava-loiça da cozinha, a lavar a loiça,” explicou ela, “e senti uma presença na sala, e quando olhei em volta, a Gretchen estava de pé junto ao balcão.” “O que é que ela queria? Ela disse alguma coisa?” “Não, não

disse nada, mas acenou-me como se me estivesse a convidar: 'Vem, vem comigo'." "Vem? Ir? Ir para onde?" "Não sei," respondeu ela tristemente. "Apenas sei que a Gretchen quer paz. Acho que é tudo o que ela alguma vez quis!" A Dolores tinha frequentemente expressado a opinião de que a Gretchen falara através dela num esforço para obter ajuda, "para sair daquele vazio — aquele lugar solitário, tão solitário, de parte nenhuma." "Se ela quer paz," perguntei, "porque é que veio até nós?

Como podemos ajudá-la?" "Não sei, a menos que..." Ela fez uma pausa pensativa. "Não será possível que ela esteja no purgatório, que o seu espírito tenha vagueado todos estes anos na terra de parte nenhuma, à espera que alguém ouça a sua história, que alguém reze por ela e a ajude?" "Se isso for verdade," respondi, "porque é que ela não se manifestou a um padre católico? Porque é que foi através de ti e de mim, um ministro protestante e a sua esposa?" "Oh, Ked, não sejas parvo," admoestou ela, meio a sério. "Talvez não existam padres católicos que sejam hipnotizadores, e duvido muito que muitos deles alguma vez tenham sido regressados."

Tive de concordar que possivelmente ela tinha razão. Talvez a Gretchen precisasse mesmo de ajuda na sua busca pela paz; e era verdade que eu não conhecia nenhuns padres católicos que tivessem hipnotizado e regressado alguém. "Então o que fazemos, Dolores? Nós...?" "Rezamos. Não faz diferença se acreditamos ou não no conceito de purgatório; o facto é que a Gretchen é real, tão terrivelmente real, e precisa da nossa ajuda!"

Assim, rezámos. Rezámos pela Gretchen, e para que Deus nos desse compreensão, paciência e amor. Especialmente, rezámos por todos os que não compreendiam os nossos motivos. E sim, até rezámos pela mulher que nos ligava a todas as horas do dia e da noite para balbuciar embriagadamente: "Podiam hipnotizar-me, e... e trazer-me de volta como... como a Rainha de Sabá... Sabá?"

CAPÍTULO XIV

COMO COMUNICAM OS MORTOS?

Quando o Dr. Stevenson telefonou em março de 1974 para pedir que a Dolores e eu fôssemos ao seu consultório para uma regressão e um teste de associação de palavras a ser administrado pela Dr.ª Hilda Huntz, Professora de Alemão numa grande universidade do centro-oeste, estávamos muito relutantes em ir. O stress da investigação estava a ter um efeito tão deletério na saúde da Dolores que eu estava relutante em pedir-lhe que se submetesse a nem que fosse mais uma sessão. (Isto parece contradizer a minha afirmação de que a hipnose *per se* não tem efeitos adversos em ninguém quando aplicada por um terapeuta competente, mas as regressões sérias causam desgaste emocional, uma vez que o sujeito revive o papel da vida que está a ser revelada através do subconsciente.

Naturalmente, se houve tragédia nessa vida, o efeito no sistema nervoso acaba por ser cumulativo.) Embora a Dolores nunca se lembrasse do que dizia ou fazia em regressão, o desgaste nela refletia-se numa aparência fatigada. De alguma forma estranha, o medo constante e a fuga para evitar a morte e o trauma do espancamento severo que precedeu a morte de Gretchen pareciam infiltrar-se, como que por osmose, para a superfície da mente consciente da Dolores, atormentando-a com apreensões vagas. Ainda assim, a Dolores era sempre uma forte defensora do Dr. Stevenson e referia-se frequentemente a ele como "um bom homem, um homem dos mais altos ideais".

Por isso, concordámos em fazer mais uma viagem se ele concordasse que seria a última vez que solicitaria que ela se submetesse a regressão, o que ele aceitou prontamente. Basicamente, a sessão seria dedicada a um teste de associação de palavras, administrado pela Dr.ª Huntz, mas devido à natureza do teste seria necessário fazer perguntas à Dolores enquanto ela estivesse em regressão, de modo a estabelecer uma boa relação entre o sujeito hipnotizado e o interrogador.

Isso é mais fácil dizer do que fazer. Alguns sujeitos simplesmente não respondem bem a um interrogador, independentemente da sua simpatia ou de quão bem elaborados estejam os planos. Assim aconteceu com a Gretchen e a Dr.ª Huntz. Obviamente, os testes foram excelentemente preparados, mas a Dr.ª Huntz nunca antes tinha trabalhado com ninguém em regressão. E embora a Dolores gostasse e respeitasse realmente a Dr.ª Huntz, quando a Dolores se tornava Gretchen, a história era outra. Parece agora prudente acreditar que, devido ao medo que a Gretchen tinha do *Bundesrat* e à sua desconfiança de todos os estranhos, teria sido mais sensato e infinitamente mais benéfico se lhe tivesse sido dado mais tempo para os conhecer antes de a interrogarem como Gretchen.

Também penso que, pelo facto de a Dolores e eu termos interpretado mal algo que o Dr. Stevenson nos disse, se desenvolveu um mal-entendido sério, fazendo com que a Dolores ficasse extremamente apreensiva mesmo antes de a regressão começar. Ele tinha dito que muitas pessoas gostariam de concluir que a telepatia era a resposta completa para todo o caso Gretchen. Em si mesma, esta era uma afirmação perfeitamente inocente, mas pouco depois de entrarmos no seu consultório nesse dia, ele sugeriu que, após eu hipnotizar e regressar a Dolores, eu deveria sair da sala.

Naturalmente, pensámos que ele estava a insinuar que poderia haver conluio (se não telepatia) envolvido, mas a Dolores e eu éramos completamente inocentes de qualquer farsa e ressentimo-nos secretamente do que pensámos ser uma insinuação de que a telepatia estava envolvida, o que considerávamos um absurdo. À medida que o momento para o teste se aproximava, a Dolores ficou extremamente nervosa e pediu que eu não saísse da sala. "Não há necessidade de ires embora; e não quero ser deixada sozinha com eles." Assegurei-lhe: "Relaxa,

querida, tudo vai ficar perfeitamente bem," embora eu próprio estivesse um pouco apreensivo.

Mas não devia estar. Como o Dr. Stevenson explicou mais tarde, ele e a Dr.ª Huntz não me queriam presente porque tinham medo que eu pudesse interromper e interferir com a investigação. Não importa. Fiz o que ele pediu e retirei-me para uma sala exterior, onde me sentei apreensivamente a girar os polegares. Como disse anteriormente, a Dolores e eu temos uma relação única, uma comunicação telepática que aparentemente informa um ou outro de que nem tudo está bem. Assim foi naquele dia. Vibrações psíquicas disseram-me que nem tudo estava a correr bem naquela sala onde ela jazia sozinha em regressão com a Dr.ª Huntz e o Dr. Stevenson. Possivelmente, eu estava a deixar as minhas emoções correrem desenfreadas. Mas não; o destino, à falta de melhor palavra, parecia conspirar contra a Dr.ª Huntz e o Dr. Stevenson. Lembrem-se de que eu disse que as personalidades em regressão nem sempre emergem com a mesma idade, e que a Gretchen normalmente aparecia aos nove anos.

Bem, nesse dia ela fez algo que nunca tinha feito antes: emergiu como uma entidade que habitava naquele reino de existência entre a vida e a morte aos dezasseis anos, a idade em que partiu deste mundo. Naturalmente, isso criou problemas sérios; as transcrições revelam que o Dr. Stevenson teve dificuldades consideráveis em envolver a Gretchen numa conversa significativa. A primeira afirmação lúcida de Gretchen foi "*Ich bin schlecht* [Eu sou má]" — um verdadeiro choque. Nunca antes a Gretchen tinha sequer sugerido que tivesse sido outra coisa senão uma jovem doce e decente, e possivelmente a nossa surpresa foi causada pelo conhecimento de que indiscrições morais cometidas por um sujeito numa vida anterior não são frequentemente ocultadas do hipnotizador.

Eu tinha a certeza de que, se a Gretchen tivesse sido uma rapariga "má", ela teria revelado as suas indiscrições morais em regressões anteriores. Mas esperem! Raciocinemos por um momento. Como sabemos que a Gretchen emergiu naquele dia aos dezasseis anos, possivelmente mais tarde no ano em que morreu, o que significa que ela falou connosco a partir do além, parece razoável que ela não estivesse a dizer que tinha sido má na sua vida terrena; em vez disso, porque obviamente tinha sido confinada a um lugar que aqui referimos como purgatório, parece lógico que ela estivesse a dizer, em essência: "Eu devo ter sido uma rapariga má ou não estaria confinada a este lugar sem fuga por mais de cem anos."

Mas não permitamos que as nossas mentes desçam à sarjeta. Vejam bem, na Igreja Católica Romana é um dogma que a falta de batismo é causa suficiente para o confinamento no purgatório. Por outras palavras, o seu pecado pode ter sido a falha em consagrar-se com o sacramento do batismo e ela não encontrou rejeição no céu devido a indiscrições morais. Abundam outras provas de que nem

tudo correu bem naquele dia na regressão. O mais óbvio é o facto de o Dr. Stevenson ter sido forçado repetidamente a insistir: "*Sprechen Sie lauter, bitte* [Por favor, fale mais alto]", "*Wiederholen Sie* [Diga de novo]", e "*Das ich nicht gehört. Können Sie es wieder lauter sprechen?* [Não ouvi isso. Pode dizer outra vez mais alto?]" A Gretchen tentou desesperadamente fazê-los compreender que era impossível para ela falar como um deles porque "*Ich bin schläft* [Eu estou a dormir]".

Mas qualquer pessoa que tenha estado envolvida em qualquer tipo de investigação aprende depressa que o significado total de afirmações feitas por pessoas num determinado momento nem sempre é totalmente compreendido de imediato, e tenho a certeza de que nem a Dr.ª Huntz nem o Dr. Stevenson captaram imediatamente o significado da afirmação da Gretchen quando ela disse: "*Ich bin schläft!*" Sou de opinião que, se tivessem parado para contemplar momentaneamente, teriam percebido que ela estava a usar a palavra como é frequentemente aplicada em elogios fúnebres, significando "Estou no sono eterno da morte."

Até a pergunta seguinte do Dr. Stevenson indica que ele não parou para pensar dessa forma, especialmente quando disse: "*Schläft? So, könnten Sie nun wieder aufwachen?* [Dormir? Bem, poderia acordar agora?]" "*Nein*," respondeu a Gretchen tristemente, recordando os seus últimos dias na terra, "*nicht wollen zurück* [Não, não querida de volta]." Claramente, a Gretchen estava a dizer que não estava então a dormir em Eberswalde, nem acreditava na sua própria mente que as autoridades a quisessem de volta, caso contrário não a teriam morto.

Mas, aparentemente, o Dr. Stevenson ainda não se tinha apercebido de que a sua voz suave e etérea indicava que era alguém a falar do outro mundo, e insistiu com ela: "*Gretchen, sprechen Sie ein wenig lauter.* [Gretchen, fale um pouco mais alto.]" Como de costume, a menos que a Gretchen estivesse extremamente cansada ou confusa, ela tentava obedecer e disse esperançosamente: "*Ich versuche.* [Vou tentar.]" Finalmente satisfeito por estar a fazer progressos, ele disse: "*Ja, versuche.* [Sim, tente.]"

Depois acrescentou: "*Nun gehen wir nach ihrem Hause, ja? So.* [Agora vamos para a sua casa, está bem?]" Mas a Gretchen percebeu subitamente que, afinal, o Dr. Stevenson não compreendia, e disse: "*Vor langer Zeit* [Há muito tempo atrás]", deixando o Dr. Stevenson atónito ao ponto de responder: "*Vor langer Zeit?* [Há muito tempo atrás?]" "*Ja*," concordou a Gretchen, esperando que ele compreendesse. E aparentemente o Dr. Stevenson começou a suspeitar que ela não podia voltar à sua casa terrena, e perguntou: "*Wo ist Hause?* [Onde é a casa?]", significando, presumo eu, "A sua casa é no além ou na terra?" "*Vor langer Zeit* [Há muito tempo atrás]," lamentou ela, "*Ich bin schlecht* [Eu sou má]", indicando que está agora confinada àquele lugar no além e não pode voltar para a sua casa na terra.

Depois, quase como um pensamento tardio, como que por curiosidade, perguntou: "*Warum zurückkommen?* [Porque é que volto? ou, traduzindo o vernáculo simples de Gretchen, Porque é que quer que eu volte?]" Embora outros possam discordar, não vejo qualquer razão possível para considerar qualquer causa para acreditar que a Gretchen estava a indicar que estava meramente num sono natural como o que nós, mortais, desfrutamos neste mundo; pelo contrário, ela pareceu deixar abundantemente claro que o seu "*schläft* [sono]" é o sono da morte no além.

Ela enfatizou este mesmo pensamento quando se recusou a repetir a sua última afirmação para o Dr. Stevenson, dizendo: "*Nein! Sie verstehen nicht.* [Não! Vocês não compreendem.]" A minha experiência com centenas de pessoas em regressão faz-me acreditar que a Gretchen tentou dizer ao Dr. Stevenson: "Eu sou o que vocês chamariam de morta." Raciocino assim porque ouvi muitas pessoas em regressão exclamarem no momento da sua morte: "Oh, eu morri!" Ouvi-as frequentemente descrever o momento da morte, mas nunca ouvi ninguém em regressão fazer a afirmação "Eu estou morto." Na verdade, não há razão para alguém proclamar que está morto, porque cada personalidade no além está viva, muito mais viva, creio eu, do que qualquer um de nós neste mundo.

Embora a Bíblia fale daqueles que deixam de existir neste mundo como mortos, e embora usemos a palavra "morte" para nos referirmos àqueles que nos precederam no além, não existe tal coisa como a morte, exceto para aqueles no inferno, que nunca podem conhecer a verdadeira alegria de viver. Assim, dizemos que a palavra "morte" para aqueles no além não tem significado; é inexistente. É verdade que já ouvi uma pessoa a passar desta vida para a próxima exclamar no momento da morte: "Eu morri!", mas depois de ter dito isso, a experiência da morte é rapidamente esquecida e, aparentemente, tais pessoas não têm memória do evento, nem falarão dele novamente a menos que sejam movidas cronologicamente para esse momento em regressão.

Também tem sido minha experiência que aqueles no além que ainda não atingiram a perfeição — tornando-se um com Deus — frequentemente falam da sua existência atual como sono, uma existência concebida como pensamento, um interlúdio que precede o avanço para o sétimo estágio de Myers, conhecido como Atemporalidade, ou o estado referido pelos reencarnacionistas como *nirvana*.

A experiência constante de trabalhar com pessoas em regressões é um pré-requisito para compreender as nuances finas inerentes às expressões dos sujeitos regressados e, se preferirem chamar-lhe ego em vez de experiência, sinto honestamente que teria sabido intuitivamente o que a Gretchen estava a tentar dizer; teria feito perguntas que poderiam ter levado a experiências mais frutíferas se estivesse presente na sala com a Dr.ª Huntz e o Dr. Stevenson naquele dia.

Por exemplo, numa ocasião, o Dr. Stevenson disse à Gretchen: "*Erzählen Sie uns eine Geschichte.* [Conte-nos uma história.]" Se eu estivesse lá e soubesse o que ele disse, teria sido forçado a intervir: "Isso é proibido!" Tê-lo-ia feito porque a experiência me ensinou que ele lhe tinha pedido para fazer algo que ela nunca faria. Vejam bem, os sujeitos em hipnose respondem quase sempre ao significado literal de uma palavra, frase ou pergunta e, como a Gretchen não estava habituada a contar histórias, não começaria a fazê-lo nessa altura. As pessoas em hipnose contam as coisas como elas são.

Isto é, revelam apenas os eventos que estão a experienciar naquele preciso momento, um facto que o Dr. Stevenson conhecia bem, mas que esqueceu momentaneamente. Isto, então, é apenas para dizer que duas cabeças experientes pensam melhor que uma, que a minha presença na sala poderia ter poupado à Gretchen o conflito desnecessário de tentar resolver um problema insolúvel. Uma outra situação precisa de ser discutida. A certa altura, a Dolores começou a abrir os olhos e o Dr. Stevenson instruiu rapidamente: "*Nein, machen ihre Augen zu.* [Não, feche os olhos.]"

Ora, normalmente a Dolores ficava deitada passivamente com os olhos fechados como se estivesse a dormir, mas algumas das informações mais recompensadoras que a Gretchen nos deu vieram quando ela abriu os olhos, se levantou e andou de um lado para o outro, dando uma ação animada e resposta às coisas que estava a ver ou a fazer naquele momento. O Dr. Stevenson pode ter pensado que ela estava a sair do transe e fez o que era sensato nas circunstâncias mas, como eu tinha trabalhado tão de perto com ela, poderia ter discernido rapidamente se ela estava de facto a acordar ou apenas a olhar em volta num transe, caso em que eu poderia ter dito: "Gretchen, diz-nos o que vês." Teria sido extremamente interessante ver o que ela diria.

Quanto à Dr.ª Huntz, é uma pessoa maravilhosa e uma linguista perita, mas senti que ela estava tão ansiosa por ajudar e tão absorvida no drama que pensou erradamente que poderia regressar a Gretchen à sua infância dizendo: "*Gretchen, ich möchte mit dir spielen.* [Gretchen, gostaria de brincar contigo.]" Mas como a Gretchen, naquele momento, não conhecia a Dr.ª Huntz, não tinha absolutamente nenhum interesse em brincar. "*Spielen?* [Brincar?]", perguntou ela incrédula. "*Nein!*", rebelou-se, abanando a cabeça firmemente. Para alguém que vive no além, brincar é um absurdo. Como irei elaborar mais tarde, aquelas pobres almas no além estão preocupadas apenas em escapar de uma eternidade de tédio infeliz e frustração.

Além disso, a Gretchen tinha vivido e morrido há mais de cem anos e uma coisa era certa: a Hilda Huntz não fora uma das suas companheiras de brincadeira. Portanto, de certa forma, era incongruente para ela, vivendo nesta época, pensar que poderia subitamente recuar mais de cem anos e tornar-se automaticamente companheira de brincadeira da Gretchen.

Felizmente, o Dr. Stevenson interveio imediatamente, percebendo que, para se conseguir algo que valesse a pena, a Gretchen teria de ser movida cronologicamente para trás no tempo até se tornar novamente uma residente de Eberswalde numa idade mais jovem. Mas a Gretchen resistiu aos seus esforços, possivelmente porque ele tentou empregar um método com o qual ela não estava familiarizada. Em duas outras ocasiões, noutras regressões, ele tentara mover a Gretchen de uma idade para outra e falhara, mas deve recordar-se que a Gretchen tinha geralmente medo do *Bundesrat*, especialmente quando estavam presentes estranhos.

A Gretchen pensava sempre em mim como seu amigo. Embora a Dolores fosse minha esposa e a Gretchen falasse através da Dolores, a Gretchen nunca pensou em mim como mais do que um amigo. A Gretchen não conhecia a Dolores e, quando lhe perguntavam se alguma vez tinha ouvido falar de Dolores Jay, ela respondia sempre: "*Nein*", uma resposta lógica, uma vez que nenhuma Dolores Jay vivia em Eberswalde quando a Gretchen vivia nessa cidade como rapariga. Por mais vezes que o nome da Dolores fosse mencionado, a Gretchen não admitia conhecê-la, o que era apenas natural porque a Dolores não fizera parte da sua existência natural e física na terra.

A Gretchen também não me conhecia, nem ao Dr. Stevenson, ao Dr. Klaus, ao Dr. Rohl ou à Dr.ª Huntz. Ela referia-se sempre a mim como "*Mein Freund* [Meu amigo]". Desde que emergiu pela primeira vez através da Dolores, a Gretchen tivera um pavor terrível do *Bundesrat* e não falava com ninguém por medo de ser traída, temendo ser denunciada ao *Bundesrat*. Mais importante ainda, em regressões, ela não falava com ninguém a menos que eu apresentasse primeiro a pessoa a ela como "Meu amigo, alguém em quem podes confiar". E essa não era uma tarefa fácil.

Só após a sua terceira ou quarta emergência é que ela finalmente me aceitou como seu amigo, alguém que ela sabia que podia confiar e que não a trairia ao *Bundesrat*. Possivelmente isso, mais do que qualquer outra coisa, fê-la rejeitar rapidamente a oferta da Dr.ª Huntz para ser uma amiga, alguém com quem ela pudesse brincar. Essa confiança e afinidade não tinham sido realmente desenvolvidas.

Tal explicação não conta a história toda. Quando criança, a Gretchen vivia na pequena cidade ou lugar chamado Eberswalde, e os seus amigos limitavam-se aos filhos dos vizinhos: Karl, Kurt, Karin e Erich Schilder. Portanto, embora fosse louvável a Dr.ª Huntz dizer "Gretchen, quero ser tua amiga e brincar contigo", isto só poderia ter deixado a Gretchen desconfiada, uma vez que não conhecera nenhuma Hilda Huntz durante os seus dias de infância nesta terra.

Como insisto redundantemente, a Gretchen só conseguia discutir as coisas, pessoas e eventos que eram uma parte real da sua existência terrena. Se tivesse

feito o contrário, os factos exigiriam que concluíssemos que a Gretchen estava a fabricar ficções da imaginação da Dolores, uma imaginação que incorporaria quaisquer sugestões apresentadas pelos seus questionadores.

Aqui reside um facto interessante. Quando o Dr. Stevenson tentou mover a Gretchen para uma idade mais jovem, perguntou: "*Wie alt sind sie?* [Que idade tens?]", e ela respondeu: "*Ich bin sechzehn.* [Tenho dezasseis anos.]" Essa foi uma resposta estranha, estranha no sentido de que, embora muitos dos nossos teólogos modernos insistam que a morte é o fim da vida física, a dissolução do corpo, muitos insistem por vezes de forma mais veemente que mesmo na morte uma pessoa crescerá e amadurecerá até à plena idade adulta. Se isso for verdade, porque é que a Gretchen disse que tinha apenas dezasseis anos quando sabíamos que ela estava morta há mais de cem anos?

Ouvi uma vez um ministro afirmar de forma muito dogmática no funeral de um bebé: "Amados, alegrem-se com o conhecimento de que, quando encontrarem o vosso amado filho no céu, ela será uma jovem mulher belíssima." Pensei: "Ora, esse é um pensamento reconfortante." Depois continuei a refletir: "Acredito que a vida continua após a morte, mas embora continuemos a crescer em conhecimento e a aprender sobre as coisas eternas, não há absolutamente nenhuma razão para viver na falsa esperança de que iremos amadurecer fisicamente como fazemos nesta vida."

Se o fizéssemos, considerem o que isso significaria. Se, como disse o pastor, "O seu filho crescerá e será uma jovem mulher belíssima", o que poderemos então dizer sobre nós, pessoas mais velhas, que já somos feios e enrugados? Ficaremos mais feios e mais enrugados? E quanto a Moisés, Elias e David? Serão eles agora nada mais do que relíquias antigas e irreconhecíveis? Claro que não. Estou a ser faccioso. Além disso, a Bíblia diz-nos que nos será dado um novo corpo, "moldado à Sua própria semelhança". Mais importante, como diz o Apóstolo Paulo: "Porque agora vemos como por um espelho, em enigma; mas então veremos face a face: agora conheço em parte; mas então conhecerei como também sou conhecido" (I Coríntios 13:12). Por favor, notem que isto não diz nada sobre envelhecer — diz apenas que conheceremos... tal como somos conhecidos.

Regressando à regressão com a Dr.ª Huntz, o Dr. Stevenson e a Gretchen, o facto de a Dr.ª Huntz ser uma novata foi também uma bênção, porque ela injetou novos pensamentos normalmente ignorados por aqueles de nós que trabalharam tanto e arduamente na tarefa. Por exemplo, ela fez uma pergunta que nunca me teria ocorrido: "*Gretchen, hast du schon etwas von Wiedergeburt gehört?* [Gretchen, já ouviste falar de reencarnação?]"

"*Ja*," respondeu ela com naturalidade, "*Ist Geburt von mein Mutter.* [Sim, é o nascimento da minha mãe.]"

Essa foi uma pergunta extremamente interessante e uma resposta ainda mais surpreendente. Mas a inexperiência da Dr.ª Huntz impediu-a de perseguir a resposta até à sua conclusão final, e ficamos a perguntar-nos: será que todas ou mesmo a maioria das personalidades no além conceptualizam a reencarnação como nascimento, ou associam a reencarnação ao nascimento?

Certamente, muitos reencarnacionistas insistem que fazem o último. Séculos de tradição religiosa e filosófica sugerem que a existência humana é uma série de renascimentos. Os nossos antepassados pré-históricos acreditavam não só na sobrevivência da personalidade humana após a morte, mas no regresso da alma noutro corpo para esta vida. Os Yorubas da Nigéria acreditam que as crianças mortas que foram maltratadas pelos pais renascem repetidamente dentro das mesmas famílias.

O antigo escritor grego Heródoto diz-nos que os egípcios foram os primeiros a ensinar que a alma humana é imortal e que, com a morte do corpo, a alma entra mais uma vez num corpo humano ao nascer. A Gretchen, embora associasse a reencarnação ao nascimento da sua mãe, nunca se referiu ao seu próprio nascimento como reencarnação. As opiniões sobre este assunto podem sofrer grandes divergências, mas eu sugeriria que cada um deveria ser deixado a formar a sua opinião.

No seu livro *Is Death the End?*, o Dr. John H. Holmes, um teólogo de Nova Iorque, diz: "Ninguém pode estudar as evidências dadas neste campo específico sem notar a trivialidade, quase inanidade, das comunicações recebidas [de comunicadores psíquicos]. Aqui viemos", acrescenta ele com elogios ténues para os comunicadores, "em busca de evidências da vida futura e de informação sobre o que significa morrer e passar para o grande além. E o que obtemos? Primeiro que tudo, há esforços frenéticos por parte de supostos espíritos para provar a sua identidade através da citação de detalhes intrincados e sem importância sobre onde estavam e o que fizeram em diferentes momentos quando estavam entre os homens na terra, e repetidamente há uma descida à obscuridade e ao tagarelar débil."

Por outro lado, nas comunicações de Patience Worth, uma personalidade desencarnada que começou a falar através de uma dona de casa de St. Louis em 1913, não houve esforços da sua parte para provar a sua identidade e raramente falava sobre si mesma e o passado. "Sobre mim", diz ela, "o ontem está morto". O mesmo acontece com a Gretchen. Ela afirmava não ter sido uma pessoa de grande importância, nem se gabava de ter feito nada de grandioso. Mais importante ainda, falava apenas das coisas que ocorriam no momento para o qual era regressada.

Não era nem sobre o nascimento, nem sobre a reencarnação, nem sobre eventos que abalassem o mundo que a Gretchen queria falar naquele dia, mas sim

sobre a morte! Sim, a morte e a vida no grande além eram as coisas que ocupavam a sua mente. Estava tão preocupada com o assunto que acabou por voluntariar: "*Ich... ich mit meine Mutter.* [Eu... eu estou com a minha mãe.]"

"*Ihre Mutter?* [A sua mãe?]", perguntou o Dr. Stevenson com surpresa. "*Wo ist Ihre Mutter?* [Onde está a sua mãe?]"

Felizmente, a Gretchen disse: "*Im Himmel.* [No céu.]"

"*Wo?* [Onde?]", perguntou o Dr. Stevenson incrédulo.

Gretchen: "*Ist... ist tot. Vor langer Zeit.* [Está... está morta. Há muito tempo atrás.]"

Stevenson: "*Was ist ihre passiert?* [O que lhe aconteceu?]"

A Gretchen ignorou a sua pergunta e disse: "*Jetzt Gretchen mit ihr.* [Agora a Gretchen está com ela.]"

Stevenson: "*Und wo ist Ihre Mutter?* [E onde está a sua mãe?]"

Desta vez, a Gretchen sorriu. "*Im Himmel.* [No céu.]"

Intrigado, o Dr. Stevenson perguntou: "*Und kommt Sie wieder zurück?* [E ela vai voltar?]"

A Gretchen recusou-se a dizer sim ou não. Ela respondeu: "*Ich gehe mit ihr.* [Eu vou com ela.]"

Huntz: "*Ja, du gehst zu ihr. In den Himmel. Wann kommst du in den Himmel zu ihr?* [Sim, tu vais para junto dela. No céu. Quando é que vais para o céu para junto dela?]"

"*Vor langer Zeit* [Há muito tempo atrás]", repetiu a Gretchen, pela quarta vez.

A Dr.ª Huntz perguntou então: "*Und warum kommst du in den Himmel?* [E porque vais para o céu?]"

Pensando como um ministro e sem querer desrespeitar a Dr.ª Huntz, se eu fosse a Gretchen teria sido tentado a responder: "Porque é muito melhor do que ir para o inferno." Mas a pergunta da Dr.ª Huntz não pode ser lida sob a luz fria da impressão, porque ela obviamente queria dizer "O que causou a tua morte?"

Mas a Gretchen esqueceu rapidamente os detalhes traumáticos da morte e do morrer e respondeu extasiada: "*Es ist sehr schön!* [É muito bonito!]"

A Dr.ª Huntz sorriu com o pensamento e concordou. "*Ja, es ist sehr schön.* [Sim, é muito bonito.]"

Depois, por alguma razão desconhecida, a Gretchen foi aparentemente transportada em espírito de volta aos seus últimos momentos na floresta e

chorou. "*Warum der Mann stechen mir?* [Porque é que o homem me esfaqueia?]"

"*Bitte?* [Como?]", gritou a Dr.ª Huntz em choque. "*Sag's nochmal!* [Diz isso outra vez!]"

A Gretchen só conseguiu encolher-se e implorar em terror: "*Helfen Sie mir!* [Ajude-me!]"

A Dr.ª Huntz assegurou-lhe simpaticamente: "*Ja, ich helfe dir. Was soll ich tun, Gretchen?* [Sim, eu ajudo-te. O que devo fazer, Gretchen?]"

Gretchen: "*Es ist sehr schrecklich!* [É muito terrível!]"

Huntz: "*Was ist schrecklich? Sag's mir, damit ich dir helfen kann.* [O que é terrível? Diz-me para que eu te possa ajudar.]"

A Gretchen continuou a contorcer-se e a gemer de dor.

Huntz: "*Ich helfe dir, Gretchen. Sag's mir. Was ist schrecklich?* [Eu ajudo-te, Gretchen. Diz-me. O que é terrível?]"

Começando a perder o seu fôlego de vida e a afundar-se rapidamente, a Gretchen sussurrou como se soubesse que o fim estava próximo: "*Alles schwarz.* [Tudo preto.]"

Simpatizando como uma amiga carinhosa, a Dr.ª Huntz perguntou sem pensar, embora soubesse que a Gretchen tinha sido esfaqueada: "*Hast du Wunden, Gretchen?* [Tens feridas, Gretchen?]"

"*Es ist sehr...* [É muito...]"

"*Ich sehe* [Eu vejo]", disse a Dr.ª Huntz de forma consoladora. Depois, tentando determinar a gravidade do ferimento, perguntou: "*Ist etwas an deiner Hand? Ist da Blut?* [Há alguma coisa na tua mão? Há sangue?]"

Continuando a gemer, a Gretchen sussurrou: "*Mein... Kopf!* [A minha... cabeça!]"

"*Am Kopf? Aber warum, Gretchen? Du bist ein Kind* [Na cabeça? Mas porquê, Gretchen? Tu és uma criança]", lamentou a Dr.ª Huntz, quase em lágrimas.

"*Nein*," rebateu a Gretchen, achando-se uma mulher, e de facto ela era velha para a sua idade, com a luta a fazer da sua vida um inferno na terra.

Subitamente, lembrando-se de que era uma investigadora, de que não estava realmente presente com a Gretchen nos seus momentos finais, a Dr.ª Huntz assumiu um tom mais profissional e pressionou a Gretchen por informações necessárias.

Huntz: "*Was tut dir weh, Gretchen?* [Quem te está a magoar, Gretchen?]"

GRETCHEN: "*Männer.* [Homens,]", suspirou ela, resignada à dor e à morte.

Huntz: "*Der Mann?* [O homem?]"

GRETCHEN: "*Ja.* [Sim.]"

Huntz: "*Aber warum? Ist der Man böse?* [Mas porquê? O homem está zangado?]"

GRETCHEN: "*Ja. Sehr böse!* [Sim. Muito zangado!]"

Huntz: "*Aber warum, Gretchen? Du bist lieb.* [Mas porquê, Gretchen? Tu és doce.]" A Dr.ª Huntz falou com amor, esquecendo novamente o seu papel de investigadora, tocada pela graciosidade de Gretchen mesmo na tragédia.

GRETCHEN: "*Ich weiss nicht. Ich...* [Não sei. Eu...]"

Huntz: "*Du weisst es não? Wie sieht der Mann aus?* [Não sabes porquê? Como é o homem?]"

GRETCHEN: "*Der Mann... reiten das Pferd.* [O homem... cavalga o cavalo.]"

Huntz: "*Ist er Soldat?* [Ele é um soldado?]"

GRETCHEN: "*Ja, ja.* [Sim, sim.]"

Huntz: "*Ist der im Wald? Und du bist auch im Wald verborgen?* [Ele está na floresta? E tu também estás escondida na floresta?]"

GRETCHEN: "*Ja. Hinter dem Baum.* [Sim. Atrás da árvore.]"

Huntz: "*Gretchen ist verborgen?* [A Gretchen está escondida?]"

GRETCHEN: "*Verboten. Sprachen mit...* [Proibido. Falar com...]"

Huntz: "*Mit wem darfst du nicht sprechen, Gretchen?* [Com quem não podes falar, Gretchen?]"

Mas a Gretchen apenas jazia e gemia. Não falaria mais.

Lembrando que a Gretchen falou de escuridão, parece apropriado perguntar o que realmente acontece quando o subconsciente de uma pessoa lhe revela uma visão da vida no outro mundo. A maioria das pessoas pergunta-se se existe um padrão definido. Experienciam todos os mesmos fenómenos? Não propriamente. Alguns podem ver um lugar de beleza brilhante e gloriosa; podem ver uma luz brilhante ou podem habitar num nevoeiro cinzento sombreado de preto; mais importante, a maioria é consistente na sua insistência de que a vida continua em

forma de espírito. Muitos descreveram em grande detalhe encontros com familiares e amigos há muito partidos com quem comunicam.

Como? Se são espírito e não possuem equipamento físico, como cordas vocais, como é que falam?

A Dolores dizia sempre, ao passar para esse reino misterioso: "Eu não sou, portanto não existo." Quando eu lhe lembrava que ela de facto existia, caso contrário não poderia comunicar comigo e com os espíritos ao seu redor nesse outro mundo, ela dizia: "Vivemos, movemo-nos e temos o nosso ser através do pensamento."

"Então existes e comunicas através do pensamento?"

"Sim," explicava ela pacientemente, "nós somos pensamento."

Algumas pessoas poderiam pensar que a Dolores estava apenas a desenterrar um conceito de vida do reservatório do seu subconsciente, uma ideia adquirida em aulas passadas de filosofia. Mas não! A sua educação formal terminou na Roosevelt Wilson High School há muito tempo e é certo que a filosofia não era uma das disciplinas nas suas aulas de administração de empresas. Além disso, embora a Dolores seja uma leitora inveterada, não se dedica muito a coisas pesadas e, obviamente, a leitura séria é uma necessidade absoluta se se pretende desenvolver uma teoria viável de conceitos filosóficos.

Consideremos a afirmação de Dolores de que, no além, ela existia como pensamento. A sua declaração "Eu não sou, portanto não existo" é uma antítese comparável ao *Cogito, ergo sum* ("Penso, logo existo") de Descartes. Na sua busca por parentes absolutos para a sua identidade, René Descartes iniciou uma demanda pela certeza da sua própria existência, que se tornou para ele a ciência da realidade. Essa realidade surgiu-lhe apenas depois de ele se ter proposto a duvidar de tudo, até mesmo do produto da sua própria experiência, da aprendizagem das escolas, das tradições do Ocidente e das perceções especiais do Cristianismo.

Eventualmente, Descartes foi capaz de verificar a verdade da sua existência para sua satisfação através do seu novo (e do que ele considerava infalível) método. Convenceu-se de que provou a sua tese da realidade ao acreditar, em última análise, que, embora duvidasse de tudo o resto, poderia sempre depender de um facto indiscutível, a saber: "Penso, logo existo."

Bem, então, seremos nós mortais, como concluiu Descartes, nada mais do que carne e sangue dotados de pensamento, pensamento revestido de carne?

Se aceitarmos tal postulado, não teremos então de rejeitar totalmente as duas pesadas premissas pelas quais muitas pessoas viveram e morreram? Isto é, poderemos ainda afirmar que cada um de nós é um ser supremo da criação de Deus, uma criatura a quem o Todo-Poderoso dotou de uma alma imortal, uma

alma que regressa ao seu Criador para recompensa ou julgamento quando a vida na terra termina; ou poderemos olhar para o outro lado da moeda e acreditar que somos organismos de carne e sangue que por acaso evoluíram da humilde amiba, organismos que acabam por morrer sem o indício de um pensamento de que exista qualquer existência para além do túmulo?

Devemos dar um passo em frente e dizer que os conceitos de céu, inferno e purgatório, onde a alma habita após a morte, são meras fabricações das nossas mentes se admitirmos que somos mero pensamento ou o ápice da evolução darwinista. Se acreditarmos, como a maioria dos cristãos faz, então rejeitamos tais suposições e vivemos pela fé de que o céu, o inferno e o purgatório são lugares reais de existência, a morada da alma na vida que há de vir.

Muitos conceitos sobre o nosso fim último abrangem apenas uma parte do conceito precedente, tal como a crença de que o céu sem o inferno é o lugar de descanso final da alma, um produto da suposição de que um Deus amoroso nunca permitiria que ninguém fosse atormentado no inferno. Depois há a crença que proclama "Do pó vieste e ao pó retornarás", sem recompensa ou castigo, nem sequer uma existência futura da alma.

Finalmente, embora eu não possa listar todos os conceitos nesta obra, parece imperativo pelo menos mencionar a premissa dos reencarnacionistas, que proclama a existência da alma e, de acordo com o Dr. Stevenson, muitos chegam ao ponto de expressar uma crença forte no céu, no inferno e no purgatório. Mas, basicamente, os reencarnacionistas acreditam que, em última análise, todos alcançaremos a perfeição após muitas viagens por muitos planos de existência no além, aliadas a muitas encarnações na terra, alcançando assim a perfeição e permitindo-nos atingir o *nirvana*, concebido como tornar-se um com Deus.

Para todos os que não conseguem acreditar que alguém algum dia alcançará um estado de perfeição nesta vida, ou que não apenas "retornamos ao pó", a pergunta deve ser feita: o que fazemos com o céu, o inferno e o purgatório? E quanto à disposição final da alma?

Consideremos primeiro a alma. Será a alma o espírito de nós, seres humanos, apenas enquanto vivemos, nos movemos e temos o nosso ser nesta vida? Ou será a alma aquela parte da raça humana que vive eternamente como espírito no mundo que há de vir? Será o mesmo que "pensamento"? Se somos mero pensamento, serão o pensamento e o espírito um e o mesmo?

Gretchen diz que é pensamento, que comunica através do pensamento. Descartes disse: "Penso, logo existo." Significará isto que o pensamento é indestrutível, que o pensamento vive mesmo após a morte do corpo? Existirá o pensamento no além e habitará nesse mundo até que ele, o pensamento, decida pensar-se a si próprio para a existência neste mundo, vindo para este mundo para uma nova vida num novo corpo? Lembrem-se: Deus pensou, e a criação foi o

produto do Seu pensamento. Não, eu não igualo Descartes a Deus — apenas enfatizo o poder supremo do conceito de poder de Descartes.

Carl Jung formulou uma teoria da personalidade que nos pode ajudar a chegar a respostas não consideradas normalmente por demasiadas pessoas. Ele via a personalidade de cada indivíduo como o produto e o contentor da história ancestral. Acreditava que eu e você fomos moldados na nossa forma atual pela acumulação de traços ou pensamentos de gerações passadas que se estendem até às origens remotas e desconhecidas da nossa raça.

Jung concebeu a personalidade total (o *self* ou psique, como ele lhe chamava) como consistindo em sistemas separados mas interativos. Os principais são o ego, o inconsciente pessoal e os seus complexos: o inconsciente coletivo e os seus arquétipos — a *persona*, a *anima* ou *animus*, e a sombra. O ego é a mente consciente e é composto por perceções, memórias, pensamentos e sentimentos conscientes. É responsável pelo sentimento de identidade e continuidade de cada um.

O inconsciente pessoal é uma região adjacente ao ego e consiste em experiências que outrora foram conscientes, mas que foram recalcadas, suprimidas, esquecidas ou ignoradas. Os conteúdos do inconsciente pessoal são acessíveis à consciência, e há uma grande quantidade de tráfego bidirecional entre o inconsciente pessoal e o ego.

O inconsciente coletivo na psicologia junguiana parece ser o armazém de traços de memória latentes que os indivíduos herdam do seu passado ancestral. É o resíduo do nosso desenvolvimento evolutivo, um resíduo que se acumula como consequência de experiências repetidas ao longo de muitas gerações. Por exemplo, as pessoas estão predispostas a ter medo do escuro ou de cobras porque, supostamente, o homem primitivo encontrou muitas cobras e outros perigos no escuro.

Mais importante ainda, o inconsciente (subconsciente) detém possibilidades que estão trancadas longe da mente consciente porque tem à sua disposição todos os conteúdos sublimados, todas aquelas coisas que foram esquecidas ou negligenciadas, bem como a experiência e a sabedoria de séculos inumeráveis. Não será possível que a hipnose seja a chave para esse vasto reservatório de experiência e sabedoria?

Geneticamente, é. Quando uma nova vida é concebida no zigoto, todos os traços das partes que se acasalam são passados para a nova criação e, embora os pais acabem por deixar de existir nesta vida, ainda há algo das suas vidas a viver na sua descendência.

Visto que muitos de nós acreditamos na vida após a morte e abundam evidências de que existe uma vida após a morte, parece certamente razoável que haja vida após a morte. No entanto, muita dúvida tem sido lançada sobre a sua

realidade, porque a própria Igreja tem sido ambígua sobre o assunto. A maioria das igrejas inclui a vida após a morte como um dogma de fé, mas muitos dos nossos ministros ultramodernos deploram a pregação de um evangelho que ignora a quantidade de dinheiro recebido e os esforços despendidos num evangelho social. A vida após a morte é, para eles, a deslocação de minorias dos guetos para apartamentos em arranha-céus ou o aumento dos seus salários para um nível profissional.

A imortalidade tem sido um desejo inato da maioria das pessoas em todos os tempos, mas a Igreja Cristã baseia a sua crença em muitos dos ditos das Escrituras de Jesus, tais como "Porque eu vivo, vós também vivereis" (João 14:19) e "Eu sou a ressurreição e a vida: quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá: e todo aquele que vive e crê em mim, nunca morrerá" (João 11:25, 26). I João 8:51 diz: "Se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte", e I João 3:14 diz-nos: "Sabemos que passámos da morte para a vida." Depois, novamente, I João 5:11 revela: "E este é o testemunho: que Deus nos deu a vida eterna."

Existe um debate considerável sobre o que acontece imediatamente após a morte — vamos diretamente para o céu ou para o inferno? Mas muitos gritam "Nenhum!", insistindo que não há recompensa ou punição imediata, uma vez que o corpo deve jazer no túmulo até à Segunda Vinda de Cristo no Arrebatamento, a *Parousia*, quando Cristo vier pela Sua Igreja e ocorrer a ressurreição dos mortos.

Os ateus não acreditam em Deus, logo, nem céu, nem inferno, nem ressurreição. "Pó és e ao pó retornarás", proclamam eles, chegando a insinuar que a nossa única utilidade é tornarmo-nos um dia um campo de batatas ou um milharal.

Para o reencarnacionista não há recompensa nem castigo. Embora alguns afirmem acreditar no céu, no inferno e no purgatório, para eles a morte é um interlúdio entre vidas, com cada encarnação supostamente permitindo-lhes pagar dívidas cármicas até que uma sucessão de encarnações lhes permita tornarem-se tão aperfeiçoados que se tornam "um com Deus."

Agora, são necessárias algumas palavras de explicação. A autoridade para aqueles que acreditam que entramos no céu ou no inferno imediatamente após a morte provém de duas passagens bíblicas. A primeira destas encontra-se em S. Lucas 23:39-43 e diz respeito apenas ao céu: "E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós.

Mas, respondendo o outro, repreendia-o, dizendo: Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez. E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim quando vieres no teu reino. E disse-lhe Jesus:

Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso." Significando, claro, que Jesus estava a dizer: "Filho, hoje, logo após morreres, a tua alma estará no céu."

A segunda, tratando da possibilidade de ambos, céu e inferno, encontra-se em S. Lucas 16:19–31: "Havia um certo homem rico, que se vestia de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente. Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à sua porta, e desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico... E aconteceu que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico e foi sepultado. E no inferno ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio. E, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama."

Claramente, podemos dizer que as passagens precedentes se referem aos estados conhecidos como céu e inferno, mas para o terceiro grupo de crentes, que insistem que não entramos nem no céu nem no inferno imediatamente após a morte, mas jazemos nos nossos túmulos até à Segunda Vinda de Cristo, precisamos de olhar para I Tessalonicenses 4:13-18: "Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele.

Dizemos-lhes, pois, isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras."

Eu coloco uma quarta possibilidade: quando eliminamos aqueles que ou vão para o céu ou para o inferno, se tornam mero pó, ou esperam pacientemente nos seus túmulos até ao Grande Dia do Julgamento, haverá um quarto grupo a ser considerado? Por outras palavras, existe vida entre mortes? Eu creio que sim! A vida após a morte e a vida entre a morte são claramente indicadas durante os três dias em que Jesus supostamente jazia morto no túmulo. I Pedro 3:18–20 diz: "Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; sendo, na verdade, morto na carne, mas vivificado pelo Espírito; no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão; os quais noutro tempo foram desobedientes."

A *Living Bible* diz de forma mais clara: “Cristo também sofreu. Ele morreu uma vez por todos nós, pecadores culpados, embora ele próprio fosse inocente de pecado em qualquer altura. Mas, embora o seu corpo tenha morrido, o seu espírito continuou a viver, e foi em espírito que ele visitou os espíritos na prisão e pregou-lhes...” “Prisão” aqui refere-se ao Hades ou àqueles no túmulo.

Se não houvesse vida após a morte, Jesus teria feito essa viagem ao lugar do além apenas para pregar pelo simples prazer de fazer barulho. Não acredito nisso, nem acreditaram aqueles na prisão no além (morte) que o ouviram falar. Mais importante ainda, o que o próprio Jesus teve a dizer sobre o assunto? S. João 5:25–29 diz: “Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida... Em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Sonho de Deus; e os que a ouvirem viverão...”

Em S. Lucas 4:18 Jesus disse: “O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me a curar os quebrantados de coração, a pregar liberdade aos cativos [no túmulo]...” E em Efésios 4:8-10, Paulo escreveu: “Pelo que diz: Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro, e deu dons aos homens. Ora, isto — ele subiu — que é, senão que também antes tinha descido às partes mais baixas da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas.”

Como poderia ele cumprir todas as coisas? Romanos 10:6-13 diz: “Mas a justiça que é pela fé diz assim: Não digas no teu coração: Quem subirá ao céu? (isto é, a trazer do alto a Cristo). Ou: Quem descerá ao abismo? (isto é, a tornar a trazer dentre os mortos a Cristo). Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a palavra da fé, que pregamos, a saber: Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação. Porque a Escritura diz: Todo aquele que nele crer não será confundido... Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.”

Para mim, tudo isto significa que o nosso Senhor desceu entre a Sua paixão e ressurreição para pregar aos espíritos aprisionados no Hades e oferecer salvação aos pecadores que tinham morrido sem ouvir o evangelho ou sem terem oportunidade de se arrepender.

Quanto a “E a vida entre mortes?”, obviamente, se Cristo desceu ao Hades para pregar, fê-lo porque sabia que havia almas ali que podiam ouvir e aceitar a salvação oferecida. Argumentar de forma diferente é dizer que Cristo foi um tolo ao pregar aos mortos, que não podiam ouvir ou tomar uma decisão.

Se, então, Jesus pregou àqueles que tinham adormecido em tempos passados, não podemos acreditar que o faça hoje, especialmente quando lemos em Hebreus 13:8 que Jesus Cristo "É o mesmo ontem, e hoje, e eternamente"? Por outras palavras, o que Ele fez por um, fará por outro; o que fez ontem, fará hoje.

Outras ilustrações de prova de sobrevivência, vida entre mortes, são abundantes, mas mais um exemplo deverá bastar por agora. Em Mateus 17:1-3 lemos: "Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu em particular a um alto monte, e transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sun, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele."

Visto que Moisés e Elias apareceram e falaram, estavam vivos, provando a sobrevivência após a morte e entre mortes. Mas porque continuamos a falar de "entre mortes"? Bem, se acreditarmos, como os reencarnacionistas, que todos vivemos muitas vidas sobre esta terra, segue-se naturalmente que devemos passar tempo noutro mundo entre mortes. Mas esse não é o nosso único propósito. Mesmo aqueles que não acreditam na reencarnação enfrentam a possibilidade de duas mortes.

João, o Revelador, diz-nos em Apocalipse 20:12-14 que, após a Segunda Vinda de Cristo, seguindo a Grande Ressurreição: "Vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante de Deus, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o livro da vida: e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte." Se o julgamento é final na morte e não há oportunidade de aceitar a salvação oferecida por Cristo no além, porque existem duas mortes?

Portanto, vê-se que, de acordo com a Bíblia, existem pelo menos duas mortes para algumas pessoas. Claro que nós, cristãos, esperamos escapar a essa segunda morte devido à nossa fé em Cristo. Esperamos escapar porque Romanos 10:13 diz: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" — salvo porque acreditámos n'Ele nos nossos corações e O confessámos com as nossas bocas. (É verdade que uma vida justa deve seguir-se à confissão e aceitação, mas para os propósitos presentes, listo apenas o básico.)

Qual foi, na verdade, a importância de toda esta Escritura? Além de mostrar que existem razões fortes para acreditar na sobrevivência da alma, dá-nos a oportunidade de raciocinar que, uma vez que nesta vida somos dotados de livre-arbítrio, este livre-arbítrio aparentemente continua após a morte, como indicado pelo facto de Jesus ter pregado aos espíritos em cativeiro, dando-lhes uma oportunidade de se arrependerem e aceitarem a salvação plena.

Muitos teólogos insistem que Jesus falou apenas com as almas que ficaram aprisionadas no tempo de ou antes de Noé e do Grande Dilúvio. Se isso for verdade, como podemos conciliar a imparcialidade de Deus para com aqueles que viveram e morreram entre o tempo de Noé e a vinda de Cristo ao mundo? Se Deus não deu a mesma oportunidade de salvação àqueles que viveram e morreram entre Noé e a vinda de Cristo, então não poderíamos possivelmente dizer que Deus era o mesmo ontem, hoje e eternamente. Devemos também notar que, se o livre-arbítrio existe após a morte, e se a reencarnação é de facto um facto, é certamente lógico que muitas almas poderiam, através do livre-arbítrio, rejeitar a oferta de Deus de salvação imediata após a morte e optar por encarnar para uma nova volta nesta vida, o que discutirei mais detalhadamente no próximo capítulo.

Apenas levantei questões sobre a vida contínua de uma pessoa após a morte, entre mortes e a reencarnação; embora esteja bem ciente de que muitos rejeitarão as premissas apresentadas, sinto que estes pensamentos eram necessários para trazer as questões a público para discussão.

Agora renovemos a nossa discussão sobre o "pensamento", visto que é um facto biológico que no momento da morte o corpo começa a decompor-se, um facto conhecido até nos tempos bíblicos e atestado depois de Jesus ter feito preparativos para ressuscitar Lázaro (não o mesmo Lázaro mencionado na parábola do homem rico) e Marta ter gritado: "Senhor, já cheira mal, porque está morto há quatro dias" (João 11:39). Ainda assim, a Bíblia pede-nos que acreditemos que tanto Lázaro como os santos que ressuscitaram após a crucificação de Jesus Cristo (ler S. Mateus 27:52, 53) estavam mental e fisicamente completos. Isto levanta a questão: embora tivessem estado mortos, não indica a sua morte que a morte chega apenas ao corpo? Que havia algo ligado a ou dentro daqueles corpos que não morreu, que nunca morrerá e se decomporá, tal como a alma, que continua a habitar como espírito, que pode concebivelmente ser traduzido como pensamento, que tem conhecimento e consciência, como indicado na resposta de Lázaro ao chamamento de Jesus?

Sim, eu penso que sim. Mais importante ainda, de acordo com as ilustrações bíblicas, eles viveram duas vezes: uma vez antes e outra vez depois da morte do corpo físico. Mas, quanto àqueles que acreditam que a sepultura é o fim, deveremos acreditar que aqueles que já morreram não desfrutaram de existência enquanto habitavam entre esses dois estados de existência? Não pareceria razoável que a sua existência fosse comparável àquela que eu desfrutei enquanto os médicos trabalhavam freneticamente para restaurar a vida ao meu corpo quando eu jazia morto no Christ's Hospital em Cincinnati? Eu, pelo menos, acreditarei sempre na afirmativa.

CAPÍTULO XV

EM BUSCA DAS RAÍZES DE GRETCHEN

Enquanto a Dolores e eu estávamos sentados no Parkhaus Hotel em Darmstadt, na Alemanha, uma inexplicável atmosfera de otimismo fez-nos sentir extremamente encorajados; talvez pudéssemos saber em breve a origem da vida de Gretchen na terra.

Nunca antes a Dolores ou eu tínhamos estado fora dos Estados Unidos, exceto por um par de passeios de tarde até ao Canadá, mas quando o jato jumbo da Lufthansa levantou voo para os céus a partir do Aeroporto Internacional John F. Kennedy, em Nova Iorque, e se dirigiu através do Atlântico em direção a Frankfurt, a Dolores olhou para mim com uma nostalgia infantil que revelava o sonho de uma vida tornado realidade. "Querido, lá em baixo está a terra do meu nascimento e eu amo-a profundamente, mas" — ela fez uma pausa com uma hesitação nascida de uma emoção profunda — "de alguma forma sinto-me como uma pessoa que esteve numas longas férias e está finalmente a voltar a casa."

A Alemanha tinha sido o tema de muitas conversas longas em nossa casa durante os últimos sete anos, mas nunca em todo esse tempo a Dolores tinha insinuado que aquela terra distante seria alguma vez algo mais do que um lugar interessante para visitar. Embora soubéssemos que a Alemanha era a terra natal de Gretchen, nunca ela tinha demonstrado maior interesse em ir para lá do que milhares de outros que fantasiavam sobre visitar terras estranhas.

À medida que o jato acelerado rugia o seu estrondo estrondoso de despedida à América, a Dolores puxou novamente o meu braço, como uma criança pensativa faria. "Querido, pergunto-me como será se — bem, tu sabes, se realmente encontrarmos o lugar onde a Gretchen viveu e morreu."

A possibilidade de encontrar esses lugares era muito remota, especialmente porque a Gretchen tinha afirmado repetidamente que tinha nascido e sido criada em Eberswalde, *Deutschland*, o lugar que encontrámos facilmente no mapa na Alemanha de Leste. Dado que o Dr. Stevenson tinha pesquisado essa cidade e concluído que a possibilidade de ela alguma vez ter vivido nessa cidade era quase nula, porque estávamos a caminho da Alemanha? Seríamos tão convencidos ao ponto de pensar que sabíamos mais sobre parapsicologia do que o Dr. Stevenson?

Dificilmente! Poucas pessoas poderão alguma vez reivindicar esse direito, muito menos eu. Mas, como afirmei anteriormente, eu tinha o que poderia ser chamado de um pressentimento de que aquela cidade do nordeste, Eberswalde, não era para onde a Gretchen nos dirigia, possivelmente porque eu possa ter empatizado um pouco mais de perto com ela do que o Dr. Stevenson fez. Afinal de contas, ela era o meu bebé, nascida nesta era através do subconsciente da minha mulher.

Quem leu este livro sabe que a Gretchen não era o que chamaríamos de excecionalmente brilhante mentalmente, que por vezes tinha problemas em colocar em palavras o que realmente queria dizer. Talvez, sendo de certa forma parecido com ela, raciocinei eu, ela não estivesse realmente a designar uma vila ou cidade real com esse nome; talvez se estivesse a referir a uma pequena comunidade ou a um local específico como Eberstadt, "um lugar onde se guardam porcos ou javalis", ao qual ela chamava cidade ou vila simplesmente porque algumas pessoas habitavam a área.

A Gretchen descrevia sempre Eberswalde como um "*kleines Dorf* [uma pequena aldeia]". Porque ela também tinha mencionado uma Eberstadt e Eberback, senti que, se encontrássemos essas duas vilas, poderíamos encontrar algo valioso. Embora o Dr. Stevenson me tivesse informado que um colega em Mannheim, o Dr. Heinrich Wendt, tinha investigado uma Eberstadt que tinha sido incorporada nos limites de Darmstadt há alguns anos e tinha concluído que não poderia ter sido a Eberstadt a que a Gretchen se referia, eu ainda pensava que uma investigação pessoal feita por mim e pela Dolores poderia revelar algo novo, evidências anteriormente negligenciadas. Havia outros lugares chamados Eberstadt e Eberback naquela área geral da Alemanha. Estes ainda não tinham sido investigados. Se necessário, pesquisaríamos minuciosamente cada vila.

Não importa; estávamos lá e achámos a Alemanha um lugar adorável. A Dolores vibrava da cabeça aos pés apenas por estar lá para caminhar pelas ruas e passear pelo campo e ver todas as casas velhas e castelos que, de alguma forma, a faziam sentir-se em casa novamente. Por vezes eu tinha de rir quando a Dolores me respondia com "*Ja*" ou "*Nein*", ou quando se apanhava a contar o troco no mercado: "*Eins, zwei, drei...*" Ela parava e dava uma risadinha encabulada. "O que é que me deu para fazer aquilo?"

Outras coisas tinham um efeito igualmente profundo sobre ela, embora não houvesse nada que pudesse realmente ser chamado de uma experiência de *déjà vu* no sentido mais estrito. A língua parecia-lhe especialmente romântica, algo que ela não conseguia compreender ou explicar — e não, ela não conseguia falar a língua de repente. Além disso, uma vez, sentada num restaurante, embora a Dolores tivesse sido sempre uma abstémia total de todas as bebidas alcoólicas, disse-me: "Um copo de vinho é terrivelmente tentador agora mesmo."

E isso parecia natural, visto que não bebem todos os alemães vinho ou cerveja com as suas refeições? Depois havia alturas em que caminhávamos pelas ruas em comunidades muito, muito antigas e ela via os seus olhos fixos no desenho intrincado dos trabalhos em madeira, e momentos tocantes em que a vi passar as mãos pelas pedras em edifícios antigos quase carinhosamente.

Em casa, na Virgínia, a Dolores tinha ficado extremamente cansada da investigação e temia o pensamento de ser regressada novamente. No entanto, durante a nossa primeira noite em Darmstadt, ela deitou-se na cama e disse, quase com saudade: "Talvez devesse regressar-me novamente apenas para ver o que aconteceria."

Então eu hipnotizei-a e regressei-a. "Que idade tens, Gretchen?"

"*Neun* [Nove]", respondeu ela, aparentemente mais segura e audaz na fala do que nunca.

A Dolores não foi a única afetada. Mal a Gretchen falou, lembrei-me daquela primeira regressão em 1970, quando ela disse: "*Ich lebe Bergenstrasse*", e senti-me compelido a perguntar imediatamente: "Gretchen, quando falei contigo pela primeira vez há muitos anos, disseste que vivias em Bergenstrasse. Agora diz-me, mudaste-te de Bergenstrasse para Eberswalde?"

"*Nein*." Ela sorriu como se estivesse a apreciar uma piada secreta. "*Ich lebe Eberswalde in Bergenstrasse*."

Aquilo não fazia sentido. Ou fazia? Lembrei-me claramente do dia em 1970 em que estive com Dean Fawley na sua sala de aula na Lynchburg-Clay High School, onde ele ensinava história mundial e geografia, e lembrei-me de como tínhamos procurado nos seus mapas da Alemanha em vão, esperando localizar a vila de Bergenstrasse.

"Mas, Gretchen," confrontei-a eu naquela noite em 1970 durante a regressão, "não há nenhuma cidade na Alemanha chamada Bergenstrasse."

"*Nein*" — ela abanou a cabeça — "*Verstehen nicht* [Não entendes]."

Eu não entendia, mas implorei-lhe: "De alguma forma, Gretchen, explica-mo de uma maneira que eu entenda."

"*Ich lebe Eberswalde in Bergenstrasse*", tinha dito ela, agitando os braços como se indicasse a área ao seu redor.

Ainda sem entender, eu disse, tentando obter uma resposta: "Estás a tentar dizer-me que vives na cidade de Eberswalde, no estado de Bergenstrasse?"

"*Eberswalde, ja*", respondeu ela, pensando que eu tinha entendido; e a partir desse dia ela quase sempre dizia que vivia em Eberswalde.

Quando o Dr. Stevenson entrou na investigação, ela contou-lhe uma história ligeiramente diferente. Quando ele perguntou: "Onde vives?", ela respondeu: "*Eyberswalde*."

"*Ja*", respondeu ele, "*und also wohnen Sie in einer Strasse?* [Sim, e então vive numa rua?]"

"*Ich lebe in Bergenstrasse* [Eu vivo na Rua do Castelo]", respondeu ela.

Para confirmação, o Dr. Stevenson disse simplesmente: "*Bergenstrasse?*"

Como o Dr. Stevenson falava alemão, presumi que ele tinha feito a pergunta de tal forma que ela entendeu mais claramente o que ele queria dizer, e aceitei que Bergenstrasse fosse a Rua do Castelo em vez do nome do estado em que ela vivia.

Naquela noite em Darmstadt, senti que a Gretchen não estava a dizer que vivia numa rua como eu e você pensamos numa rua, por isso perguntei o que parecia uma contradição: "Vives em Bergenstrasse na Rua Eberswalde?"

"*Nein*." Ela franziu a testa. "*Ich lebe in Eberswalde auf Bergenstrasse*."

Enquanto eu estava sentado em pensamento profundo tentando perceber exatamente o que ela queria dizer, a Gretchen começou a balbuciar, ou pelo menos foi o que me pareceu. Apenas uma palavra parecia destacar-se: "*Heffenhine*." Incapaz de entender o que ela estava a dizer, logo terminei a regressão.

Levantando-me cedo no dia seguinte, a Dolores e eu passámos o dia a pesquisar a Eberstadt dentro de Darmstadt, onde conhecemos o Reverendo Wolfgang Weissgerber, que tinha escrito *1000 Jahre Eberstadter Kirchengeschichte*. O Padre Weissgerber, com a sua nora, a Sra. Rosemarie Weissgerber, convenceu-nos rapidamente de que nenhum Gottlieb tinha sido alguma vez presidente de câmara de Eberstadt, e que nenhuns Gottliebs tinham alguma vez vivido na área.

No dia seguinte fui aos Arquivos de Darmstadt e fui apresentado a Hans G. Ruppel, um funcionário de longa data, que prestou uma assistência tremenda durante o resto da nossa estadia na Alemanha. Primeiro, informou-nos de que havia outras três Eberstadts, uma em Giessen, uma em Buchen e outra em Wiensberg. Também nos deu a localização de várias comunidades chamadas Eberback.

A sua maior ajuda, porém, ainda estava para vir. Quando lhe disse que a Gretchen me tinha dito na noite anterior, tal como tinha feito nas primeiras regressões de 1970, que ela "vivia em Bergenstrasse", ele sorriu perante a nossa ignorância da geografia alemã.

"Isso pode muito bem ser verdade", disse ele, pegando rapidamente num mapa e apontando para duas palavras: "*Bergstrasse*" e "*Burgenstrasse*".

"Mas o que é que isso significa?", perguntei, uma vez que essas duas palavras não pareciam estar a marcar nenhuma cidade ou vila em particular.

"A *Bergstrasse*", explicou ele, traçando o mapa com o dedo ao longo de uma estrada que ficava paralela ao lado leste da *Autobahn* e ao lado oeste das Montanhas Odenwald, "é uma estrada ou rota que vai de Darmstadt a Heidelberg; e *Burgenstrasse*" — ele fez uma pausa, certificando-se de que eu notava a diferença — "é meramente uma palavra usada para denotar a rota dos castelos que ladeiam as Montanhas Odenwald e os rios Reno e Neckar."

Só então é que muito do que a Gretchen tinha dito fez sentido. Parecia agora que ela poderia estar correta ao dizer que vivia em Bergenstrasse: a estrada ou rota dos castelos, mas não numa rua!

"Mas, Hans," perguntei eu, ainda um pouco perplexo com a afirmação dela de ter vivido em Eberswalde, "como podemos explicar Eberswalde, especialmente porque ela disse em tantas ocasiões que vivia em Eberswalde na Rua do Castelo?"

Ele refletiu por um momento. "Bem, como agora sabe, *Eber* significa um lugar onde se guardam porcos ou porcos cevados, e *Wald* é bosque ou floresta. Portanto, veja" — ele sorriu novamente — "ela possivelmente estava a dizer que vivia num lugar onde se guardavam porcos na floresta das montanhas Odenwald na *Bergstrasse* ou *Bergenstrasse*."

"Mas onde," perguntei-me eu, "exatamente onde nessas montanhas poderia ela ter vivido?" Então lembrei-me daquela palavra estranha que a Gretchen proferiu na noite anterior e perguntei: "Hans, a palavra 'Heffenhine' significa alguma coisa para si?"

"Não," começou ele pensativo, "mas..." Ele fez uma pausa reflexiva. "Será que ela poderia ter dito 'Heppenheim'?"

"Bem, sim," confessei eu. "Sabe, além de não saber falar alemão, tenho um pouco de problema de audição."

Naquela noite regressei novamente a Dolores e perguntei à Gretchen: "Disseste-me na última vez que falámos que vivias em Heppenheim?"

"*Nein*." Ela abanou a cabeça. "*Auf Heppenheim* [Ao pé de Heppenheim]."

"Podes dizer-me alguma coisa sobre Heppenheim?"

"*Nein*." Ela encolheu os ombros. "*Gretchen Dummkopf* [Gretchen cabeça oca]."

Eu ri-me. “Não, Gretchen, não és estúpida. Agora diz-me, onde fica Heppenheim?”

Apontando como se eu devesse ser capaz de ver por mim próprio, ela disse: “*Ist dort*.”

Abri rapidamente o dicionário de tamanho médio que tinha comprado nesse dia, esperando que me ajudasse a entender o que ela estava a dizer.

“*Dort... dort...* Ah, já vejo,” depois de encontrar a palavra, “‘ali adiante’. Ótimo! Agora, Gretchen, evidentemente consegues ver Heppenheim de onde estás, por isso... podes dizer-me alguma coisa sobre Heppenheim?”

“*Ein Schloss* [Um castelo].”

Novamente não consegui entender, e fui forçado a pedir-lhe várias vezes para repetir a resposta. Finalmente, porém, estava quase certo de que ela estava a tentar dizer “*Schloss auf* [ou *Hof*] *Heppenheim*”, e fiz uma anotação para verificar com o Hans no dia seguinte.

Então, surpreendentemente, especialmente porque ela parecia tão calma, a Gretchen ficou assustada — aterrorizada, para ser exato — e começou a chorar histericamente: “*Helfen Sie, keine mehr .. Umwalzung!*”, que o Hans traduziria como “Não ajudem .. mais ninguém por causa da revolução!”

Eu não fazia ideia do que ela estava a falar, por isso terminei a regressão. No dia seguinte, debruçado sobre as minhas notas, o Hans clarificou consideravelmente o cenário depois de pegar novamente num mapa e traçar a *Burgenstrasse* na *Bergstrasse*, parando numa pequena cidade chamada Heppenheim. “Aqui está”, disse ele com convicção. “Algures nesta área reside a resposta para a existência da Gretchen.”

“Não, Hans”, objetei. “A Gretchen não poderia ter vivido naquela área. O Padre Weissgerber disse que o *Kulturkampf* não se estendeu tão para sul e, sem que a Gretchen morresse numa revolução, a história dela não faz sentido.”

“Mas faz”, corrigiu-me ele, correndo para ir buscar uma história do Hessen nas Revoluções de 1830-34 e 1848-49. “É verdade que a Revolução da década de 1870 não se estendeu a essa área, mas houve lá duas revoluções em 1830 e 1848.”

“Mesmo assim, Hans”, continuei, “a Gretchen falava sempre do *Bundesrat*, mas o *Bundesrat* não surgiu até 1867.”

“Sim, nacionalmente não houve nenhum *Bundesrat* até então”, concordou ele, “mas quando souberes a história toda, aprenderás que um *Bundesrat* foi formado e, de facto, reuniu-se no Half Moon Hotel em Heppenheim de 1848 a 1849. Olha”, disse ele, “suponhamos que amanhã à tarde tu, eu e a Dolores descemos até Heppenheim e eu mostro-te as provas.”

As coisas estavam a começar a melhorar novamente, especialmente depois de o Hans me ter posto ao corrente dos detalhes enquanto caminhávamos para uma livraria, onde comprei dois mapas que mostravam todas as pequenas cidades envolvidas na nossa investigação.

Diga-se de passagem que, até eu levar esses mapas para o hotel e os mostrar à Dolores, ela nunca tinha ouvido falar de Heppenheim, das Revoluções de 1830 e 1848, ou do Castelo de Starkenburg, ao qual o Hans disse que a Gretchen se referia quando dizia "*Schloss auf Heppenheim*".

Incapazes de esperar até à tarde seguinte, a Dolores e eu conduzimos até Heppenheim e, quando saímos do carro para visitar o *Rathaus*, a *St. Peters Kirche* e outros edifícios antigos, a Dolores ficou atónita. Enquanto caminhávamos pelas ruas de paralelepípedos e ela olhava para o velho castelo numa montanha próxima, os seus olhos assumiram um ar sonhador que parecia transportá-la de volta no tempo. Tão tocada ficou pela cena que, enquanto eu caminhava para as portas enormes de S. Pedro, ela ficou para trás, protestando: "Talvez não devêssemos entrar . . . talvez devêssemos pedir permissão primeiro . . . de alguma forma não parece correto."

Enquanto olhava para a minha Dolores, por um momento pensei ver outra pequena rapariga de cabelo castanho e olhos azuis, de colete e saia comprida escura, o cabelo entrançado num totó, retraindo-se com uma apreensão de olhos arregalados, temerosamente relutante em ir mais longe.

As catedrais foram sempre a primeira coisa que a Dolores quis ver nas nossas viagens; ela está sempre ansiosa por entrar e ficar ali em reverente admiração, absorvendo ofegante a beleza gloriosa dos vitrais, das estátuas finamente cinzeladas e dos altares antigos, que de alguma forma pareciam sempre mais sagrados do que os seus equivalentes modernos. Naquele dia na velha Heppenheim, tive de voltar atrás e pegá-la gentilmente pelo braço. "Vamos, Dolores, isto é tal e qual as centenas de outras igrejas onde já estivemos antes."

"Não... não propriamente", protestou ela, mesmo enquanto relaxava o suficiente para eu a guiar através do nártex para a nave, onde ficou em silêncio admirado, tentando esconder o tremor das suas mãos, segurando-as junto ao peito como se rezasse, tal como a Gretchen fizera tantas e tantas vezes. Pela primeira vez que me lembro, ela não quis passar os bancos para o transepto para ver o altar mais de perto. Ao sairmos da velha S. Pedro, ela suspirou, aparentemente aliviada por estar novamente sob o sol quente que trazia um conforto bem-vindo, acalmando o seu corpo trémulo.

A viagem de regresso a Darmstadt foi feita em relativo silêncio, cada um de nós ocupado por pensamentos demasiado profundos para serem mencionados. No dia seguinte, o Hans, a Dolores e eu regressámos a Heppenheim e, após uma

breve visita a alguns funcionários locais para verificar os registos da cidade, dirigimo-nos ao átrio do Half Moon Hotel, onde o *Bundesrat* se reunira há quase um século e meio. Ali lemos, numa placa de parede, que em 13 de maio de 1849, não muito longe de Heppenheim, os Hessianos travaram uma batalha contra as tropas de Baden-Württemberg, deixando três oficiais e doze a quinze homens mortos. Embora não tenham sido dados números, as tropas de Baden-Württemberg devem ter perdido mais. O relato não mencionava que civis tivessem sido mortos, mas a batalha ocorreu perto de Erbach, e é concebível que o pai de Gretchen e a própria Gretchen pudessem ter sido vítimas desse encontro ou de um nos anos anteriores, 1830–34.

Embora os registos de Heppenheim revelem claramente que nenhum Gottlieb foi alguma vez presidente da câmara dessa cidade, há uma estranha anomalia: nas revoluções de 1830-34 e 1848-49, dois homens que serviram como presidente de Heppenheim chamavam-se Gottfried, uma coincidência surpreendentemente estranha, ou pelo menos foi o que pensei.

No entanto, não acredito que Hermann Gottlieb tenha sido alguma vez presidente de Heppenheim, simplesmente porque a Gretchen nunca disse ou sequer insinuou que alguma vez tivesse vivido dentro da cidade de Heppenheim. E nunca a Dolores tinha dito que recebeu algo do seu subconsciente que a fizesse realmente acreditar que tinha vivido em Heppenheim numa vida anterior.

Ainda assim, estou de alguma forma convencido de que a Gretchen esteve em Heppenheim, ou pelo menos perto o suficiente para ver a cidade. A sua afirmação "*Auf Heppenheim*" significava que ela estivera ao pé ou perto de Heppenheim, e ela disse de facto que viu "*Schloss Heppenheim*" (o Castelo de Starkenburg), que se situa numa montanha em Heppenheim. Além disso, disse de Heppenheim: "*Ist dort* [É ali adiante]", enquanto apontava, indicando que, se eu olhasse, poderia ver Heppenheim.

Tanto o Hans como eu estávamos inclinados a acreditar que a Gretchen estivera em algum momento envolvida com a área, por causa do que ela dissera e por causa da forte afinidade da Dolores pelo castelo, por S. Pedro e pela parte mais antiga de Heppenheim, por isso conduzimos para fora de Heppenheim até ao topo de uma montanha perto de Erbach, onde a revolução foi travada, e ali hipnotizei e regressei a Dolores.

Estou bem ciente de que tal regressão não tem mais valor científico do que uma conduzida no meu próprio escritório nos Estados Unidos. Uma pessoa num transe vê apenas os eventos revividos pelo subconsciente. Ainda assim, raciocinei que se, no estado de vigília, a Dolores visse algo na área que tivesse existido durante o tempo de Gretchen, isso poderia perfeitamente incitar o seu subconsciente a revelar-nos informações novas e vitais. A Gretchen pareceu, de

facto, manifestar-se mais prontamente na Alemanha do que alguma vez o fizera nos Estados Unidos.

Do nosso ponto de observação no alto da montanha perto de Erbach, a torre do Castelo de Heppenheim era claramente visível, mas era um dia frio e fustigado pelo vento, e temi que o tempo pudesse ter algum efeito na regressão. Aparentemente não. A Gretchen parecia confortável naquele clima — ela falava frequentemente de neve em regressões anteriores. De qualquer modo, quando o transe foi suficientemente profundo, guiei a Dolores para o meio da estrada e perguntei: "Gretchen, o que vês?"

"*Mein Vaters Haus* [A casa do meu pai]." Ela apontou estrada fora em direção ao castelo.

"O que mais vês, Gretchen?"

"*Dort ist Kleiner Fluss . . . das Wald.* [Ali está o pequeno rio . . . a floresta.]"

"Diz-nos mais, Gretchen."

"*Nein*." Ela encolheu-se. "*Gehen weg!* [Vai-te embora!]", ordenou ela ao Hans, o medo a começar a transparecer nos seus olhos.

"Por favor, Gretchen—"

"*Nein*." Ela rebelou-se, lutando para se soltar do Hans e de mim. "*Gehen weg!*", ordenou urgentemente, e começou a balbuciar em frases curtas e ofegantes. Foi terrivelmente assustador, ouvi-la e lutar para a segurar e confortar, pois ela estava obviamente dominada pelo terror. A situação tornou-se tão traumática que a agonia dela era como uma faca em brasa no meu coração, e instei-a a esquecer a Gretchen, a permitir-se tornar-se novamente minha mulher, meramente uma visitante na Alemanha. Logo, graças a Deus, conduzimos a Dolores, ainda em transe, de volta para o carro, onde ela colapsou no banco de trás. Ali comecei o processo de fazê-la esquecer tudo o que tinha acontecido, em preparação para a tirar do transe.

Enquanto a Dolores relaxava cada vez mais, perguntei ao Hans o que é que a Gretchen tinha dito quando balbuciava de forma tão histérica.

"Bem . . ." Ele fez uma pausa, algo abalado pela provação. "Primeiro ela incitou-me a ir embora porque os soldados estavam a chegar. Depois falou como se tivesse montado um cavalo e cavalgado para a floresta para se esconder, temendo pela vida."

"Pobre Gretchen", pensei. "O Hans não sabe a história toda. Ele não sabe que essa seria a tua última cavalgada, que os soldados te perseguiriam e te matariam, talvez até te enterrassem ou, pior ainda, simplesmente te deixassem jacente no chão frio e húmido até seres coberta pelas folhas, os ramos, o orvalho,

a geada e a neve, até àquele dia, mais de cem anos depois, em que o teu espírito se ergueria e falaria novamente como uma menina através da Dolores."

Quando tive a certeza de que a Dolores já não era a Gretchen e tinha esquecido completamente os eventos daquela tarde, acordei-a. Mas, para minha surpresa, após abrir os olhos em perplexidade antes de olhar em volta para se orientar, ela começou a soluçar incontrolavelmente. Pensando que ela se tinha lembrado dos terríveis eventos que ocorreram quando reviveu como Gretchen, comecei a confortá-la, planeando re-hipnotizá-la e garantir que a sua memória ficasse limpa. Mas ela parou-me rapidamente.

"Não ... eu... não me lembro", conseguiu dizer entre soluços. "Eu... só lamento ter falhado contigo e com o Hans! Estava tão nervosa que a Gretchen não conseguiu manifestar-se."

Mas ela não tinha falhado, e sublinho novamente que a Gretchen foi mais real naqueles momentos assustadoramente traumáticos do que alguma vez fora.

Uma coisa eu sei agora mais do que qualquer outra: se a Gretchen viveu ou não no *Eberswald* da *Bergenstrasse* perto de Heppenheim não é importante. É importante saber que a Gretchen viveu de facto como uma bela jovem neste mundo em tempos. Quer se trate de reencarnação ou de possessão espiritual é inconsequente neste momento, porque estou satisfeito no meu coração e mente de que a sobrevivência da alma é uma realidade para além de qualquer disputa.

Embora conheçamos agora a história da Gretchen, a busca por provas de datas e locais exatos deve continuar, porque não há forma de se poder dizer que todas as pontas soltas foram reunidas e embrulhadas num pacotinho arrumado. Por exemplo, a Gretchen disse numa regressão recente que o seu pai também tinha sido professor, um facto que aceito prontamente, porque poucas pessoas passaram as suas vidas unicamente como presidente de uma pequena vila.

Mais importante ainda, também aprendemos que houve um professor Gottlieb na Universidade de Mainz em 1773-74. Assim, se conseguirmos substanciar a morte de Gretchen como tendo ocorrido em 1830-34, esse professor poderia perfeitamente ter sido o seu pai, ou pelo menos um parente muito próximo. Para ter sido sua filha, a Gretchen teria necessariamente de ter sido filha da sua velhice — não uma probabilidade, mas possível.

Muitas pessoas argumentaram que a Gretchen não poderia ter sido uma personalidade real que viveu na Alemanha do século dezanove porque disse que não sabia ler nem escrever; especialmente isto seria verdade se fosse filha de um professor. Mas os registos indicam que, no início do século dezanove, vinte a trinta por cento das pessoas que viviam na *Bergstrasse* não sabiam ler nem escrever. Quanto à Gretchen, sempre defendi que, embora fosse uma bela jovem, era também uma rapariga com dificuldades de aprendizagem, uma pessoa que hoje chamaríamos de aprendiz lento, ou alguém que era minimamente atrasado.

O seu estado mental não é importante para este estudo. É, no entanto, importante saber que a sua alma, onde quer que esteja, ainda vive. E embora possa não ser verdade que todos nós que cantamos "*I've got a home in gloryland that outshines the sun*" viveremos algum dia realmente naquela terra de sol infindável, acredito sem reservas que teremos um lar nalgum lugar na vida que há de vir.

Por agora, estamos obrigados a reduzir o número de respostas possíveis para a emergência de Gretchen através de Dolores ao mínimo denominador comum. Se a Dolores e eu tivéssemos tido escolha, teríamos preferido acreditar que a Gretchen era meramente uma manifestação de regressão linguística. A nossa vida teria sido muito menos complicada se o Dr. Stevenson tivesse conseguido provar conclusivamente que a Dolores tinha aprendido a língua alemã cedo na vida, e depois a esquecera, apenas para a recuperar do seu banco de memória em regressão hipnótica. Mas tal não foi o caso — ela não tinha aprendido a língua — por isso somos forçados a procurar outras causas.

A vida teria sido ainda mais simplificada se tivéssemos sido capazes de determinar sem dúvida que a existência da Gretchen era meramente uma questão de memória genética. Mas, até ao dia de hoje, há pouca ou nenhuma prova de que memórias de vidas passadas sejam armazenadas nos nossos genes e passadas aos nossos filhos biologicamente, apesar do facto de algumas crianças serem prodígios, capazes de tocar concertos aos quatro ou cinco anos de idade.

Aparentemente, tais pessoas foram de algum modo dotadas de uma combinação de substâncias químicas de controlo e genes alinhados em padrões perfeitos durante a sua conceção, tudo o qual herdaram dos seus pais. Até agora, nem mesmo isto foi provado cientificamente. Como consequência, os reencarnacionistas vangloriam-se frequentemente de que os prodígios infantis são a prova viva de que a reencarnação é de facto um facto, insistindo que qualquer pessoa que realize grandes feitos cedo na vida deve ter aprendido a especialidade numa vida anterior.

A Dolores e eu também esperámos durante algum tempo que o inconsciente coletivo de Jung pudesse oferecer uma resposta satisfatória, sabendo que traços ancestrais, comparados com memórias completas de vidas anteriores, podem ser passados de uma geração para outra. Infelizmente, não vemos razão para acreditar que o inconsciente coletivo seja algo mais do que uma teoria atraente, insustentável no caso Gretchen.

Quanto à bruxaria, o que há a dizer senão que é um rótulo terrível para colar em alguém em vez de explicações fundamentadas? Nos velhos tempos, quando a ignorância era galopante, poderia ter satisfeito alguns, mas hoje poucas pessoas aceitarão o "*fee-fi-fo*" e os trasnos do Halloween como explicação para fenómenos religiosos ou científicos.

Telepatia? Uma explicação possível, mas altamente improvável. Dizer que a Dolores falou como Gretchen em alemão porque alguém conseguiu transmitir-lhe o conhecimento telepaticamente é oferecer uma explicação que roça o absurdo. Porque há muitas pessoas no mundo hoje dispostas a usar até a possibilidade mais remota como explicação para o caso Gretchen, ou qualquer caso que envolva o paranormal, o Dr. Stevenson tomou todas as precauções possíveis para excluir a presença de estranhos durante a investigação.

Para os muitos que ofereceriam a telepatia como explicação, deve recordar-se que a Gretchen falou primeiro através da Dolores na nossa casa em Greenbush, e mais tarde em Elkton, quando ninguém, nem mesmo os nossos filhos, sabia o dia ou a hora em que nos envolveríamos em regressões investigativas — significando que qualquer pessoa que incitasse telepaticamente a Dolores teria de estar em sintonia com ela constantemente. O senso comum força-nos a eliminar a telepatia.

E quanto à possessão espiritual? É facto ou ficção? Para determinar a verdade, devemos primeiro compreender a diferença entre espírito com "e" minúsculo em comparação com o "E" maiúsculo usado para denotar o Espírito Santo, a terceira Pessoa da Divindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

Espírito com "e" minúsculo pode ser definido de muitas formas. Biblicamente é usado cinquenta e quatro vezes para descrever estados de ser daqueles possuídos pelo espírito, tais como aqueles com o espírito de sabedoria, conhecimento, compreensão, amor, poder, ciúme, medo, angústia e súplica. Outros foram descritos como estando cheios do espírito de Elias, David, Zorobabel, Josué e do Egito.

Definitivamente, o espírito pode dizer-se que é a natureza moral, religiosa ou emocional de uma pessoa; mas espírito pode também ser o nome aplicado a um ser sobrenatural tal como uma divindade, fada, elfo, duende, fantasma, espetro e aparição, esses seres ligados ao outro mundo.

Embora possa surpreender todos os que rotularam pejorativamente a Dolores como possuída por espíritos, todo o ser humano já foi, num momento ou noutro, possuído por um ou mais espíritos. Sem eles seríamos pouco mais do que robôs humanos ou zombies flácidos. Mais especificamente, estaria a Dolores, por causa da sua natureza extremamente religiosa, tão finamente sintonizada com o mundo espiritual que foi capaz de deixar o espírito da Gretchen substituir o seu em regressão?

Se isto for verdade, como muitos insistirão, então também deve ser verdade para qualquer outra pessoa viva, porque cada pessoa que se submeteu à hipnose e regressão sob o meu ministério contou uma história comparável à da Gretchen. Algures no subconsciente de cada pessoa viva existe uma história que sairá sob

certas condições e fará parecer que essa pessoa viveu numa vida anterior, mesmo sem ser capaz de falar uma língua desconhecida.

Por outro lado, foi a Gretchen capaz de se manifestar simplesmente porque o seu espírito era mais velho e mais forte, capaz de dominar e tornar o espírito da Dolores submisso, permitindo-lhe falar através dela? Se a Dolores estava de facto possuída por um espírito, porque é que a Gretchen não foi capaz de subjugar o seu espírito no estado de vigília e falar através dela?

Porquê? Porque não há razão válida para acreditar que o espírito da Gretchen pudesse ou tivesse dominado e possuído a Dolores. Deve recordar-se sempre que a Gretchen não tinha controlo sobre a Dolores a menos que ela estivesse num estado alterado de consciência, provocado através da hipnose, ou sofresse de grande fraqueza mental e física acumulada através de longos períodos de stress debilitante.

Realisticamente, então, seria a Dolores mais propensa a estar possuída por espíritos do que o resto de nós?

Creio que não! Pelo menos, não estaria mais sujeita a possessão do que qualquer outra pessoa que atingisse um estado alterado de consciência através da ingestão de álcool, drogas, anestesia, ou aqueles provocados por doença.

Indo um passo mais além, pode um espírito vir do além, tomar o controlo de outra pessoa e usar essa pessoa como possivelmente a Gretchen fez com a Dolores? Sim, sob certas condições. Deve ser prontamente assinalado que os peritos em psicologia tentarão desdenhar a ideia de controlo espiritual e insistir numa lógica estritamente científica que diz que todas as vidas aparentes que vêm do subconsciente de uma pessoa são meros produtos da personalidade dissociada dessa pessoa. Num nível fundamental, todos nós somos mais do que uma pessoa psicologicamente, se não mesmo *ipso facto*.

Por vezes cedemos à tendência de não deixar que a nossa mão esquerda saiba o que a nossa mão direita está a fazer (proclamando a crença na integração enquanto praticamos a segregação, ou o amor enquanto praticamos o ódio) sem estarmos realmente conscientes de que não praticamos o que pregamos. Isto é apenas natural, uma vez que cada indivíduo é dotado de mecanismos de defesa concebidos para manter atitudes e impulsos conflituosos separados. Indo um passo mais além, a dissociação permite-nos ir além da mera conveniência social, na qual ajustamos as nossas atitudes e comportamento a diferentes situações. Frequentemente isolamos um conjunto de ideias ou impulsos como mecanismo de defesa porque nos causaria grande angústia se fossem reunidos com os nossos outros pensamentos.

Esta tendência pode assumir formas invulgares ou patológicas. Em tempos de stress, as pessoas podem não querer enfrentar o futuro, por isso escapam assumindo uma nova identidade, manifestando uma personalidade até então

invisível que lhes permite agir de formas sobre as quais alegam não ter controlo ou responsabilidade, como se revela no sonâmbulo que caminha durante o sono e realiza atos extravagantes, ou em casos onde a mão escreve sem controlo consciente. Em casos extremos, há uma perda completa de identidade, possivelmente até a divisão da personalidade em duas personalidades contrastantes.

Se a Dolores pode ser classificada como uma vítima de dissociação, a sua condição não é patológica no sentido mais estrito, porque a sua personalidade subconsciente surgiu artificialmente através da hipnose. Além disso, ela nunca deu a mínima indicação de dissociação anormal antes de entrar ou após a regressão hipnótica.

Poderá dizer-se algo mais sobre estes estados alterados de existência, para além dos históricos de casos que ligam tais estados de ser ao eterno? Felizmente, sim; felizmente, porque o esboço básico da vida após a morte, tal como o descrevi nesta obra, já estava nas mãos da editora quando li pela primeira vez o livro de Raymond A. Moody, *Life After Life*. Agora sei que muitas pessoas em regressão descreveram com detalhe comparável a experiência de morrer sem experienciarem a morte *per se*.

Tenho pinturas acrílicas no meu escritório feitas pela artista Rita Jefferson após ela ter solicitado hipnoterapia e subsequente regressão, esta última, creio eu, com o único propósito de "ver o que acontecia". Algo aconteceu, pois ela sentiu-se rapidamente transportada através do que descreveu como um sulco. "Senti uma 'Presença'... a parte inferior do Seu manto assemelhava-se a uma coluna de um templo grego... e vi o Seu arm estendido para mim, dizendo: 'Não temas, nunca te deixarei nem te desampararei... Eis que estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo'."

Quando tirei a Rita do transe, ela falava de forma suave, gentil, reverente, com lágrimas a nublarem-lhe os olhos. "Oh, foi a coisa mais maravilhosa que alguma vez experimentei, Reverendo Jay."

Ela olhou-me diretamente nos olhos. "Acredite em mim, eu sei agora o que essas pessoas querem dizer quando falam sobre a morte e as coisas gloriosas que acontecem após a morte."

"Rita, achas mesmo que experimentaste a morte?"

"Não," objetou ela, com a seriedade de uma criança que tivesse vislumbrado o céu, "mas quando ela vier por mim, não terei medo, pois agora sei como será."

Estranhamente, quando a Rita me entregou a sua pintura da "Presença", disse: "Não consegui desenhar a Sua cabeça, por isso deixei-O mais como uma bela coluna."

"Mas, Rita," questionei, "como é que eu consigo ver o contorno ténue da Sua cabeça? Pintaste-o e depois cobriste-o?"

"Não, não consegui pintá-lo," disse ela, esforçando-se para ver o contorno. "Não vejo nada."

"Está lá, Rita, acredita em mim."

E assim é, como muitos que o viram poderão testemunhar. Pergunto-me: Terá ela de facto visto-O e terá a artista nela feito com que se detivesse na beleza do Seu manto ondulante, vendo no seu olho de artista a força majestosa e a beleza tantas vezes atribuídas a Ele pelos homens do clero ao longo dos últimos dois mil anos?

Creio que sim!

CAPÍTULO XVI

CONHECER É ACREDITAR

Vez após vez, o bom Senhor abençoou a minha família e a mim com a Sua presença, o Seu amor, a Sua bondade e misericórdia. De entre as muitas dádivas preciosas que Ele nos deu, estimamos mais altamente aquela que recebemos quando Ele me ordenou para me tornar pastor da Anderson Memorial United Methodist Church em Gretna, Virgínia. Tal como "O Seu olhar está sobre o pardal" e "Ele conhece todas as nossas necessidades", assim Ele certamente sabia que viver em Gretna significaria alegria, paz e felicidade para nós.

Gretna é uma cidade pequena, minúscula em comparação com muitas, mas não é totalmente desconhecida. Há alguns anos, uma das redes de televisão focou as suas câmaras nos sinais que levam à cidade: NÃO SOMOS GRANDE COISA, MAS ESTAMOS A CRESCER. E assim é, lenta e seguramente. À falta de melhor expressão, a minha família e eu estamos convencidos de que é o epítome de todas as cidades que afirmam ser o "pequeno acre do próprio Deus".

O contraste entre os dois anos de paz feliz que conhecemos aqui e o fogo do inferno e condenação abrasadores acumulados sobre nós nos três anos anteriores é demasiado tremendo para descrever apenas com palavras. Como pode alguém colocar em palavras uma alegria que traz uma melodia constante ao coração? Como se pode descrever adequadamente o que significa trabalhar, adorar e brincar entre pessoas que nos aceitam como um dos seus, especialmente depois de termos vivido durante três anos numa atmosfera que nos fazia caminhar com a respiração sustida quando íamos apenas ao correio?

Que alegria é assistir a um jogo de bola ou a um concerto sem esquivar pedras verbais e censuras de radicais de olhos selvagens. Apenas as minorias que já morreram e foram para o céu depois de terem vivido numa comunidade

segregada, ou judeus que escaparam do ódio antissemita nazi, podem verdadeiramente experienciar a alegria que temos agora ao caminhar pela rua e não ver vizinhos atravessarem para o outro lado porque pensam que a nossa sombra pode poluir os seus mantos sagrados de retidão. Sim, é com orgulho humilde que agora relatamos que tem sido o nosso prazer termos sido convidados a participar em todos os eventos comunitários em Gretna. Fui até eleito presidente da Associação Ministerial local.

Tal coisa teria sido impensável em Elkton. Lembro-me da altura em que a Vonda se ia licenciar como oradora da turma (*valedictorian*). Os ministros da Associação local eram selecionados para falar nas cerimónias de graduação numa base de rotatividade, e era a minha vez. No entanto, por alguma razão, os ministros informaram os funcionários da escola que os finalistas deveriam selecionar o ministro que queriam. Louvado seja Deus, os finalistas selecionaram-me a mim e a outro ministro (que não pertencia à Associação) como aqueles que queriam.

Por vezes fico espantado com a perfídia sem consciência de algumas pessoas. Embora professassem amizade na minha cara, denunciavam-me aos seus amigos e depreciavam-me nas suas reuniões. Alguns desses mesmos homens fingem agora não compreender por que razão me demiti da Associação deles meses antes de deixarmos a cidade.

Deveríamos ter sabido que Gretna seria diferente. O meu antigo Superintendente de Distrito, o Reverendo Eugene Woolridge, tentou assegurar-me de que Gretna era um lugar maravilhoso para viver. "Serás aceite na comunidade sem questionamento," disse ele. Tais garantias não eram muito reconfortantes. Tínhamos ficado tão frustrados pelo ostracismo que eu apenas conseguia murmurar: "Seremos mesmo?" Depois, em desespero absoluto, perguntei: "Haverá realmente um lugar em algum lado neste velho mundo onde seremos aceites?"

Quando conhecemos pela primeira vez a Susan e o Jimmy Hunt, os delegados leigos da Anderson para a 193.ª Conferência Anual da Virginia United Methodist Conference, em Hampton, aproximámo-nos deles com medo e trepidação e perguntámos hesitantemente: "Sabem quem nós somos?"

"Sim." O Jimmy sorriu, estendendo a mão direita da fraternidade.

Ainda não tendo a certeza de que ele sabia realmente, perguntei: "Sabe que algumas pessoas me consideram um advogado do diabo e a Dolores uma bruxa?"

"Sim." Ele riu-se alto, com uma sinceridade calorosa que tínhamos esquecido que existia. "Mas onde estão os teus chifres?" Ainda a rir, virou-se para a Dolores. "Vamos, se consegues mover-te sem a tua vassoura, quero que conheças a minha mulher."

Para que conste, o Jimmy — Sr. James L. Hunt, Sr. — é o professor da nossa classe de escola dominical para adolescentes, um homem de profunda devoção e dedicação ao Senhor. Ele é típico da maioria das pessoas na igreja e na comunidade: nunca rápido a julgar outrem, disposto a aceitar cada pessoa pelo seu valor facial.

Isto não significa que Gretna seja composta por pretensiosos "mais-santos-que-os-outros". Não são, e seriam os primeiros a concordar que não são anjos — ainda. O meu elevado elogio a eles não significa que não tenhamos tido diferenças de opinião. Ainda assim, asseguro-vos: nunca uma única vez alguém questionou os nossos valores morais ou éticos. Hipnotizámos e regressámos, aconselhámos, rezámos, pregámos, cantámos, tocámos e jejuámos com eles sem nunca sermos levados a questionar se éramos aceitáveis para eles e para o nosso Senhor.

Dizer que não experimentámos angústia e desgosto nestes últimos dois anos seria enganador. Embora tenhamos experimentado verdadeira alegria e paz de espírito na comunidade, um par de incidentes noutro local perturbou-nos consideravelmente. Em 28 de julho de 1975, quatro semanas depois de nos mudarmos para Gretna, Warren F. Gorman, M.D., um clínico privado de neuro-psiquiatria forense em Scottsdale, Arizona, fingiu omnisciência e escreveu um artigo para o *Journal of the American Medical Association* intitulado "Tall Tales and Imaginary Companions" (Contos de Fadas e Companheiros Imaginários), no qual insinuava que a Dolores e eu éramos mentirosos que tinham fabricado a história de Gretchen para "alcançar ganho a curto prazo". Estranhamente, insinuou que éramos mentirosos porque "Todos nós temos um toque do desejo de prevaricar".

A maioria de nós, tenho a certeza, mentiu numa altura ou outra, mas ter realmente um desejo de mentir? Creio que não, pelo menos falando por alguns de nós.

Naturalmente, a minha família e eu ficámos perturbados com as insinuações injustificadas, e a minha primeira inclinação foi processar o homem por fazer declarações difamatórias impressas, mas após considerar o assunto longamente, a Dolores e eu decidimos contra tal ação. Raciocinámos que, se ele queria confessar ao mundo inteiro que tinha "um toque do desejo de prevaricar", então que lhe fizesse bom proveito.

O Dr. Gorman não foi o único juiz autoproclamado a insinuar que sabia todas as respostas, sem conhecer os factos. Um Dr. Bruce Danto foi citado no *Detroit News* sobre a história de Gretchen: "Chamo-lhe uma fantasia de 19 polegadas porque esse é um tamanho popular para ecrãs de TV... ou alguém está a mentir ou ela teve outrora algum alemão e isto representa uma regressão linguística onde ela recorda o que tinha esquecido."

Estes homens não estão sozinhos. O mundo está cheio de especialistas que denunciam toda a gente como mentirosa, especialmente se alguém faz um relato sobre algo com que eles não estão muito familiarizados. O Dr. Gorman e o Dr. Danto não sabiam nada sobre a Dolores e eu e o caso Gretchen além do que tinham lido nos jornais. No entanto, o Dr. Gorman tentou psicanalizar-nos *in absentia*. Ele disse: "se os pacientes viessem a exame, seriam diagnosticados como personalidades antissociais ou personalidades psicopáticas". A sério?

Não importa — não fomos a ele nem a mais ninguém para exame, não porque tivéssemos medo, mas porque não havia necessidade. E não havia necessidade porque tínhamos colaborado com o Dr. Stevenson durante cinco anos. Poderá surpreender o Dr. Gorman saber que, antes de entrar no campo da parapsicologia, o Dr. Stevenson era o presidente do Departamento de Psiquiatria e Neurologia da Escola de Medicina da Universidade da Virgínia, que ele é o autor de *The Psychiatric Examination* e *The Diagnostic Interview*. Uma coisa é certa: se a Dolores e eu precisássemos de ajuda psiquiátrica, ou tivéssemos sido desonestos de alguma forma, é uma conclusão óbvia que o Dr. Stevenson não teria tocado no caso Gretchen nem com uma vara de dez pés. Pelo contrário, o Dr. Stevenson ficou muito perturbado e indignado com o Dr. Gorman e o seu artigo, tanto que escreveu ao editor do *AMA Journal* e solicitou que a seguinte contestação fosse impressa:

O Dr. Warren F. Gorman violou uma regra de controvérsia em assuntos científicos... na medida em que devemos sempre reter comentários sobre um caso ou experiência até que um relato do mesmo tenha sido publicado num jornal científico ou livro apropriado... Tenho estado a investigar este caso há cinco anos, estou agora a preparar um relatório científico sobre o mesmo, e estou positivo de que nenhum outro cientista publicou, ou tenciona publicar até agora, um relatório deste caso (o Dr. Gorman tinha inferido incorretamente "que as autoridades competentes foram incapazes de verificar o caso")...

E face às impressões erradas do Dr. Gorman e ao seu desprezo leviano pelo caso Gretchen e à incapacidade das pessoas envolvidas de se defenderem... acho apropriado colocar no registo... que estou convencido de que a Sra. Jay não aprendeu alemão normalmente... mas falava alemão exclusivamente... Concluo que a Gretchen conseguia falar alemão de forma responsiva... [assim] não vejo justificação para o Dr. Gorman ter ligado de forma depreciativa o caso Gretchen a personalidades antissociais, isto é, mentirosos patológicos e outras pessoas mentalmente doentes. Esta justaposição sugere de forma bastante injusta que os Jays estão minimamente autoenganados e são possivelmente autores de um embuste. Certamente deveríamos esperar um nível mais elevado de discernimento de um psiquiatra treinado.

Tudo isso ficou para trás agora — pelo menos até que outros omniscientes autoproclamados que nunca uma única vez investigaram a regressão hipnótica comecem a denunciar a partir de uma sabedoria superficial.

Esquecendo tudo o que passou, avançamos para a contagem decrescente da nossa longa e árdua mas maravilhosa experiência. Como poderia a Dolores tornar-se Gretchen? Ou, se ela não se tornou realmente Gretchen, uma vez que a transformação ocorreu apenas sob certas condições, como pode o fenómeno ser explicado?

As primeiras observações parecem indicar reencarnação. Especialmente, esta parece uma explicação lógica após as vagas experiências de *déjà vu* da Dolores na Alemanha. Mas parece-me que, se fosse de facto reencarnação, a Gretchen não teria vindo a ela no dia em que a Dolores lavava a loiça, ou na noite em que ela foi compelida a quase ter uma overdose de tranquilizantes. Se a Dolores fosse a Gretchen reencarnada, como poderia a Dolores ter visto a aparição de Gretchen, o seu espírito, por assim dizer?

Enquanto estava em transe, a Dolores disse: "Eu sou aquela rapariga," e foi capaz de conversar com pessoas em alemão de tal forma que até eu tive de considerar seriamente a possibilidade de ela poder ter sido reencarnada. Se eu tivesse simplesmente fechado a minha mente e dito: "Não, não há forma de eu alguma vez acreditar em tal coisa," estaria a dizer que não queria arriscar-me a saber a verdade, fosse ela qual fosse. Asseguro a todos que, mesmo agora, se eu acreditasse realmente que a Dolores era a antiga Gretchen Gottlieb, di-lo-ia rapidamente. Mas, e sublinho isto, não vejo fundamento sobre o qual construir tal suposição.

"Ah," perguntam vocês, "por que razão sentiu a Dolores um parentesco tão próximo com a Alemanha, particularmente com o *Rathaus*, S. Pedro e todos os edifícios antigos?"

Bem, durante sete longos anos, a Gretchen e a Alemanha tinham estado muito presentes na sua mente, tanto que tanto a Gretchen como a Alemanha se tinham tornado como velhas amigas. Algumas vezes na minha vida ouvi alguém falar tanto sobre outra pessoa que eu nunca conhecera que, quando finalmente conheci essa pessoa pela primeira vez, senti-me como se fôssemos amigos há muito, muito tempo. Assim foi e é com a Dolores, a Gretchen e a Alemanha.

Se não a reencarnação, poderá a possessão espiritual ser mais plausível? Poderemos, de facto, ser possuídos, mesmo que minimamente, pelo espírito de uma pessoa falecida?

A Bíblia sugere que sim. Na verdade, fornece exemplos ilustrativos. Jesus indicou claramente em Mateus 17:10-13 que João Batista era Elias que voltara. Embora muitos gostassem de acreditar que este é um caso encerrado de

reencarnação, S. Lucas 1:17 diz: “E ele [João Batista] irá adiante dele [o Senhor] no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos . . .”

João não foi o primeiro a receber o espírito e os poderes de Elias. II Reis 2:14, 15 revela que, depois de Elias ter sido levado ao céu num redemoinho, Eliseu “tomou a capa de Elias, que lhe caíra, e feriu as águas, e disse: Onde está o Senhor, Deus de Elias? E, quando feriu as águas, elas dividiram-se de uma à outra banda; e Eliseu passou [caminhou em terra seca]”. Por favor, note-se que foi apenas depois de Eliseu “tomar a capa de Elias”, ou seja, apenas depois de ter recebido o espírito de Elias, que ele foi capaz de “dividir as águas”.

Note-se também que Eliseu só pôde receber o espírito de Elias depois de Elias ter sido levado para o céu, isto é, depois de Elias ter morrido. (A morte era necessária porque, como disse o Apóstolo Paulo, “a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus” [I Coríntios 15:50].) Isto sugere claramente que, se a história de Elias e Eliseu for verdadeira (e acredito que é), todos nós podemos tomar sobre nós o espírito de outrem e ser guiados por esse espírito.

De onde vêm esses espíritos? No último capítulo, discuti brevemente a vida entre mortes, o lugar onde os espíritos habitam. Obviamente, nem todos os que morreram estão nesse lugar. Apocalipse 20:4-6 diz: “E vi tronos . . . e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus . . . e viveram, e reinaram com Cristo . . . Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo . . .”

O precedente refere-se àqueles que estão no céu; os versículos 12 e 13 contam outra história: “E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante de Deus . . . e o mar deu os mortos . . . e a morte e o

inferno deram os mortos . . . e foram julgados cada um segundo as suas obras.” Destas duas passagens da Escritura, acredito que podemos inferir três estados diferentes de existência antes da ressurreição final. Primeiro, aqueles degolados pelo testemunho são os santos no céu; em segundo lugar, aqueles referidos como os mortos ou a morte, que são separados nas Escrituras daqueles no inferno pela conjunção “e”, e são aqueles a quem Cristo pregou na prisão, possivelmente o purgatório, ao passo que aqueles no inferno estão, como diz, “no inferno”.

Tal como há aqueles no céu que não voltariam sob circunstância alguma — não há razão para voltarem, uma vez que já receberam a recompensa suprema: a perfeição, a união com Deus, que até os reencarnacionistas reivindicam como o seu objetivo final — no outro extremo, todos os que estão no inferno não podem regressar, embora tenha a certeza de que gostariam de o fazer.

Daqueles que não podem regressar, sabemos com certeza apenas sobre os anjos caídos que “não guardaram o seu principado” e foram “entregues às

cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo". Isto, então, deixa aquele grande grupo no meio, os "mortos a quem Cristo prega". Embora não seja propósito debater aqui a questão completa, este grupo pode incluir todos os que morreram antes do tempo de Cristo, os que viveram em terras remotas e nunca ouviram falar d'Ele, e até aqueles que, por ignorância, rejeitaram a Sua oferta de salvação.

Visto que, como apontei no último capítulo, os espíritos no "além" estão na posse total das suas faculdades (caso contrário, não poderiam ouvir e tomar a decisão de aceitar ou rejeitar a salvação oferecida por Cristo), parece-me apenas razoável que alguns desses espíritos estivessem tão apegados às coisas desta terra que não podem ou não querem desapegar-se, e que sejam de alguma forma capazes de se manifestar em forma espiritual através de outras pessoas que ainda vivem nesta vida.

Se isto for verdade, explica como o espírito da Gretchen pôde falar através da Dolores. Oferece até uma explicação para os *poltergeists* travessos. Isto, acreditem-me, é muito mais importante do que parece à primeira vista. Muitos Cristãos Fundamentalistas podem rotular todos os nossos esforços nesta investigação como malignos, chegando a proclamar que estamos possuídos por espíritos malignos, mas acredito que as Escrituras apoiam a minha tese completamente.

Ouçam-me claramente: se Deus já recompensou os verdadeiros santos com o céu, então parece lógico sugerir que Ele já condenou os incorrigivelmente malignos ao inferno — "e o inferno deu os seus mortos", significando que tem os seus ocupantes. Mas e quanto àqueles no meio? Talvez a sua existência explique por que razão os espíritos a que chamamos fantasmas apenas batem nas paredes, apagam luzes ou agitam correntes — eles não são malignos. Os malignos estão no inferno, presos "até ao dia do juízo", e não podem voltar.

Esta teoria de um além que não é nem o céu nem o inferno é comparável em alguns aspetos ao purgatório, mas é de duração mais longa e não termina com as nossas orações. Não deve levar as pessoas a viver como lhes agrada nesta vida, esperando uma segunda oportunidade no além. Lembrem-se: "as coisas que ligares na terra serão ligadas no céu, e tudo o que desligares na terra será desligado no céu", indicando que estarão ligados lá sensivelmente pelas mesmas coisas que vos ligam aqui. Aqueles que esperam viver como lhes agrada nesta vida na suposição de que podem ou irão mudar no além estão quase destinados a ficar desapontados.

Isto, então, permite-nos assumir que possivelmente os espíritos que tentam regressar a esta vida através de outra pessoa o fazem ou porque não podem ou não querem aceitar a união com Deus através de Cristo, ou não querem tomar essa decisão até terem completado algum negócio inacabado na terra. Muitas

pessoas perguntaram: “Por que razão é que tantos espíritos que supostamente se revelam em regressão contam vidas que terminaram com violência trágica?”

Possivelmente é apenas por essa razão que tentam regressar: eles simplesmente querem contar a sua história. Vejam desta forma: muitas vezes todos começámos a dizer algo, apenas para sermos rudemente interrompidos, e geralmente, se o que íamos dizer era importante, sentimo-nos frustrados. Assim se devem sentir esses pobres espíritos, acreditando que não apenas a sua conversa, mas toda a sua vida foi terminada prematuramente, impelindo-os a fazer algum tipo de regresso a esta vida.

O que tem o Dr. Stevenson a dizer sobre a Gretchen? No *Journal of the American Society for Psychical Research*, ele diz:

A principal significância deste caso . . . deriva da ocorrência de uma xenoglossia responsiva. Que a personalidade de Gretchen conseguia falar alemão de forma inteligível parece-me estabelecido para além de qualquer dúvida. O facto de a gramática alemã de Gretchen ser defeituosa e de a sua pronúncia também ser má por vezes é certamente de interesse, mas não deve retirar importância ao facto mais relevante de que a Gretchen falava alemão e fazia-o, na maior parte do tempo, de forma bastante inteligível.

Se as minhas afirmações e as dos falantes nativos de alemão que me ajudaram forem aceites em relação à capacidade da Gretchen de falar alemão, então a questão seguinte é se a D.J. [Dolores] aprendeu alemão normalmente. Ela nega tê-lo feito e estou convencido de que ela e o marido disseram a verdade quando afirmam que não tinham conhecimento efetivo da língua alemã antes do desenvolvimento do caso. Se pusermos de lado a fraude como hipótese, resta a possibilidade de a D.J. ter de alguma forma aprendido alemão na sua infância precoce e depois se ter esquecido de que o fizera, permanecendo este facto também desconhecido para a sua família ou tendo sido esquecido por eles . . . Todos os meus esforços, que creio não terem sido insignificantes, para saber de quaisquer oportunidades que a D.J. pudesse ter tido para aprender alemão quando era uma criança pequena não revelaram nada que apoiasse esta conjetura. Após alguns anos de dúvida, não hesito agora em dizer que estou perfeitamente convencido de que a D.J. não aprendeu alemão normalmente.

Como é que então a D.J. adquiriu a capacidade de falar alemão que demonstrou durante os períodos das manifestações de Gretchen? Ao relatar o caso Jenson . . . argumentei que a capacidade de falar uma língua estrangeira é uma competência (*skill*), que as competências não podem ser adquiridas sem prática, não podem ser transmitidas nem de forma normal nem paranormal, e que, se se puder demonstrar que uma pessoa não aprendeu normalmente uma língua estrangeira que consegue falar de forma responsiva, então temos evidência da existência e influência sobre ela (ou ele) de outra personalidade que, em

algum momento, aprendera essa língua. Em suma, casos autênticos de xenoglossia responsiva fornecem para mim evidência importante da sobrevivência da personalidade humana após a morte.

Uma personalidade sobrevivente capaz de continuar a falar uma língua estrangeira e expressando-a através de uma pessoa em transe pode fazê-lo através de processos que chamamos de reencarnação ou possessão.

Com o conceito de reencarnação, podemos pensar numa personalidade falecida que outrora aprendera a falar a língua em questão como sobrevivendo à morte enquanto personalidade duradoura que mais tarde se associa a um novo corpo físico. Sob as circunstâncias especiais proporcionadas pela hipnose, e talvez noutras ocasiões, a personalidade anterior poderia vir à superfície — embora talvez apenas parcialmente, mas ainda assim com controlo suficiente para falar a sua língua nativa.

Ao considerar a hipótese de possessão, podemos imaginar uma personalidade falecida capaz de falar a sua língua nativa persistindo num estado desencarnado até que uma pessoa viva adequadamente em transe lhe dê a oportunidade de se manifestar temporariamente através do corpo dessa pessoa. No presente caso, isto implicaria que a D.J. se tornou um médium quando hipnotizada por C.J. [Carroll Jay] e que, em tais momentos, a Gretchen se tornava um comunicador capaz de controlar a D.J. com poder suficiente para falar a sua língua nativa.

Se interpretarmos o caso como sendo de reencarnação, isto não nos obriga a acreditar que a D.J. é uma reencarnação "um-para-um" de uma Gretchen que viveu anteriormente. É concebível que a D.J. tenha vivido uma vida anterior na Alemanha, quando conseguia falar alemão, e que a personalidade de Gretchen tenha fornecido um veículo dramático apropriado para a expressão parcial de memórias dessa vida anterior.

A personalidade de Gretchen poderia então assemelhar-se a um romance histórico composto em parte por factos, em parte por ficção. Nem a interpretação de possessão nos obriga a acreditar que a personalidade manifesta de Gretchen corresponde exatamente, ou mesmo de perto, a uma pessoa real que outrora viveu uma vida terrestre e está agora desencarnada. Nesta hipótese também, a personalidade fenomenal de Gretchen poderia ser uma mistura fundida a partir de partes da própria personalidade de D.J. e elementos de uma Gretchen real desencarnada que estaria por trás e a influenciar o comunicador manifesto . . .

Sinto-me, neste momento, perfeitamente incapaz de decidir firmemente entre as interpretações de reencarnação e possessão . . . No entanto, estou inclinado a favorecer a de possessão, mas com a ressalva incluída no parágrafo anterior. Parece-me suficiente, por agora, concluir que a xenoglossia responsiva deriva de algum processo paranormal. Se as minhas suposições sobre

competências forem permitidas, então a xenoglossia responsiva indica ainda a sobrevivência de uma personalidade humana após a morte e a sua manifestação posterior nas sessões com xenoglossia.

O que diz a Dolores?

"Eu realmente não sei, exceto que sou eu, não a Gretchen, nem a Loreen — apenas eu. Não sei de onde veio a Gretchen, nem creio ter vivido uma vida anterior. Verdadeiramente, sempre acreditei que temos apenas uma vida para viver, e não gostaria de dizer nada que pudesse levar alguém a pensar que se pode viver de qualquer maneira nesta vida e ter uma oportunidade de se arrepender na próxima.

"A Gretchen é uma parte da minha vida. Não lhe pedi para vir, mas ela está connosco há tanto tempo que agora parece parte da família.

"Há tanto que não sabemos sobre a vida, mas se for verdade que existe um lugar chamado purgatório, e se a Gretchen está lá, é a minha oração que ela tenha finalmente encontrado paz. Se o relato da sua história através de mim a ajudou, fico feliz.

"Sempre disse que tudo o que a Gretchen queria era paz; e se ela encontrou isso, fico feliz por ela."

E a minha palavra final? Como disse o Bispo Goodson, "há três pessoas enterradas num lote que tem o nome da minha família na pedra, e muitas vezes paro para falar com elas . . . [porque] acredito que Deus nos permite viver nesse reino misterioso do universo que fica para além das escarpas longínquas onde apenas os espíritos livres . . . têm permissão para voar".

A Dolores e eu aventurámo-nos em espírito até às escarpas longínquas, e ouvimos aqueles que partiram antes de nós, e estou feliz.

Muitas vezes fui forçado a estar no púlpito como ministro do evangelho e proferir um elogio fúnebre a um grupo de pessoas que viera chorar por um querido corpo falecido que jazia num caixão diante delas. Chorei por essas pessoas, entristecido por elas não poderem realmente acreditar que não havia ninguém no caixão, que a pessoa real que fora um com elas e entre elas fora transladada pela graça de Deus para uma terra que nunca poderemos conhecer nesta vida.

Mesmo enquanto sofria pela família, eu estava feliz na minha própria mente, pois tinha a certeza de que os seus espíritos tinham voado para uma terra muito mais gloriosa do que alguma vez veremos deste lado do céu. Sim, aqueles que partiram antes de nós vivem, e estão muito mais vivos agora do que alguma vez seremos nesta vida.

Mas onde, oh onde, fica essa terra para além das escarpas longínquas? Na verdade, não sei, mas penso muitas vezes nos meus dias de infância, quando ouvi pela primeira vez a minha mãe ler a história de Adão e Eva no Jardim do Éden, e sempre tive presente a memória de como o Senhor "pôs ao oriente do jardim do Éden uns querubins, e uma espada flamejante que se volvia por todos os lados, para guardar o caminho da árvore da vida" (Génesis 3:24).

E sabem que mais? Acredito seriamente que um dia serei um querubim ou alguma outra forma de ser trabalhando para o meu Senhor noutra vida, noutro mundo, tal como tenho feito nesta.

Isto diz que eu espero viver para sempre. Não sou apenas um rapazinho do campo colocado nesta terra que adora ficar na quinta para sempre. Sempre fui um tipo de ir à luta, e suponho que sempre serei. Presumo que isso seja verdade para todos nós — não vamos ficar aqui para sempre. O bom do S. Pedro diz-nos em II Pedro 3:10-12:

"Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão. Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser?"

Sim, algum dia este velho mundo vai acabar, e será um dia triste para muitos. Uma mulher disse-me uma vez em regressão que tinha morrido e tentado de todas as formas possíveis contactar os seus entes queridos na terra e fazê-los ver o erro dos seus caminhos. Como ela disse: "Eu não estava no céu e não estava no inferno — não era boa o suficiente para o céu, nem má o suficiente para o inferno." Depois continuou a explicar: "Se eu pudesse apenas voltar e fazê-los ver a luz . . . fazê-los saber que esta vida é real!"

A Gretchen era, acredito eu, como aquela senhora — nem boa o suficiente para o céu nem má o suficiente para o inferno. Só posso dizer à Gretchen: "Por favor, Gretchen, para de olhar para a Dolores e para mim em busca de ajuda. Procura Aquele que vem e te prega em Espírito. Sei que queres paz, mas a paz só pode vir d'Aquele que disse: 'Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. A paz vos deixo, a minha paz vos dou'."

Parece-me que, por causa de todas as estrelas e planetas e universos ao nosso redor, deveríamos perceber que este não é o primeiro e único planeta habitado feito por Deus e, embora muitos teólogos sejam de opinião que anjos, serafins e querubins foram criaturas criadas especificamente por Deus para serviço a Ele, deveríamos também considerar que algum dia nós também, também criados por Deus, poderemos ser referidos por outras criaturas noutros planetas noutro tempo e noutro lugar como anjos, serafins e querubins, como Seus servos que ministram a outros no seu tempo de tempo.

A Gretchen vive, disso eu sei. E algum dia a Dolores e eu e todos os nossos amigos, entes queridos e familiares juntar-nos-emos a ela, porque a vida, vejam bem, é para sempre!